

Tácito Thadeu Leite Rolim

**“Giram os *Sputniks* nas Alturas, Ferve a Imaginação nas Planuras”:
a ciência e o bizarro no Ceará em fins da década de 1950.**

Dissertação apresentada no Programa
de Pós-Graduação em História Social da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa

Fortaleza - CE / 2006.

Tácito Thadeu Leite Rolim

**“Giram os *Sputniks* nas Alturas, Ferve a Imaginação nas Planuras”:
a ciência e o bizarro no Ceará em fins da década de 1950.**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pela Orientadora e membros da Banca Examinadora, composta pelos professores:

Professora Dra. Ivone Cordeiro Barbosa – Orientadora
Universidade Federal do Ceará

Professor Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard
Universidade Federal do Ceará

Professor Dr. Jorge Luiz Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Fortaleza - CE / 2006.

Índice de Gráficos, Mapas e Imagens.

1. Artigo “Bomba Atômica no Nordeste?”, *O Povo* ©, 29-11-1998, página 12.
2. Trecho do livro de Leôncio Basbaum, *Caminhos Brasileiros...*, página 13.
3. Charge da *Time* ©, 20-08-1945, página 36, Low ©
4. Charge da *Time* ©, 1-10-1945, página 37, *Punch* ©
5. Charge da *Time* ©, 15-10-1945, página 39, *Dublín Opinion* ©
6. Charge da *Time* ©, 3-10-1949, página 41, *New York Post* ©
7. Charge da *Time* ©, 5-4-1954, página 43, *St, Louis Post* ©
8. Charge da *Time* ©, 30-1-1950, página 49, *London Evening* ©
9. Charge da *Veja* ©, 22-1-1969, página 55, *The Denver Post* ©
10. Gráfico “Total de Avistamentos de OVNI / OVI - 1947-69”, página 56.
11. Artigo “THAT AIRSHIP NOW AT...” da *Time* ©, 9-6-1952, página 58.
12. Charge da *Time* ©, 25-10-1954, página 62, *France Dimanche* ©
13. Charge da *Time* ©, 25-10-1954, página 63, *France Dimanche* ©
14. Folheto de Basiléia (1566), reprodução livro de JUNG, C. G., página 66.
15. Gráfico “Número de Eventos Totais - 1956-59”, página 68.
16. Gráfico “Lançamentos de foguetes do Cabo... 1950-99”, página 71.
17. Mapa “Centro...”, reprodução livro SHELTON, W. R., página 72.
18. Artigo “Míssil aparece 25 anos depois” da *Veja* ©, página 73.
20. Foto arquivo da Base Aérea de Fortaleza (B.A.F.), 11-1957, página 76.
21. Reclame do *Correio do Ceará* ©, 25-4-1959, página 78.
22. Reclame do *Gazeta de Noticias* ©, 16-4-1957, página 79.
23. Gráfico “Testes Nucleares Americanos - 1945-92”, página 80.
24. Gráfico “Investimentos Norte-Americanos no Brasil - 1950-65”, página 93.
25. Mapa da distribuição dos eventos no Ceará 1956-59, página 106.
26. Gráficos “Testes Nucleares x Eventos no Ceará - 1956-59”, página 127.
27. Artigo “Argus Atom...” do *The New York Times* ©, 4-4-59, página 143.
28. Artigo “O ‘PROJETO ARGUS’” do *O Jornal* ©, 1-4-1959, página 153.
29. Charge do *Novos Rumos* ©, 17 a 23-04-1959, página 159.
30. Reprodução da “History of the Custody...1945-77”, página 165.
31. Reprodução do *Atlas Geográfico Melhoramentos* ©, página 180.

Índice de Abreviaturas e Siglas.

A.E.C = Comissão de Energia Atômica.
A.G.I = Ano Geofísico Internacional.
B.A.F = Base Aérea de Fortaleza.
C.I.A. = Agência Central de Inteligência.
C.N.E.N = Comissão Nacional de Energia Nuclear.
D.C.T = Departamento de Correios e Telégrafos.
D.N.E.R = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens.
DoD = Departamento de Defesa.
E.T. = Extra Terrestre.
EE.UU = o mesmo que E.U.A
E.U.A = Estados Unidos da América.
F.N = Fernando de Noronha.
I.B.G.E = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
I.C.B.M = Míssil Balístico Intercontinental.
I.R.D = Instituto de Radioproteção e Dosimetria.
K.T = quiloton (mil toneladas de explosivo TNT)
L.A.N.L = Laboratório Nacional de Los Alamos.
N.T.S. = Área de Testes de Nevada.
O.N.G = Organização Não-Governamental.
O.S.D. = Escritório do Departamento de Defesa.
O.T.A.N = Organização do Tratado do Atlântico Norte.
O.V.I. = Objeto Voador Identificado.
O.V.N.I = Objeto Voador Não Identificado.
P.C.B = Partido Comunista Brasileiro.
P&D = Pesquisa e Desenvolvimento.
P.S.D. = Partido Social Democrata.
T.I.A.R = Tratado Interamericano de Assistência Recíproca.
U.F.O = o mesmo que O.V.N.I.
U.B.E.S = União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.
U.R.S.S = União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.
U.S.A.F = Força Aérea Norte-Americana.

Agradecimentos.

Inicialmente gostaria de agradecer a inestimável ajuda da Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa, minha orientadora, por ter abraçado, desde o início, a “causa” do bizarro. E, complementarmente, ao apoio dos Prof. Dr. Almir Leal, Profa. Dra. Berenice de Castro Neves, Prof. Dr. Franck Pierre Ribard, Prof. Dr. Frederico de Castro Neves, Prof. Ms. Gledson Ribeiro, Prof. Dr. Jorge Ferreira, Prof. Dr. Luigi Biondi e Prof. Ms. Nuno Gonçalves.

Sou grato a Daniele e Américo que, nos momentos difíceis deste trabalho, gentilmente cederam o seu computador para minhas pesquisas na *Internet*; a Waldeberto Júnior, meu irmão, por muito me ajudar com a impressão e digitalização de fontes; e a Ana Paula, pelo seu apoio na fase final desta Dissertação. Agradeço ainda, pela contribuição inestimável a esta pesquisa, ao Padre Richard Lee Cornwall (Padre Ricardo), Antônia Márcia e Francisco Barbosa (“Chiquinho”), todos da cidade de Madalena - CE.

Gostaria de agradecer aos funcionários do Departamento de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará (D. Regina e Sílvia), do NUDOC (a inefável Isabele) e, *last but not the least*, os inestimáveis amigos e amigas que fiz no percurso de minha pesquisa: Carlos Eduardo, Egberto Melo, Janete Silveira, Kamilo Karol, Lindercy Lins, Maria Vilani, Rodrigo Ribeiro e Teresinha Bandeira, para citar apenas os que estiveram mais próximos.

Resumo.

O objetivo desta Dissertação foi o de recuperar as diferentes percepções em torno dos fenômenos ocorridos na década de 1950, no estado do Ceará, descritos como clarões, estrondos e objetos luminosos. Estes episódios repercutiram de forma controversa na imprensa local, na medida em que, *de um lado*, alguns consideravam como resultantes do progresso da Ciência e Tecnologia que permitiu a Corrida Espacial e Armamentista (que se tornou um dos ingredientes da disputa de poder entre EUA e URSS, durante a Guerra Fria) e, *por outro lado*, para outros, apareciam como fenômenos estranhos e inexplicáveis para os quais se davam explicações fantásticas. Consultando periódicos de diferentes tendências – a revista americana *Time*, o jornal do PCB *O Democrata*, e jornais da imprensa local do Ceará como *O Povo*, *Unitário*, *O Jornal* etc, além de outros documentos (inclusive alguns só recentemente liberados pelo Departamento de Defesa americano) -- procuro recuperar o debate que se estabeleceu e os sentimentos de euforia pelo progresso que representavam, assim como os de medo e de estranhamento, por parecerem fantásticos, bizarros e inusitados.

Abstract.

This Dissertation intends to recover the many different perceptions around some phenomena occurred in the 50's, in the State of Ceará, described as flashes of light, blasts and luminous objects. These events repercutated in a controversial way in the local press as, *on one hand*, some people considered them as a result of progress in Science and Technology that allowed Space and Arms Race (that become one of the ingredients of the power dispute between US and USSR in the Cold War) and, *on the other hand*, for some other people, they showed up as strange and inexplicable phenomena, to which were given fantastic explications. In a search through newspapers from many tendencies -- American *Time* magazine, the communist paper *O Democrata*, and other papers from Ceará local press, such as *O Povo*, *Unitário*, *O Jornal* etc, besides some other documents (some of them just declassified by US Department of Defense) -- I intend to recover the debate that was established and the feelings of euphoria by the progress that they represented as well as those of fear and oddly, once they seemed fantastic, bizarre, and unusual.

Esta Dissertação é dedicada a
Maria Teresinha Correia Leite

Sumário.

Índice de Gráficos, Mapas e Imagens.....	03
---	-----------

Índice de Abreviaturas e Siglas.....	04
---	-----------

INTRODUÇÃO.....	11
------------------------	-----------

PRIMEIRO CAPÍTULO.....	29
-------------------------------	-----------

“A bomba atômica mudou tudo”

SEGUNDO CAPÍTULO.....	85
------------------------------	-----------

“Foguetes... discos... satélites... luas... isto está mais parecendo uma brincadeira”

TERCEIRO CAPÍTULO.....	136
-------------------------------	------------

“Essa Não Tio Sam: TRÊS BOMBAS ATÔMICAS EXPLODIRAM NOS CÉUS DO NORDESTE BRASILEIRO”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
----------------------------------	------------

FONTES & BIBLIOGRAFIA.....	195
---------------------------------------	------------

INTRODUÇÃO

*O começo é uma zona
perigosa do discurso: o
princípio da palavra é um acto
difícil; é a saída do silêncio.*

Roland Barthes¹

Em um texto clássico², Marc Bloch nos alerta quanto ao risco da “obsessão das origens”, essa “obsessão embriogénica, tão marcante para toda uma família de espíritos cultos”. E um pouco mais adiante a nomeia de “o demónio das origens”, e completa apresentado-nos a sua cara metade, ou “um avatar daquele outro satânico inimigo da verdadeira história: a mania de julgar”. Optei aqui, porém (e assumo os riscos associados a minha escolha), por começar do começo: e o faço, pois está muito nítida em minha memória a data precisa em que esta pesquisa teve início. Parafraseando Hobsbawm, “Ainda posso vê-la, como num sonho”³.

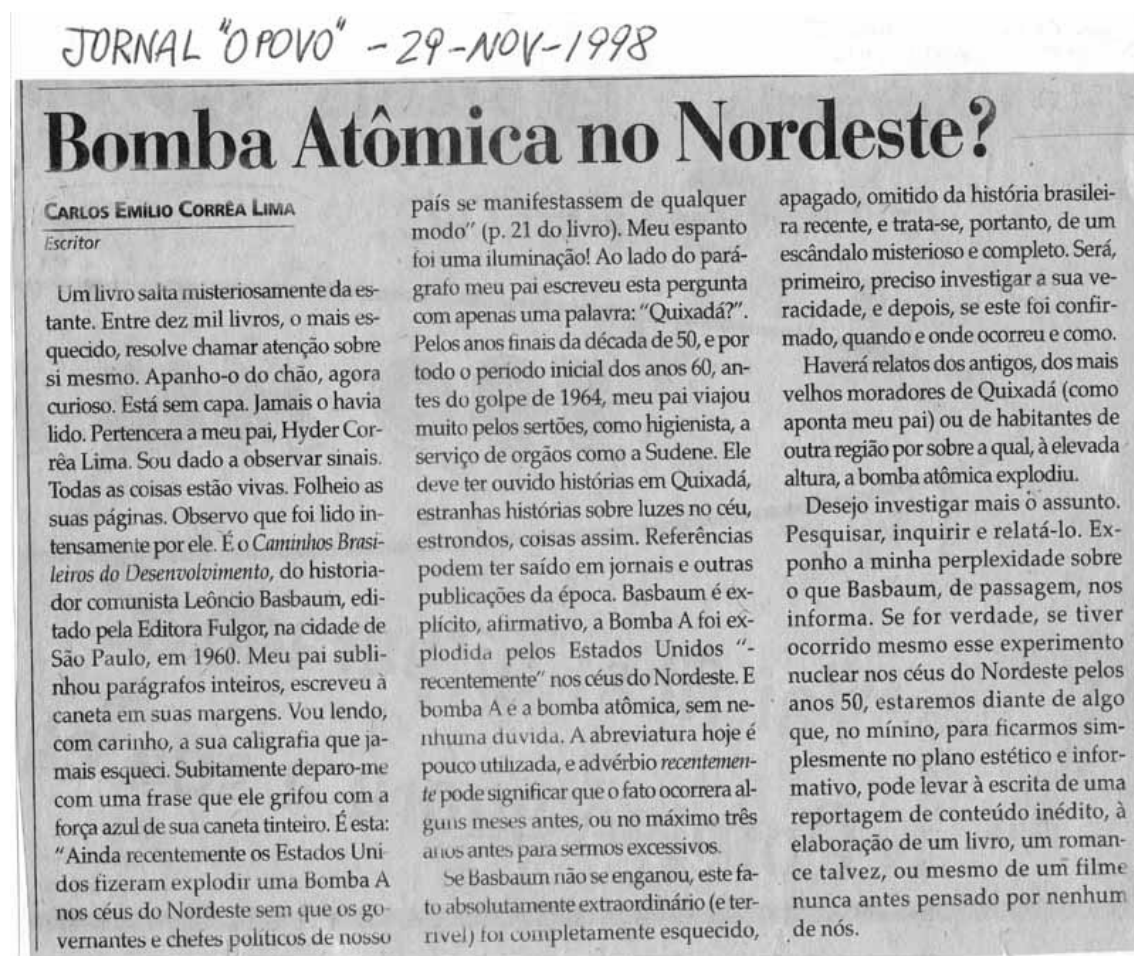
No dia 29 de novembro de 1998, à tarde, estava em minha casa e tinha, em minhas mãos, um exemplar do jornal *O Povo*. Não era assinante nem leitor assíduo de qualquer jornal, e aquele exemplar veio parar em minha casa, naquele dia, um tanto que por acaso. O curioso é que foi precisamente naquela edição do jornal que encontrei uma pequena matéria que logo me chamou a atenção pela sua dramaticidade. O artigo “Bomba Atômica no Nordeste?”, de autoria de Carlos Emílio Correia Lima, escritor e poeta, me deslumbrou pelo universo de possibilidades que ele continha, clamando por uma investigação detalhada. Carlos Emílio chega mesmo a sugerir a “escrita de uma reportagem de conteúdo inédito, a elaboração de um livro, um romance talvez, ou mesmo

¹ BARTHES, Roland. *Escritores, Intelectuais, Professores e Outros Ensaios*. Lisboa: Presença, 1975. Citado por JOAQUIM, Teresa. *Dar à Luz: ensaios sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

² BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 3ª ed. Lisboa: Europa-América, 1976, p.90-94.

³ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2ª ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.14.

de um filme nunca antes pensado por nenhum de nós”⁴ Reproduzo, a seguir, a matéria, tal qual foi recortada e cuidadosamente guardada por mim até hoje.



Mas, além do aspecto dramático da notícia, o que me fez querer procurar respostas à inquirição estampada em letras enormes? Bem, poderia listar pelo menos três motivos principais.

Primeiro, já há algum tempo, interessei-me por uma literatura ligada à história das guerras, da tecnologia militar, da aviação etc. Disponho, também, de algum material (e conhecimento) sobre este assunto, e não me parecia de todo árduo transitar por entre as veredas de uma pesquisa que me conduzisse a termos técnicos, tais como, bombas termonucleares, isótopos radioativos (artificiais e naturais), ICBM⁵, pulsos eletromagnéticos etc.

⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1998. “Bomba Atômica no Nordeste?”

⁵ ICBM ou “Inter-Continental Ballistic Missile”, ou míssil balístico intercontinental, cujo desenvolvimento tem início a partir da década de 1950, mais precisamente no fim desta.

Segundo, a matéria já fornece caminhos a serem trilhados, pois situa o acontecimento como ocorrido em fins da década de 1950: fornece, inclusive, o nome do historiador pernambucano Leônicio Basbaum⁶ como aquele que ventilou a hipótese da consecução da explosão nuclear no Nordeste brasileiro. E mais ainda: situa precisamente, por meio de um comentário feito à mão pelo pai de Carlos Emílio, “com a força azul de sua caneta tinteiro”, o lugar onde as investigações deveriam começar: “Quixadá?”, rabiscaria o Sr. Hyder Correia Lima ao lado da afirmativa de Basbaum de que “Ainda recentemente os Estados Unidos fizeram explodir uma Bomba A nos céus do Nordeste sem que os governantes e chefes políticos de nosso país se manifestassem de qualquer modo”⁷. Reproduzo, a seguir, o trecho da página 21 do livro de Basbaum que chamou a atenção do Sr. Hyder e que o levou ao questionamento sobre o que seria “um escândalo misterioso e completo”.

as relações entre os dois países, é sem dúvida uma intervenção clara em nossa política interna. Ainda recentemente os Estados Unidos fizeram explodir uma Bomba-A nos céus do Nordeste sem que os governantes e chefes políticos de nosso país se manifestassem de qualquer modo. Por outro lado, êsse mesmo

Quixadá?

Há, portanto, pontos bem seguros para se partir para a “aventura” da pesquisa histórica. Recortes temporais e geográficos são estabelecidos diretamente a partir da matéria de Carlos Emílio, do comentário do Sr. Hyder e da assertiva de Basbaum.

Terceiro, tenho um relativo domínio da língua inglesa escrita (instrumental), e como imaginei que a investigação demandaria uma busca a materiais impressos, arquivos, documentos de um modo geral, em língua estrangeira (obtidos em revistas, livros, *sites* na Internet etc), muitas vezes devido a carência de literatura específica (e atualizada) sobre este assunto em nossas bibliotecas, fiquei tranqüilo quanto ao trânsito por aquele material.

⁶ Leônicio Basbaum nasceu em Recife em 1907, mas fez seus estudos no Rio de Janeiro, onde se formou em Medicina em 1929. Era comunista e militou no PCB por 30 anos. Basbaum morreu em 1969.

⁷ BASBAUM, Leônicio. *Caminhos brasileiros do desenvolvimento: análise e perspectivas da situação brasileira*. São Paulo: Fulgor, 1960, p.21.

Assim, foi com o objetivo de encontrar elementos que me permitissem recompor as percepções e tensões geradas por um fenômeno carregado de diferentes significados para aqueles que dizem tê-lo presenciado ou dele tiveram notícias que me debrucei nos jornais, revistas semanais, livros, atas da Assembléia Legislativa, documentos e documentários oficiais do governo norte-americano, sites na Internet etc. Como o episódio descrito por Basbaum parece ter ocorrido um pouco antes de 1960 (data da publicação de seu livro; vejam que ele diz: “Ainda recentemente...”), foi nos anos anteriores e imediatamente próximos a 1960 que me concentrei: principalmente nos jornais *O Povo*, *Gazeta de Notícias*, *O Jornal* e *O Democrata*; e nas revistas *Time*, *Bulletin of the Atomic Scientists* e *Scientific American*, dos quais todos os exemplares de 1956 a 1959 foram consultados⁸. Só para este trabalho, mais de 800 matérias de jornais e 500 matérias de revistas foram selecionadas.

Utilizei nesta dissertação, portanto, como fonte jornalística, os periódicos da chamada “grande imprensa” que apresentavam circulação diária na cidade de Fortaleza (com representativa tiragem e repercussão nos leitores e na cidade). O jornal comunista *O Democrata* (ligado ao P.C.B.) foi duramente cassado pelos direitistas e fechado em 1958. Já *O Povo* (que é, dos jornais pesquisados, o único que se encontra ainda em circulação) não assumia posições de cunho radical (em geral, no entanto, o posicionamento político e moral dos jornais que utilizei não são tão conflitantes e discordantes, exceção feita ao *O Democrata* que serviu de contraponto). *O Jornal*, apesar de seu breve funcionamento (foi extinto pouco mais de um ano após a sua fundação, em 1958), foi inovador em sua proposta de estética gráfica e editorial; semelhante empenho apresentou o *Gazeta de Notícias* que, porém, passou por sérias dificuldades financeiras na década de 1950. Periódicos como *Unitário* e *Correio do Ceará* pertenciam ao grupo Diários Associados (do jornalista Assis Chateaubriand) e traziam, algumas vezes, matérias idênticas em um e outro. Estes últimos periódicos foram pesquisados de forma mais pontual e precisa (acrescento também *O Estado*) e não de forma extensiva (dia a dia) como procedi com o jornal *O Povo*, por exemplo.

⁸ Outros jornais como *O Correio do Ceará*, *O Estado*, *Tribuna do Ceará*, *O Unitário* e *The New York Times* foram consultados, assim como as revistas *Veja*, *Seleções do Reader's Digest* e *National Geographic*, dentre outras.

Um vasto material foi, portanto, se acumulando na forma de cópias de livros e revistas, transcrições, documentos recém-liberados de agências governamentais como a C.I.A.⁹ e Departamentos de Defesa e de Energia norte-americanos (e disponível no *site* destas agências e departamentos) etc. As cerca de 4000 páginas de material coletado e os livros que foram adquiridos por lidarem direta ou indiretamente com a temática sugerida na dramática matéria do jornal *O Povo* foram escrutinados em busca de elementos que guardassem alguma relação entre si, e entre a assertiva de Basbaum. E foi exatamente no jornal *O Povo* e na revista *Time*, dada a disponibilidade de ambos na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, que concentrei minhas buscas por indícios, pistas e sinais que apontassem para aquele “fato absolutamente extraordinário (e terrível)”¹⁰. Estou ciente que tanto a revista como o jornal não são fontes suficientes para traçar um quadro preciso daquele período, e por este motivo busquei, na medida do possível, ancorar minhas elocuções em outras fontes. Sei também que a revista *Time*, “uma espécie de órgão oficioso do governo Juscelino” e do “imperialismo dos Estados Unidos”¹¹, está apinhada de carga ideológica, mas as apropriações que faço dela me ajudam, neste momento, a acercar o meu *objeto de estudo*: ir além disto implicaria, agora, em uma outra pesquisa, e na assunção de um outro objeto de estudo e de uma outra problemática.

Definitivamente, o método indiciário está presente em meu ruminar sobre as fontes, pois creio que “pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível”¹². E não é apenas a coleta de material, mas a inquirição delas, a interconexão e o entrecruzamento de diversas fontes que dão brilho à pesquisa histórica. E das pistas brotaram evidências e, destas últimas, informações que me permitiram preparar a trama, costurá-la, dando textura ao tecido narrativo. Neste momento lembro-me de Hobsbawm:

⁹ C.I.A. ou “Central Intelligence Agency”, ou Agência Central de Inteligência norte-americana.

¹⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1998.

¹¹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 27 de fevereiro de 1957, “OS MILITARES E O ENTREGUISMO”.

¹² GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 150.

“O que normalmente devemos fazer é reunir uma ampla variedade de informações em geral fragmentárias: e para fazer isso precisamos, se me perdoam a expressão, construir nós mesmos o quebra-cabeças, ou seja, formular como tais informações *deveriam* se encaixar. (...) Deve (...) saber o que está procurando e (...) poderá reconhecer se o que descobriu se encaixa ou não em sua hipótese”
¹³ [grifo do autor].

Semelhante comentário fez Vainfas, ao falar sobre a necessidade de se “refazer a trama (...) remontando o quebra-cabeça de indícios fragmentários” ¹⁴. E foi assim que tudo me pareceu: um enorme quebra-cabeça em que se buscava encaixe para peças em quatro dimensões. Bem, então, o que afluiu da minha pesquisa nos jornais e revistas? Como sabemos, a pesquisa histórica guarda muitas surpresas para aqueles que a realizam, e comigo não foi diferente. Fui às fontes em buscas de notícias, matérias, artigos, editoriais e reclames em jornais e revistas que de algum modo estivessem relacionados com o que a matéria de Carlos Emílio apontava: não imaginava encontrar estampada a notícia de que uma bomba atômica explodiu em local A ou B do estado do Ceará (apesar de, posteriormente, ter sido *exatamente* o que encontrei). Buscava o fantástico, o estranho, o bizarro, o inusitado, pois acreditava que era assim que a imprensa se referiria a um acontecimento daquele aporte. Uma explosão atômica (ou seja lá o que tenha ocorrido aqui) se noticiada, poderia vir na forma das mais diversas notícias. Por exemplo, notícias como “TREMOR DE TERRA EM PERREIRO - GRANDE ESTRONDO PRECEDEU O ABALO”¹⁵, ou “EM CHAVAL A BOLA DE FOGO EXPLODIU!” ¹⁶, ou ainda “NADA SE SABE EM FORTALEZA SOBRE A EXPLOSÃO DE TELEGUIADO EM QUIXADÁ” ¹⁷ instigavam minha curiosidade e reacendia a desconfiança de que *coisas inusitadas* ocorriam no nosso estado naquele período. Curiosidade e desconfiança estas que recrudesceram ao longo da pesquisa e que por este motivo me levou a inquirir implacavelmente as minhas fontes.

¹³ HOBBSAWN, Eric. *Sobre história: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.224/25.

¹⁴ VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p.109.

¹⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 10 de setembro de 1956.

¹⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 22 de julho de 1958.

¹⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 28 de julho de 1958.

E, curiosamente, episódios desta natureza brotavam dos jornais consultados (de fins da década de 1950). Chamo a atenção do leitor que por várias vezes me refiro a estes acontecimentos como *coisas estranhas e inusitadas*, qualificando-as de *bizarras*. Mas o que me levou a me referir e qualificá-las desta maneira? Bem, estas acepções não foram tiradas *ipsis verbis* das matérias dos jornais que pesquisei, no entanto, foi lá que encontrei o motivo para acolher o adjetivo *bizarro* para o que aconteceu naquele momento, pois, por diversas vezes, as matérias sublinhavam o “estranho fenômeno sideral”, o “formidável estrondo”, o “espetáculo maravilhoso” que desenvolvia “velocidade espantosa”, “ficando todos abismados” e causando “verdadeira admiração” e “pânico”. Deste modo, a variedade de adjetivos utilizados me impediu de eleger apenas um deles, levando-me a buscar um que sintetizasse a heterogeneidade deles. Se o *fantástico* é algo “criado pela imaginação”; “extravagante”; “extraordinário”; “espantoso”; acredito que estes acontecimentos carregam o selo deste adjetivo, que anda de mãos dadas com o seu irmão siamês: o *bizarro* ¹⁸. Assim, estas acepções brotam das fontes e utilizo-as em respeito e por considerar que bem representam a admiração e o estado de choque daquelas pessoas que se embasbacaram há quase meio século atrás com fatos de tal natureza.

E não foi só isto: a pesquisa conduzida nos jornais e revistas mostrou-me que *coisas estranhas* (como aqueles episódios acima citados) aconteciam não apenas no interior do estado, mas na capital, Fortaleza. E não somente em Fortaleza, mas em quase todas as capitais brasileiras. E não somente no Brasil, mas em todo o mundo! As informações e evidências afluíram de modo que a minha narrativa, ao tentar copilá-las, foi adquirindo um *crescendo*, no que Portelli chamaria de uma “espiral de interpretações”. Se, *por um lado*, cada vez mais me afastava do específico, rumo ao geral, *por outro lado*, este

¹⁸ No “Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa” encontramos *bizarro* como sinônimo de extravagante e esquisito; e é nesta acepção que utilizamos o termo para nos referir a um conjunto de fenômenos que trazem a marca do fantástico, do inacreditável, do excêntrico, e que geram ou suscitam dúvidas e questionamentos. Já para o “Lello Universal”, *bizarro* com este significado é de origem galega. Enquanto isto, o “The American Heritage Dictionary” aponta a origem cronológica (primeiro a mais recente) desta palavra: francês, castelhano e basco. Então, se *bizarro* vem do basco, vale lembrar que o basco é uma língua “sem nenhuma afiliação lingüística conhecida”, não pertencendo, portanto, a nenhum tronco lingüístico conhecido. Assim o basco é uma língua *bizarra*: *De nihilo nihilum**, e o *bizarro* nasceu do *bizarro*. (*Do latim “Nada nasce do nada”, conforme “Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas”).

afastamento me daria a possibilidade de voltar àquele específico com uma outra visão e ótica, e, mais ainda, com a distância suficiente para “enxergá-lo” no todo, e não isoladamente.

E o que faço aqui é tentar dar uma certa “ordem” àquelas múltiplas matérias registradas no jornal. É costurá-las de modo a formar uma “trama” compreensível: estou ciente, portanto, de que o ofício do historiador está relacionado exatamente a esta tarefa, a de dar algum (mas não qualquer) sentido aos fatos e aos acontecimentos “perdidos” em páginas de um documento, e que permaneceriam indefinidamente até que se vá lá, respire e polvilhe as mãos com sua poeira, e esmague impiedosamente as traças que passeiam livremente por entre aquelas páginas (o que literalmente aconteceu com alguns jornais que consultei na Biblioteca Pública).

“Os fatos tem uma organização (...) que o historiador encontra pronta, uma vez escolhido o assunto que é inalterável; o esforço do trabalho histórico consiste, justamente, *em reencontrar* essa organização”¹⁹ [grifo do autor].

E essa “organização” dos fatos ocorre, em nosso caso, por acreditar que aquelas matérias e episódios estão de alguma forma ligados a algo maior, mais amplo, e que escapava do entendimento ou do conhecimento das pessoas naquela época. Não busco dar conta de tudo o que aconteceu naquele período, dada à impossibilidade lógica, metodológica, natural e temporal desse intento: não posso “revisitar” aquele período, e sim buscar estabelecer um fio tênue composto de documentos, relatos e memórias que me permitam tocar pelo menos no verniz daqueles anos, até por considerar que o conhecimento é sempre parcial e precário. Por este motivo, concentrar-me-ei especificamente naquelas matérias e episódios selecionados ao meu recorte temporal e temático: de 1956 a 1959²⁰, e que lidam especificamente com armas nucleares, Guerra Fria, discos voadores (ou OVNI, Objetos Voadores Não-Identificados), fenômenos bizarros (por exemplo, “clarões” e “estrondos”), relações entre Brasil e Estados Unidos, satélites artificiais etc. Outros

¹⁹ VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história*; Foucault revoluciona a história. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p.41.

²⁰ Na realidade, por diversas vezes (principalmente no *Primeiro Capítulo*), fiz incursões em anos anteriores e posteriores a este período. Porém, o meu recorte temporal está relacionado aos episódios inusitados que ocorreram em fins da década de 1950.

acontecimentos, episódios e matérias igualmente relevantes, mas em uma outra órbita de entendimento (culturais, físicas, sociológicas, filosóficas etc), podem estar relacionados a eles e explicá-los, no entanto se encontram em uma camada acima ou abaixo do verniz que deixarei intocado: sintam-se livres em perscrutá-las em uma futura pesquisa histórica. Tive que operar, como disse, um recorte em meu objeto de estudo, pois estou consciente da impossibilidade de se dar conta da totalidade. Como nos diz Veyne:

“O objeto de estudo nunca é a totalidade de todos os fenômenos observáveis, num dado momento ou num lugar determinado, mas somente alguns aspectos escolhidos; conforme a questão que levantamos, a mesma situação espaço-temporal pode conter um certo número de objetos diferentes de estudo”²¹.

E mais ainda: construir a “trama” que me permitirá discorrer sobre os acontecimentos e sobre essa costura sobrepor fios que dêem algum relevo ao tecido, a fim de buscar uma explicação possível daqueles episódios, é algo que demandou um esforço teórico-metodológico que me aproximou, como já citei, de autores como Veyne.

“A história, dizem freqüentemente, não poderia contentar-se em ser uma narração; ela também explica, ou melhor, deve explicar. Isso é confessar que, de fato, nem sempre o faz e que pode se permitir não fazê-lo sem deixar de ser história (...) [Mas] para a história o difícil seria não explicar, pois o menor fato histórico tem um sentido (...) A história nunca ultrapassa esse nível de explicação muito simples; ela continua, fundamentalmente, uma narração, e o que se denomina explicação não é mais que a maneira da narração se organizar em uma trama compreensível”²².

E é exatamente o que busco fazer aqui neste trabalho: narrar, tecer, explicar, não necessariamente nesta ordem seqüencial ou de importância. Utilizo gráficos e imagens diversas (charges, fotos etc) para tornar compreensível e digerível o que busco explicar, e não para fechar questão em torno do que estou narrando. Mesmo quando dialogo com outras disciplinas (a economia, por exemplo) o faço tendo em vista facilitar a compreensão do que estou lidando, de tal forma que a polifonia de discursos explicativos encontre

²¹ VEYNE, Paul Marie. Op. Cit., p.44.

²² VEYNE, Paul Marie. Op. Cit., p.81.

abrigo na minha narrativa. Utilizo o termo “explicação histórica” no sentido de Veyne: “sublunar e nunca científica; nós lhe reservamos o nome de compreensão” ²³. Por exemplo: é possível compreender os acontecimentos bizarros que ocorreram no Ceará há mais de quatro décadas sem recorrer a outros fenômenos bizarros, saindo assim do círculo que nos levaria a lugar nenhum? Acredito que sim; e é por este motivo que recorro ao “mundo sublunar da história”, que não conhece leis como o científico, mas “acaso” e “liberdade”. Lembro agora de Ginzburg: quando perguntado se não estaria “cada vez mais preocupado com a exposição do que com o veredicto final”, ele retrucou:

“Tenho a impressão de que estou tão comprometido como sempre estive em chegar a uma conclusão e anunciá-la (uma demonstração, se você preferir), mas estou cada vez mais interessado em envolver o leitor em minha busca” ²⁴.

Gostaria de chamar a atenção para alguns movimentos que a minha pesquisa sofreu. Inicialmente a investigação tomou o caminho de tentar buscar o acontecimento, qual seja, se tinha sido lançada ou não no Nordeste brasileiro (como *afirmou* Basbaum) uma bomba-A. Mas o percurso da investigação (e as múltiplas veredas que vão se abrindo ao longo dele) a todo o momento apontava e me colocava diante da percepção e da explicação que era dada, pelos sujeitos históricos (o sertanejo, o jornalista, o cientista etc, homens e mulheres), aos mais estranhos acontecimentos. Houve assim, um deslocamento da intenção de explicação *per se* para a dimensão do imaginário, ou seja, para a percepção que as pessoas tinham dos acontecimentos bizarros. É curioso observar como um acontecimento desta natureza ganha a mais díspar proeminência explicativa. Há, a todo o momento, um confronto entre o saber científico e o saber comum. O acontecimento ocupava lá, a sua maneira, os céus, enquanto a problemática ocupou profundamente a imaginação de homens e mulheres de todos os estratos sociais. E mais: urge perceber que o entendimento do imaginário não é algo deslocado da experiência social. É sim algo baseado no empírico (e, muitas vezes, no empíreo), pois é lá, no universo

²³ VEYNE, Paul Marie. Op. Cit., p.82.

²⁴ Entrevista de Carlos Ginzburg ao Caderno *Mais!*, jornal *Folha de São Paulo*, 10 de outubro de 2004, p.3.

“palpável” de suas experiências cotidianas (e isso a todo o momento), que os homens e mulheres recorrem para entender o que está acontecendo.

Se em algum momento pareço excessivamente detalhista, é porque busco envolvê-los naquela “busca”, que é para mim algo fundamental em qualquer trabalho histórico. E é por este motivo que neste trabalho buscarei sempre apresentá-los àquela “busca” que se desenrola sobre o caminho em que o trabalho titubeia: o percurso. E aqui encontro na fala de Ginzburg algo que revitaliza o que nos sugeriu Veyne. Narrar, envolvendo o leitor, eis o que almejo. E apresentar-lhe, conjuntamente, a “demonstração”, a “explicação histórica”, o sentido de nosso trabalho: e explicar ciente de que a trama é social, feita de homens e mulheres, e não de algo que se ergue sobre nossas cabeças com um brilho e aparência surpreendente e que, por este motivo, carrega o selo do bizarro, do inexplicável, do imperscrutável.

E é exatamente isto que busquei fazer no *Primeiro Capítulo*. Nele procurei mostrar que a década de 1950 foi um período fértil para que se ventilassem as mais diversas e inimagináveis hipóteses sobre acontecimentos tais como discos voadores, a possibilidade de destruição do planeta por uma guerra nuclear, viagens espaciais etc, em várias partes do mundo. A recorrência de notícias sobre os acontecimentos (tanto quanto os acontecimentos *per se*) é assustadora: referências a testes nucleares, bombas atômicas e de hidrogênio e teorias escatológicas pululavam nos jornais e revistas da época. Sim, *coisas estranhas* aconteceram no estado do Ceará, especificamente para o período em que concentrei a pesquisa, e principalmente nos jornais cearenses de fins da década de 1950. Mas a ambiência era extremamente favorável a sua ocorrência: estávamos no auge da Corrida Espacial e Armamentista, respirava-se a todo o momento a poeira radioativa que ameaçava a todos indiscriminadamente, temia-se pelo fim da Humanidade e as tensões mundiais deixavam as pessoas com uma visão profundamente pessimista de futuro. E muitos tentavam entender ou explicar aquele momento caótico e entrópico da existência humana. Para o conceituado psiquiatra suíço C. G. Jung, por exemplo, ao se referir a “epidemia” de discos voadores, passávamos por “modificações na constelação das dominantes psíquicas, dos arquétipos, dos ‘deuses’, que causam ou acompanham

transformações seculares da psique coletiva”²⁵. A questão levantada aqui, no campo da Psicologia, guarda, portanto, íntima associação com o imaginário social e me remete, em rota de uma colisão construtiva e enriquecedora, ao seu encontro. Quando Baczko muito apropriadamente comenta o conceito de imaginário à luz da Psicologia, ele levanta questões cruciais que aparecerão em todo este *Capítulo*.

“A psicanálise pôs em evidência que a imaginação não é uma ‘faculdade’, nem um poder psicológico autónomo, mas sim uma actividade global do sujeito para organizar um mundo ajustado as suas necessidades e aos seus conflitos. No domínio social, as produções imaginárias, em particular os mitos, constituem outras tantas respostas dadas pelas sociedades aos seus desequilíbrios, às tensões no interior das estruturas sociais e às eventuais ameaças de violência”²⁶.

A complexidade do momento, permeada de “desequilíbrios”, “tensões” e “ameaças de violências”, demandava uma análise cuidadosa do material selecionado. Como fontes, utilizei parte do material que já havia coletado (em minha busca por indícios levantados a partir da matéria “Bomba Atômica no Nordeste?”) e operei sobre elas toda a minha capacidade de “faro, golpe de vista, intuição”²⁷. Neste *Capítulo* insiro muitas informações visuais através de gráficos, charges, material publicitário, fotografias etc. Lembro-me dos “livros de Morelli” a que Ginzburg faz referência, “salpicados de ilustrações de dedos e orelhas, cuidadosos registros das minúcias características”²⁸. Problemas emergem de charges, gráficos, fotografias etc, que estão lá não para “ilustrar” ou “confirmar” o que está sendo narrado no texto, mas sim para ir além dele, para buscar explicitar o que muitas vezes palavras e mais palavras seriam incapazes de definir. E particularmente com relação aos gráficos, concordo com Hobsbawm ao dizer que “a estatística é história estática, [e] a história é estatística em movimento”. Deste modo:

²⁵ JUNG, C. G. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. 2ª ed. Tradução de Elva Bornemann Abramowitz. Petrópolis: Vozes, 1991, p.IX.

²⁶ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, vol.5, p.307-8.

²⁷ GINZBURG, Carlo. Op. Cit., p.179.

²⁸ GINZBURG, Carlo. Op. Cit., p.145.

“Seria absurdo rejeitar como inadequadas a um segmento da história a quantificação e a aplicação de tais ferramentas estatísticas, matemáticas e outras. Quem não consegue quantificar, não consegue escrever história” ²⁹.

Já para o *Segundo Capítulo*, busco elementos que me permitam explicitar o que as pessoas (o cidadão comum, os jornalistas, os correspondentes, os escritores etc) pensavam de tudo o que transcorria no estado do Ceará, no Brasil e, em algumas passagens, no mundo. Que explicações buscavam para os acontecimentos que muitas vezes, admitidamente, não entendiam? Quais as opiniões dos leitores das revistas e jornais para aquilo que a imprensa “imparcialmente” publicava? Como os correspondentes noticiavam as matérias que tratavam de tópicos bizarros, como “objetos luminosos” e “clarões”, por exemplo? E as testemunhas oculares, que diziam, o que entendiam e como exprimiam suas explicações? É neste *Capítulo* que mergulharei mais profundamente na reação das pessoas quanto a cessão, por exemplo, da ilha de Fernando de Noronha aos norte-americanos: o que achava disto a imprensa comunista ou mesmo “os mais anticomunistas” ³⁰ periódicos da imprensa local e nacional? Como os “objetos luminosos”, discos voadores, perturbações climáticas e a necessidade de melhoria da infra-estrutura (portuária e aeroportuária, por exemplo) da cidade eram explicadas à luz da presença, nos céus, de foguetes teleguiados que eram monitorados a partir da ilha de Fernando de Noronha? Assim, mostrarei como habilmente as pessoas costuravam explicações, apropriando-se do conjunto ou de fragmentos delas, enfim, apropriando-se dos recursos disponíveis para entender o momento.

Vale, aqui, lembrar, que busco e quero oferecer explicações para o que acontecia naquele momento, no que se refere a “objetos luminosos”, “clarões” etc. E ao buscá-las opto por *sinalizá-las* com a seleção que fiz de matérias e artigos, e não oferecê-las ou atirá-las ao leitor do alto de um discurso do “que realmente aconteceu”. Quero deixar inquieto o leitor e fazer que ele pense

²⁹ HOBBSBAWN, Eric. Op. Cit. p. 126.

³⁰ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 23 de janeiro de 1957, “FERNANDO DE NORONHA QUANDO E POR QUÊ?” Foi assim que o jornalista do jornal *O Globo* se referiu, na matéria citada, ao seu jornal. Em uma matéria do jornal *O Democrata*, de 2 de abril de 1957 [“Outra Base de Teleguiados Cedida EM POTENGI, RIO GRANDE DO NORTE”], o jornal *O Estado de São Paulo* é alcunhado de “o insuspeito ‘órgão conservador paulista’”.

juntamente comigo: não seria possível, por um momento, avaliar aqueles acontecimentos desta maneira? O que posso fazer é lembrar a todos que o momento histórico particular de fins da década de 1950 foi um período *sui generis* da nossa história recente. Há uma possibilidade de que toda a peculiaridade desta década tenha alguma relação com a enxurrada de *coisas bizarras* que pululavam da ciência e da técnica (tanto militar como civil) que se desenvolvia a passos largos naquele período. O que procuro neste trabalho é ir além de uma “histoire evenementielle”, descritiva, empirista. Assim, “situar um acontecimento social dentro de um contexto cultural pleno, de forma a ele poder ser estudado mais em um nível analítico que em um nível descritivo”³¹, eis o que intento para este *Capítulo*. Mas, como articular as diferentes percepções e explicações para um fenômeno que, de um lado, era dado como expressão de um dos maiores avanços da ciência e, de outro, era descrito como estranho e bizarro?

“Nosso problema não se limita a aliar nosso compromisso como historiadores à objetividade daquilo ‘que realmente aconteceu’ nem à nossa consciência pós-moderna de que, na realidade, jamais chegaremos realmente a descobri-lo. Também estamos cientes, a esta altura, de que muito aconteceu na mente das pessoas, em termos de sentimentos, emoções, crenças, interpretações - e, por este motivo, até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade”³².

Cabe-me, portanto, perscrutar “aquelas áreas onde se encontra a verdade” e dialogar com elas de modo que saia algum (mas não qualquer) entendimento da ambiência daqueles frenéticos anos 50. Concordo com a opinião de Hobsbawm “de que aquilo que os historiadores investigam é real. O ponto do qual os historiadores devem partir (...) é a distinção fundamental (...) entre o fato comprovável e a ficção, entre declarações históricas baseadas em evidências e sujeitas a evidenciação e aquelas que não o são”³³. E a publicação em jornal de que “SOBRAL VÊ DISCOS”³⁴, por si só, é uma evidência satisfatória de que não se está “inventando fatos” (“Não podemos

³¹ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p.58.

³² PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC - SP, no. 15, abril / 1997, p.25.

³³ HOBBSAWN, Eric. Op. Cit. p.8.

³⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 31 de julho de 1959.

inventar nossos fatos”, lembra Hobsbawm): eles estão lá, prontos (ou quase prontos, às vezes) para que operemos sobre eles.

No *Terceiro Capítulo* irei partir de um acontecimento fantástico que supostamente ocorreu em Quixadá, Ceará, em 1958, para entender, *primeiro*, como está relacionado a outro ocorrido em uma cidade próxima e, *segundo*, como uma explicação para este último acontecimento é buscada, hoje, tendo por base as explicações para o primeiro acontecimento. O *primeiro acontecimento* a que me refiro é que, conforme o jornal carioca *Última Hora* de 1959, o Nordeste brasileiro (e tudo indicava Quixadá) havia sido o local escolhido para que os Estados Unidos explodissem três bombas atômicas em 1958. Esta notícia, obviamente, repercutiu na cidade de Fortaleza e dela foram feitas as mais diversas apropriações, à época. Já o *segundo acontecimento* a que me referi é o de um “clarão” nos céus da então Vila de Madalena (município localizado a aproximadamente cinquenta quilômetros a oeste de Quixadá), avistado em fins da década de 1950 (aparentemente em 1957). Neste *Capítulo*, portanto, procurarei refletir, à luz dos elementos que me são dados pela ambiência histórica já apresentada nos capítulos anteriores, como este segundo acontecimento adquiriu um significado antes não imaginado pelas pessoas que o presenciaram ou que ouviram falar dele. O acontecimento, como disse, foi um forte lampejo ou “clarão” avistado nos céus da cidade e que, atualmente, o pároco local busca explicar como sendo o de uma explosão nuclear. Esta hipótese começou a ser ventilada quando o pároco leu a matéria de Carlos Emílio, “Bomba Atômica no Nordeste?”, em fins de 1998, e a partir daí começou a pesquisar a possibilidade de que a assertiva de Basbaum e o questionamento do Sr. Hyder se referissem, na realidade, não a Quixadá, mas a Madalena: vale salientar aqui que foi o artigo de Carlos Emílio que me possibilitou, através da pesquisa nos jornais da época, encontrar a referência ao primeiro acontecimento e descobrir que foi ele que fez que Basbaum afirmasse a ocorrência da explosão atômica no Nordeste brasileiro (assertiva esta que foi feita inicialmente pelo jornal carioca *Última Hora*).

Há algum material que recolhi na cidade de Madalena e que utilizarei aqui neste trabalho: entrevistas com o pároco local (e seus pronunciamentos sobre o “episódio de 57”), com os sertanejos (que testemunharam ou não o lampejo), matérias dos jornais *O Povo* (sobre a cidade e sobre a pesquisa do

pároco local) e *Diário do Nordeste* (sobre um episódio semelhante que ocorreu recentemente em Boa Viagem, município vizinho a Madalena). A história oral será utilizada, pela primeira vez, portanto, neste trabalho. No total, um pouco mais de uma dezena de entrevistas foram conduzidas entre os anos de 2004 e 2005. Estou ciente de que conversar com os sertanejos sobre algo que ocorreu há quase 50 anos não significa, de modo algum, “resgatar” aquele acontecimento “como ele realmente aconteceu”. Muito se passou na vida destas pessoas e os acontecimentos presentes ou de um passado mais próximo (a inundação do ano tal, o casamento de fulano, a seca de um ano qualquer etc) adquirem uma importância maior para eles.

“Todo o nosso passado encolhe e obscurece (...) na longa perspectiva dos séculos, mesmos os acontecimentos mais notáveis... devem inevitavelmente (...) desvanecer aos poucos até se transformarem em pálidas réplicas do original, perdendo a cada geração subsequente, à medida que eles retrocedem a um passado mais remoto, um pouco da importância que já lhes fora atribuída, um pouco do encantamento que outrora os revestia”³⁵.

Lembro que o lampejo avistado em Madalena se insere (especialmente e cronologicamente) no contexto de outros episódios semelhantes ocorridos no Ceará, e que foram fartamente documentados pela imprensa local (e tratados no *Segundo Capítulo*). No entanto, não encontrei nenhum registro na imprensa de um “clarão” ou coisa parecida naquela cidade (que na época existia sob a denominação de Vila de Madalena, e era distrito de Quixeramobim). Aqui, porém, neste *Capítulo* tracei um recorte geográfico bem definido: a cidade de Madalena. Os outros “clarões”, “objetos luminosos” etc, noticiados pela imprensa da época, podem ter tido um impacto muito forte na área em que aconteceram e serem motivo de falatório hodiernamente. Oxalá minha pesquisa dispusesse de aporte financeiro que me permitisse ir àquelas outras localidades, entrevistar os camponeses mais velhos e tentar encontrar, em suas lembranças e memórias, vestígios daqueles acontecimentos bizarros que pulularam por quase um ano em todo o estado do Ceará. Acredito que estes

³⁵ BECKER, C. L. *Everyman his own historian*. (reprinted from *American Historical Review*, 37, 1932, pp. 221-36), in Winks, *Historian as Detective*, q.v. pp. 3-23. Citado por LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC - SP, nº. 17, novembro de 1998, p. 151.

acontecimentos tenham deixado marcas na população e que podem se manifestar em algum aspecto de sua cultura popular (na literatura de cordel, por exemplo). Deixo aqui aberto o convite aos pesquisadores mais afortunados que invistam seus cabedais neste intento: muitas surpresas poderão afluir daí.

PRIMEIRO CAPÍTULO

"A bomba atômica mudou tudo"

*There is no evil in the atom;
only in men's soul.*

Adlai Stevenson³⁶

A binômio curiosidade e inquietação, de um lado, e o domínio dos caminhos metodológicos, de outro, talvez sejam os elementos-chave, a condição *sine qua non*, de todo aquele que realiza pesquisa em História. Na Introdução, afirmei que os jornais (entre outras fontes) do final da década de 1950 foram consultados com o intuito de buscar indícios e pistas que apontassem para um acontecimento específico: o da possibilidade de que tivesse sido explodida nos céus do Nordeste brasileiro uma bomba-A, como afirmara Basbaum. Procurava por algo específico, mas as fontes não trazem as informações separadas e arrumadas. Um turbilhão de outras informações, (e confesso) algumas vezes até mais interessantes, afluíram de todos os lados, na forma de matérias de jornais, revistas etc.

Uma destas, em particular, me inquietou. Na edição de 21 de março de 1957 do jornal *O Democrata*, o aluno Paes de Castro, do 4º ano da Faculdade de Direito, da Universidade Federal do Ceará, escreveu um pequeno texto sob o título "Hiroshima, Magasaki [sic], Fernando de Noronha, Fortaleza e Maceió". E isto foi o suficiente para causar-me espanto: que relação pode haver entre Fernando de Noronha, Fortaleza e Maceió, e as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki? No texto (que se assemelha a um manifesto), o aluno denunciou o Acordo Militar Brasil - EUA, de 1952, sob o qual se assenta a liberação, para os norte-americanos, da ilha de Fernando de Noronha para a instalação de uma Base de Rastreo de Mísseis Teleguiados. Repudiando o tempo todo a presença americana na ilha, Paes de Castro apregoou que "O verdadeiro objetivo é a instalação duma base de lançamentos, afim [sic] de

³⁶ DeGROOT, Gerard J. *The bomb: a life*. Cambridge: Harvard University Press, 2005, p.xv. "Não há mal no átomo; apenas na alma dos homens"

deslocar o teatro de operações”. E adicionou: “Tentarão tudo para situar um possível conflito atômico longe de suas fronteiras”, e em tom inflamado, proclama: “Enfim, além da Constituição, além da soberania nacional, é pela sobrevivência do Homem, neeste [sic] trecho do planeta, que lançamos este apelo: - BRASILEIROS DO NORDESTE, UNI-VOS!” ³⁷. Em uma outra matéria publicada no periódico *O Jornal*, em sua edição do dia 19 de julho de 1958, mais uma vez uma relação assustadora foi estabelecida: “FERNANDO NORONHA E A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL” ³⁸. O periódico despachou um “Enviado Especial” (o jornalista Paulo Lopes Filho) para a base americana na ilha, e anunciou a “Completa Cobertura de Nossas Possibilidades, em Caso de Terceira Guerra Mundial”.

Como se pode perceber nas matérias acima, estávamos, nós do Nordeste brasileiro, no epicentro do que seria a próxima guerra mundial. E o aumento das tensões internacionais fez aumentar o desespero daqueles que pressentem o aproximar de algo terrível. Em Pernambuco, o Senador Nelson Firmo (P.S.D.) deu o tom daquele desespero:

“Fernando de Noronha está hoje dominada por forças estrangeiras, nossa soberania arranhada, os horrores de uma descomunal guerra atômica transferidos para o meu pobre e tão desamparado Nordeste, meu Recife sob ameaça de ser arrasado por uma bomba de hidrogênio [RASGADO]” ³⁹.

E a preocupação acima descrita, de que o Nordeste seja transformado em “teatro de operações” da Terceira Guerra Mundial, não foi encontrada apenas nas páginas dos jornais de tendência comunista (como *O Democrata*, órgão do P.C.B.), que muitas vezes buscam mostrar a União Soviética como pacífica e ordeira (“Não temamos a Rússia”), e os “ianques” como imperialistas e saqueadores da soberania nacional (“as Tropas de Ocupação”). Entre os militares brasileiros de alto escalão, encontrei claras manifestações de suas preocupações quanto ao papel do Nordeste brasileiro no próximo conflito mundial. O General Antônio de Souza Júnior publicou um livro, em 1959, intitulado “O Brasil e a 3ª Guerra Mundial”, no qual dedicou especial atenção ao

³⁷ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 21 de março de 1957.

³⁸ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 19 de julho de 1958.

³⁹ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 29 de maio de 1957, “Não Temamos a Rússia: Temamos as Tropas de Ocupação de Fernando Noronha”

Nordeste brasileiro (na realidade, um tópico inteiro da 2ª Parte). Ao comentar, especificamente, sobre a “Terceira Guerra Mundial”, o general lembrou:

“Como brasileiros, precisamos compreender, desde logo, que a região nordeste do Brasil deverá desempenhar importantíssimo papel na Terceira Guerra Mundial. Estrategicamente, já vimos que sua posição é excepcional por ser uma das margens do ‘estrito’ ou ‘estrangulamento’ continental, que permite o mais curto e fácil acesso entre a América do Sul e a África Ocidental e vice-versa”⁴⁰.

E acrescentou um pouco adiante que o Nordeste brasileiro não será apenas um “ponto de apoio destinado a instalação de bases aeronavais para batalhas longínquas”, como foi a Base de Natal, durante a Segunda Guerra Mundial⁴¹. “Ele [o Nordeste brasileiro] se constituirá, com certeza, em Teatro de Operações e será palco, possivelmente, de verdadeiras ações de guerra”⁴². Percebe-se, portanto, que a preocupação do senador pernambucano, há pouco citado, de que o “meu Recife” fosse “arrasado por uma bomba de hidrogênio”, pareceu encontrar eco e sustentação. O General, no entanto, lembrou que “para compreender isto, sem vislumbrar ridículo ou sensacionalismo na previsão, é preciso analisar judiciosamente as hipóteses de guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética”⁴³. E que “hipóteses de guerra” eram estas? Dito de outro modo: como se encontrava a conjuntura mundial no que tange a um conflito armado entre superpotências, de modo que se permitisse falar em “Terceira Guerra Mundial” no Nordeste brasileiro? É possível encontrar, em outras fontes, indícios que nos revelem a opinião de jornalistas e

⁴⁰ SOUZA JÚNIOR, General Antônio de. *O Brasil e a 3ª guerra mundial*. São Paulo: BIBLIX, 1959, p.241-242.

⁴¹ E a Base de Natal tinha uma importância estratégica tão crucial que seria por lá que começaria a invasão dos Estados Unidos ao Brasil, caso o governo de Getúlio Vargas insistisse na neutralidade durante a Segunda Guerra. O Plano de Invasão (com o mapa), publicado na revista *Isto É*, em 1993, e reproduzido no jornal *Diário do Nordeste*, de 27 de maio de 1993, fazia parte de um amplo plano para tomada de todo o Norte e Nordeste brasileiro, do Amapá a Bahia. “O documento, até agora inédito, (...) recebeu o título de Plano do Teatro de Operações do Nordeste do Brasil e teve sua primeira versão aprovada em 1º de novembro de 1941. (...) [e] Leva a assinatura do general L. J. Mac Nair, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Americanas”. Jornal *Diário do Nordeste*, 27 de maio de 1993, Caderno 3, p.1, “Estados Unidos pensaram em invadir o Brasil”

⁴² SOUZA JÚNIOR, General Antônio de. Op. Cit., p.242.

⁴³ SOUZA JÚNIOR, General Antônio de. Op. Cit., p.242. Talvez aqui o General esteja mandando um recado para os “comunistas” e “nacionalistas” que notadamente, neste período, punham os interesses nacionais acima de tudo, e não hesitariam em pensar (como vimos) numa previsão tão catastrófica quanto a de uma “Terceira Guerra Mundial” no Nordeste brasileiro.

de cidadãos (não apenas do Brasil, mas de outros países) sobre as tensões que o mundo atravessava no pós-Segunda Guerra?

Bem, para encontrar aquelas “hipóteses de guerra” poder-se-ia partir da década de 1950, e dela fazer incursões à segunda metade da década de 1940, em que o fim da Segunda Guerra marca um momento peculiar nas relações entre as nações vitoriosas (e Aliadas). Hobsbawm ⁴⁴ chamou, apropriadamente, o período que vai do pós-guerra até 1973 de “os anos dourados”. E problematizou: “Como e por que o capitalismo, após a Segunda Guerra Mundial, viu-se, para a surpresa de todos, inclusive dele próprio, saltar para a Era de Ouro de 1947-73, algo sem precedentes e possivelmente anômalo?” ⁴⁵. E continua, chamando a atenção para a relevância da questão: “Eis, talvez, a questão central para os historiadores do século XX. Ainda não se chegou a um consenso e não tenho a pretensão de oferecer uma resposta persuasiva” ⁴⁶.

Os “anos dourados” (particularmente a década de 1950) foi um período, também, de profundas transformações da sociedade nos mais diversos campos. Se pensarmos em termos de política internacional, logo salta aos olhos a Guerra Fria e as tensões a ela associadas: recrudescimento da possibilidade de uma guerra mundial, guerras regionais por áreas de influência, Corrida Armamentista, Corrida Espacial etc. O mundo passava por modificações que lhe emprestaram um caráter bem peculiar. A euforia decorrente do fim da Segunda Guerra foi substituída por um clima de tensões permanentes: em pleno clima de “paz”, a insegurança grassava. “O final da Segunda Guerra Mundial e o advento das armas atômicas não trouxeram o fim das guerras, nem imediatamente, nem nas décadas seguintes” ⁴⁷.

⁴⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2ª ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.253.

⁴⁵ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p.18.

⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p.18. Em uma Monografia escrita em 1994, discorro sobre o quanto importante são os gastos militares na acumulação capitalista, na manutenção dos lucros e no domínio de mercados externos. Entendo que os modelos teóricos da Economia (de economistas como Keynes, Kalecki, R. Luxemburg etc.) muito tem a contribuir no entendimento das razões do “sucesso” das economias capitalistas no pós guerra. Para mais detalhes, ver: ROLIM, Tácito. *Militarismo americano pós-guerra*. Fortaleza, 1994. 68 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas), Universidade Federal do Ceará.

⁴⁷ KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.392.

Como salientou Keegan, esta modificação se deveu, notadamente, à adição ao arsenal disponível para os militares, de ambas as superpotências (Estados Unidos e União Soviética, que saíram “vitoriosos” do último conflito e passaram a disputar uma hegemonia mundial), de uma nova e terrível arma: as bombas atômicas, ou as bombas-A. O poder, em termos destrutivos, liberado por tais armas é sem precedentes na História da humanidade: nunca antes o homem desenvolvera capacidade de aniquilação que se comparasse a escala possibilitada pelas armas nucleares. O lançamento de duas delas nas cidades japonesas, em 1945, deixou claro para os estrategistas militares, os dirigentes políticos e o público em geral que algo havia mudado na “arte da guerra” daqui por diante. A segunda metade da década de 1940 marcou o período em que os Estados Unidos se encontravam com o monopólio das armas nucleares, gozando, portanto, de um poder político adicional decorrente de sua posse. O monopólio atômico foi quebrado apenas no final do verão de 1949, quando a União Soviética finalmente experimentou seu primeiro artefato nuclear. Começaria o pesadelo atômico para americanos, russos e toda a humanidade.

“A bomba atômica mudou tudo” ⁴⁸ desde sua utilização, em 1945. No início, imprimiu confiança aos militares norte-americanos quanto ao seu poderio, apesar do tom sombrio advindo da capacidade de destruição de tais armas. A quebra do monopólio, por sua vez, marcou fortemente a possibilidade de que Nova Iorque e Washington (ou quaisquer outras cidades americanas) tivessem o mesmo destino das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em um próximo conflito mundial. A reação do governo americano e russo foi a de armar-se mais e mais, além da aprimorar tecnicamente novas e mais poderosas armas; e “para a maioria dos americanos o advento da bomba [russa] sinalizou o fim de uma era de inocência e a hora de comprar, comprar, comprar” ⁴⁹.

O cenário de início da década de 1950 encontrava-se, cada vez mais, sombrio. Há um ditado popular que bem sintetiza o momento porvir: “Não há

⁴⁸ HEIMANN, Jim (Editor). *The golden age of advertising - the 50's*. Colônia: Taschen, 2005. Na página 4 há uma Introdução escrita por Willy Wilkerson que começa com a frase supracitada: “The atomic bomb changed everything”.

⁴⁹ HEIMANN, Jim (Editor). Op. Cit., p.4. “(...)for most Americans the advent of the bomb signaled an end to an age of innocence and a time to buy, buy, buy”.

nada que esteja ruim hoje que não possa ficar pior amanhã” ⁵⁰. Então, são desenvolvidas as armas termonucleares, ou as bombas-H (bombas de hidrogênio ou “bombas do juízo final”, como eram conhecidas na época). Logo nos primeiros anos da década de 1950, tanto os Estados Unidos como a União Soviética já dispunham desta nova e mortífera arma: o poder de destruição das armas atômicas, ou bombas-A, já elevado, é multiplicado por 100 em um curto espaço de tempo. A humanidade, representada pelos seus líderes políticos, militares e cientistas das superpotências, brinca com seu próprio destino... A possibilidade de alguma paz naquela conjuntura vai ficando cada vez mais remota.

“A bomba de hidrogênio não é a resposta ao sonho dos povos ocidentais de garantia completa e definitiva de seus anseios de segurança. Não é, também, defesa para os perigos que o ameaçam. Ao contrário, à medida que aumenta seu poder destruidor, a ansiedade e a sensação de insegurança daqueles povos se aprofundam e se ampliam” ⁵¹.

Se para Clausewitz, segundo sua definição clássica, “A guerra é (...) um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” ⁵², o modo como uma próxima (e iminente terceira) guerra mundial foi sendo preparada, no período do pós-guerra, apenas aumentou seu caráter de “ato de violência”, reduzindo exponencialmente sua capacidade de “submeter” qualquer parte à vontade da outra, uma vez que a hecatombe atômica era uma possibilidade concreta, o que significaria a destruição de capitalistas, comunistas e não-alinhados indiscriminadamente. No campo da imaginação social, o medo e o pânico fertilizam a imaginação das pessoas e seus entendimentos sobre o que estava acontecendo assim como o porvir: “A imaginação, como em todos os movimentos de pânico colectivo, parece estar

⁵⁰ Que se relaciona a máxima de Publílio Siro, *Cotidie est deterior posterior dies*, ou “Todos os dias o hoje é pior do que o ontem”. Segundo TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças gregas e latinas*: 10.000 citações da Antiguidade ao Renascimento no original e traduzidas com comentário histórico, literário e filológico. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.360. Hobsbawm recorre a “uma das mais poderosas generalizações sobre as questões humanas”, a Lei de Murphy, ou “Se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar”. HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p.224.

⁵¹ HART, B. H. Linddell. *As grandes guerras da história*. 5ª ed. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1982, p.16.

⁵² CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. 2ª ed. Tradução de Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.7.

marcada pela patologia e não é capaz de produzir senão fantasmas e efabulações”⁵³. A guerra (e a expectativa dela) ganha, assim, uma nova dimensão nunca antes imaginada.

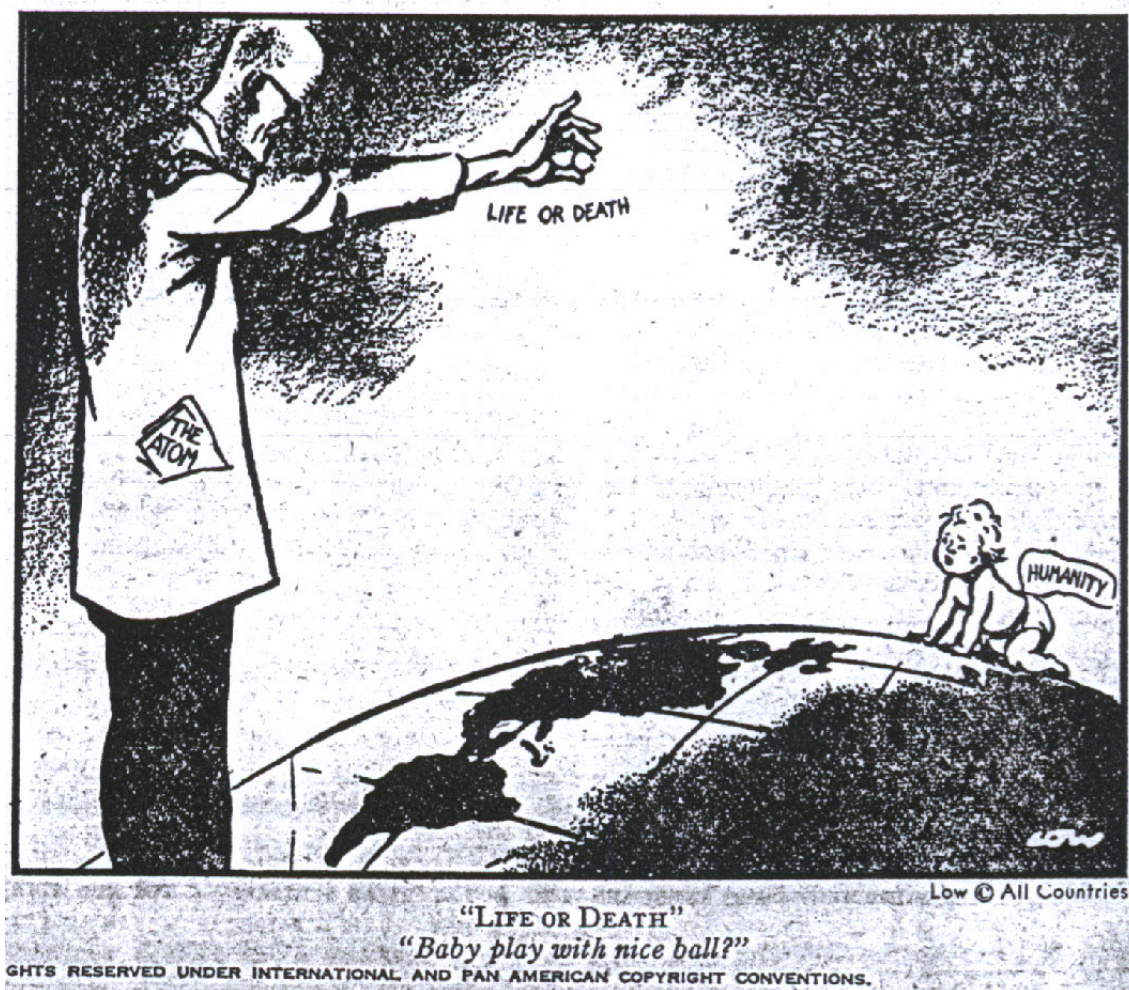
“O clima de guerra envolve tudo. Tôda a vida social e individual se organiza segundo seus termos, e ela domina a curiosa vida espiritual dos povos da Cristandade. Modela seus empreendimentos científicos, limita seus esforços intelectuais, onera os orçamentos nacionais, e substitui aquilo que outrora se chamava diplomacia. A tendência para a guerra é maciça, sutil, oficial e autônoma. A guerra deixou de ser a interrupção da paz: de fato, a paz tornou-se um intervalo incômodo entre as guerras. A paz tornou-se um perigoso estado de equilíbrio entre o terror mútuo e o medo mútuo”⁵⁴.

Corporifica-se um sutil equilíbrio entre a vida e a morte de toda a humanidade, sendo a descoberta da ciência de como “dominar” o átomo, o gatilho daquela tensão. É possível encontrar em algumas revistas da época a representação deste mal-estar. Na revista *Time*, várias charges resumem a visão sombria de futuro que as armas nucleares (sejam as bombas-A ou H) ofereceram à humanidade. Em uma delas, publicada na edição de 20 de agosto de 1945 da revista⁵⁵ (e reproduzida a seguir), um cientista oferece uma “bela bola” (uma bomba-A, certamente) para a criancinha (a Humanidade) brincar: “Vida ou Morte” são as opções que o cientista, ou a Ciência, oferece a criancinha (observem no bolso do cientista o sinalizador da ameaça, “O Átomo”).

⁵³ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, vol.5, p.319.

⁵⁴ MILLS, C. Wright. *As causas da próxima guerra mundial*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1961, p.17.

⁵⁵ Revista *Time*, Nova Iorque, 20 de agosto de 1945, THE NATION, “The Bomb”, p.14.



Em uma matéria, publicada na edição de 1 de outubro de 1945, a revista⁵⁶ mostrou que apesar da “terrível verdade” de que há “uma coisa como uma bomba atômica”, os estrategistas militares e diplomatas agem como se ela não existisse. As armas atômicas são apresentadas ao cidadão comum (*plain people*) como se “alguém fosse dar um jeito de dominá-la [a bomba-A] para o bem da humanidade”. Uma charge, publicada na revista *Punch* e reproduzida na matéria da revista *Time* (e mostrada aqui em seguida), mostra a mãe explicando a filha o que é uma bomba atômica: “É um novo tipo de bomba, querida, para o benefício da humanidade”, diz a mãe a filha⁵⁷.

⁵⁶ Revista *Time*, Nova Iorque, 1 de outubro de 1945, ARMAMENTS, “The Unmentionable”, p.14.

⁵⁷ Para alguns líderes políticos, as bombas atômicas eram coisas banais, apenas um tipo novo de arma para ser adicionado aos arsenais. Para Stalin, a bomba atômica seria “Esta coisa que serve para meter medo nas pessoas de nervos frágeis”. MAIOCCCHI, Roberto. *A era atômica: século XX*. Tradução de Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996, p.40.



"PUNCH" ON THE ATOM BOMB

"It's a new kind of bomb, darling, for the benefit of mankind."

Punch

Curiosamente, a intenção de manter os assuntos relativos à bomba atômica e à contaminação radioativa longe do conhecimento público se tornará padrão nos anos vindouros, e terá como instituição perpetuadora deste modelo a Comissão de Energia Nuclear (ou AEC, "Atomic Energy Commission"). Acredito que toda essa névoa de "segredo militar" que envolvia a tudo e a todos corroborou para aumentar as especulações sobre o fantástico, o inacreditável e o desconhecido.

O diplomata britânico Sir Stafford Cripps disparou, na matéria acima citada da revista *Time*, seu temor de que "à medida que os meses e os anos passem, a história de Nagasaki e Hiroshima definhe em um segundo plano e que... este novo poder de destruição... cessará de ter a sua força impulsionadora sobre nossas ações políticas" ⁵⁸. Quanto ao definhamento, na

⁵⁸ Revista *Time*, Nova Iorque, 1 de outubro de 1945, p.14. "The thing I fear is that as the months and years pass the story of Nagasaki and Hiroshima will fade into the background and

mente das pessoas, dos horrores do primeiro bombardeio atômico, o diplomata pareceu estar certo: uma sondagem recente “mostra que 57% [dos americanos] aprovam o uso das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki”⁵⁹, e que “Na época [em 1945], a aprovação dos bombardeios ficou em 59%”. Porém, quanto ao poder “impulsionador” (nas “ações políticas” entre as superpotências que atingiu, direta ou indiretamente, todas as nações) da nova arma, este não cessou; na realidade, recrudesceu violentamente ao longo da chamada Guerra Fria.

Uma outra charge (reproduzida a seguir), publicada na edição de 15 de outubro de 1945 da revista *Time*, sintetizou o temor de que as armas nucleares não deixarão de “ter a sua força impulsionadora sobre nossas ações políticas”. Ironicamente, o chargista apresentou uma “Bomba Atômica: Versão da Idade da Pedra”: um homem das cavernas segura seu novo invento, um arco composto, e diz para o companheiro que “esta nova arma colocará um fim a todas as guerras”⁶⁰.

that... this new power of destruction... will cease to have its compelling force upon our political actions”

⁵⁹ Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de agosto de 2005, p.A17, “Nos EUA, 57% aprovam ataque a Hiroshima”.

⁶⁰ Revista *Time*, Nova Iorque, 15 de outubro de 1945, THE NATIONS, “Heads Up!”, p.13.



ATOMIC BOMB: STONE AGE VERSION
"... this new weapon will put an end to all war."

O que esta charge expressa é a realidade de que armas mais poderosas nunca trariam o fim das guerras: de um certo modo, porém, as armas nucleares inviabilizaram um conflito entre Estados Unidos e União Soviética, transferindo-o para a "periferia" do sistema (Coréia, Vietnã, Afeganistão, Nicarágua, dentre outros). Isto fez com que elas evitassem a Guerra Total, mas não as guerras localizadas, que se intensificaram exponencialmente nos quatro cantos do planeta.

"Tem havido paz -- uma paz intranquã, é verdade, mas de qualquer maneira paz -- entre as principais superpotências desde 1945. Mas, desde então, não houve um único dia sem alguma espécie de luta em algum lugar do mundo. Pelo menos 150 conflitos armados de grande porte ocorreram desde a Segunda Guerra Mundial; alguém sempre esteve combatendo alguém"⁶¹.

O aperfeiçoamento, portanto, de novas armas mais e mais poderosas não traria a paz entre as nações; apenas o retorno às mesas de negociação

⁶¹ Guerra na paz. (vol 1). Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984, p.6.

sinalizaria a possibilidade de um entendimento que garantiria alguma estabilidade naqueles conturbados anos. Apresento a seguir uma outra charge que foi concebida dentro do contexto da quebra do monopólio americano da bomba-A pelos russos, em 1949. As revistas da época refletiram esta preocupação e a necessidade (uma vez que os russos tinham a sua bomba-A) de se sentar e negociar. Nesta charge, publicada na edição da revista *Time* de 3 de outubro de 1949, uma gigantesca bomba-A aparece sentada, na mesa das Nações Unidas, entre representantes americanos e soviéticos: querem conversar entre si “ou vocês querem que eu faça a conversa?”, pergunta, em tom ameaçador, a enorme bomba-A.



Herblock—New York Post-Home News
 "... OR DO YOU WANT ME TO DO THE TALKING?"
A future threat became a fact to live with.

E parece ter sido exatamente isto o que aconteceu durante todo o tempo da Guerra Fria: as armas atômicas (ou a posse delas e a disposição em utilizá-las) ditaram o tom dos discursos e das ameaças. Em muitos conflitos, como na Coreia e no Vietnã, ventilou-se a possibilidade do uso de armas nucleares "táticas". A "crise dos mísseis de Cuba", ou como chamaria Hobsbawm, "um exercício de força (...) inteiramente supérfluo", levantou estratosféricamente as possibilidades de uma guerra nuclear total.

"a própria certeza de que nenhuma das superpotências iria de fato *querer* apertar o botão nuclear tentava os dois lados a usar gestos nucleares para fins de negociação (...), confiantes em que o outro

tampouco queria a guerra. Esta confiança revelou-se justificada, mas ao custo de abalar os nervos de várias gerações” [grifo do autor] ⁶².

Como vimos, o poder das armas aumentou e com elas as tensões entre as superpotências. Uma cortina de névoa desceu entre as nações, tornando incerto o futuro delas e de toda a humanidade. “Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projecção de angústias, esperanças e sonhos colectivos sobre o futuro” ⁶³. Assim, a produção de imaginários sociais orbitou, nas décadas seguintes, em torno do imenso poder apropriado pelos homens (militares e cientistas das grandes potências).

O poder da bomba-H possibilitou a liberação de energia nunca antes vista (e prevista): os testes realizados no Pacífico, em março de 1952, fizeram a primeira vítima confirmada de uma bomba-H ⁶⁴. Por conta de erro nos cálculos da potência do engenho, a poeira radioativa (ou “fallout”) caiu em uma área bem maior do que a esperada, ironicamente contaminando vários pescadores *japoneses* (e vitimando fatalmente o pescador Aikichi Kuboyama) que se encontravam a bordo do barco pesqueiro *Fukuryu Maru* (ou “Dragão Afortunado”). Alguns jornais da época clamavam pelo fim dos testes: “CONTENHAM A BOMBA!”, esbravejava o londrino *Daily Herald*, enquanto o *Manchester Guardian* perguntou: “É realmente inteligente continuar com estas explosões?” ⁶⁵. Talvez a charge que melhor sintetizou a visão pessimista quanto ao futuro da humanidade esteja publicada na edição de 5 de abril de 1954 da revista *Time*. Nela, o planeta Terra, de pernas trêmulas, “Vislumbra o Dia do Juízo Final” atrás da cortina que esconde a “Nova Bomba-H”.

⁶² HOBBSBAWM, Eric. Op. Cit., p.227.

⁶³ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.312.

⁶⁴ As primeiras vítimas não-fatais do “fallout” radioativo foi a família Raitliff (um casal de idosos, mais o seu neto), que tinham um rancho no Novo México, próximo ao local onde foi testada a primeira bomba-A (o teste *Trinity*), em julho de 1945. Os médicos do Projeto *Manhattan* investigaram os efeitos da radiação sobre os Raitliff e seus animais domésticos, e não há evidências de que tenham informado a família sobre o que acontecera a eles. Um outro cidadão afetado pela radioatividade do teste Trinity, Bill Wrye, disse que sua barba caiu 3 meses após o teste. Os cientistas do Projeto procuraram desqualificá-lo quando ele procurou a imprensa e denunciou que o teste foi o responsável por isto. A política de esconder a verdade da população afetada seria corriqueira e oficialmente adotada nos últimos 50 anos pela Comissão de Energia Nuclear norte-americana (AEC - *Atomic Energy Commission*). WELSON, Eileen. *The plutonium files: America's secret medical experiments in the cold war*. Nova Iorque: Delta, 2000, p.103-104.

⁶⁵ Revista *Time*, Nova Iorque, 5 de abril de 1954, THE NATION, “Distorted Commentary”, p.11. “CALL OFF THAT BOMB!” e “Is it really wise to proceed with these explosions?”



Fitzpatrick—St. Louis Post-Dispatch:
‘GLIMPSE AT DOOMSDAY’

E o clima de pessimismo intensificava a imaginação de que tudo de ruim que acontecia no mundo tinha como culpado as armas nucleares. “Abalar os nervos de várias gerações” parece ter sido realmente a sina da ciência que descortinou os poderes do átomo. E na edição do dia 26 de junho de 1958, do jornal fortalezense *Gazeta de Notícias*, é estabelecida uma interessantíssima relação: segundo a matéria do jornal, o clima do Nordeste brasileiro estava sendo afetado pelas explosões nucleares. Vale lembrar que o ano de 1958 foi o de uma terrível seca, que na opinião de alguns, como o governador cearense

Paulo Sarasate, “A SECA DESTES ANOS É A PIOR DAS JÁ VERIFICADAS NESTE SÉCULO”⁶⁶, enquanto para outros ela adquire um espectro ainda mais amplo, tendo sido “uma das piores da história do Nordeste”⁶⁷. O jornal disse então:

Os estudiosos de climatologia, em face das violentas mudanças que se verificam atualmente no clima do Nordeste atribuem os distúrbios às explosões nucleares as quais determinam alterações climáticas desviando grande massa de ar gelado das regiões polares”⁶⁸.

Brotaram várias associações desta natureza: quando o jornal *Unitário*, em 17 de abril de 1959, anunciou “As maiores inundações já registradas na América do Sul”, que atingiram a “Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Brasil”, deixando “300 mil pessoas sem lar”, mostrou que a associação com testes nucleares foi feita pelo “homem da rua das mais diversas categorias sociais”⁶⁹.

“Apesar das opiniões em contrário dos entendidos, o povo em geral é de opinião que a série de provas atômicas no sul do Atlântico, tem sido a causa das inundações que atualmente devastam grande parte da América do Sul. Estes pensamentos as vezes sem convicção são freqüentemente externados pelo homem das mais diversas categorias sociais. Jornais argentinos publicam informações para demonstrar que não há qualquer relação entre ambas as coisas, dizendo que são fenômenos naturais e claramente indiscutíveis”⁷⁰

E não é apenas sobre o clima do planeta que se supunha que as bombas atômicas exerciam sua influência, mas também na saúde das pessoas. No ano de 1957, a “‘ASIÁTICA’ Já Chegou Até Nós”⁷¹; há várias referências na imprensa cearense da epidemia da gripe asiática que se espalhava pelo mundo e que atingiu o Ceará. Manchetes alarmantes como “MUITA GENTE GRIPADA EM JUAZEIRO” e “SURTO BENIGNO DA GRIPE ASIÁTICA EM JUAZEIRO” eram anunciadas no jornal *O Povo*, em sua edição

⁶⁶ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 6 de abril de 1958.

⁶⁷ BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.517.

⁶⁸ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 24 de junho de 1958. “EXPLOSÕES NUCLEARES AFETAM O NORDESTE”

⁶⁹ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 17 de abril de 1959. “300 MIL PESSOAS SEM LAR POR CAUSA DA ENCHENTE”

⁷⁰ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 17 de abril de 1959.

⁷¹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 17 de outubro de 1957.

de 16 de outubro de 1957. E “no mês de outubro porém a atuação da epidemia (...) estendeu-se repentinamente”, chegando, segundo o jornal, a uma “média assombrosa” de 110 casos em agosto para 82 nos dez primeiros dias de outubro. E o jornal ponderou: “Pela imperfeição dos talões de óbitos (...) não podemos assegurar que seja a ‘asiática’ a responsável pela mortalidade” ⁷². Um pouco mais para o final do ano de 1957, “A asiática está praticamente debelada em Fortaleza” ⁷³, no entanto, em algumas cidades interioranas, como Crateús, “a moléstia continua grassando, em certos lugares com mais intensidade do que noutros, a zona Norte, sobretudo, onde está chegando agora” ⁷⁴. A região do Araripe “se vê a braços agora com a asiática” ⁷⁵. Dado a gravidade da expansão da asiática no Brasil, foi criada uma Comissão específica ⁷⁶ para lidar com o problema. O médico Alfredo Eugênio era membro desta Comissão e atirou que “a gripe ‘asiática’ tem suas causas na radioatividade proveniente das explosões nucleares”. Segundo o médico, “a doença surgiu exatamente na parte do mundo onde foram efetuadas as maiores explosões. E diz que se a radioatividade influi profundamente na vida animal e vegetal, pode também influir nos micro-organismos” ⁷⁷.

Assim, a “Era Atômica” inaugurou uma nova relação do homem com a natureza, generalizando-se no mundo inteiro um sentimento de destruição da humanidade, chegando mesmo a ser ventilada, como acabamos de ver, a hipótese de que os testes nucleares afetavam o clima da Terra e a saúde das pessoas: é o homem brincando de Deus e dispondo, pela primeira vez na História, dos meios objetivos (as armas) e subjetivos (o desejo de acabar com “aqueles malditos russos” e “ianques”) de destruição de todo o planeta e, conseqüentemente, da humanidade. E o “cidadão comum” que a pouco foi referido, o que pensava ele a respeito do descortinar de uma nova e terrível

⁷² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de outubro de 1957, “ELEVA-SE O NÚMERO DE OBJETOS (sic) EM JUAZEIRO”

⁷³ Segundo o jornal *O Povo*, de 19 de novembro de 1957, “METADE DA POPULAÇÃO DA CIDADE [de Fortaleza] TEVE ASIÁTICA”, o que é, por si só, um dado surpreendente.

⁷⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 11 de novembro de 1957, “CINCO MIL PESSOAS COM A ‘ASIÁTICA’ EM CRATÉUS”

⁷⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de novembro de 1957, “ASIÁTICA EM ARARIPE”

⁷⁶ Segundo o jornal *Gazeta de Notícias*, de 4 de outubro de 1957, esta era a “Comissão Especial de Gripe do Ministério da Educação”

⁷⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de setembro de 1957, “Opinião de um médico” “EXPLOSÕES ATÔMICAS COMO CAUSA DA GRIPE”. A opinião do médico também aparece na edição do jornal *Gazeta de Notícias* de 4 de outubro de 1957, na coluna “Espelho da Imprensa Sulina”, onde uma matéria do jornal *O Globo* é reproduzida.

tecnologia como a atômica? É possível encontrar a sua voz nas revistas acima mencionadas? Bem, elegi a seção de Cartas da revista *Time* como local apropriado (e, no momento, disponível) para ouvirmos um pouco do que eles achavam sobre as bombas-A e H. Há, por vezes, referências as suas opiniões nos artigos da revista, mas estas são apresentadas de forma dispersa e difusa, e muitas vezes sem ser possível identificar quem proferiu um ou outro comentário ou opinião. Diferentemente, na seção de Cartas (*Letters*), é possível identificar o autor do comentário (e até mesmo sua cidade e estado). Estou ciente de que as cartas que chegaram a Redação da revista (e que foram publicadas), passaram por uma série de “filtros” antes da sua publicação: assim, mais do que expressarem a opinião do público norte-americano em geral, elas expressam a linha editorial da revista, que, para o caso da *Time*, era tida como veículo do “imperialismo dos Estados Unidos” (como disse na *Introdução*). E mais ainda: sei da necessidade de se assumir uma postura de desconfiança com relação a seção de Cartas, uma vez que algumas delas podem nunca ter sido escritas por nenhum “cidadão comum” (*plain people*), e sim por um editor ávido de repercussão no público das pautas da revista, o que o levaria a forjar algumas cartas. Não aprofundo, porém, esta discussão uma vez que não discuto a imprensa nesta dissertação: gostaria apenas de alertar o leitor para esta possibilidade.

Sobre o bombardeio atômico das cidades japonesas, encontrei opiniões as mais diversas. Na revista *Time*, do dia 27 de agosto de 1945, a leitora, Sra. Rita Kemper, da Pensilvânia, disparou que “Antes que os americanos se levantem contra isto [a bomba atômica], deixe-os... não esquecerem do tratamento recebido pelos prisioneiros americanos [dos japoneses]” ⁷⁸. E um pouco mais adiante a leitora especulou sobre o que teria ocorrido se eles, os japoneses, tivessem sido os primeiros a inventar a bomba atômica: “Desnecessário dizer”, afirma ela em tom irônico. O leitor John L. Balderston, Jr., do estado do Tennessee, lembrou que “Na realidade, é para o bem de todo o mundo que nós, uma nação normalmente amante da paz, tenhamos

⁷⁸ Revista *Time*, Nova Iorque, 27 de agosto de 1945, LETTERS, p.1. “Before Americans rise against it [the atomic bomb], let them ... not forget the treatment received by Americans prisoners (...) (...)”

descoberto isto [a bomba atômica] primeiro” ⁷⁹, e faz, assim, coro quanto a preocupação da Sra. Kemper. Mas ele lançou uma séria advertência, na forma de questionamento, sobre o “futuro da paz no mundo”: “Que nação, sabendo que com o poder atômico nós poderemos completamente destruir isto [a paz mundial] sem aviso e sem dano a nós mesmos, confiaria mesmo nos Estados Unidos?” ⁸⁰. Instabilidade e desconfiança, portanto, eram os prenúncios da “Era Atômica”. “É como se a humanidade estivesse se movendo inexoravelmente rumo ao Armageddon e para o limbo de coisas esquecidas, em esquecimento de sua própria formação” ⁸¹. E na mesma edição da revista, um outro leitor, Walter G. Taylor, da cidade de Nova Iorque, inflamou:

“Senhores, os Estados Unidos da América se tornaram neste dia o novo mestre da brutalidade, infâmia, atrocidade. Bataan, Buchenwald, Dachau, Coventry, Lidice foram ‘fichinha’ quando comparados ao horror que nós, o povo dos Estados Unidos da América, temos descarregado no mundo na forma de bombas de energia atômica. Nenhuma aplicação pacífica deste monstro franksteiniano pode mesmo apagar o crime que cometemos. Nós pavimentamos o caminho para a destruição de nosso globo. Não há democracia quando uma tal indignidade pode ser cometida sem o nosso consentimento!” ⁸².

O “monstro franksteniano” a que o leitor se referiu (a bomba-A), ganharia, como vimos anteriormente, uma versão ainda mais mortífera sete anos depois: a bomba-H. Em matéria na sua edição de 12 de abril de 1954, a revista *Time* explicou aos leitores “A FABRICAÇÃO DA BOMBA-H” ⁸³. Um esquema da reação nuclear foi apresentado pela revista, assim como alguns

⁷⁹ Revista *Time*, Nova Iorque, 27 de agosto de 1945, LETTERS, p.1. “Indeed, it is to the good of the whole world that we, a normally peace-loving nation, did discover it first”

⁸⁰ Revista *Time*, Nova Iorque, 27 de agosto de 1945, LETTERS, p.1. “What nation, knowing that with atomic power we could utterly destroy it without warning and without harm to ourselves, would trust even the U.S.?”

⁸¹ Carta de W. G. Martin, do Texas. Revista *Time*, Nova Iorque, 27 de agosto de 1945, LETTERS, p.1. “It looks as if humanity is moving inexorably toward Armageddon and into the limbo of forgotten things, an oblivion of its own making”

⁸² Revista *Time*, Nova Iorque, 27 de agosto de 1945, LETTERS, p.1. “The United States of America has this day become the new master of brutality, infamy, atrocity. Bataan, Buchenwald, Dachau, Coventry, Lidice were tea party compared with the horror which we, the people of the United States of America, have dumped on the world in the form of atomic energy bombs. No peacetime applications of this Frankstein monster can ever erase the crime we have committed. We have paved the way for the obliteration of our globe. It is no democracy where such an outrage can be committed without our consent!”

⁸³ Revista *Time*, Nova Iorque, 12 de abril de 1954, SCIENCE, “THE MAKING OF THE H-BOMB”, p.38-39.

detalhes de seu funcionamento, para o desespero do leitor G. B. Landa, da Flórida. Disse ele em carta à revista: “Nós ouvimos que nossos inimigos despendem esforço e dinheiro em suas buscas por informações militares. Quanto eles não economizariam se eles simplesmente assinassem a *Time*?”⁸⁴. O receio do leitor era injustificado, pois as informações prestadas pela revista “não são segredos para cientistas de nenhum lugar - inclusive a Rússia”; porém o seu comentário reflete a paranóia que rondava aquele período, que incluía aí o temor de que segredos militares fossem parar nas mãos dos “inimigos”. A execução do casal Ethel e Julius Rosenberg, condenados por “espionagem atômica”, são um excelente exemplo do clima que rondava aquele momento delicado. Mais significativo ainda talvez seja a sentença apresentada pelo juiz que os condenou a morte na cadeira elétrica, em 19 de julho de 1953 (sete dias depois que os russos explodiram sua primeira bomba-H). Disse ele:

“Não hesito em considerar que seu delito é pior que um assassinato. Enquanto um assassino mata uma só pessoa, embora causando a dor de seus próximos, vocês, por outro lado, ao dar à União Soviética o segredo da bomba atômica muitos anos antes que os cientistas russos fossem capazes de fabricá-la, cometeram um crime muito mais grave. Na minha opinião, seu comportamento é o responsável pela agressão comunista na Coreia, que já causou entre mortos e feridos, mais de 50.000 vítimas. E é provável que milhões de outros inocentes terminarão um dia por pagar pela sua traição. A sentença que me preparo para dar pretende provar de uma vez por todas que a segurança dos Estados Unidos deve ser salvaguardada até o fim”⁸⁵.

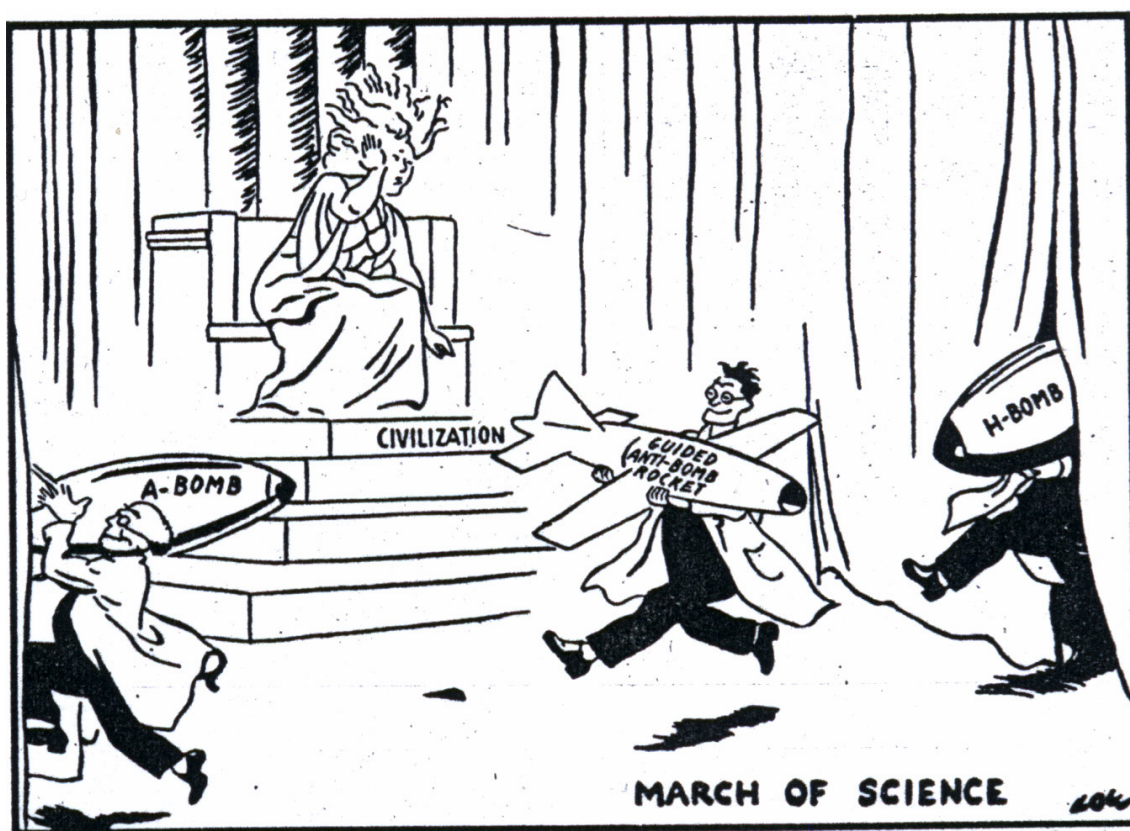
Como disse um pouco antes, foi a busca paranóica por armas mais e mais poderosas que lançou as superpotências em uma intensa corrida rumo ao aperfeiçoamento de técnicas mais sofisticadas (nos campos da física, química, engenharia etc). No campo técnico-bélico, esta ficou conhecida como Corrida Armamentista, ao passo que no campo técnico-espacial, como Corrida Espacial. Em uma e em outra, os investimentos em *P & D* (Pesquisa & Desenvolvimento) são altíssimos⁸⁶ e fica mesmo difícil discernir o que é

⁸⁴ Revista *Time*, Nova Iorque, 3 de maio de 1954, LETTERS, p.4.

⁸⁵ MAIOCCHI, Roberto, Op. Cit., p.47.

⁸⁶ Assim, “o processo de inovação passou a ser tão contínuo que os gastos com o desenvolvimento de novos produtos se tornaram uma parte cada vez maior e mais indispensável dos custos de produção. No caso extremo das indústrias de armamentos, onde reconhecidamente, o dinheiro não era problema, mal novas máquinas entravam em uso e já

pesquisa civil e militar, tanto em um campo como em outro, até mesmo porque os limites que as separam são, muitas vezes, tênues. Há várias empresas que atuam em ambos os setores (civil e militar) e que transferem tecnologia de um para o outro, desde que isto faça o consumidor (seja ele um pacato cidadão ou um dirigente político mais afeito a um orçamento militar mais avantajado) “comprar, comprar, comprar”. A “Marcha da Ciência” é mostrada em uma charge (reproduzida a seguir), publicada na edição de 30 de janeiro de 1950 da revista *Time*, em que a “Civilização” assistia atônita ao desfile de novas armas mais sofisticadas e poderosas ⁸⁷.



Copyright, London Evening Standard

Nesta charge, mais uma vez, foi atrás de uma cortina de onde saem os elementos que tanto apavoram a Humanidade. Como a ciência militar se

eram trocadas por equipamentos ainda mais avançados (e, claro, imensamente mais caros), com considerável lucro das empresas envolvidas” HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p.261.

⁸⁷ Com relação aos custos altíssimos do desenvolvimento de novas armas a que me referi, vejamos o que diz a matéria da Revista *Time*, de 30 de janeiro de 1950, THE ATOM, “The Loaded Question”, p.7: “o custo do projeto da bomba-H para os Estados Unidos será de US\$300 milhões a mais do que a primeira estimativa de US\$2 a US\$4 bilhões” [“the cost of an H-bomb project to the U.S. would run closer to \$300 million than the first guess of \$2 billion to \$4 billion”]

desenvolvia a passos largos, havia sempre algo de novo que aflorava da cortina que, também, encobria os segredos militares do público em geral sob o pretexto de “segurança nacional”, quando, na realidade, muitas vezes, o segredo era encoberto pelo que significava em termos de poder e por causa do dano causado à saúde das pessoas e ao meio-ambiente, como é o caso daquelas que moravam próximas à área de testes nucleares, em Nevada, Estados Unidos (*Nevada Test Site* ou N.T.S), inaugurado em 1950. A representação das armas como um brinquedo carregado por cientistas refletiu o sempre presente anseio (ou “choro”) dos militares por um “brinquedo” novo. Isto me fez lembrar de uma outra charge, publicada na década de 1980, no *Los Angeles Times* ⁸⁸, que bem representa o “choro” deles: uma criança-general, em lágrimas, aponta para o televisor em que assiste à propaganda de um “brinquedo” novo, no caso o novíssimo avião B-1 *Lancer* que substituirá os antigos B-52 *Stratofortress*, que não servem mais para a “brincadeira” de intimidar os russos.

E foi esta “Marcha da Ciência” que possibilitou o crescimento sem precedentes da economia americana: os gastos militares empurravam muitos dos indicadores econômicos para cima, e o lucro das empresas e o consumo dos trabalhadores cresciam ⁸⁹, atrelados ao que se convencionou chamar de “Complexo Militar-Industrial” ⁹⁰. O *deus ex machina* estava posto, e para boa parte da sociedade americana seria em torno dela que a vida (cultural, paisagística, econômica, tecnológica etc) se organizaria. Desenvolver novas armas levou rapidamente os militares a aperfeiçoarem, *particularmente neste*

⁸⁸ MARQUEZI, Dagomir e GOMES, Lu. *Guerra nuclear*. São Paulo: Três, 1984, p.40.

⁸⁹ “Com uma taxa de produtividade de 2% a.a. entre 1945 e 1955, os americanos estavam comprando 75% dos automóveis e eletrodomésticos produzidos no mundo. (...) Em menos de 10 anos a venda de móveis para varanda e jardim pulou de US\$ 53,6 milhões para US\$ 142,5 milhões, enquanto a de máquinas de lavar quase chegou a duplicar, de 1,7 milhões para 2,6 milhões de unidades. (...) Em apenas cinco anos, a venda de aparelhos de TV saltou de 3,1 milhões em 1950 para 32 milhões na metade da década” HEIMANN, Jim (Editor). Op. Cit., p.4-6 [With a productivity rate of two percent per year between 1945 and 1955 Americans were buying 75% of the cars and appliances on the world. (...) Within ten years the sale of lawn and porch furniture sales jumped from 53.6 million dollars to 145.2 million dollars, while automatic washer sales almost doubled from 1.7 million to 2.6 million. (...) In just five years, the sale of TV sets climbed from 3.1 million in 1950 to more than 32 million by mid-decade”. Segundo Hobsbawm, porém, “Na verdade, para os EUA essa foi [a ‘Era de Ouro’], econômica e tecnologicamente, uma época mais de relativo retardo que de avanço”. Para a análise completa, ver HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p.254.

⁹⁰ O termo foi cunhado pelo presidente americano Eisenhower e é utilizado para qualificar a íntima associação que existe entre empresas produtoras de material bélico, os altos comandos militares e líderes políticos norte-americanos.

período, novos aviões, mísseis e foguetes. A efetividade na utilização do espaço aéreo como campo de batalha remonta desde os tempos da Primeira Guerra Mundial, e a Segunda Guerra aumentou drasticamente esta possibilidade. A turbina a jato aumentou a velocidade, a autonomia de vôo e o alcance dos novos aviões. Nunca antes o homem se deslocara tão rápido nos céus, e em pouco tempo (já em outubro de 1947) o homem romperia pela primeira vez a barreira do som ⁹¹. O aperfeiçoamento da técnica e da engenharia fazia com que os aviões se desenvolvessem abruptamente: maiores e mais velozes, cumpriam funções cada vez mais específicas. E o desenvolvimento da aviação militar adicionaria um elemento a mais de destruição a todo o cenário já apocalíptico advindo com a posse das armas nucleares.

“A capacidade de destruição é uma característica que o Poder Aéreo vem aumentando enormemente, a partir do crescente desenvolvimento dos meios aéreos e de seus armamentos. Os progressos no armamento aéreo transformaram a idéia de um confronto nuclear em algo tão terrível, que mal se podem imaginar os seus desdobramentos e conseqüências” ⁹².

Assim, o mundo passava por profundas modificações tecnológicas, e parte significativa destas modificações se deu no campo técnico-militar e envolvia diretamente o espaço aéreo, sideral ou cósmico. Bem, milenarmente, desde os tempos mais primitivos, o homem se voltou para as forças da natureza (e para os representantes que elegeu para estas forças, no caso, os deuses) em busca do que Gauchet chamou de “dívida de sentido” ⁹³, ou “aquilo que durante milénios os homens reconheceram dever aos deuses, o que as sociedades, mais ou menos desde sempre, acreditaram dever às determinações dos outros, aos decretos do Além ou às vontades do invisível” ⁹⁴. E estes deuses eram buscados na terra, no mar, nos céus; enfim no universo com o qual os homens e mulheres interagiam cotidianamente. Não é meu

⁹¹ Feito realizado pelo piloto de testes norte-americano Charles E. “Chuck” Yeager, no dia 14 de outubro de 1947, no Deserto de Mojave. Ver YEAGER, Gen. Chuck e JANOS, Leo. *Voando nas Alturas*. Tradução de Elizabeth Larrabure Costa Corrêa. São Paulo: Best Seller, 1985.

⁹² SANTOS, Murilo. *Evolução do poder aéreo*. Belo Horizonte: Itatiaia/Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 1989, p.144.

⁹³ CLASTRES, Pierre et al. *Guerra, religião e poder*. Tradução de João Afonso dos Santos. Lisboa: Edições 70, 1980.

⁹⁴ CLASTRES, Pierre et al. Op. Cit, p.51.

objetivo aqui discutir as complexas relações que o homem mantém entre as forças da natureza e o sagrado, ao longo dos séculos: seria fugir completamente do rumo da discussão, encaminhando-a a uma outra direção. Ao fustigar estas questões, o faço apenas para chamar a atenção para o fato de que nesta interação dos seres humanos com o mundo ao seu redor, não parece difícil conceber ou imaginar que o *céu acima de suas cabeças foi uma arena privilegiada de suas divagações* sobre os “decretos do Além” ou das “vontades do invisível”. Mesmo em situações em que eles se voltavam para aspectos mais, digamos, *terrenos*, como no caso da plantação, do cultivo, da colheita etc, é para os céus que acabam se voltando suas atenções, pois é de lá que vem o elemento indispensável para a existência de vida em nosso planeta: a água. “Parece evidente que o laço privilegiado que une a magia da chuva ao poder resulta de que a chuva é um bem comum cuja importância para a manutenção da vida não tem paralelo” ⁹⁵. Eis, pois, a necessidade de “controlá-la”.

“Exercer um domínio sobre o tempo atmosférico, fazer cair a chuva - ou ocasionalmente, impedi-la - pelo recurso à invocação, ao sacrifício e a técnicas mágicas diversas, tal é o atributo essencial do chefe ou do rei em numerosas sociedades da África Negra” ⁹⁶.

E não é apenas a chuva que o homem espera dos céus: este, por si só, presenteia a todos com um espetáculo excepcional diariamente. O cintilar de estrelas, as fases da Lua, os cometas, os meteoros, os movimentos dos planetas etc, são todos espetáculos que tem como pano de fundo o céu negro. Não parece de todo absurdo dizer que o céu está para o homem primitivo assim como o televisor está para o homem moderno ⁹⁷.

“Desde os primórdios da pré-história o homem fita a confusão do céu noturno e conjectura sobre as misteriosas configurações que aí divisa. Antes de ser inventada a escrita, já dava nome aos corpos celestes. Antes de conceber sistemas éticos, já adorava as imagens do Sol e da Lua. Antes de inventar ampulhetas e clepsidras, seguia

⁹⁵ CLASTRES, Pierre et al. Op. Cit, p.97.

⁹⁶ CLASTRES, Pierre et al. Op. Cit, p.93.

⁹⁷ Há, no Brasil, televisor em 92,0% dos lares, enquanto geladeira e rádio em 88,6% e 88,4%, respectivamente. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* - PNAD - 2005.

os movimentos dos corpos celestes, contando os dias, meses e estações do ano”⁹⁸.

A guerra ganhava asas e o homem invadia, com sua tecnologia aplicada aos aviões, foguetes, mísseis e outras máquinas voadoras, a arena do espetáculo milenar assistido por homens e mulheres.

“No fim dos anos 40 assiste-se nos Estados Unidos a um forte aumento das atividades relativas à fabricação das bombas nucleares e dos aviões encarregados de transportá-las. Assim, a aviação assumiu uma importância predominante em relação ao exército de terra e à marinha”⁹⁹.

E não apenas a guerra, mas também a imaginação humana ganhava asas: coincidência ou não é neste momento que a chamada “Era do Disco Voador”¹⁰⁰ tem início. Foi em 24 de junho de 1947 que um cidadão norte-americano, Kenneth Arnold, voando em seu pequeno monomotor, avistou o primeiro dos OVNI (ou Objeto Voador Não-Identificado). O fenômeno se transformaria numa epidemia nos anos seguintes. Em 1969, o governo norte-americano divulgou os dados de um relatório, chamado de Projeto “Blue Book” (organizado pela U.S.A.F.¹⁰¹), que investigou os acontecimentos tidos como OVNI, de 1948 a 1969. O objetivo do Projeto era o de identificar “os relatos fraudulentos e os que podiam ser atribuídos a fenômenos naturais” e, “para a pequena percentagem de casos não solucionados, os investigadores tinham duas soluções: ou admitiam que não tinham conseguido identificar o objeto ou adotavam alguma explicação remotamente plausível”¹⁰². O grupo de pesquisadores que elaborou o relatório do Projeto foi chefiado pelo Dr. Edward

⁹⁸ BERGAMINI, David. *O universo*. Tradução de José Gurjão Neto. Rio de Janeiro: José Olympo, 1969 (Coleção Biblioteca da Natureza Life), p.10.

⁹⁹ MAIOCCHI, Roberto. Op. Cit., p.40.

¹⁰⁰ É o termo utilizado no Capítulo 2 do livro: DANIELS, Pat (Editor). *O fenômeno OVNI*. 2ª ed. Tradução de Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Abril Coleções, 1997 (Coleção Mistérios do Desconhecido), p.36.

¹⁰¹ USAF, sigla para “United States Air Force”, ou Força Aérea dos Estados Unidos. “O surto repentino de visões públicas nos finais da década de 1940 forçou a Força Aérea Americana a investigar o novo fenômeno. A investigação prolongou-se por mais de 20 anos, sob vários nomes de código diferentes, incluindo Projeto Sign, Projeto Grudge e finalmente Projeto Blue Book”. BAILEY, Ron et al. *Fronteiras do desconhecido*. Lisboa: Seleções do Reader's Digest, 1983, p.310.

¹⁰² DANIELS, Pat (Editor), Op. Cit., p.87.

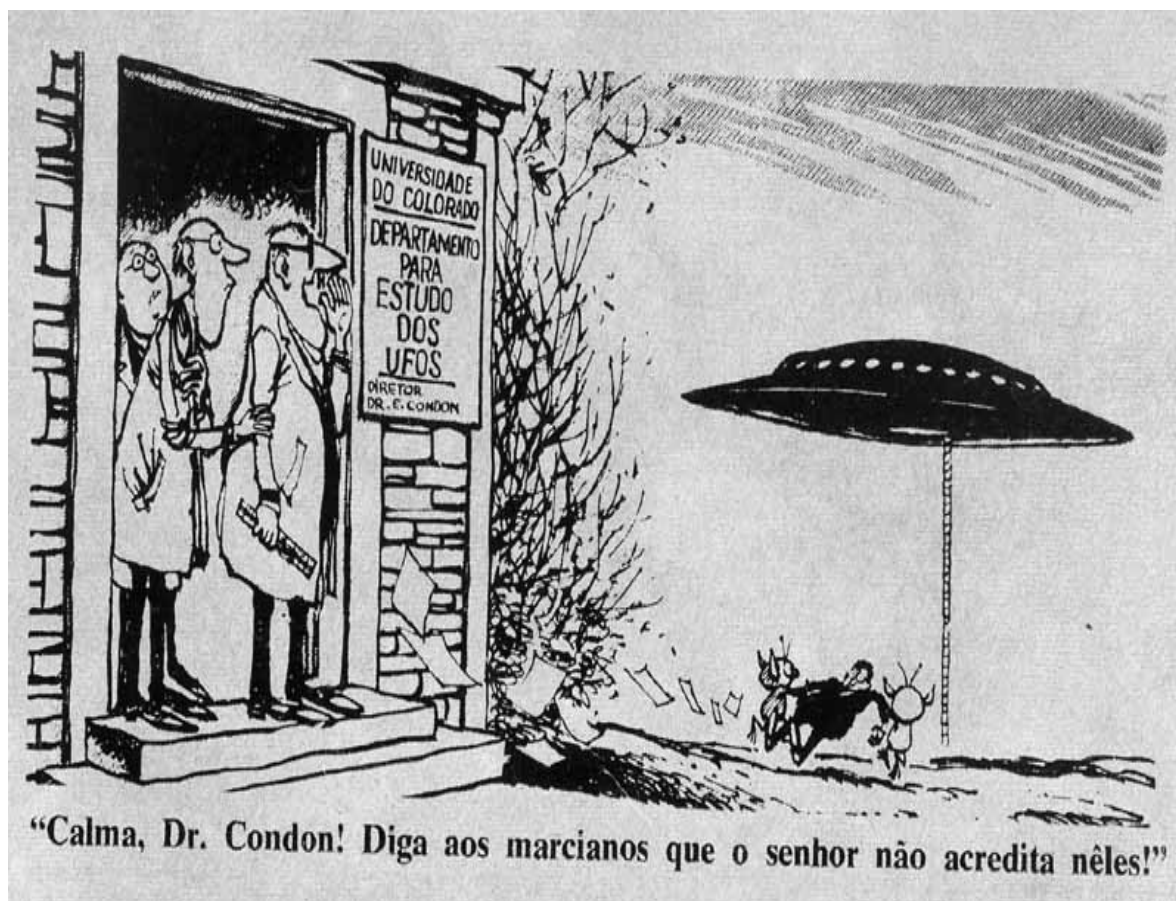
Condon, que certa feita se pronunciou sobre o “problema dos discos”. Disse ele:

“Os discos voadores e a astrologia não são as únicas pseudociências que têm entre nós um grande número de adeptos... Na minha opinião, os editores que publicam ou os professores que ensinam qualquer das pseudociências como sendo uma verdade estabelecida deveriam, uma vez considerados culpados, ser publicamente chicoteados e banidos para sempre do exercício de posterior actividade nas suas profissões” ¹⁰³.

E não é de se espantar que o relatório do Projeto tenha chegado a seguinte conclusão: “Nossa conclusão é de que nada, em todos os estudos feitos há 21 anos sobre os Objetos Aéreos Não Identificados (...), acrescenta qualquer informação de valor ao conhecimento científico” ¹⁰⁴. E não para menos, os simpatizantes dos OVNI satirizam a assertiva do Dr. Condon. Reproduzo, a seguir, uma charge que saiu na revista *Veja* e que foi publicada originalmente no *The Denver Post*, em 1967.

¹⁰³ BAILEY, Ron et al. Op. Cit., p.308.

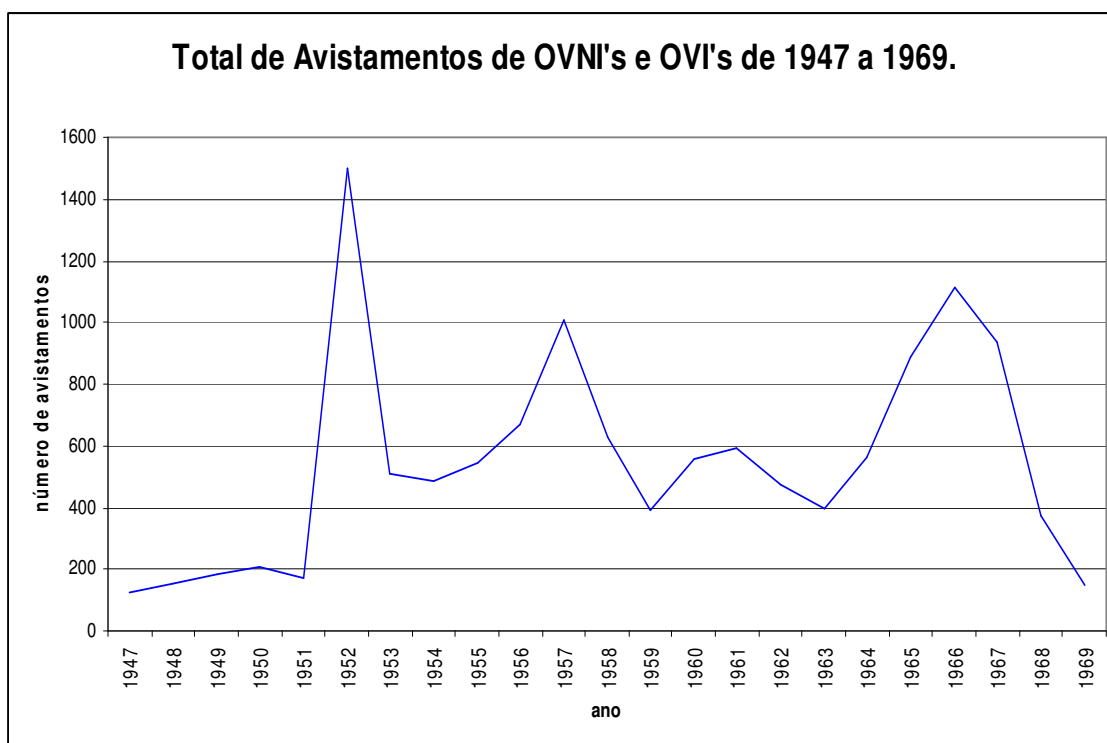
¹⁰⁴ Revista *Veja*, São Paulo, 22 de janeiro de 1969. PESQUISA, “Os discos voadores estão caindo”.



Gostaria de lembrar que, no momento, interesse-me pelos dados do relatório *per se*, e não se os testemunhos daqueles que os avistaram são verídicos ou não: eis uma tarefa que ocupa uma legião de ufólogos e apaixonados pelo assunto. Quero sim, olhar para os dados e identificar neles momentos em que as pessoas mais avistaram “coisas” no céu, fosse lá o que fossem; visitantes extragalácticos, fenômenos atmosféricos ou quimeras de suas imaginações. E que momentos foram estes em que as pessoas mais avistaram coisas nos céus? Bem, reproduzo a seguir, na forma de um gráfico, os dados ¹⁰⁵ que foram apresentados no relatório da USAF ¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Os totais de avistamentos aparecem no Projeto “Blue Book”, ano a ano, e são os seguintes: 1947 (122), 1948 (156), 1949 (186), 1950 (210), 1951 (169), 1952 (1501), 1953 (509), 1954 (487), 1955 (545), 1956 (670), 1957 (1006), 1958 (627), 1959 (390), 1960 (557), 1961 (591), 1962 (474), 1963 (399), 1964 (562), 1965 (887), 1966 (1112), 1967 (937), 1968 (375) e 1969 (146).

¹⁰⁶ Observem que no Gráfico aparecem os totais de OVNI + OVI (Objeto Voador Identificado). O relatório apresenta os valores em separado: somei-os para que possamos ter uma dimensão do quanto era avistado e em que período.



Pelo gráfico acima se percebe que há dois picos de aparições de OVNI's e OVI's na década de 1950: um no ano de 1952 (1501 casos) e outro no ano de 1957 (1006 casos). *Especificamente para o pico de 1952*, há vários registros nas revistas da época. Em matéria publicada na revista *Time*, na edição de 3 de março de 1952, é reportado que um artilheiro de cauda e o controlador de fogo de um avião B-29, da USAF, tinham avistado “um objeto em forma de disco que parecia voar em movimento rotatório” ¹⁰⁷, e que assim “Pessoas que acreditam em discos voadores se encorajaram” com esta informação vinda “de uma incrédula USAF”. A matéria chegou a apontar que a USAF, “depois de investigar milhares de relatos de discos voadores e desdenhar de todas elas, tem aparentemente decidido se tornar menos hostil em relação aos mistérios do céu” ¹⁰⁸. E qual seria o motivo da mudança de atitude? Estaria relacionado ao fato de que a intensa atividade dos militares no ar e espaço parecia deixá-los co-responsáveis pelos “mistérios do céu”? Perguntas e mais perguntas como estas parecem ficar sem respostas... E a estas perguntas, a revista

¹⁰⁷ Revista *Time*, Nova Iorque, 3 de março de 1952, SCIENCE, “More Saucers”, p.32. “a disk-shaped object that seemed to fly with a revolving motion”

¹⁰⁸ Revista *Time*, Nova Iorque, 3 de março de 1952, SCIENCE, “More Saucers”, p.32. “after investigating hundreds of flying-saucer stories and pooh-pooing them all, has apparently decided to become less hostile toward mysteries in the sky”

acrescenta uma outra: “Como pode um conspícuo objeto voador passar sobre a área metropolitana de Los Angeles (população: 4.000.000 de pessoas) e ser visto por apenas duas ou três pessoas?” ¹⁰⁹. E concluiu: “Até que tais perguntas sejam respondidas, o problema dos discos voadores continuará a fascinar psicólogos assim como físicos” ¹¹⁰.

E realmente fascinou... Não um físico, mas um astrônomo apresentou suas explicações para “Aqueles discos voadores” na edição da revista *Time* de 9 de junho de 1952. A matéria forneceu uma “Explicação de um astrônomo”, Dr. Donald H. Menzel, que logo no início diz que os discos “são tão reais quanto os arco-íris”. E ironizou: “Ninguém deveria se envergonhar em vê-los e reportá-los. Eu mesmo os vi” ¹¹¹. Mostrou, então, que os discos são o produto de vários fatores: miragens, trotes, balões, aeronaves, folhas de papel etc. O Dr. Menzel disse que acreditar que discos são naves espaciais é o mesmo que “‘explicar’ os raios chamando-os de uma arma de Zeus”, ou seja “é tomar o lugar de um mistério por outro mistério” ¹¹². E mais ainda: o Dr. Menzel apresentou uma manchete do jornal *Herald* (de Nova Iorque), de abril de 1897, em que há relatos de objetos estranhos no céu que foram avistados. Reproduzo, a seguir, a manchete.

¹⁰⁹ Revista *Time*, Nova Iorque, 3 de março de 1952, SCIENCE, “More Saucers”, p.32. “How can a conspicuous flying object pass over metropolitan Los Angeles (pop. 4.000,000) and be seen by only two or three people?” Na seção de Cartas da revista *Time*, em sua edição de 24 de março de 1952, página 4, é publicado duas cartas de pessoas que acreditam nos discos voadores. Um dos leitores, a Sra. Leona Yarbrough, da Califórnia, chega mesmo a apresentar uma resposta a pergunta acima feita pela revista: diz ela que “Um disco voador é silencioso, e vem e vai rapidamente. Quantas pessoas que você conhece observam o céu? Muitas pessoas passam dias sem mesmo dar uma olhadinha no céu. Discos voadores não atraem atenção. Sorte em olhar no momento certo é o que conta...” [A flying saucer is noiseless, and comes and goes quickly. How many people do you know who watch the sky? Most people go for days without even a slight glance up. Flying saucers do not attract attention. Luck in looking up at the right time is what counts...]

¹¹⁰ Revista *Time*, Nova Iorque, 3 de março de 1952, SCIENCE, “More Saucers”, p.32. “Until such questions are answered, the flying-saucer problem will continue to fascinate psychologists as well as physicists”

¹¹¹ Revista *Time*, Nova Iorque, 9 de junho de 1952, “THOSE FLYING SAUCERS: An Astronomer’s Explanation”, p.44-46. “They are as real as rainbows” e “No one should be ashamed of seeing them and reporting them. I have seen them myself”

¹¹² Revista *Time*, Nova Iorque, 9 de junho de 1952, “THOSE FLYING SAUCERS: An Astronomer’s Explanation”, p.44-46. “‘explaining’ lightning by calling it a weapon of Zeus” e “it merely supplants one mystery by another mystery”

THAT AIRSHIP NOW AT CHICAGO

City Excited by the Appearance of
Rapidly Moving Lights
in the Sky.

ASTRONOMERS INCREDULOUS

They Believe That the Lights Proceed
from a Star in the Constel-
lation of Orion.

IS A DIRIGIBLE BALLOON.

So Says Secretary Max Harmar, of the
Chicago Aeronautical As-
sociation.

[BY TELEGRAPH TO THE HERALD.]
CHICAGO, Ill., April 10, 1897.—For weeks des-
patches have been coming in from various
points between here and California regard-
ing an object in the sky which has attracted much attention.

New York Herald

1897 "SAUCER" REPORT
And also Ezekiel's wheels.

A matéria acima fez referência a uma “nave aérea [que] está agora em Chicago”. As “rápidas luzes móveis no céu” são, segundo os astrônomos, “procedentes de uma estrela da Constelação de Órion”. As autoridades, talvez na ânsia de acalmar a população, disseram que se tratou de um “balão dirigido”. No texto da matéria (que aparece apenas parte dela aqui), de 10 de abril de 1897, é comentado que “Por semanas despachos tem chegado [de ‘luzes móveis no céu’] de várias partes [do território americano] entre aqui [Chicago] e a Califórnia...” Vê-se, portanto, que o Dr. Menzel se municiou para

o embate: ao apresentar uma notícia de “luzes móveis no céu” em uma matéria de jornal de 50 anos antes do “início” do aparecimento de OVNI, em 1947, ele quis mostrar a recorrência do fato na imprensa, e assim encerrar a discussão sobre eles. Mas o Dr. Menzel não lograria êxito em seu intento, e por uma razão muito simples: os objetos voadores continuaram a aparecer e a serem reportados, muitas vezes de forma dramática e por muitas pessoas, em todo o mundo. Mas o Dr. Menzel tinha uma carta na manga...

Como nos lembra Catroga, a “religião foi o elemento estruturante da sociabilidade americana - quer ao nível da família, quer na formação das comunidades locais e do seu entendimento como pessoas morais” ¹¹³. Ciente (ou não) disto, o Dr. Menzel tocou neste ponto nevrálgico ao buscar antecedentes para o “problema dos discos voadores”: citou a Bíblia para indicar a recorrência dos discos. “Devem até mesmo haver alguns na Bíblia: as ‘rodas’ vistas no ar pelo Profeta Ezequiel” ¹¹⁴. Na Bíblia, em Ezequiel, aparece a seguinte descrição:

“Eu vi o seguinte: Do lado norte soprava um forte vento. Foi então que eu vi uma grande nuvem e um turbilhão de fogo. Havia claridade em torno da nuvem e, no centro, um brilho faiscante, bem no meio do fogo. Do meio da nuvem surgiu algo parecido com quatro animais (...) Cada um tinha quatro rostos e quatro asas. Suas pernas eram retas e seus cascos (...) brilhavam como bronze polido. (...) No meio dos animais havia uma coisa parecida com brasas acesas, queimando como tochas. Esse fogo se movia entre os quatro animais, era brilhante, e deles saíam relâmpagos. Os animais, no seu vaivém, pareciam coriscos”¹¹⁵

E o Dr. Menzel, no seu afã explicativo disse que “Ezequiel tivera uma ilusão de óptica” e o que vira na realidade foi “um fenômeno meteorológico complexo e raro” ¹¹⁶. Três semanas depois, na edição da revista *Time* de 30 de junho de 1952, dois leitores expressam suas opiniões, na seção de cartas, sobre a matéria do Dr. Menzel. Todas as duas cartas expressam o

¹¹³ CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: NUDOC / Museu do Ceará, 2005, p.21.

¹¹⁴ Revista *Time*, Nova Iorque, 9 de junho de 1952, “THOSE FLYING SAUCERS: An Astronomer’s Explanation”, p.44-46. “There may even be some in the Bible: the ‘wheels’ seen in the air by Prophet Ezekiel”

¹¹⁵ BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1991, p.1088.

¹¹⁶ DANIELS, Pat (Editor), Op. Cit., p. 14.

agradecimento dos leitores pela matéria ter esclarecido sobre o que realmente são os discos. O Reverendo W. R. Brandli, do Brooklyn, se exaltou: “Meus eternos agradecimentos ao Dr. Donald Menzel por ele ter me fornecido a munição necessária na minha batalha com meus crédulos amigos” ¹¹⁷. Mas as aparições continuam, como dissemos, e pareciam vir de todos os lugares. Em matéria da revista *Time*, do dia 11 de agosto de 1952, vários relatos foram listados: Indiana, Novo México, Nova Iorque, Washington, Coréia. “De todo o país, ligações telefônicas [de pessoas] assustadas, e iradas demandas por explicações ressoaram para o Pentágono” ¹¹⁸. Uma foto oficial da Guarda Costeira americana de supostos discos voadores sobre a cidade de Salem, estado de Massachusetts, é mostrada ¹¹⁹. Apesar da enxurrada de relatos, a revista não publica comentários de leitores nem matérias sobre o tema até o final do ano: observem no Gráfico que o ano de 1953 é de queda no número de avistamentos. Porém, em 1954, eles parecem retornar e se inicia neste ano a ascensão para o pico de 1957.

E foi exatamente no ano de 1954 que a revista *Time*, na edição do dia 23 de outubro, publicou uma matéria sobre aparições de “marcianos” sobre a França. Tudo parece ter sido desencadeado por uma aparição na cidade de Haute-Marne: um cidadão, M. Jean Narcy, avistou um “marciano” quando pedalava sua bicicleta a caminho do trabalho: “‘Bonjour’, disse M. Narcy”. O pequeno “marciano” (“que usava um casaco de couro, um espartilho laranja e um quepe de pelúcia” ¹²⁰) resmungou algo, pegou seu pequeno disco e desapareceu nas nuvens. Curiosamente, a matéria fez uma analogia entre as aparições na França e nos Estados Unidos: “Ao contrário dos americanos que têm visto discos voadores, os ‘avistadores’ franceses prestam pouca atenção nos veículos [espaciais]. Eles estão mais interessados nas pessoas do

¹¹⁷ Revista *Time*, Nova Iorque, 30 de junho de 1952, LETTERS, p.3-4. “My eternal thanks to Dr. Donald Menzel, for he has provided me with the needed ammunition in my battle with my gullible friends”. Ao contrário da reação favorável aos discos voadores publicada na seção de Cartas de 24 de março de 1952, a revista publica reações desfavoráveis agora. A revista, portanto, parece transitar entre os dois conjuntos de opiniões: se a matéria publicada é favorável aos discos voadores, as cartas da seção comentando esta matéria serão também favoráveis, e vice-versa.

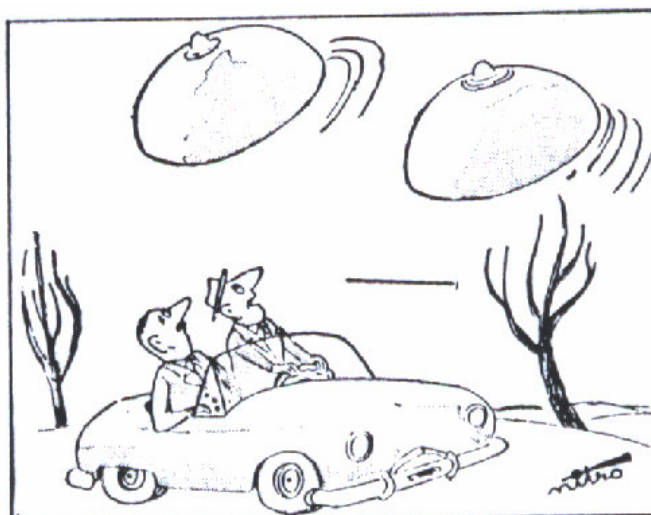
¹¹⁸ Revista *Time*, Nova Iorque, 11 de agosto de 1952, p.48. SCIENCE, “Something in the air”. “From all over the country, frightened phone calls and irate demands for information rang through the Pentagon”

¹¹⁹ Revista *Time*, Nova Iorque, 11 de agosto de 1952, p.48. SCIENCE, “Something in the air”.

¹²⁰ Revista *Time*, Nova Iorque, 25 de outubro de 1954, p.48. SCIENCE, “Martians over France”, p.40. “(...)wore a fur coat, an orange corset and a plush cap”

espaço”¹²¹: a descrição, pelo M. Narcy, dos trajes do visitante sideral, é um bom indicativo da atenção prestada a aspectos aparentemente negligenciados dos observadores americanos. E os jornais franceses (*Le Figaro*, *France Soir*, *Paris Presse*) e seus cartunistas representaram com bom humor os “marcianos” e o que eu chamaria de “o jeito francês de ver os discos”. Reproduzo a seguir um conjunto de charges que tratam o “problema dos discos” à luz dos problemas cotidianos dos franceses, seu imaginário e suas percepções.

¹²¹ Revista *Time*, Nova Iorque, 25 de outubro de 1954, p.48. *SCIENCE*, “Martians over France”, p.40. “Unlike Americans who have seen flying saucers, the French ‘sighters’ paid little attention to the vehicles. They were more interested in the people from space”



"Those must come from Venus!"

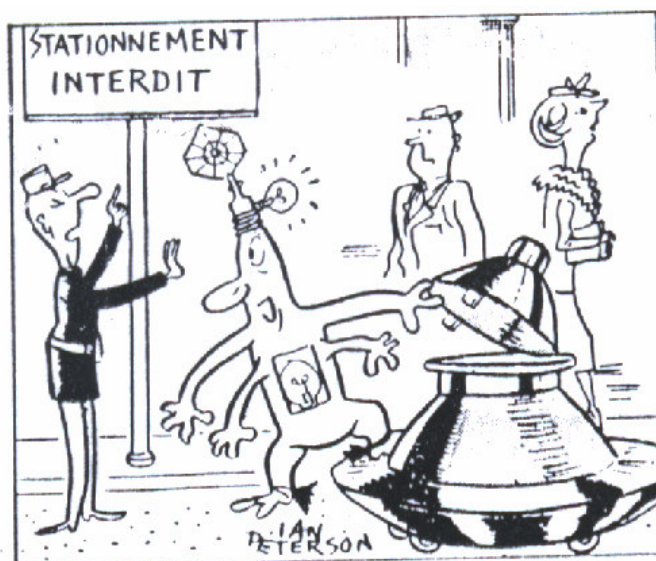


France-Dimanche

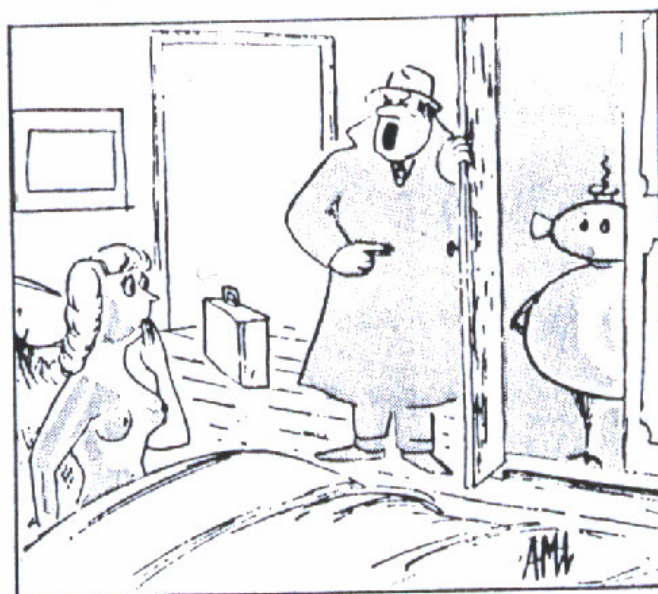
"Come on—we'll show you our moon."

Na primeira charge acima, dois cidadãos em um carro de passeio avistam o que seria um disco voador. Pelo formato peculiar deles (parecem mais dois “seios voadores”), deduzem a origem dos discos: “Aqueles devem vir de Vênus?” Na segunda charge, um selenita tenta arrastar uma terráquea para dentro de sua nave espacial (que parece, pela inscrição na fuselagem, realizar vôos regulares Lua-Terra-Lua), enquanto um outro espera tranqüilamente na

porta da nave. “Vamos - nós mostraremos a você a *nossa lua*”, promete o afoito extraterreno.



"What's the matter? Can't you read?"



"And I suppose that's a Martian?"

Na primeira charge acima, um desajeitado visitante sideral desce de seu disco voador, pousado (estacionado?) em local proibido. Ao problema cotidiano de carros estacionados em locais proibidos, se soma um outro: o dos discos voadores, que parecem não chamar a atenção das pessoas que passam tranqüilamente próximas ao ser extraterreno de quatro braços e andar esquisito. “Qual o seu problema? Não sabe ler?”, pergunta o guarda de

trânsito, preocupado com a disciplina na utilização do espaço urbano. Na segunda charge, um marido recém-chegado do trabalho flagra a sua adúltera esposa, mas não com um romântico parisiense apaixonado, e sim com um tranqüilo ser extraterreno pouco criativo que escolhe exatamente o guarda-roupa para evitar o flagrante. “E eu suponho que é um Marciano?”, esbraveja o marido traído, demonstrando familiaridade com os seres de outros planetas.

E o “problema dos discos voadores” que, como vimos, já havia fascinado um astrônomo, pareceu finalmente fascinar (não um psicólogo, mas) um psiquiatra. É nesta matéria que encontramos a primeira referência ao psiquiatra suíço Carl G. Jung. Perguntado sobre o que pensava da “epidemia de discos”, ele respondeu:

“Alguma coisa tem sido vista. O que é visto pode ser, no caso de um único observador, uma visão subjetiva (alucinação). No caso de vários ou muitos observadores, isto pode ser uma visão coletiva. Tal fenômeno sobrenatural (...) pode ser uma reação espontânea do subconsciente para a situação consciente atual: o temor de uma situação política aparentemente sem solução no mundo. Em tais momentos os olhos se voltam na direção dos céus (...) e presságios miraculosos de natureza ameaçadora ou consoladora aparecem do alto” ¹²²

Jung buscou trazer o “problema dos discos” para o plano do inteligível, porém, o faz sem recorrer a comentários desdenhosos àqueles que acreditam em tais fenômenos (ou “Os amigos do UFOs”, como chamou a revista *Veja*, de 1969, aqui citada). A matéria alertou que Jung culpou a USAF pelo modo como as pessoas e a imprensa em geral vêm tratando a “epidemia de discos”. Ele, no entanto, “Não acredita que os discos são naves espaciais” ¹²³ e sim “efeitos ou objetos físicos mal interpretados” (os outros casos seriam “alucinações”). É curioso observar como Jung relacionou o fenômeno dos discos à “situação consciente atual” de uma situação política tensa e insolúvel. Revendo, agora, as charges que trouxe no começo deste Capítulo e que mostravam o temor das

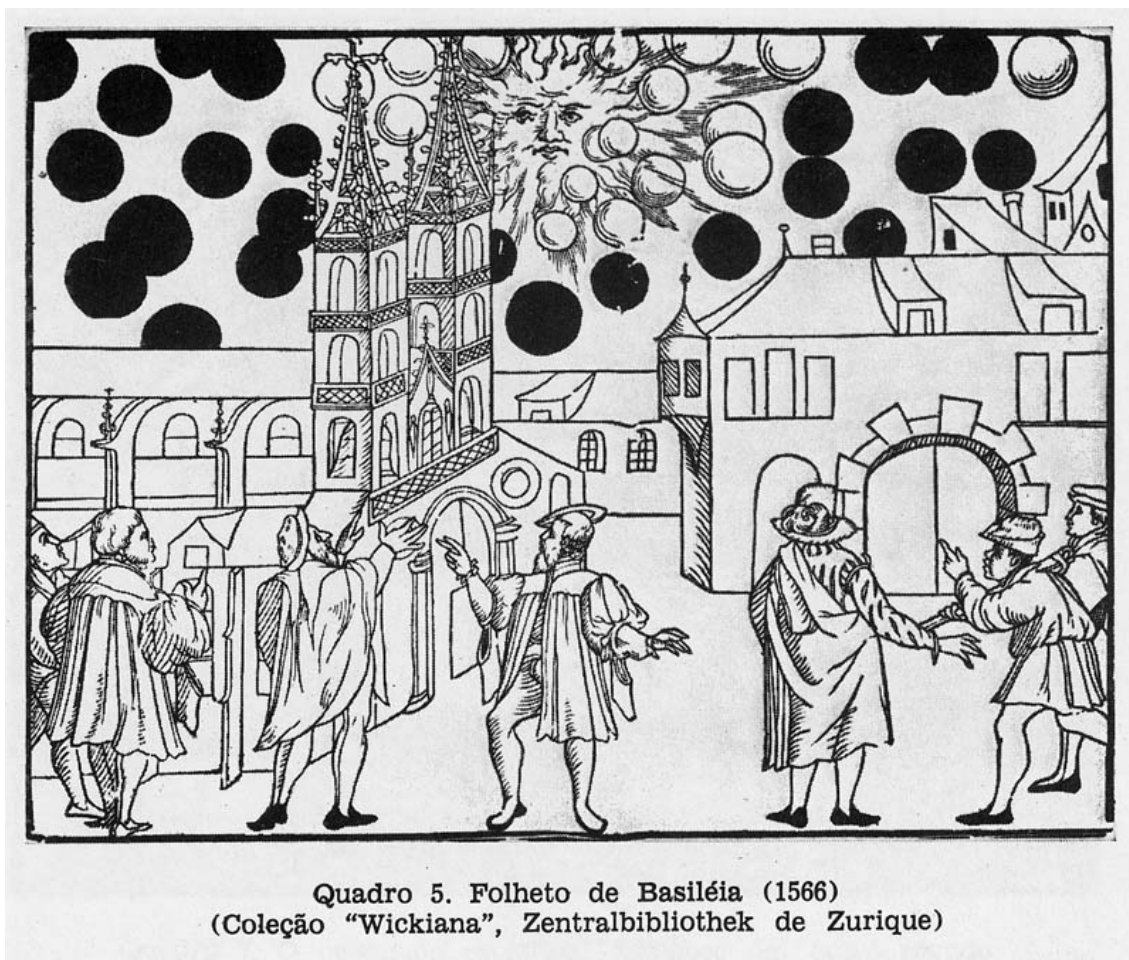
¹²² Revista *Time*, Nova Iorque, 25 de outubro de 1954, p.40. SCIENCE, “Martians over France”. “Something is being seen. (...) What is seen may be, in the case of a single observer, a subjective vision (hallucination). In the case of several or many observers, it may be a collective vision. Such a psychic phenomenon ... could be a spontaneous reaction of the subconscious to the present conscious situation: the fear of an apparently insoluble political situation in the world ... At such times eyes turn heavenwards ... and miraculous forebodings of a threatening or consoling nature appear from on high”

¹²³ Revista *Time*, Nova Iorque, 25 de outubro de 1954, p.40. SCIENCE, “Martians over France”

pessoas (e da “Humanidade”, muitas vezes assim referenciada), parece claro entender a relação que Jung estabelece entre as conturbações nos céus e as daqui da terra. Definitivamente era um momento em que se respirava uma atmosfera ácida, com o recrudescimento sem cessar das tensões em espiral ascendente.

E por ocasião do *pico de aparições de 1957*, Jung publicou o livro “Um mito moderno sobre coisas vistas no céu”, que tratou exatamente das questões por ele já levantadas quando do pico de 1952. Jung sabia o quanto arriscado seria o seu empenho no “problema dos discos voadores”: “estou ciente do risco que corro, ao empreender a tarefa de expressar minha opinião sobre certos acontecimentos contemporâneos - que julgo serem de grande importância - àqueles que tenham a paciência de me ouvir” ¹²⁴. Jung mostrou (a exemplo do Dr. Menzel com a matéria do *Herald*) que os objetos voadores são um fenômeno recorrente na História, desde muito tempo, e apresentou um Folheto da Basiléia, de 1566, para confirmar sua teoria (que reproduzo a seguir).

¹²⁴ JUNG, C. G. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. 2ª ed. Tradução de Elva Bornemann Abramowitz. Petrópolis: Vozes, 1991, p.IX.



O espetáculo mostrado no Folheto acima foi descrito da seguinte forma por Daniels: “o céu de repente ficou pontilhado por grandes esferas negras que voavam velozmente em direção ao sol ou realizavam manobras. Depois, tão depressa e misteriosamente como tinham aparecido, ficaram intensamente vermelhas e desapareceram” ¹²⁵.

Jung se dedicou, em seu livro, ao “aspecto psíquico” dos OVNIIs, e não com “a solução do problema sobre a realidade física” deles. As advertências que Jung lançou sobre os objetivos do livro se devem exatamente à preocupação de que a sua opinião não apareça “de forma deturpada”, como ocorreu em 1958, quando a “imprensa mundial” referenciou um artigo seu publicado no jornal suíço *Die Weltwoche*, em 1954, citando-o agora “como alguém que acredita em OVNIIs”. A retificação apresentada a *United Press* “ficou engavetada”. Segundo Jung:

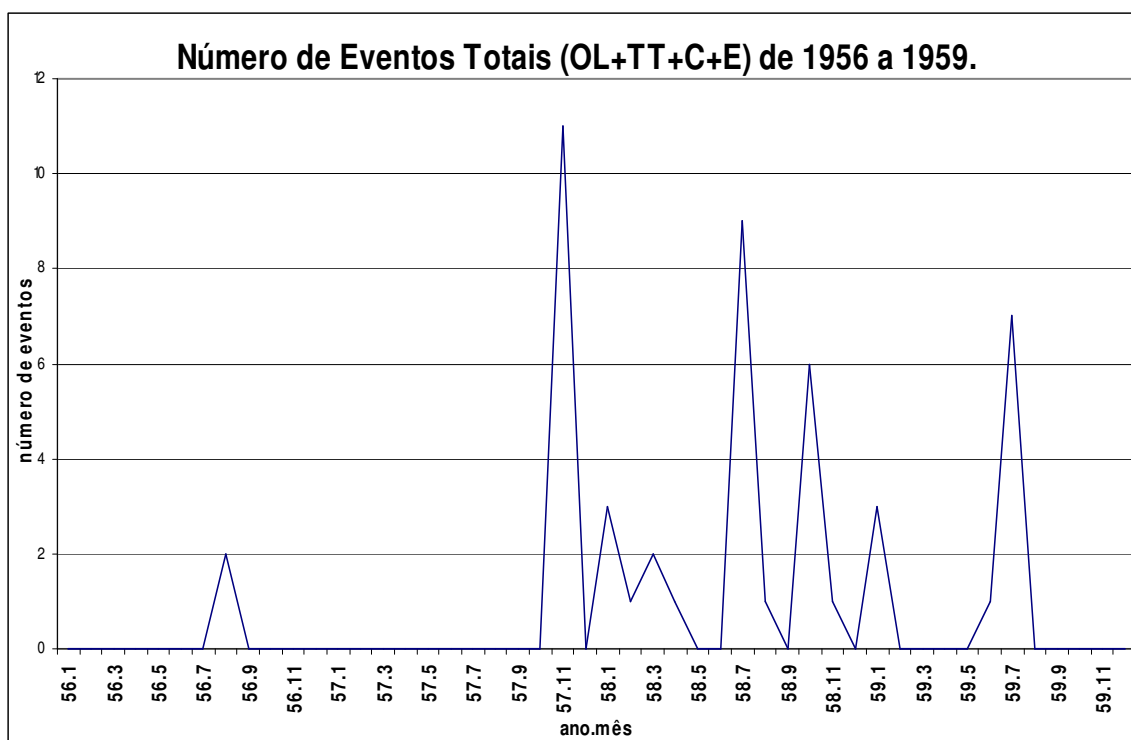
¹²⁵ DANIELS, Pat (Editor), Op. Cit., p. 15.

“em relação à opinião mundial, temos que concluir que notícias que afirmam a existência de OVNI são bem-vindas, enquanto que o ceticismo parece ser indesejado. A opinião pública concorda que se acredite que os OVNI sejam reais, enquanto a descrença deve ser desencorajada. Isto deixa a impressão de que, no mundo inteiro, há uma tendência em se acreditar nos OVNI, como também o desejo de que eles sejam reais, as duas coisas apoiadas por uma imprensa que, de resto, não demonstra nenhuma simpatia pelo fenômeno” ¹²⁶

Jung apontou, portanto, a carência de “simpatia pelo assunto” por parte da imprensa. Falta-me, aqui, elementos para perceber se esta falta de “simpatia pelo assunto” ocorrera também para o caso da imprensa no Brasil. Bem, pontualmente para o caso de nosso estado (e no fim da década de 1950), o jornal *O Povo* deu ampla cobertura ao aparecimento de “objetos luminosos” (assim como o de “clarões”, “estrondos” e “tremores de terra”) em diversos municípios espalhados pelo Ceará, de Fortaleza ao Ipu, de Sobral ao Crato. De 1956 a 1959, dezenas de matérias reportando estes fenômenos foram publicadas e, curiosamente, com uma concentração de aproximadamente 70% entre novembro de 1957 a novembro de 1958. Este dado está de acordo com o que é sugerido no gráfico “Total de Avistamentos...”, e mostra a recorrência dos “objetos luminosos” naquele momento. A seguir apresento um outro gráfico com a distribuição no tempo (ano/mês) dos eventos ¹²⁷ noticiados no jornal *O Povo*, de 1956 a 1959, no qual se constata a mesma concentração de eventos nos meses supracitados. Como veremos adiante, esta concentração será padrão para todo o Brasil.

¹²⁶ JUNG, C. G., Op. Cit., p.116-117.

¹²⁷ No título do Gráfico, o que chamo de eventos são OL = “objetos luminosos”, TT= “tremores de terra”, C = “clarões”, E = “estrondos”.



E há referência de intensa atividade neste período não somente, em Fortaleza, mas também nos Estados Unidos. A revista *Time*, em sua edição de 18 de novembro de 1957, fez menção a um “derrame de desvairados relatórios de OVNI”, de literalmente todas as regiões do território norte-americano, naquele mês. Ao comentar, ironicamente, que “As declarações [das pessoas que avistaram os objetos voadores] parecem se encaixar em um conjunto de peças de jantar celestial: os objetos pareciam com ovos, travessas para carne, pêras - e, para sobremesa, casquinhas de sorvete e charutos” ¹²⁸, a revista reforçou a tese apresentada anteriormente de que os norte-americanos se detêm mais às formas dos objetos avistados (enquanto os franceses, se detêm “às pessoas do espaço”).

Em matéria publicada no jornal *Correio do Ceará*, em sua edição de 16 de abril de 1959, afirmou-se que “Foram visto [sic] aproximadamente 149 discos voadores sobre o território brasileiro, nos meses de novembro e

¹²⁸ Revista *Time*, Nova Iorque, 18 de novembro de 1957, AMERICANA, “Dinner Time”. “(...) poured frantic reports of U.F.O.s” e “The pronouncements seemed to shape into a sort of celestial dinner pail: the objects resembled eggs, meat platters, pears - and, for dessert, ice cream cones and cigars”

dezembro de 1957 e [o] ano de 1958”¹²⁹. Os dados foram obtidos do “Boletim Informativo n. 8 da Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores”. E a Sociedade acrescentou: “Essa [ilegível] atividade neste período ocorreu não só no Brasil, mas no mundo inteiro”. Curiosamente, ao listar o número de aparições estado a estado¹³⁰, a Sociedade listou apenas um caso para o Ceará, o que está em desarmonia com a “epidemia” deles encontrada no jornal *O Povo*. Não sabemos quais foram os critérios da Sociedade para classificar um objeto como disco voador ou não, mas o interessante neste caso é que os dados fornecidos por eles apontaram para a recorrência no Ceará (no Brasil e no mundo) dos fenômenos associados a eles.

Não foi privilégio, portanto, do Hemisfério Norte, a ocorrência de fenômenos e aparições bizarras. Em matéria publicada no jornal *O Povo*, na edição de 8 de março de 1958, havia uma manchete dando conta de que um ‘DISCO VOADOR SOBREVOA ORÓS’, e lançou um ‘INTENSO FOCO DE LUZ SOBRE ENGENHEIRO E NOVE TRABALHADORES’¹³¹. E a exemplo do que ocorria em outras partes do mundo, os discos voadores não eram avistados somente por um pequeno número de pessoas em áreas remotas. Em um caso curioso, “várias pessoas viram um desses estranhos corpos (...) navegando pelos céus da orla marítima a leste da cidade [de Fortaleza]”¹³².

Outros jornais de Fortaleza, como a *Gazeta de Notícias* e *O Democrata*, fizeram referência aos fenômenos, porém não em uma escala que se compare a do jornal *O Povo*: estaria este periódico, ao associar tais fenômenos aos discos voadores, repercutindo, aqui na imprensa local, o “fenômeno OVNI”, de modo a reverberar entre seus leitores o impacto que tais notícias adquiriram em outros jornais (do Brasil e do mundo)? Estaria o jornal, portanto, buscando atrair novos leitores (mais simpáticos a causa dos discos voadores)? Uma matéria do jornal *O Democrata*, na sua edição de 7 de dezembro de 1957, fez menção ao fato de ter sido avistado nas imediações do Rio Cocó, em

¹²⁹ Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 16 de abril de 1959. “149 DISCOS VOADORES APARECERAM NO BRASIL EM POUCO MAIS DE ANO”.

¹³⁰ Segundo o jornal, foi a seguinte a distribuição por estado: “Amazonas, 2; Pará, 2; Maranhão, 3; Piauí, 2; Ceará, 1; Rio G. do Norte, 6; Paraíba, 4; Pernambuco, 10; Alagoas, 6; Sergipe, 1; Bahia, 7; Minas Gerais, 20; Espírito Santo, 6; Rio de Janeiro, 8; Distrito Federal, 9; S. Paulo, 23; Paraná, 5; Santa Catarina, 6; Rio G. do Sul, 8; Mato Grosso, 1; Goiás, 5; total 149”

¹³¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 8 de março de 1958.

¹³² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de junho de 1959. ‘DISCO VOADOR PASSOU PERTO DE UM AVIÃO NOS CÉUS DE FORTALEZA’

Fortaleza, um “estranho objeto” que “tinha forma arredondada, sem nenhuma saliência, [e que] parecia niquelado” ¹³³. No jornal *Gazeta de Notícias*, em sua edição de 28 de novembro de 1957, foi publicada uma matéria que faz referência a uma outra publicada em um “vespertino local” ¹³⁴, dando conta do aparecimento de um “objeto luminoso” nos céus das cidades de Ipu, Crateús, Ubajara e Teresina. O jornal chamou a atenção para o fato de que o “‘misterioso objeto luminoso’ está sendo visto em Fortaleza há mais de 20 dias, por grande número de pessoas, principalmente dos bairros Aldeota, Joaquim Távora e zona que compreende toda Porangabussu” ¹³⁵.

Mas não foram apenas os discos voadores que congestionaram os céus na década de 1950. As Corridas Espaciais e Armamentistas demandavam a pesquisa, o desenvolvimento e o teste de novas armas, especialmente mísseis e foguetes. As três Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) americanas se envolveram em uma disputa para desenvolver mísseis e foguetes conforme suas necessidades, e isto intensificou o que ficou conhecido como “interservice rivalry” (ou a “rivalidade entre as Forças Armadas”), significando que, no geral, o desenvolvimento dos mísseis e foguetes nos Estados Unidos andava tecnologicamente a passos lentos (quando comparado ao soviético), pois se as três Forças desenvolviam cada uma um projeto em separado, isto implicou “em três programas de mísseis que duplicavam e mesmo triplicavam os equipamentos físicos um do outro, [fazendo-os] competir por peritos científicos e [chegando mesmo] a guardar os segredos tecnológicos um do outro” ¹³⁶. Vale salientar que o problema da “rivalidade” só veio à tona devido aos constantes fracassos do programa espacial norte-americano, que fez que a União Soviética “ganhasse” a Corrida Espacial em fins da década de 1950, no momento que ficou conhecido como “missile gap” (ou “disparidade [no aperfeiçoamento] de mísseis”): a balança tendeu perigosamente a favor dos

¹³³ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 7 de dezembro de 1957, “Operários Dizem Ter Visto Um Objeto Estranho no Céu”

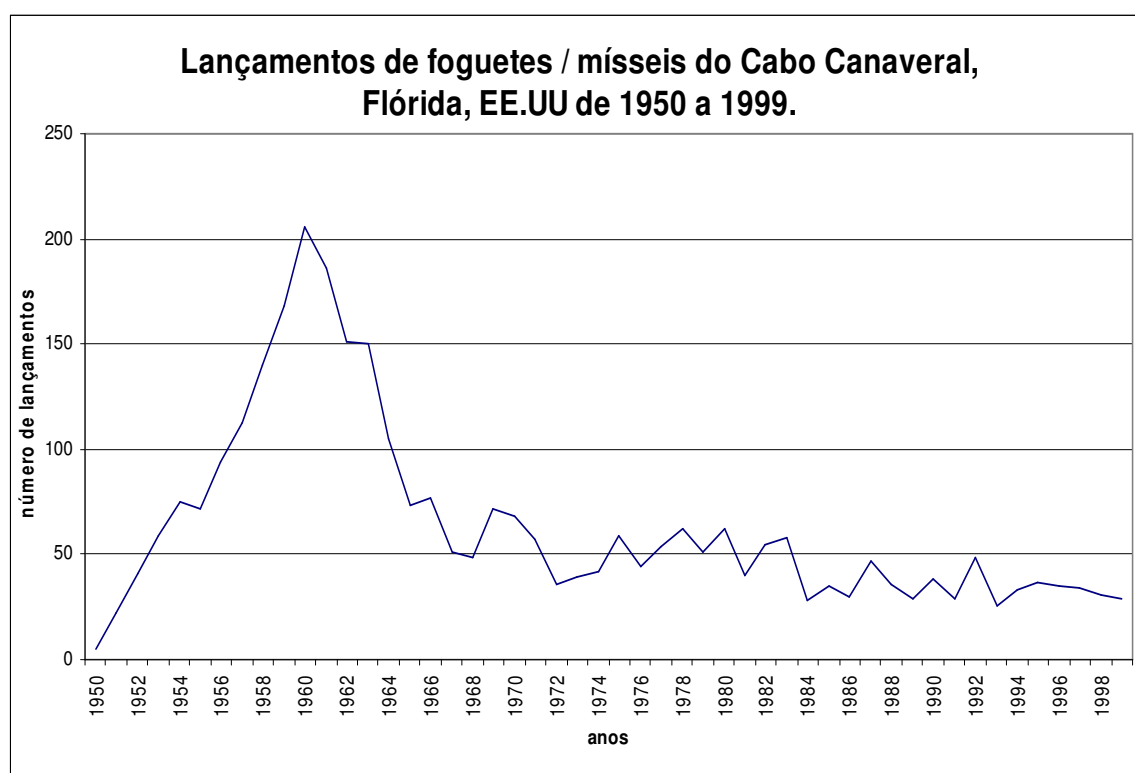
¹³⁴ Muito certamente este outro “vespertino local” é o jornal *O Povo*, que, em sua edição de 27 de novembro de 1957, publica a matéria “OBJETO LUMINOSO NOS CÉUS DO CEARÁ E PIAUÍ”

¹³⁵ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 28 de novembro de 1957, “SATÉLITE OU DISCO VOADOR?”

¹³⁶ Revista *Time*, Nova Iorque, 28 de outubro de 1957, “THE BIG MISS IN MISSILES: Interservice Rivalry Is Costly”. “(...) three missile programs that duplicate and even triplicate each other’s hardware, compete for scientific brainpower and even keep technological secrets from each other”

russos quando estes puseram em órbita, em 4 de outubro de 1957, o primeiro satélite artificial, o *Sputnik*.

Já no começo da década, em 1950, foi inaugurado o Cabo Canaveral ¹³⁷, na Flórida, que se constituía de um amplo complexo de lançamento de mísseis e foguetes, experimentais e/ou operacionais, e seria de onde partiria boa parte de tudo que estava sendo testado de uso militar e científico, nos Estados Unidos. Pelos dados ¹³⁸ referentes aos lançamentos de testes realizados no Cabo, de 1950 a 1999, podemos identificar momentos de pico na atividade da base de lançamentos. O Gráfico a seguir mostra estes dados.



Vale notar que foi no final da década de 1950 que a atividade no Cabo atingiu seu pico. O intervalo entre 1956 e 1959 respondeu por 65,3% de toda a

¹³⁷ Após o assassinato do presidente Kennedy, é mudada a denominação do Cabo Canaveral para Cabo Kennedy.

¹³⁸ Os totais de lançamentos que aparecem no Gráfico, ano a ano, são os seguintes: 1950 (5), 1951 (22), 1952 (41), 1953 (59), 1954 (75), 1955 (72), 1956 (94), 1957 (113), 1958 (140), 1959 (168), 1960 (206), 1961 (186), 1962 (151), 1963 (150), 1964 (105), 1965 (73), 1966 (77), 1967 (51), 1968 (49), 1969 (72), 1970 (68), 1971 (57), 1972 (36), 1973 (39), 1974 (42), 1975 (59), 1976 (44), 1977 (54), 1978 (62), 1979 (51), 1980 (62), 1981 (40), 1982 (55), 1983 (58), 1984 (28), 1985 (35), 1986 (30), 1987 (47), 1988 (36), 1989 (29), 1990 (38), 1991 (29), 1992 (49), 1993 (26), 1994 (33), 1995 (37), 1996 (35), 1997 (34), 1998 (31), 1999 (29). Os dados encontram-se disponíveis no seguinte *site*: <http://www.spaceline.org/statistics/50-years.html>

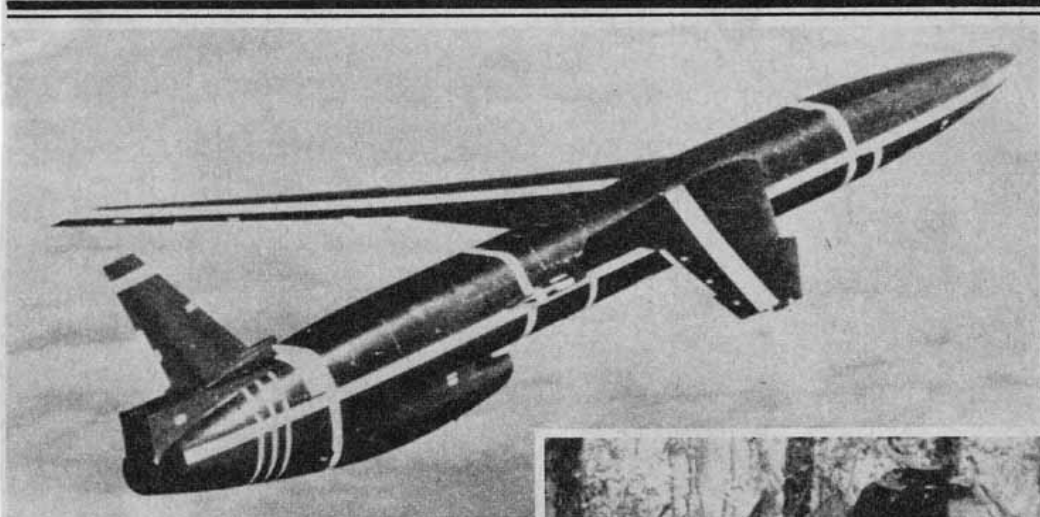
atividade da década, sendo, portanto, um período *atípico* do programa espacial, que destoa do resto do gráfico que mantém boa parte dos números de lançamentos/ano até 1999 em uma média de 50 lançamentos/ano (observem o gráfico a partir de 1968). E é neste momento atípico (em janeiro de 1957) que os norte-americanos assinam o acordo para a instalação, na ilha de Fernando de Noronha, de uma base de rastreamento de mísseis teleguiados (conforme mostrei no início deste *Capítulo*). E, geograficamente, o Nordeste brasileiro se projeta para o Atlântico, como pode ser visto no Mapa que reproduzo a seguir ¹³⁹.



Fernando de Noronha aparece no Mapa já como uma das estações de rastreamento de mísseis teleguiados. Bem, nada mais comum ao que está sendo testado a ocorrência de problemas: e parece que o Nordeste brasileiro estaria

¹³⁹ SHELTON, William Roy. *Largada para o infinito: história do Cabo Canaveral*. São Paulo: Fundo de Cultura S.A., 1963. A definição da imagem reproduzida do Mapa não nos permite visualizar o nome das estações, por este motivo listo os seus nomes na ordem que aparecem no Mapa (de noroeste a sudeste): Cabo Canaveral, Júpiter, Grande Bahama, Eleutera, São Salvador, Mayaguez, Grande Turco, República Dominicana, Mayaguez, Antigua, Santa Lúcia, Fern. Noronha e Assunção.

bem no caminho de um foguete ou míssil desgovernado que fosse lançado do Cabo. Um deles caiu na região Norte do Brasil em 1956, e seria encontrado apenas 25 anos depois, como podemos ver nesta matéria da revista *Veja*, de 19 de janeiro de 1983.



FOTOS O GLOBO

Míssil aparece 25 anos depois

Há quinze dias, um grupo de caçadores descobriu alguns destroços na Serra do Mutum, no Maranhão, identificados inicialmente como restos de um avião ou de um foguete americano. “A Força Aérea dos Estados Unidos tem bastante controle sobre seus mísseis e aviões para saber onde caem”, reagiu o embaixador Anthony Motley, que serviu nessa arma de 1960 a 1970. Só na sexta-feira passada Motley foi informado pela Força Aérea americana de que os destroços pertenciam a um dos primeiros mísseis intercontinentais dos EUA, desviado, por um defeito, de sua rota entre o Cabo Canaveral e a Ilha de Ascensão — iniciada a 5 de dezembro de 1956.



VEJA, 19 JANEIRO DE 1983

27

Segundo a revista *Time*, este incidente veio complicar as já difíceis negociações (já dificultadas, segundo a revista, pelos “ultranacionalistas e comunistas”) para a construção de mais seis estações de rastreio de mísseis ao longo da nossa costa:

“Por meses negociadores do [Departamento de] Estado [norte-americano] tem tentado conseguir permissão para a construção de seis estações de rastreio ao longo da costa brasileira. (...) [Mas segundo] Disse amargamente um oficial do Departamento: ‘Aquele *Snark* dever ter também aterrado as nossas negociações’”.¹⁴⁰

Não seriam os discos voadores (que tanto povoaram os céus e a imaginação das pessoas) produtos do programa espacial norte-americano que recrudescer drasticamente seus lançamentos do Cabo exatamente no pico de aparições de “objetos luminosos” e clarões”, por exemplo, aqui no estado do Ceará? Vale lembrar que este pico de aparições de 1957, mais precisamente em novembro de 1957, ocorre aqui no estado do Ceará (assim como nos Estados Unidos, e em outros estados brasileiros) logo após o lançamento do *Sputnik*: como dissemos, há uma concentração de relatos de “objetos luminosos”, “clarões” etc exatamente entre novembro de 1957 e novembro de 1958. E a intensificação de lançamentos do Cabo ocorreu exatamente devido ao lançamento do *Sputnik*, pois os norte-americanos, cobrados por uma opinião pública irada, queriam alcançar os russos na Corrida Espacial (e para isto aumentaram os testes de foguetes e mísseis). E quanto aos vários relatos que aparecem na imprensa de Fortaleza, é feita menção ao satélite russo. O jornal *O Povo*, em sua edição de 27 de novembro de 1957 (quase dois meses após o lançamento do *Sputnik*), referiu-se ao aparecimento de um “objeto luminoso” na cidade de Ubajara: ao buscar explicações para o que acabavam de testemunhar, as pessoas se apoiavam naquelas que estavam em curso: ou “se tratava de um disco-voador ou do *Sputnik*”¹⁴¹. Já em outra matéria, no dia 29 de novembro de 1957, a testemunha (que não quis se identificar) afirma ter avistado em Caucaia um “objeto luminoso” que de início pensou “tratar-se de um dos famosos *Sputniks*”, mas “depois conclui ser um dos misteriosos discos-voadores”¹⁴². As “explicações” oscilavam, assim, entre os “famosos *Sputniks*”

¹⁴⁰ Revista *Time*, Nova Iorque, 17 de dezembro de 1956, p.19. “For months State’s negotiators have been seeking permission for construction of six missile-tracking stations along the Brazilian coast. (...) Said a department officer bitterly: ‘That Snark might just as well have landed on our negotiators’”.

¹⁴¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 27 de novembro de 1957, “OBJETO LUMINOSO NOS CÉUS DO CEARÁ E PIAUÍ”

¹⁴² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1957, “VIU OBJETO VOADOR MAS NÃO QUER IDENTIFICAR-SE”

e os “misteriosos discos-voadores”, fazendo a população entoar a repercussão dada pela imprensa a um e outro acontecimento (aos satélites ou aos discos). Se por um lado a associação dos discos ao *Sputnik* era admitida (e para alguns jornais até mesmo lembrada e ressaltada, como é o caso de *O Democrata*), a revista *Time* mostrou que para o pico de aparições de novembro de 1957, nos Estados Unidos, a associação com os *Sputniks* era “tendência de algumas pessoas imaginativas que superestimam os russos” ¹⁴³ (leia-se, “comunistas”). Chegaram relatos de “bola de fogo” e OVNI de outros países também, como Cuba, França e Holanda, e *O Democrata* sugeriu que a coincidência nas datas dos relatos (novembro de 1957) com a data do lançamento do satélite artificial (outubro de 1957) podem indicar que era tudo uma coisa só: “Giram os Sputniks nas Alturas, Ferve a Imaginação nas Planuras” ¹⁴⁴, estampou o jornal em sua edição de 13 de novembro de 1957. E em um relato de uma “grande explosão” em Quixadá, o jornal *O Povo* perguntou se não seria a explosão de um foguete teleguiado ¹⁴⁵. E assim procede, pois teleguiados estavam na “moda” depois da liberação da ilha de Fernando de Noronha para a instalação de uma Base de Rastreamento de Mísseis Teleguiados, em janeiro de 1957. E mais: imaginam-se satélites artificiais tranquilamente orbitando “nas alturas”, e não explodindo no solo. É interessante notar, portanto, que é sempre no universo de “explicações” disponíveis que os sujeitos históricos vão procurar aquela que mais se encaixa à realidade do momento: uma explosão de grande porte, hoje, mesmo que em uma pequena cidade do interior, poderia ser atribuída, inadvertidamente, a um ataque terrorista!

E os mais diversos usos eram feitos da façanha russa de por em órbita o primeiro satélite artificial. O jornal *O Povo*, de 7 de novembro de 1957, noticiou a passagem em Fortaleza de uma esquadrilha de jatos de demonstração aérea da USAF (os *Thunderbirds*). Eles fizeram uma parada na Base Aérea de Fortaleza em seu caminho para o Rio de Janeiro (assim como no caminho de volta para as suas Bases nos Estados Unidos). A população notava a presença dos aparelhos que “Produziam imenso barulho e voavam a uma velocidade

¹⁴³ Revista *Time*, Nova Iorque, 18 de novembro de 1957, p.22, AMERICANA, “Dinner Time”

¹⁴⁴ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 13 de novembro de 1957.

¹⁴⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 27 de julho de 1958, “NADA SE SABE EM FORTALEZA SOBRE A EXPLOÇÃO DE TELEGUIADO EM QUIXADÁ”. Esta matéria será comentada mais detidamente no *Segundo e Terceiro Capítulos*.

espantosa” ¹⁴⁶. Parecia, portanto, bastante divertido assistir as acrobacias dos aviões. Porém, o jornal comunista *O Democrata*, de 21 de novembro de 1957 (agora, portanto, na volta do Rio de Janeiro), disse que “SHOW de Jatos Americanos [é] Para Esquecer o ‘Sputnik’...” E complementou: “os sorridentes pilotos (...) tudo farão para apagar ao máximo da memória dos fortalezenses a lembrança dos ‘Sputniks’ soviéticos” ¹⁴⁷. Reproduzo a seguir a foto ¹⁴⁸ dos não tão “sorridentes pilotos”, tirada novembro de 1957, na Base Aérea de Fortaleza.



Todos os pilotos acima, segundo o jornal *O Povo*, de 22 de novembro de 1957, eram veteranos da Segunda Guerra e da Coréia. E utilizavam os moderníssimos F-100 Super Sabre em suas apresentações [como o que aparece aí na foto]. E um fato curioso, e talvez nunca antes revelado, é que dentre todos estes aviões que estiveram em Fortaleza, somente um deles era de dois lugares (o que tem o número FW-765 pintado na fuselagem, mas cuja foto não foi reproduzida aqui). Ele seria utilizado para os vôos supersônicos

¹⁴⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 7 de novembro de 1957, “ESQUADRILHA AÉREA DE PASSAGEM POR FORTALEZA”

¹⁴⁷ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 21 de novembro de 1957.

¹⁴⁸ No total são oito fotos oficiais da Base Aérea de Fortaleza retratando a visita dos pilotos americanos da esquadilha aérea *Thunderbirds*.

dos presidentes Juscelino Kubitschek e Aramburu, da Argentina. E os *Thunderbirds* faziam visitas de demonstração aérea em várias partes do mundo (observem na foto acima as bandeiras de vários países pintadas na fuselagem). Em uma matéria publicada na revista *Time*, de 8 de fevereiro de 1954, foi feita referência a visita a Nicarágua, México, Panamá, Peru, Argentina; e anunciava as próximas paradas da esquadrilha: Uruguai, Brasil, Venezuela, República Dominicana e Cuba. Obviamente havia uma utilização política da visita, à medida que chefes de Estado, ministros e outras autoridades políticas voavam nas aeronaves (como foi o caso de J.K., como disse). Foi o caso do ministro das Comunicações do México que voou juntamente com o (então) Major Chuck E. Yeager (o primeiro homem a romper a barreira do som e já referenciado aqui neste *Capítulo*). Multidões se reuniam para assistir aos shows aéreos (a revista fala em 1.000.000 de pessoas na Cidade do México) e tudo me leva a crer que o mesmo ocorria aqui em Fortaleza e no Rio de Janeiro quando lá estiveram.

E um mês antes da chegada do *Thunderbirds* em Fortaleza, o jornal *O Democrata* fez uma interessante apropriação da “epidemia de discos”, continuamente citada neste *Capítulo*. Com o intuito de ressaltar os dotes tecnológicos da União Soviética, logo após o lançamento do *Sputnik*, o jornal “pega carona” nos discos voadores e anuncia que está “Em Construção na URSS um ‘Disco Voador’ ¹⁴⁹: quem duvidaria disto, ali, no calor do momento do lançamento do *Sputnik*? E outras associações menos políticas eram feitas, pela imprensa de Fortaleza e as pessoas em geral, do espetáculo associado à existência de um satélite artificial orbitando velozmente no espaço sideral. O satélite artificial era sinônimo de algo fantástico, incrível, grandioso. Falava-se de uma nova era: “Antes e Depois do Satélite” ¹⁵⁰. Quando ao jornalista faltou a palavra para definir o quanto bela estava a iluminação da cidade de Fortaleza para o Carnaval de 1958, este disparou: “FORTALEZA TERÁ UM ‘SPUTINIK’” ¹⁵¹. As lojas de eletrodomésticos da capital também se apropriaram da imagem do satélite em seus reclames na imprensa. A “Casa das Máquinas”, em sua campanha para o Dia das Mães, lançou “o sensacional PLANO SATÉLITE”,

¹⁴⁹ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 11 de outubro de 1957.

¹⁵⁰ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 12 de outubro de 1957.

¹⁵¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de fevereiro de 1958.

que se resumia no seguinte: “Compre, até o dia 9 de maio, um Refrigerador, uma Radiola, um Piano, um Acordeon ou uma Máquina de Costura, e receba grátis, a sua escolha, um valioso presente para o ‘Dia das Mães’” ¹⁵². Um satélite artificial aparece no canto superior direito do anúncio e logo abaixo há um “Refrigerador” aparentemente circundado pelos “valioso[s] presente[s]” que orbitam ao seu redor. Reproduzo o reclame a seguir.

Este é o sensacional
Piano SATELITE

da sua
CASA das MÁQUINAS
 para o
Dia das Mães

Compre, até o dia 9 de maio, um Refrigerador, uma Radiola, um Piano, um Acordeon ou uma Máquina de Costura, e receba, grátis, à sua escolha, um valioso presente para o "Dia das Mães".

...o presente de "Mamãe"...
GRATIS

CASA das MÁQUINAS
 MAIS UMA INICIATIVA SIMPÁTICA do MAIOR CREDIÁRIO do CEARÁ

E os reclames nos jornais da época buscavam, assim, se apropriar do que estava em evidência no momento para tirar proveito do impacto causado, por um ou outro acontecimento mais marcante, objetivando dar máxima

¹⁵² Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 25 de abril de 1959.

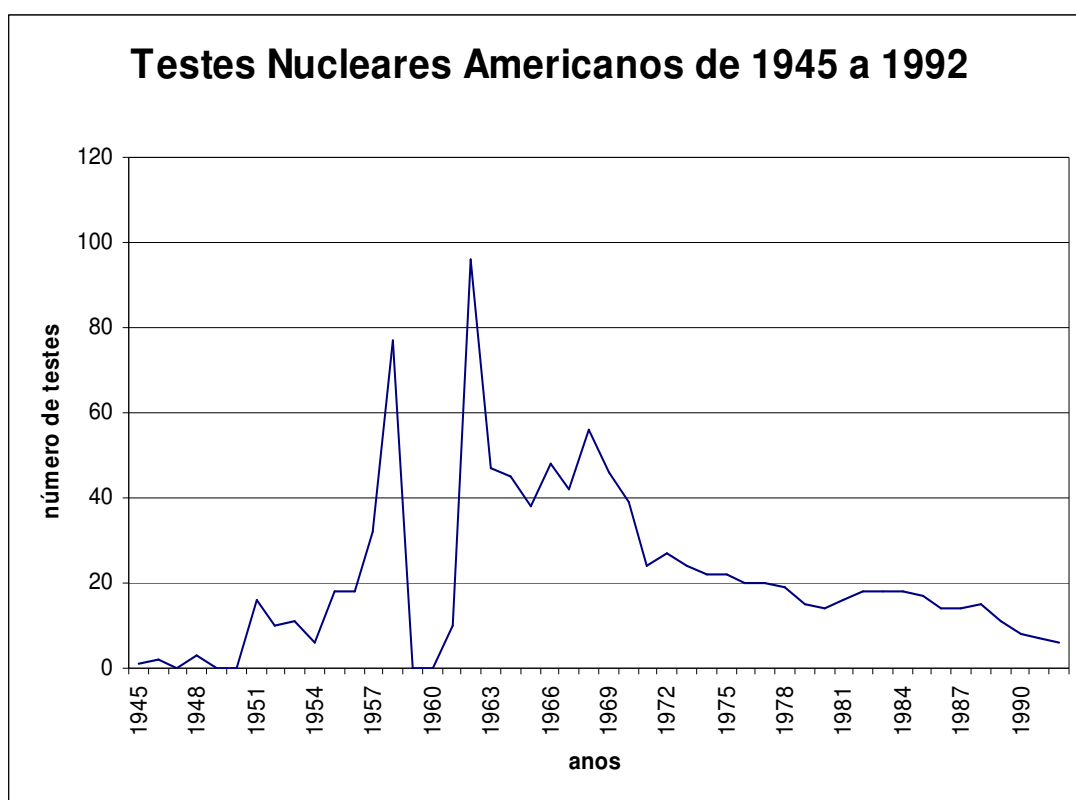
visibilidade aos produtos por eles anunciados. Um outro exemplo: quem não interromperia sua leitura do jornal se se deparasse com o anúncio abaixo, que apareceu nas edições dos dias 14, 16, 17, 18, 21 e 23 de abril de 1957 do jornal *Gazeta de Notícias*?



O anúncio bombástico, que “revolucionará toda a população com sua utilidade e eficiência”, é da Comissária Viana & Filho Ltda. Mas como uma “Bomba Atômica” resolverá “definitivamente o problema d’água em todos os lares do Nordeste”. O suspense em torno da “Bomba Atômica” só seria revelado na edição do dia 12 de maio do jornal. Na realidade, tratava-se de uma bomba d’água elétrica flutuante (da marca “Joter”), cujo anúncio prometia “ÀGUA À VONTADE!”, “Sem despesa de instalação”, “Sem trabalho” e “Sem preocupações” ¹⁵³. Reclames desta natureza foram possíveis uma vez que não somente mísseis e foguetes (além dos afamados satélites artificiais) estavam sendo disparados e testados intensamente em fins da década de 1950. Armas nucleares, mais e mais potentes e “seguras”, estavam no rol daquilo que “A

¹⁵³ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 12 de maio de 1957.

Marcha da Ciência” investia seus inumeráveis capitais. A seguir apresento um gráfico com o número de testes nucleares norte-americanos de 1945 a 1992¹⁵⁴. Vale observar que os testes com estas armas (bombas atômicas ou de hidrogênio) apresentam um nítido “pico” em 1958, que vem crescendo desde 1956. Logo em seguida, nos anos de 1959 e 1960, eles caem a zero, em virtude da assinatura de uma moratória bilateral de testes nucleares entre Estados Unidos e União Soviética.



E especificamente para o período pesquisado nos jornais, encontrei várias referências aos testes nucleares realizados por norte-americanos, ingleses e russos. As matérias destacavam o poderio das armas, sua tecnologia e inovação. Uma matéria do jornal *O Povo* destacou a “BOMBA

¹⁵⁴ Os dados foram extraídos de um relatório oficial do Departamento de Energia (disponível na *home page* do Departamento) americano com supostamente todos os testes nucleares de 1945 a 1992. Os dados, ano a ano, são os seguintes: 1945 (1), 1946 (2), 1947 (0), 1948 (3), 1949 (0), 1950 (0), 1951 (16), 1952 (10), 1953 (11), 1954 (6), 1955 (18), 1956 (18), 1957 (32), 1958 (77), 1959 (0), 1960 (0), 1961 (10), 1962 (96), 1963 (47), 1964 (45), 1965 (38), 1966 (48), 1967 (42), 1968 (56), 1969 (46), 1970 (39), 1971 (24), 1972 (27), 1973 (24), 1974 (22), 1975 (22), 1976 (20), 1977 (20), 1978 (19), 1979 (15), 1980 (14), 1981 (16), 1982 (18), 1983 (18), 1984 (18), 1985 (17), 1986 (14), 1987 (14), 1988 (15), 1989 (11), 1990 (8), 1991 (7), 1992 (6).

ATÔMICA BRITÂNICA COM NOVA TÉCNICA SECRETA”¹⁵⁵ ou a “NOVA EXPERIÊNCIA ATÔMICA NA RÚSSIA”¹⁵⁶. Eram comuns fotos de testes nucleares nas primeiras páginas dos jornais, muitas vezes apenas com um pequeno texto para descrever o tipo de bomba, o local da explosão e a data. E os jornais também alertavam quanto ao perigo associado à explosão das armas nucleares na atmosfera: “MILHÕES DE TONELADAS DE RESÍDUOS RADIOATIVOS NA SUPERFÍCIE DA TERRA”¹⁵⁷, apontava o jornal *O Povo*, ao passo que *O Democrata* dizia que “A Terra, o Ar e as Águas Estão Sendo Envenenados”¹⁵⁸. E no mundo inteiro via-se radioatividade em tudo. De Madrid vinha a notícia de que o “FUMO CONTÉM RADIOATIVIDADE”¹⁵⁹ ou “MIL VEZES MAIS RADIOATIVA DO QUE O ‘ESTRÔNCIO NOVENTA’ É A GOSTOSA CASTANHA DO PARÁ”¹⁶⁰ afirmou um cientista inglês em um Congresso de Radiação nos Estados Unidos. Tudo isto fazia com que se aumentasse o temor por este inimigo invisível: a radiação nuclear. Notícias de que “BOMBAS NUCLEARES PODEM GERAR MONSTROS”¹⁶¹ apareciam meses depois de outras que anunciavam “CRIANÇA COM UM SÓ OLHO E SEM NARIZ”¹⁶², em Jaguaribe, ou “SUÍNO COM CABEÇA DE GENTE EM UBAJARA”¹⁶³ (detalharei, no *Segundo Capítulo*, estas notícias).

E os céus, a arena privilegiada das divagações humanas, traziam agora não apenas chuva, granizo¹⁶⁴ ou um sol escaldante, mas também muitas surpresas para todos: quando algo era encontrado vindo do céu, a experiência das pessoas levava-os, como seria de esperar, a buscar explicações dentro do universo de possibilidades disponíveis para aquele momento.

“ENCONTRADO EM SÃO PAULO UM OBJETO ESTRANHO” “São Paulo (7) Telepress – Estranho objeto, apresentando partes elétricas carbonizadas, foi encontrado num sítio próximo a cidade paulista de Leme, tendo sido enviada para esta capital para exame pelo Instituto

¹⁵⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 3 de julho de 1956.

¹⁵⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de novembro de 1956.

¹⁵⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 28 de agosto de 1957.

¹⁵⁸ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 4 de junho de 1957.

¹⁵⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 18 de janeiro de 1958.

¹⁶⁰ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 27 de setembro de 1958.

¹⁶¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 8 de agosto de 1959.

¹⁶² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de junho de 1959.

¹⁶³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de janeiro de 1958.

¹⁶⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de setembro de 1956. “Chuva de granizo no território do Rio Branco”

Tecnológico. Acredita-se tratar-se de restos de um satélite ou de uma bomba atômica, pois o metal apresenta restos de radioatividade.”¹⁶⁵

Ao “objeto estranho” encontrado, mesmo sem ser possível definir a sua natureza, é imediatamente feita a associação a um satélite ou a uma bomba atômica, objetos comuns nos jornais de uma época em que se divagava sobre engenhos orbitando nos céus e bombas nucleares explodindo na atmosfera.

~~0~~

Espero ter conseguido, aqui, envolver o leitor na percepção de que a década de 1950 foi um momento promissor para as divagações no universo do fantástico, do impensável e do bizarro. Parece-me que um acontecimento retroagia com os demais, em uma espiral ascendente de “explicações” que muitas vezes serviam apenas para aumentar mais ainda a dúvida sobre o que “realmente acontecia”. Discos voadores, fenômenos climáticos, radioatividade, problemas políticos e acontecimentos corriqueiros eram todos inter-relacionados e refletiram a atmosfera de constantes modificações tecnológicas e científicas. Se o bizarro não pôde ser satisfatoriamente “explicado”, apelava-se para um outro bizarro qualquer, caindo em um movimento circular de “explicações”. No entanto, o que não pode ser “explicado”, no calor do momento, não significa que não poderá um dia ser entendido na frieza da análise histórica, propiciado pelo o que Hobsbawm chamou de a “arma final do historiador: a retrovisão”. Espero que tenham conseguido compreender e “aprender um pouquinho” do que foram aqueles anos, em nosso “revisitar” daquele período que foi muito apropriadamente denominado de “A Era Atômica” e “A Era de Ouro”. A aparente contradição na denominação das “Éras” deve-se à constatação de que o brilho do “ouro” que reluzia era decorrente, literalmente de uma explosão atômica, pois muito do sucesso econômico daqueles anos advinham de gastos militares avultosos (e incluem-se aí despesas com bombas atômicas). A única maneira que os dirigentes políticos e militares de ambas as superpotências encontraram para se sentissem seguros era se armando mais, o que aproximava a possibilidade de tudo se acabar em 15 minutos (tempo que os mísseis intercontinentais levariam

¹⁶⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 7 de dezembro de 1957.

para atravessar meio-mundo e pulverizar cidades americanas e soviéticas). E isso gerava medo: “um perigoso estado de equilíbrio entre o terror mútuo e o medo mútuo”, como diria C. Wright Mills, e que abalou “os nervos de várias gerações”, como bem lembrou Hobsbawm. E mais: um medo real, concreto, factível. Por conta do medo e das concepções apriorísticas da consecução da hecatombe nuclear, o bizarro e o fantástico prosperavam como cogumelos na madeira úmida, pois “O imaginário social elaborado e consolidado por uma colectividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais” ¹⁶⁶.

¹⁶⁶ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.309.

SEGUNDO CAPÍTULO

“Foguetes... discos... satélites... luas... isto está mais parecendo uma brincadeira”

No *Primeiro Capítulo* tratei dos mais diversos episódios que ocorreram no Ceará, no Brasil e em várias partes do mundo. Percebi, neles, “fios” que os uniam e que imprimiam certa relação e “identidade” entre eles. Quem poderia imaginar que “discos voadores” e bombas atômicas (e de hidrogênio) foram objetos fortemente explorados pela imprensa cearense no fim da década de 1950? Quem imaginaria que se falou (quase que semanalmente) sobre “discos voadores” por aproximadamente um ano em Fortaleza? Como imaginar que se aventou a possibilidade de que o “teatro de operações” da Terceira Guerra Mundial seria o Nordeste brasileiro? Bem, tudo talvez muito difícil de se imaginar, mas é certo que isto esteve um dia muito perto de nós, pelo menos na ótica de muitos militares, militantes comunistas e “nacionalistas”, cuja voz a imprensa repercutia.

E não foi fácil encontrar os “fios”, porquanto não basta apenas ter o material em mão: é preciso “conhecê-lo” e desenvolver a capacidade de perceber que algo que foi lido agora (uma matéria jornalística, por exemplo) está relacionado a um trecho de um texto que foi visto em um outro lugar (num livro, por exemplo). Desenvolvi uma técnica de arquivo das fontes que certamente me possibilitou transitar com muito mais facilidade por elas. Diria que arquivos organizados são fundamentais àqueles que realizam pesquisa em História (ou em qualquer outra área).

Buscarei neste e no próximo *Capítulo* afunilar minhas escolhas, até chegar a um caso específico de uma pequena cidade no Sertão Central cearense. Distanciei-me (temporal e espacialmente) o quanto pude do final dos anos 50 e da comunidade local, a fim de obter uma ampla visão do que foram aqueles anos, valendo-me de um universo bem abrangente de matérias de jornais, revistas etc. O que intento fazer neste *Capítulo* é voltar à década de 1950, mas agora particularmente para os anos de 1956 a 1959. É tentar

perceber como os jornalistas, correspondentes, os entrevistados, os ensaístas, os articulistas e os intelectuais da imprensa de Fortaleza “liam” o que estava acontecendo por aqui. E muitas coisas aconteceram... Acontecimentos desencadeavam eventos que por sua vez explicitavam outros mais adiante que acabavam por desembocar em episódios para os quais não se tinha nenhuma explicação definitiva.

A Corrida Espacial, a cessão da ilha de Fernando de Noronha aos norte-americanos, o *Sputnik*, o fenômeno mundial dos OVNI's, a presença militar norte-americana no Nordeste, a seca de 1958, os “clarões”, os “objetos luminosos” e os “estrondos”, tudo se explicava e era explicado numa órbita de entendimento que refletia o avanço da ciência no período, nos mais diversos campos. E a ciência caminhava a passos tão largos (nas superpotências) de tal modo que *tudo* parecia poder ser explicado como reflexo daquele avanço. Aquele era, portanto, um período de ebulição e revolução nas ciências e nas técnicas, possibilitando desse modo produzir uma efusão de imaginários. Baczko afirmou que “Fazer a revolução implica necessariamente abrir-se ao imaginário que ela produz, partilhar os mitos e as esperanças que delam brotam, vivê-la como um momento único em que ‘tudo se torna possível’”¹⁶⁷. Em analogia ao que Baczko disse referindo-se à Revolução Francesa poderíamos pensar que aquele momento *sui generis* (período definitivamente revolucionário no campo científico) parece ter deixado sua marca na imaginação social numa época em que, literalmente, ‘tudo se torna possível’.

Explicitarei na *Introdução* os motivos que me levaram a iniciar minha pesquisa por este período e o artigo de jornal “Bomba Atômica no Nordeste?” teve um papel fundamental nesta escolha. E se, de uma certa forma, aqui neste trabalho, tenho dado saltos no tempo (voltando ao ano de 1945, por exemplo), é porque a amplitude do material que selecionei daquele intervalo (1956-59) pedia o tempo todo que o fizesse. E o que saiu então? Qual o resultado da pesquisa nos jornais e revistas de fins dos anos 50?

~~0~~

¹⁶⁷ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, vol.5, p.303.

O final da década de 1950 marcou, como vimos, um momento de acirramento na chamada Corrida Espacial. O lançamento do *Sputnik* agravaria mais ainda as tensões leste-oeste, uma vez que o “Ocidente” estava ciente de que se os russos conseguiram colocar aquele objeto enorme lá no alto, muito certamente poderiam substituir o satélite por uma bomba de hidrogênio e despachá-la (no mesmo foguete que lançou o satélite) para qualquer cidade americana ¹⁶⁸: “Um Tempo de Perigo” era anunciado pela revista *Time* e o satélite soviético parecia representar uma ameaça não apenas para a maior potência ocidental, mas também criando tensões entre os cidadãos comuns. No Rio de Janeiro, um funcionário da Central do Brasil, embriagado, sacou do revólver e quis atirar no satélite: e o que conseguiu foi apenas atingir uma jovem no abdômen ¹⁶⁹. E o maravilhamento causado pelo fato de se saber que o *Sputnik* orbitava lá em cima, fez com que um cientista britânico, ao apenas ouvir “o eco de radar obtido na passagem do satélite artificial”, declarou ter sido “Uma Das Coisas Mais Espetaculares Que Eu Já Vi” ¹⁷⁰.

Foi a capacidade de carga dos foguetes soviéticos que impressionaram os americanos: estes últimos sabiam que os russos podiam lançar imensas bombas nucleares em trajetória balística contra eles. A prioridade agora, para os norte-americanos, parecia óbvia: testar um foguete capaz de por o primeiro satélite americano em órbita (e recuperar parte do prestígio americano como guardiões do “Mundo Livre” ¹⁷¹), assim como um que servisse para lançar bombas nucleares. O *Sputnik* apenas acelerou, no lado americano, o que já

¹⁶⁸ Para se ter uma idéia, o *Sputnik II*, lançado em 3 de novembro de 1957, era “seis vezes mais pesado que o *Sputnik I*, e mais pesado que muitos tipos de ogivas nucleares” (“(...)six times the weight of Sputnik I, heavier than many types of nuclear warheads”) Revista *Time*, 11 de novembro de 1957, THE NATION, “A Time of Danger”, p.11.

¹⁶⁹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 12 de outubro de 1957, “QUIS ATIRAR NO SATÉLITE”.

¹⁷⁰ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 17 de outubro de 1957.

¹⁷¹ Uma charge da revista *Time*, de 11 de novembro de 1957, mostrou o Tio Sam muito triste com o lançamento do *Sputnik*. Na charge ele sofre de “Sputnik Blues” ou a “melancolia *Sputnik*” e vê o “Prestígio Americano” (literalmente) no chão. Então o presidente Eisenhower entra na sala e traz boas notícias para o Tio Sam: o “tour de discursos do presidente” e as “notícias otimistas do [lançamento] de mísseis”, simbolizadas por uma banda de música que toca alegremente sob a regência do presidente. Lá fora, na janela, o satélite soviético passa com a foice e o martelo desenhados na parte externa.

vinha sendo buscado há alguns anos: o desenvolvimento, o aperfeiçoamento e a operacionalização de um míssil balístico intercontinental ¹⁷².

Para testar mísseis com este alcance os Estados Unidos precisariam ampliar o raio de estações de rastreio nas Bahamas e Antilhas, que davam suporte e faziam a telemetria dos lançamentos de foguetes e mísseis do Cabo Canaveral, na Flórida. Até então, o ponto mais a leste do Cabo onde era mantida uma estação de rastreio era na ilha de Santa Lúcia, nas Pequenas Antilhas ¹⁷³, há apenas 2600 quilômetros do Cabo. À medida que o desempenho dos foguetes e mísseis melhorava, eles iam mais e mais longe... Até que um dia o inesperado aconteceu...

No dia 5 de dezembro de 1956, um míssil do tipo *Snark*, foi lançado do Cabo. Parecia um teste de rotina e o foguete teleguiado deveria retornar ao Cabo após o seu vôo. E “o seu sistema de direção estelar ou por inércia era ajudado pelos controles de terra que faziam o míssil retornar ao seu ponto de partida”. Porém, algo de errado aconteceu e o foguete “desdenhou dos sinais de rádio que nervosamente foram emitidos para destruí-los e, obstinadamente, avançou na direção da América do Sul para cair, sem ser visto, em alguma parte da selva brasileira” ¹⁷⁴. No *Primeiro Capítulo* foi reproduzida a matéria da revista *Veja* que relata o achado do foguete 25 anos depois, na Serra do Mutum, no estado do Maranhão; assim como o mapa com as estações de rastreio no Atlântico (Norte e Sul) a partir do Cabo. O incidente com o *Snark* veio demonstrar algo que o mapa deixa claro: o Nordeste brasileiro se projeta na direção do Atlântico, deixando toda a região um tanto que na rota dos mísseis e foguetes lançados da Flórida. Ciente disto, o governo norte-americano buscou um acordo para a cessão da Ilha de Fernando de Noronha

¹⁷² Ou ICBM (*InterContinental Ballistic Missile*), em inglês. ICBM's são mísseis baseados em terra com alcance superior a 5600 quilômetros.

¹⁷³ “Uma das principais razões para a escolha de Cabo Canaveral, em primeiro lugar, era o anel das ilhas que se estendem quase em linha reta através das Bahamas até as Pequenas Antilhas, ao largo da costa da América do Sul. (...) Obter permissão para montar estações de rastreio de mísseis demandava negociações detalhadas (...) Os naturais dessas ilhas, em sua maior parte, nunca tinham ouvido falar de mísseis e poderiam, portanto, entrar em pânico se vissem um deles riscando o céu ou precipitando-se no oceano. Para resolver este problema, decidiu-se constituir uma equipe de técnicos para prestar aos habitantes locais os necessários esclarecimentos (...)”.SHELTON, William Roy. *Largada para o infinito: história do Cabo Canaveral*. São Paulo: Fundo de Cultura S.A., 1963, p.31.

¹⁷⁴ SHELTON, William Roy, Op. Cit., p.38.

para que ali fosse instalada uma base de rastreio de mísseis e foguetes teleguiados.

Na realidade, a queda do *Snark* ocorreu no momento em que transcorriam as negociações para a cessão da ilha, e estas quase que foram comprometidas com o incidente na Amazônia ¹⁷⁵. O governo brasileiro prontamente atendeu a demanda do governo norte-americano de realizar buscas na região a procura do foguete, o que causou a ira dos comunistas e “nacionalistas” que denunciaram “que o governo brasileiro deu autorização aos Estados Unidos para pesquisar a região amazônica em busca dos destroços do foguete teleguiado que há mais de um mês foi atirado da base militar da Flórida (...)”. O jornal disse ainda que

“os aviões militares norte-americanos já vinham, desde o primeiro momento da queda do teleguiado, esquadrinhando céus e terras amazônicas à cata dos restos da arma sinistra. Nosso jornal denunciou essa operação dos aviões militares ianques desde o primeiro momento em que isto se verificava” ¹⁷⁶.

Como a “arma sinistra” (ou os destroços dela) não seria encontrada tão cedo, os norte-americanos se estenderam em sua permanência na selva. E com as negociações para a cessão de Fernando de Noronha em curso, o jornal chegou a uma conclusão aparentemente óbvia: “transformada a rota Flórida - FN [Fernando de Noronha] em um percurso de experiência e de ação de foguetes teleguiados, muitos destes serão atirados na direção do nordeste brasileiro” ¹⁷⁷. Anníbal Bonavides sintetizou a sucessão de acontecimentos em um matéria para o jornal *O Democrata*, em sua edição de 5 de janeiro de 1957. Ele denunciou que “HÁ MOUROS NA COSTA...”, e lembrou que

¹⁷⁵ “Por meses negociadores do [Departamento de] Estado [norte-americano] tem tentado conseguir permissão para a construção de seis estações de rastreio ao longo da costa brasileira. (...) [Mas segundo] Disse amargamente um oficial do Departamento: ‘Aquele *Snark* dever ter também aterrado as nossas negociações’”. Revista *Time*, 17 de dezembro de 1956, p.19. “For months State’s negotiators have been seeking permission for construction of six missile-tracking stations along the Brazilian coast. (...) Said a department officer bitterly: ‘That *Snark* might just as well have landed on our negotiators’”. Das seis estações que a revista *Time* faz menção, uma delas estava prevista para Fortaleza, mostrando que estávamos na rota dos mísseis e foguetes; caso contrário, e isto parece óbvio, a construção da base de rastreio em Fortaleza não seria ventilada.

¹⁷⁶ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 8 de janeiro de 1957.

¹⁷⁷ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 8 de janeiro de 1957.

“Há poucos dias, eles fizeram cair um foguete teleguiado nas florestas da Amazônia. Sobrevoaram o espaço aéreo brasileiro, sem pedir licença. Logo após surgiu a exigência para a construção de uma base ianque em Fernando de Noronha, o que bem mostra que o ‘acidente’ da Amazônia não foi propriamente um acidente, mas elemento de pressão. Como quem diz: ou vocês nos dão a ilha, ou nós faremos cair outros ‘teleguiados’ em outros pontos do território brasileiro” ¹⁷⁸.

E com o *Snark*, pela primeira vez, os norte-americanos haviam conseguido ir tão longe no lançamento de um projétil teleguiado ¹⁷⁹. A cessão da ilha e a queda do foguete trouxeram para o Atlântico Sul a possibilidade de se falar em foguetes teleguiados nos céus do Brasil, assim como de guerra na região Nordeste, tornando o ambiente favorável a utilização cotidiana destes termos que antes pareciam um tanto distantes. O jornal *O Povo* deixou bastante claro a sinistra possibilidade de guerra:

“CARAMURUS, CARAMURUS!” (...) (...) (...) “O caso de um foguete teleguiado vem demonstrar que o Brasil não está mais invulnerável a um ataque transatlântico. O raio de ação do foguete disparado nos Estados Unidos e que veio a cair no Brasil é uma prova cabal” ¹⁸⁰.

E uma outra “prova cabal” foi a presença norte-americana na ilha, que começou a se tornar real e efetiva com a assinatura do Acordo, no dia 21 de janeiro de 1957. E este Acordo só foi possível depois de dirimidos pontos de atrito entre o governo brasileiro e norte-americano, entre “certos círculos militares” e o “receio de uma repercussão popular desfavorável” ¹⁸¹. A base de rastreio de mísseis e foguetes teleguiados, ou como diz no Acordo, “de instalações especialmente de natureza eletrônica, relacionadas com o acompanhamento de projéteis teleguiados” ¹⁸², constituiu-se assim em mais um

¹⁷⁸ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 5 de janeiro de 1957.

¹⁷⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 10 de dezembro de 1956. “TERIA CAÍDO NA AMAZÔNIA UM PROJÉTEL TELEGUIADO” “(...) Ao desaparecer o projétil estabeleceu aparentemente um recorde de distância. Fontes da Força Aérea disseram que (...) o projétil percorreu uns 5000 quilômetros, antes de espatifar-se em terra. Caso isto se confirme, será a maior distância percorrida por um projétil intercontinental da Força Aérea (...)”

¹⁸⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 13 de dezembro de 1956.

¹⁸¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 11 de dezembro de 1956. “BASE NORTE-AMERICANA NA ILHA DE FERNANDO NORONHA”

¹⁸² Conforme cópia em meu poder. “No. 4025. Exchange of Notes Constituting an Agreement Between the United States of America and Brazil Relating to the Establishment of a Guided Missile Station on Island of Fernando de Noronha. Rio de Janeiro, 21 January 1957”. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Divisão de Atos Internacionais.

elo no “anel de ilhas que se estende quase em linha reta” a partir do Cabo Canaveral. Para Carlos Marighella, em matéria do jornal *O Democrata* na sua edição de 8 de janeiro de 1957, “O nome não importa. Seja ‘posto de observação técnica’, ‘estação de radiocontrole’, ‘posto de radar’ ou ‘de observações científicas’, é tudo base, fortificação militar”¹⁸³; e que os acordos firmados com os norte-americanos em 1947 (o TIAR¹⁸⁴, Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, ou Tratado do Rio) e em 1952 (conhecido como Acordo Brasil-Estados Unidos ou Tratado de Quitandinha) “seriam os instrumentos que nos forçariam ao perigoso passo da cessão de uma parte de nosso território”. A cessão temporária da ilha era encarada, portanto, como “entrega” de território brasileiro aos “ianques” e o jornal comunista denunciou sistematicamente este processo.

Houve, por outro lado, aqueles que defendiam a cessão da ilha aos norte-americanos, “apontada [a cessão] como necessária pelo planejamento da defesa interamericana”¹⁸⁵, uma vez que:

“O assunto, decorrente de estudos e convênios estabelecidos de acordo com o interesse e o desejo recíproco dos dois Governos, envolvia (...) um passo objetivo dos dois Estados no sentido da preservação das suas soberanias contra a ameaça comum, encarada do ponto de vista dos antagonismos atuais, no quadro do mundo atual”¹⁸⁶.

E o General Tavares chegou, em seu livro, a citar um discurso de J.K. de modo a reiterar sua fé naquele “entendimento amplo e elevado do interesse da defesa continental”. Disse o presidente em seu discurso, em Santos:

“Não há palavras, aliás, que signifiquem mais do que um ato como esse [no caso, a cessão da Ilha] (...) que traduz a convicção e, mais do que isso, a consciência de que estamos identificados numa mesma causa, que é a de defender a paz do mundo e a integridade

¹⁸³ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 8 de janeiro de 1957.

¹⁸⁴ “O TIAR, tratado de segurança coletiva com a América Latina, estabelece o compromisso entre todas as nações do hemisfério de se unirem para repudiar ataques a membros da aliança, estabelecendo o conceito de solidariedade hemisférica”. PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.216.

¹⁸⁵ TAVARES, General A. de Lyra. *Segurança nacional: antagonismos e vulnerabilidades*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958, p.163.

¹⁸⁶ TAVARES, General A. de Lyra. Op. Cit., p.163.

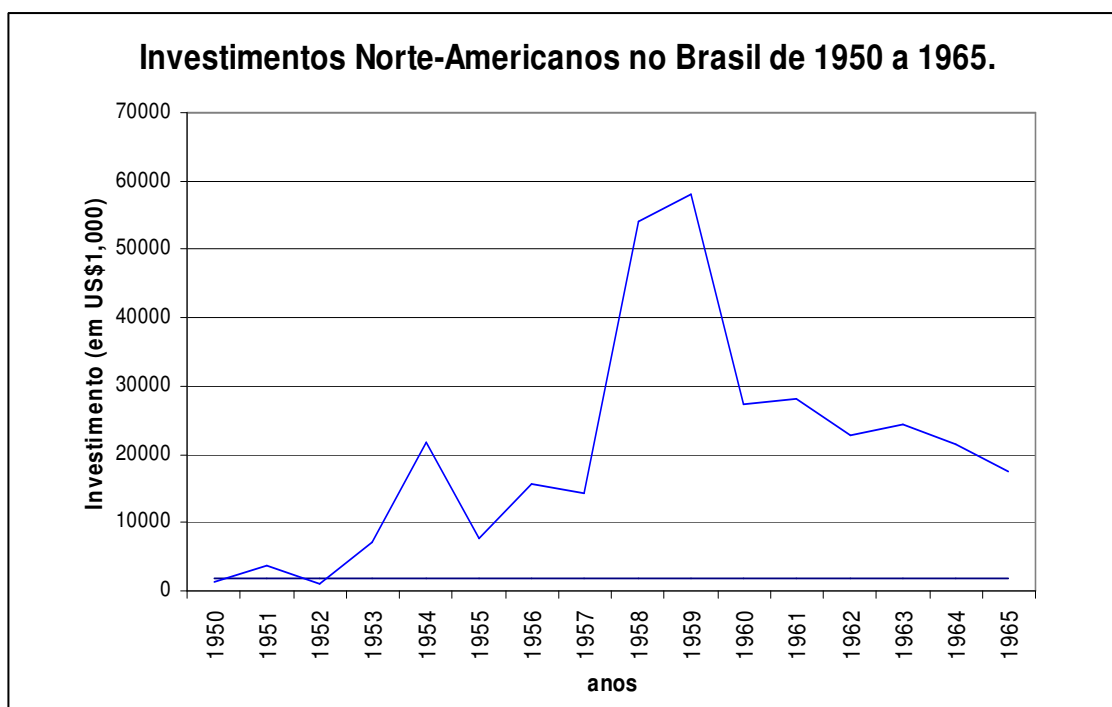
dos povos que desejam continuar livres, e que pertencemos, juntamente com os norte-americanos, a um mesmo sistema”¹⁸⁷.

E no seio das tensas negociações, surgiram acusações dos “nacionalistas” de que a cessão da ilha foi conseguida em troca de empréstimos do governo americano, através do *Eximbank*, e que a cessão representava uma “AMEAÇA DIRETA AO BRASIL E TODA A AMÉRICA LATINA”, constituindo-se, portanto, em um “MÚLTIPLO ATAQUE AOS INTERESSES DO BRASIL”, uma vez que “promessas de empréstimos para a realização de planos elaborados com a participação de especialistas brasileiros, atuou simultânea e sincronizada com as negociações secretas para o acordo militar”¹⁸⁸. E de fato empréstimos vultuosos (notadamente norte-americanos) começaram a afluir em nossa direção. A seguir reproduzo, em um gráfico, os dados dos investimentos de capital realizados pelos norte-americanos no Brasil de 1950 a 1965¹⁸⁹.

¹⁸⁷ Discurso do Presidente J.K. em Santos, 1958 [?]. Citado por TAVARES, General A. de Lyra. Op. Cit., p.164.

¹⁸⁸ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 3 de janeiro de 1957.

¹⁸⁹ Os dados do Gráfico, ano a ano, são os seguintes: 1950 (1363), 1951 (3650), 1952 (1038), 1953 (7121), 1954 (21870), 1955 (7589), 1956 (15719), 1957 (14253), 1958 (53991), 1959 (58177), 1960 (27301), 1961 (28211), 1962 (22869), 1963 (24329), 1964 (21578) e 1965 (17368). Conforme FREITAS JR., Norton Ribeiro de. *O capital norte-americano e investimento no Brasil: características e perspectivas de um relacionamento econômico: 1950 a 1990*. Rio de Janeiro: Record, 1994, p.67, 92.



Pelo gráfico acima percebe-se claramente um aumento surpreendente de investimentos norte-americanos em fins da década de 1950. É curioso observar que, mais uma vez, um pico se repete, o que ressalta a atipicidade do período ¹⁹⁰. E este afluxo de capitais encontrou o seu caminho especificamente para o Brasil: “O Departamento de Estado anunciou recentemente que o Brasil foi o país latino-americano que mais recebeu empréstimos do governo dos Estados Unidos em 1958” ¹⁹¹. A edição do jornal *The New York Times*, de 26 de janeiro de 1957, estampou que o Brasil “REQUER EMPRÉSTIMO IMEDIATO”. E acrescentou: “O Brasil pediu ao EXIBANK para disponibilizar imediatamente US\$ 25 milhões de um empréstimo aprovado no ano passado de US\$ 100 milhões para a expansão da malha ferroviária, muito embora as condições de desembolso [do empréstimo] ainda não tenham sido acordadas” ¹⁹². O jornal noticiou claramente que uma carta ao *Exibank* acompanha o

¹⁹⁰ Apenas recordando o *Capítulo I*: em fins da década de 1950 há um pico no avistamentos de OVNI's, um pico no lançamento de foguetes e mísseis do Cabo, um pico no número de testes nucleares americanos, um pico de eventos (“objetos luminosos”, “clarões” etc) para o estado do Ceará, o Brasil e o mundo e, agora, um pico nos empréstimos americanos para o Brasil.

¹⁹¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 27 de abril de 1959, “EMPRÉSTIMOS AMERICANOS”

¹⁹² Jornal *The New York Times*, Nova Iorque, 26 de Janeiro de 1957, “Brazil has asked the Export-Import Bank to make available immediately \$25,000,000 from a \$100,000,000 loan for railroad expansion approved last year although the conditions for its disbursement have not yet been met”

Acordo de cessão e que este pedido de dinheiro faz parte de um “pacote maior” (“Larger Package”).

E não foi apenas dinheiro que os norte-americanos enviaram ao Brasil. Material bélico (por exemplo, navios, submarinos e aviões) era fartamente cedido às forças armadas brasileiras. O jornal *O Povo* noticiou, em sua edição de 7 de dezembro de 1956, que “Chegarão 2ª feira os primeiros aviões a jato para a base local [de Fortaleza]” ¹⁹³. Edições posteriores do mesmo jornal anunciaram mais presentes: o “Brasil seria o primeiro país da América do Sul ao qual os EEUU fornecirão um reator de pesquisas atômicas” ¹⁹⁴. E no fim de janeiro, a Marinha do Brasil teve seu regalo: “DOIS SUBMARINOS CEDIDOS AO BRASIL [pelos norte-americanos]” ¹⁹⁵. E os militares tiraram proveitos da nova situação geopolítica do Brasil no cenário da Guerra Fria para angariar material bélico: “caso sejam aprovadas as alegações brasileiras de que as suas responsabilidades aumentaram com a concessão da base – pode abrir o caminho para novas vendas e doações de armamentos ao Brasil” ¹⁹⁶.

E o material bélico continuou chegando nos próximos anos, sempre com a justificativa de que era “INDISPENSÁVEL MAIS AJUDA MILITAR DOS EE.UU AO BRASIL”, pois uma vez que “a construção dessa base [de Fernando de Noronha] (...) será de utilidade incontestável para a defesa do hemisfério ocidental” ¹⁹⁷, cabia ao Brasil representar o papel de escudeiro americano no Atlântico Sul, o que demandou um “aumento das verbas para a remessa de armas e equipamentos norte – americanos para o Brasil, em vista das maiores obrigações de defesa assumidas” ¹⁹⁸. Obras de modernização da infraestrutura do estado (e do Nordeste) têm início com o afluxo de capitais devido, aparentemente, a cessão da ilha aos norte-americanos, apesar do Itamarati negar a relação entre um e outro.

¹⁹³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 7 de dezembro de 1956. Retornarei um pouco mais adiante neste *Capítulo* a questão da chegada dos aviões a jato na Base Aérea de Fortaleza e a relação deles com os “objetos luminosos”.

¹⁹⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 3 de janeiro de 1957. “REATOR ATÔMICO PARA O BRASIL”

¹⁹⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 21 de janeiro de 1957.

¹⁹⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 31 de janeiro de 1957, “PROJÉTEIS TELEDIRIGIDOS DOS EE.UU PARA O BRASIL”

¹⁹⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de janeiro de 1957, “ACORDO SOBRE FERNANDO NORONHA”

¹⁹⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 15 de maio de 1959.

“O Brasil não pede, frisar o comunicado [do Itamarati], em troca da concessão do posto de observações, qualquer compensação. Solicitará apenas ao Governo dos EEUU que interceda junto ao ‘National Advisory Council’ e ao ‘EXIMBANK’, a fim de acelerar o estudo dos projetos brasileiros que interessam, fundamentalmente, ao nosso desenvolvimento e ao aumento do potencial nacional” ¹⁹⁹.

O Aeroporto de Fortaleza, no Alto da Balança, “SERÁ O MAIS MODERNO DO NORTE” ²⁰⁰, graças a obras de ampliação de sua estrutura física. Nos anos seguintes, obras de modernização atingirão também o Porto do Mucuripe. O jornal *Gazeta de Notícias* noticiou os despachos do governador Paulo Sarasate com o diretor do Departamento de Portos e Canais que anunciava a “Maquinaria Para A Construção do Porto” ²⁰¹. A obra foi, para a União das Classes Produtoras do Ceará, o momento para se “PAGAR UMA DAS GRANDES DÍVIDAS DO PAÍS PARA COM O CEARÁ”, devendo-se “entregar aos americanos a tarefa de construção do porto do Mucuripe, sem dúvida alguma das mais importantes já lançadas por aquela pujante entidade de classe” ²⁰². É importante perceber, portanto, que estas obras de beneficiamento de infra-estrutura (do Nordeste, como um todo) ocorreram num período imediatamente posterior à cessão da ilha e à chegada/liberação de empréstimos estrangeiros.

O jornal comunista *O Democrata* repercutiu o pensamento de que o Nordeste seria o palco ou “teatro de operações” da Terceira Guerra Mundial. Assim, “O verdadeiro objetivo é a instalação duma base de lançamentos, a fim de deslocar o teatro de operações (...) Tentarão tudo para situar um possível conflito atômico longe de suas fronteiras” ²⁰³. Desta maneira, as infra-estruturas viárias, portuárias e aeroportuárias do Nordeste estavam sendo melhoradas pelos “emissários fardados do imperialismo ianque” ²⁰⁴ exatamente para que fizessem uso delas em caso de conflito mundial. E como no processo de negociação para a assinatura do Acordo de cessão da ilha, os “negociadores

¹⁹⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 17 de janeiro de 1957, “NOTA DO ITAMARATI SOBRE OS ENTENDIMENTOS COM O GOVERNO DE EISENHOWER”

²⁰⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 3 de julho de 1957, “SERÁ O MAIS MODERNO DO NORTE O NOVO AEROPORTO DE FORTALEZA”

²⁰¹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 26 de fevereiro de 1957.

²⁰² Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 20 de março de 1957.

²⁰³ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 21 de março de 1957, “Hiroshima, Magasaki [sic], Fernando de Noronha, Fortaleza e Maceió”.

²⁰⁴ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 13 de março de 1957, “VISITANTES INDESEJÁVEIS”.

do [Departamento de] Estado [norte-americano] têm tentado conseguir permissão para a construção de seis estações de rastreio ao longo da costa brasileira”²⁰⁵, não pareceu difícil ao jornal *O Democrata* (ao comentar especificamente o caso da intenção de se construir redes de radares em Fortaleza, Natal e Maceió) conceber de que “QUEREM VENDER FORTALEZA A UMA NAÇÃO ESTRANGEIRA”²⁰⁶. Complementarmente, era denunciado o “plano dos americanos de exigir uma série de bases, partindo do Nordeste em direção aos campos petrolíferos da Bahia e da Amazônia”²⁰⁷, ampliando-se o raio dos interesses dos “emissários fardados” no Nordeste.

Seguindo o ponto de vista do jornal comunista, a “entrega” da ilha aos norte-americanos implicava que eles viriam aqui “pegá-la” para si. E de fato, como estava previsto no Acordo, eles chegaram. O Acordo explicitava a presença de técnicos norte-americanos e brasileiros trabalhando juntos na ilha²⁰⁸. E a chegada deles fazia recrudescer o sentimento de que estávamos preparando nossa região para a guerra iminente. O jornalista Rafael Corrêa de Oliveira escreveu sobre o perigo.

“A conquista de Fernando Noronha, nestas condições, é, ou seria, o primeiro passo para uma ofensiva urgente. Logo em seguida as bases militares ao longo da costa norte criariam definitivamente os elementos de uma verdadeira ocupação militar”. “Nesta altura nos encontramos com a faca apontada ao peito. Mas ainda temos espaço para manobrar e resistir”²⁰⁹.

E as pessoas, então, naquele momento, encontravam, ao seu modo, os “espaços para manobrar e resistir”. Aos gritos de “A ILHA É NOSSA!” o jornal buscou sensibilizar o fortalezense de que a presença americana era nociva aos interesses do Brasil: “Milhares de boletins foram distribuídos na Praça do

²⁰⁵ Revista *Time*, Nova Iorque, 17 de dezembro de 1956, p.19.

²⁰⁶ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 9 de fevereiro de 1957.

²⁰⁷ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 23 de março de 1957.

²⁰⁸ Segundo o “EXCHANGE OF NOTES CONSTITUTING AN AGREEMENT BETWEEN THE UNITED STATES OF AMERICA AND BRAZIL RELATING TO THE ESTABLISHMENT OF A GUIDED MISSILE STATION ON ISLAND OF FERNANDO DE NORONHA”, 2º item, “Essas instalações serão construídas por especialistas e técnicos norte-americanos assistidos por especialistas e técnicos brasileiros” e ainda que, no 5º item, “Os Governos do Brasil e dos Estados Unidos da América concordam em que técnicos norte-americanos sejam gradativamente substituídos por técnicos brasileiros, segundo condições a serem estipuladas de comum acordo”. Consegui um fax da “TROCA DE NOTAS” com o Ministério das Relações Exteriores. O mesmo foi enviado pelo sr. José Vicente da Silva Lessa, da Divisão de Atos Internacionais, no dia 3 de fevereiro de 2005, às 12h 31min.

²⁰⁹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 1 de março de 1957, “NACIONALISMOS...”

Ferreira, na noite do Ano Bom [31 de dezembro de 1956]" ²¹⁰. Uma verdadeira campanha nacional foi iniciada com o intuito de se opor ao "AJUSTE DE FERNANDO DE NORONHA" ²¹¹ e manifestos com a assinatura de vereadores, deputados, senadores e integrantes da UNE, por exemplo, eram publicados no jornal.

O jornal *O Democrata* recebeu em seu endereço, à "Rua Senador Pompeu, 814", assinaturas a um "APELO" para o que eles entendiam ser "A PREPARAÇÃO DA GUERRA ATÔMICA" ²¹², enquanto os "cidadãos de Chaval" (cidade do interior cearense) se uniam "Contra a Entrega de F. de Noronha" e um "Abaixo-assinado com 102 firmas" ²¹³ era enviado ao deputado José Martins Rodrigues. Nos encontros de estudantes promovidos pelas entidades estudantis (UNE e UBES, por exemplo), os estudantes preparavam moções de protesto contra a presença norte-americana em outros estados do Nordeste.

Outra importantíssima proposição, e que mereceu também o apoio unânime, um representante do Rio Grande do Norte (Mossoró) (...) [solicitou a UBES que] envie uma moção de protesto ao Presidente Juscelino Kubstchek [sic], contra a entrada e permanência de mais de cem militares ianques em Mossoró e que instalam no Horto Florestal uma estação de radar que funcionará em sintonia com a base de lançamento de foguetes tele-dirigidos de Fernando de Noronha" ²¹⁴.

E no X Congresso Nacional de Estudantes Secundaristas, o estudante Hélder Heronildes denunciou que "para maior vergonha nossa, os gringos andam fardados, num desrespeito, até mesmo, ao vergonhoso acordo de Fernando de Noronha, que consente (para tapia [sic; tapear], é claro...) apenas a presença de técnicos civis em nosso território" ²¹⁵. Estudantes universitários de Fortaleza denunciavam o "ajuste" como "Achincalhe às Nossas Tradições de Povo Independente e Pacífico" ²¹⁶. E estes mesmos estudantes "em Trote

²¹⁰ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 3 de janeiro de 1957.

²¹¹ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 23 de maio de 1957.

²¹² Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 14 de junho de 1957.

²¹³ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 27 de junho de 1957.

²¹⁴ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 27 de julho de 1957, "Estudantes Pedem Retirada de Militares ianques do Nordeste" "Mais de cem estrangeiros estacionados em Mossoró"

²¹⁵ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 30 de julho de 1957, "Infestada Mossoró de MILITARES AMERICANOS"

²¹⁶ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 6 de julho de 1957.

Criticam a Entrega da Ilha”: o jornal comunista trazia uma foto de um deles ostentando um cartaz em que se lia “MISS FERNANDO DE NORONHA – QUEREM TRANSFORMAR-ME EM FORMOSA BRASILEIRA”²¹⁷.

E o jornal comunista publicou o testemunho das pessoas que viajavam pelo Nordeste brasileiro e presenciavam a “ocupação americana” desta região. A edição do dia 22 de agosto de 1957 do jornal *O Democrata* anunciou as “Impressões de um viajante” anônimo que narrou, em carta, “O que se vê no Nordeste: ‘lanques Andam Pelas Ruas de Calção e Exibindo Parabelum’”.

“o que eu tenho testemunhado em vários Estados, desta rica e abandonada região [Nordeste] do país, chama a atenção do povo brasileiro para cuidar mais de sua independência (...) (...) No município de Ririutas [?] no Ceará está sendo construído um açude de nome Araras, vi, com os próprios olhos, vários americanos trabalhando nessa obra, como se fôssemos incapazes de erguer com as nossas próprias forças uma empresa desse tipo. Esses americanos vivem pelas ruas da cidade somente de calção, tendo a cintura parabelum, num flagrante desrespeito às leis e [ILEGÍVEL]. Mas enquanto isso os brasileiros são proibidos pela polícia de carregar consigo um canivete”²¹⁸.

~~0~~

Era comum que as pessoas fizessem associações a todo o universo imaginário do fantástico e do bizarro, de modo a buscar explicações (ou pelo menos tentar) para muitos dos fenômenos inusitados que ocorriam no período (e que muito provavelmente já ocorriam antes do *Sputnik*, da bomba atômica etc) como rebentos daquele momento histórico em que a ciência e a técnica avançavam como nunca o fizeram, uma vez que tinham a dimensão de verdadeiras descobertas.

E um fenômeno para o qual as pessoas buscavam uma explicação era o climático: mais especificamente na região Nordeste, o caso da seca. E mais pontualmente, no caso do Ceará, a de 1958²¹⁹. A seca no Nordeste, fenômeno

²¹⁷ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 2 de abril de 1957.

²¹⁸ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 22 de agosto de 1957.

²¹⁹ É certo que esta seca atingiu outros estados do Nordeste, mas me deterei ao Ceará, pois foram nos jornais deste estado que concentrei minha busca. Acredito que em jornais de outros estados nordestinos os jornalistas e articulistas tenham fornecido as mais fantásticas e inusitadas explicações para os problemas climáticos, políticos etc de seus estados no pulular de acontecimentos fantásticos, bizarros e inusitados.

climático secular e que desde o século XIX tornou-se objeto dos estudos científicos, ganhou, nesse momento, mais uma possibilidade de explicação. Coincidindo com a intensificação dos lançamentos dos foguetes e dos testes nucleares, a seca de 1958, no Ceará, passa a ser atribuída aos mesmos. E o governo federal, repetidamente ao longo dos séculos, não sabia lidar com o problema de modo a trazer, ao sertanejo, solução e alívio definitivo.

“Em 1958, quando chegaram ao Rio de Janeiro as primeiras notícias de seca, o governo federal - concentrado principalmente nos embates parlamentares contra a opositora UDN, adversária da construção de Brasília e da transferência da capital - estava absolutamente desesperado para enfrentar o flagelo. (...) A seca já tinha atingido Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí” ²²⁰

Os jornais estavam salpicados de novidades: satélites artificiais, discos voadores, explosões atômicas na atmosfera etc. Parecia tentador, assim, urdir uma explicação que passasse transversalmente por aquele universo. Em fevereiro de 1958 os Estados Unidos finalmente conseguiram por em órbita o seu primeiro satélite artificial (bem menor e bem mais leve, porém, que os *Sputnik* russos).

“Exatamente 119 dias depois que os russos enviaram o *Sputnik* aos céus, abrindo uma ferida no orgulho e prestígio norte-americano, o Explorer do Exército estrondeou da torre de lançamento de Cabo Canaveral na semana passada; um símbolo do novo poder americano” ²²¹.

Assim, o satélite americano foi fazer companhia no espaço sideral aos dois *Sputnik* russos já lançados (em outubro e novembro de 1957). E um dos satélites russos levou ao espaço o primeiro ser vivo: a cadela *Laika*, a bordo do Sputnik II, “viveu num compartimento cilíndrico durante 10 dias, morrendo em órbita antes de sua reentrada na atmosfera quando o satélite queimou em

²²⁰ VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. 1ª ed. São Paulo: Ática / Instituto Teotônio Vilela, 2000, p. 177.

²²¹ Revista *Time*, Nova Iorque, 10 de fevereiro de 1958, p. 13. “Just 119 days after the Russians sent Sputnik I into the skies, tearing a wound in U.S. proud and prestige, the Army’s Explorer thundered off the launching pad at Cape Canaveral last week, a symbol of a new kind of U.S. strength”

virtude do seu atrito com o envoltório gasoso [a atmosfera]” ²²². A jornalista Adísia Sá bem capturou o momento em que se falou de “ESTE NEGÓCIO DE SATÉLITES...”, e divagou sobre os problemas “cá de baixo” relacionando-os com a provável “revolução no céu” ocasionada pelo lançamento de tantos satélites.

“Dizem que subiu mais um ‘Explorer’ norte-americano. O trânsito, lá em cima, está ganhando para nós, cá de baixo”. “Sei apenas que por causa das tais luas artificiais, temos passado mal por aqui, principalmente no nordeste brasileiro”. “[Os satélites] estão provocando uma barulheira danada lá pelo infinito (...) modificando leis milenares (...)” “Por exemplo: depois da invenção dos ‘sputinicks’, a chuva começou a retardar, deixando mesmo de cair no dia de São José. Vocês sabem lá o que é a chuva não aparecer no dia 19 de março! Cearense da gema, como nós, sabe muito bem o que isto significa” (...) “Os satélites fizeram uma revolução no céu, como os anjos, na célebre revolta de Lúcifer”. “Estou do lado dos santos, anjos, querubins e virgens porque os satélites são metidos e estavam tentando dominar a terra, digo o céu dos outros” ²²³.

E a jornalista Adísia Sá muito certamente se ancorou na sua experiência naquele momento histórico específico para ventilar suas hipóteses de modificação de “leis milenares”. E uma destas “leis milenares” é aquela que nos indica se o “inverno” vai ser bom ou ruim, dependendo das chuvas no dia de São José. Vejamos o que nos disse Raimundo Girão sobre este dia de “passagem equinocial”.

“Todavia, o santo decisivo é São José. O seu dia - 19 de março - é que marca a linha divisória entre as chuvadas e o estio perigoso. Fixam-se no referido dia as derradeiras esperanças do sertanejo aflito. Certamente por achar-se em quase coincidência com a passagem equinocial. João Brígido, jornalista cearense e espírito altamente mordaz, costumava insinuar que a Igreja muito de indústria, preparam aquela simultaneidade...” ²²⁴

O artigo da jornalista Adísia Sá sugeriu que o dia 19 de março de 1958 não foi um dia de chuva, o que indicaria um ano seco. De fato, o ano de 1958, como vimos, foi o de uma seca terrível. Mas no começo do ano tudo parecia

²²² MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p.755.

²²³ *Jornal Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 29 de março de 1958.

²²⁴ *Jornal Correio do Ceará*, Fortaleza, 7 de abril de 1959. “Quando não chove, o sertão veste luto...” “Secas, experiências e profecias”.

indicar que teríamos um bom “inverno” ²²⁵. “CHUVAS COPIOSAS EM DIVERSOS MUNICIPIOS”, anunciou o jornal *O Povo* em sua edição de 17 de janeiro de 1958, citando os municípios de Catunda, Quixadá, Viçosa, Nova Russas, Jardim, Ibiapina, Santana do Acaraú e Crato. Em fevereiro, o mês “COMEÇOU COM CHUVAS ABUNDANTES”, nos municípios de Ipu, Independência, Juazeiro, Campos Sales e São Benedito ²²⁶. E especificamente para o município de Ipu “a chuva caída além de Acaraú, abrangendo Irajá e Batoque, foi das maiores ali presenciadas, em todos os tempos (...) O Rio Feitosa alcançou nível raramente atingido nos maiores invernos” ²²⁷. E juntamente com as notícias de que as chuvas estavam abundantes no interior, o jornal noticiou a passagem do satélite norte-americano “sobre dois pontos do Brasil: às 13h e 21min sobre Patos de Minas e, 15h e 31min, sobre Belém do Pará” ²²⁸. Situações inusitadas aconteciam simultaneamente e a imprensa dava eco e repercussão a elas. O que as pessoas faziam, portanto, era articulá-las e daí formular teorias que dessem conta do fantástico e bizarro que parecia brotar a todo o momento.

E não foi apenas o espetáculo milenar da chuva e do sol que os céus derramavam sobre as pessoas. Deparei-me por diversas vezes com espetáculos (noticiados na imprensa) que causaram fascínio, espanto e maravilhamento naqueles que os testemunharam ou que ouviram falar deles. Levado a pesquisar aquele período por causa do artigo de Carlos Emílio, busquei notícias que lembrassem (mesmo que vagamente) aspectos associados a explosões de armas nucleares (clarão e estrondo, por exemplo). E pouco a pouco eles foram afluindo... e se avolumando... e se concentrando!

As matérias que selecionei davam conta do aparecimento de “objetos luminosos” e de “clarões”, e da ocorrência de “tremores de terra” e de “estrondos” (que chamei genericamente de “eventos”). No gráfico apresentado

²²⁵ Assim como o final de 1957 parecia indicar um bom “inverno” para o ano seguinte, uma vez que houve vários relatos de chuvas abundantes naquele período: “Ontem, caiu nesta cidade boa chuva (...) anunciava o jornal *O Povo*, de 5 de dezembro de 1957, para o município de Juazeiro, enquanto “Chuva de 43mm caiu ontem durante toda a madrugada, com fortes trovoadas, continuando o tempo carregado” na cidade de Iguatu, segundo o jornal *O Povo*, de 6 de dezembro de 1957. E no Natal, “BOAS CHUVAS” em Ubajara, dizia a matéria do jornal *O Povo*, de 26 de dezembro de 1957.

²²⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 3 de fevereiro de 1958.

²²⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 4 de fevereiro de 1958, “CHUVA IGUAL NUNCA HOUE”

²²⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de fevereiro de 1958, “SATÉLITE PASSA SOBRE O BRASIL”

anteriormente (no *Primeiro Capítulo*) mostrei a distribuição dos totais dos eventos ao longo do período de 1956-1959. Comentei *en passant* as informações que pude deduzir da distribuição deles no gráfico e, agora, buscarei aprofundar a análise sobre eles.

Muitas *coisas inusitadas* ocorreram naquele período e me parece pertinente qualificá-las de “estranhas”, uma vez que foi assim mesmo que aqueles que as testemunharam se referenciaram a elas. Lembro que dado o grande volume de adjetivos utilizados (na imprensa) para qualificar tais eventos (no momento em que aconteciam), resolvi nomeá-los genericamente de bizarros. Assim, o fantástico e o bizarro marcaram forte presença em nosso estado, contribuindo, como vimos, para a atipicidade do final da década de 1950.

Algumas matérias, por um lado, eram cotidianamente noticiadas e os órgãos da grande imprensa davam a elas a importância que julgavam apropriada no momento. O Carnaval, a Copa do Mundo (1958), as eleições municipais e estaduais, os casos policiais, por exemplo, enchiam páginas e páginas dos jornais. Foi possível observar em algumas matérias a recorrência e repetição dos mesmos temas, período após período. Outras, por outro lado, destoavam do lugar-comum, do esperado, do previsível. Poderia reunir várias matérias que certamente soariam estranhas ao leitor regular dos jornais da época. Em um município da região oeste do estado, “Um caso teratológico que impressiona fortemente quando o observam” ²²⁹, dá conta de um caso de má formação congênita em um animal e foi anunciado “UM SUÍNO COM CABEÇA DE GENTE EM UBAJARA”, enquanto em Acopiara um “Estranho fenômeno ocorre nos sertões” e chama a atenção dos camponeses (e da imprensa) ²³⁰. E um pouco mais adiante, em Jaguaribe, um outro caso de má formação congênita (agora uma “CRIANÇA COM UM SÓ OLHO E SEM NARIZ” ²³¹) mereceu destaque na imprensa fortalezense. Estas matérias chamaram minha atenção, e pouco pude fazer com elas além de impressionar-me (como acredito o fizeram os que as leram há quase 50 anos): pareciam isoladas e o único fio que pude uni-las ao que estava pesquisando foi dado pela matéria do jornal *O*

²²⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de janeiro de 1958.

²³⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 31 de janeiro de 1958, “OUVINDO DE PERTO A PEDRA BATER COMO UM CORAÇÃO”.

²³¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de junho de 1959.

Povo, de 8 de agosto de 1959, intitulada “BOMBAS NUCLEARES PODEM GERAR MONSTROS”. Nela foi afirmado que “As substâncias radioativas disseminadas na atmosfera não são fortemente perigosas imediatamente, prosseguiu o dr. [Linus] Pauling, mas é de crer que no futuro as mães dêem a luz bebês monstruosos tendo apenas um olho, ou duas cabeças ou três pernas” ²³². Os fios, porém, não se uniram e tudo o que pude fazer foi especular e cogitar sobre a incrível possibilidade. O que pude perceber, no entanto, foi que a vinculação dos defeitos genéticos aos processos radioativos é indício do quanto a questão nuclear estava na ordem do dia, servindo de explicação, inclusive, para diferentes e até tradicionais temas.

Os episódios inusitados que tiveram como *locus* os céus (ou o espaço sideral) foram de longe os mais freqüentes. No entanto, não foi apenas os céus o cenário privilegiado para o aparecimento de “objetos misteriosos”. Em maio de 1958, e depois em julho de 1959, um “submarino misterioso” rondou a costa do Nordeste brasileiro. Esta ocorrência teve repercussão na imprensa local, uma vez que mobilizou a Marinha do Brasil em sua busca. Em sua primeira aparição, foi dito que eles “estão rondando as costas do Nordeste, principalmente nas imediações da ilha Fernando Noronha, onde os norte-americanos estão montando estações de controle de teleguiados” ²³³. Os submarinos deixaram em “estado de alerta” a costa cearense uma vez ser afirmado que “submarinos russos estão rondando a costa do Nordeste” ²³⁴. E, um pouco antes, apareceram ao longo da costa Argentina submarinos não-identificados, o que levou prontamente o Governo brasileiro a afirmar que “Não eram brasileiros os submarinos” ²³⁵. Eles seriam também avistados ao longo da costa carioca, sumindo sem serem identificados. Foi admitida, no entanto, a “hipótese de se tratar mesmo do submarino atacado com bombas de profundidade no Golfo Nuevo [Argentina], semana passada, cuja identidade também não foi apurada” ²³⁶. E em julho de 1959 seria avistado, na Bahia, um outro “submarino fantasma” em meio aos exercícios aeronavais da Marinha do

²³² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 8 de agosto de 1959.

²³³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de maio de 1958, “SUBMARINO RONDA A COSTA DO NORDESTE”.

²³⁴ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 30 de maio de 1958, “‘ESTADO DE ALERTA’ NO LITORAL CEARENSE”.

²³⁵ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 24 de maio de 1958.

²³⁶ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 29 de maio de 1958, “‘SUMIU’ O SUBMARINO MISTERIOSO”.

Brasil, que depois de alguns dias, encerrou “oficialmente” as buscas a ele ²³⁷. O misterioso e o inexplicável encontram ambiente fecundo neste período e fincaram-se na imaginação das pessoas ²³⁸. A Guerra Fria e o discurso dos comunistas e nacionalistas (assim como a ação da ciência e da técnica que ofereciam cotidianamente mais combustível para novas conjecturas) sobre os mais diversos episódios que pipocavam naquele momento, contribuíram para que alguns acontecimentos adquirissem uma repercussão que, muito provavelmente, foi além da importância que eles realmente mereciam.

Foi, no entanto, um outro conjunto de matérias que mais me chamou a atenção. Mesmo destoando do lugar-comum, foi possível classificá-las em quatro categorias distintas, por se referirem, recorrentemente, inclusive em manchetes, ao aparecimento de “objetos luminosos”, “clarões”, “estrondos” e “tremores de terra”. E esta classificação se deve à forma como elas foram apresentadas pelos correspondentes e jornalistas, com base nos relatos de testemunhas. Não intento, com esta categorização, engessar o recorte das fontes; busco ordená-las ou, pelo menos, dar alguma ordem ao aparente caos. E, como disse, foi somente com estas matérias que foi possível esta classificação.

No somatório geral de todas as categorias, para o período aqui pesquisado, temos 48 episódios, assim distribuídos: 39 referem-se a “objetos luminosos” (ou 81,3%), 5 a “estrondos” (ou 10,4%), 3 a “tremores de terra” (ou 6,3%) e 1 a “clarão” (ou 2%). Ou seja, de longe “objetos luminosos” foram o episódio mais frequente. De qualquer forma, todas elas referiam-se a fenômenos não explicados e de grande impacto nos sentidos de populações inteiras de determinadas regiões do Ceará ²³⁹.

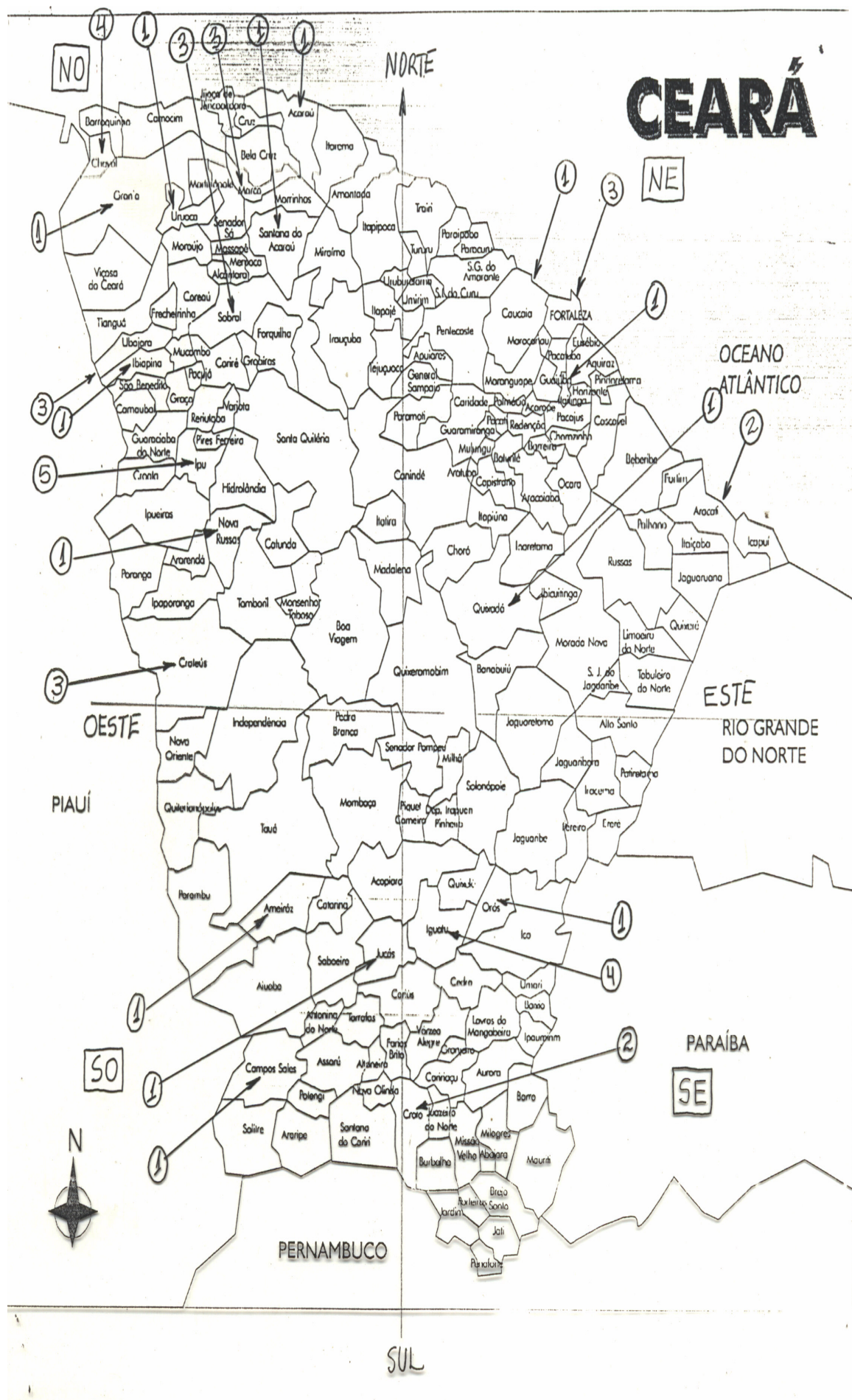
²³⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 4 de julho de 1959, “ENCERRADAS AS BUSCAS”.

²³⁸ “Uma outra modificação importante na postura estratégica da União Soviética, depois de 1961, foi relacionada com a Marinha de Guerra, que passou a operar em mares cada vez mais distantes; a primeira manobra naval soviética nas águas do mar do Norte face à Noruega realizou-se em 1961; essa manobra tem sido repetida todos os anos” LAVÈNERE-WANDERLEY, N. F. *Doutrina militar soviética*. In: Leituras de Política Internacional: a nova ordem internacional. Brasília: Universidade de Brasília, 1982 (Cadernos da UnB). Bem, no que toca a doutrina militar soviética, a ação de vasos de guerra em águas tão distantes parece não compatível com a postura da marinha soviética naquele período, o que me leva a supor que os submarinos misteriosos poderiam ser, na realidade, da Marinha norte-americana.

²³⁹ *Por ano*, estão assim distribuídos: 2 (ou 4% do somatório geral) em 1956 (1 “tremor de terra” e 1 “estrondo”); 11 (ou 23% do somatório geral) em 1957 (todos “objetos luminosos”); 24 (ou 50% do somatório geral) em 1958 (20 “objetos luminosos”, 3 “estrondos” e 1 “clarão”) e 11 (ou 23% do somatório geral) em 1959 (8 “objetos luminosos”, 2 “tremores de terra” e 1 “estrondo”).

Para que se possa ter uma idéia da distribuição espacial e geográfica dos episódios (“objetos luminosos”, “clarões” etc) apresento um mapa em que a quantidade de eventos por município é mostrada. Vale notar que há uma concentração de episódios no primeiro quadrante do mapa, na região noroeste do estado. Apesar da região do Sertão Central do estado ser “pobre” em relatos de episódios da natureza que investigo aqui, é exatamente desta região que virá o episódio mais interessante, de maior repercussão e que desencadeou mais desdobramentos, seja do ponto de vista de fomentar, na imprensa de Fortaleza (através da imprensa carioca), mais notícias vinculando-o aos testes nucleares, seja do ponto de vista da construção de um imaginário dos fenômenos inexplicáveis racionalmente e, por isto, atribuídos à dimensão do fantástico. Acredito, no entanto, que a recorrência dos fenômenos em diferentes lugares, criou uma ambiência e a sensação de generalização, que fortaleceu e fez repercutir com mais força o episódio ocorrido em Quixadá (quando da sua associação a de um teste nuclear clandestino, em 1959).

Ou seja, com 50% do total, 1958 foi decididamente um ano marcante para episódios daquela natureza. *Por ano / mês*, estão assim distribuídos: 1956, 2 em agosto (1 “tremor de terra” e 1 “estrondo”); 1957, 11 em novembro (todos “objetos luminosos”); 1958, 3 em janeiro (2 “estrondos” e 1 “clarão”), 1 em fevereiro (1 “objeto luminoso”), 2 em março (2 “objetos luminosos”), 1 em abril (1 “objeto luminoso”), 9 em julho (8 “objetos luminosos” e 1 “estrondo”), 1 em agosto (1 “objeto luminoso”), 6 em outubro (todos “objetos luminosos”) e 1 em novembro (1 “objeto luminoso”); e em 1959, 3 em janeiro (2 “tremores de terra” e 1 “estrondo”), 1 em junho (1 “objeto luminoso”) e 7 em julho (todos “objetos luminosos”).



Um dos aspectos que gostaria de ressaltar por ter me parecido mais revelador foi a distribuição no tempo dos acontecimentos que encontrei no jornal. Eles eram raros em 1956, se intensificaram em fins de 1957, atingiram o pico em 1958 e começaram a rarear e declinar em 1959: se voltarmos ao gráfico “Número de Eventos Totais” exibido anteriormente ficará claro o surto de aparições a partir de novembro de 1957. E mais ainda: o aparecimento de “objetos luminosos” é, de longe, o evento mais freqüente. Lembrando que o primeiro satélite artificial soviético foi lançado em outubro de 1957, parecer-me-ia claro encontrar nas matérias dos jornais referências ao *Sputnik*. Igualmente seria esperado encontrar explicações que descambassem para os discos voadores, uma vez que a aparição destes no mundo inteiro experimentou um pico em 1958 (ver gráfico “Total de Avistamentos de OVNI’s e OVI’s”, no *Primeiro Capítulo*).

Discos voadores e satélites artificiais eram evocados o tempo todo pelos correspondentes e jornalistas do interior do estado para oferecer ao leitor uma explicação razoável para o que ocorria e que ninguém parecia explicar satisfatoriamente. Mas, ao estabelecer esta escolha no leque de possibilidades, os jornais emudeceram as opiniões dos sertanejos que efetivamente avistaram aqueles “objetos luminosos”, “clarões” etc. Raríssimas foram as vezes em que se deu ouvidos ao que eles tinham a dizer. Os jornais funcionavam como um “poder” efetivo no “domínio da produção e manipulação dos imaginários sociais”²⁴⁰, à medida que repercutiam, quase sempre, as mesmas explicações que a ciência oferecia (no caso, a dos satélites artificiais).

“os meios de comunicação de massa garantem a um único emissor a possibilidade de atingir simultaneamente uma audiência enorme” amplificando “extraordinariamente as funções performativas dos discursos difundidos e, notadamente, dos imaginários sociais que eles veiculam”, e eles “não se limitam a aumentar o fluxo de informação; modelam também as suas características”²⁴¹.

²⁴⁰ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.308.

²⁴¹ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.313.

Ambos, ciência e imprensa, “pareciam condicionar e manipular as massas, bloqueando a produção e renovação espontâneas dos imaginários sociais” ²⁴². Se “todas as épocas tem as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar” ²⁴³, acredito que os sertanejos tenham elegido “modalidades específicas” para expressar suas opiniões sobre o que ocorria ao seu redor, “mas o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma acção comum” ²⁴⁴. Infelizmente a envergadura desta pesquisa não alcançou os instrumentos em que tais opiniões poderiam se materializar (afastando-se da “acção comum” que os jornais repercutiam): literatura de cordel, canções, ditos populares, dentre outros.



Para muitos dos episódios que selecionei (do jornal *O Povo*) foram buscadas, pelos correspondentes e algumas testemunhas, explicações para o que acontecia. O primeiro satélite artificial, o *Sputnik*, pareceu, em várias das matérias do jornal, uma explicação razoável e o mesmo aconteceu com os discos voadores. Se, por um lado, a explicação que os jornais repercutiam (e que perpassava os “famosos *Sputniks*” ²⁴⁵) oferecia aos leitores uma visão arrazoada (baseada em uma conquista científica recente) para os episódios inusitados que pululavam em vários municípios do estado, por outro lado, explicá-los evocando os discos voadores implicou em recorrer à tentativa de compreender algo (que não se entendia completamente) a partir de uma outra igualmente ininteligível. Apesar da existência de referências muito antigas aos discos voadores e a outros objetos estranhos nos céus, o fenômeno dos discos voadores começou a encontrar eco na imprensa e na imaginação das pessoas

²⁴² BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.308.

²⁴³ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.309.

²⁴⁴ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.311.

²⁴⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1957, “VIU OBJETO VOADOR MAS NÃO QUER IDENTIFICAR-SE”.

um tanto recentemente. A palavra OVNI (“Objeto Voador Não-Identificado”, como são conhecidos tecnicamente os discos voadores), para descrever o conjunto de objetos que apareciam nos céus sem uma aparente explicação racional, foi cunhada em meados do século passado.

“Como fenômeno moderno, os relatos de óvnis (...) tiveram início em 1947 com a visão, actualmente clássica, presenciada por Kenneth Arnold nas proximidades do monte Rainier, no estado de Washington” ²⁴⁶.

Quando, em 1957, um dos “objetos luminosos” singrou os céus do município de Ubajara, o correspondente Hemetério Perreira relatou que algumas pessoas da cidade julgavam “que se tratava de um disco-voador ou do *Sputnik*” ²⁴⁷. No município de Caucaia, um cidadão que avistou um “objeto voador”, mas não quis identificar-se, recorreu, inicialmente, ao *Sputnik*, porém, em seguida, abandonou esta hipótese e abraçou a tese de tratar-se de “um dos misteriosos discos-voadores” ²⁴⁸. Aqui, mais uma vez, a testemunha se aproximou dos satélites (“a princípio, pensei tratar-se de um dos famosos *Sputniks*”) e dos discos voadores (“Entretanto, depois conclui ser um dos misteriosos discos-voadores”), refutando categoricamente, apenas, a explicação para o fenômeno como sendo a de algo natural (“Quero adiantar que não se tratava de aerólito” ²⁴⁹).

As referências nos jornais aos discos voadores foram se avolumando à medida que os fenômenos apareciam nos céus do estado, e isto ocorria, como vimos, não apenas no Ceará, mas no Brasil e no mundo. Ao noticiar o aparecimento nos céus de mais um “objeto luminoso”, os jornalistas começaram a relatá-los como “*mais uma notícia* de discos-voadores avistados no estado do Ceará, dentre outras por nós divulgadas em edições anteriores”

²⁴⁶ *Fronteiras do desconhecido*, Lisboa: Seleções do Reader's Digest, 1983, p.308.

²⁴⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 27 de novembro de 1957.

²⁴⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1957.

²⁴⁹ Aerólito: o mesmo que meteorito (“Corpo metálico ou rochoso que, vindo do espaço cósmico, cai na superfície da Terra”, segundo Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa). Na realidade, o que a testemunha avistou foi um meteoro, e não um meteorito. Meteoro é “Qualquer fenômeno que ocorre na atmosfera terrestre”. Assim, meteorito é o fragmento vindo do espaço (e não há relato de ter sido encontrado nenhum objeto), enquanto meteoro é o fenômeno, o efeito produzido por um meteorito ao se consumir durante a sua entrada na atmosfera.

²⁵⁰, acentuando o tom comum e recorrente dos acontecimentos. E o lançamento, em novembro de 1957, do *Sputnik II* imprimiu mais força ao argumento daqueles que buscavam entender o que se passava nos céus recorrendo aos satélites artificiais. A observação de alguns “objetos luminosos” em Fortaleza, “há mais de 20 dias”, fez com que eles fossem explicados como sendo “o segundo satélite russo ou um disco voador” ²⁵¹. E ampliando a envergadura das explicações, o jornal consultou o Serviço de Meteorologia, cuja Diretoria informou nada saber a respeito do “objeto”: a procura ao Serviço deve ter sido incentivado pelo fato de ter sido definido aquele ano como o “Ano Geofísico Internacional” (A.G.I.), em que vários experimentos no mar, na atmosfera e em terra seriam realizados no mundo inteiro (e em muitos destes experimentos eram realizados com o auxílio de foguetes e balões).

“Cientistas de todo o mundo estão agora propondo planos para um estudo em conjunto de nosso planeta que se iniciará daqui a três anos. De agosto de 1957 a dezembro de 1958, observadores em vários pontos do globo farão observações coordenadas dos continentes, dos oceanos, da atmosfera, do Sol e das estrelas. Este ‘Ano Geofísico Internacional’ será o terceiro programa desta natureza. Em 1882, e mais uma vez em 1932, os cientistas cooperaram com os ‘Anos Polares’ que enfatizaram a pesquisa da região ártica” ²⁵².

A propósito, o estado do Ceará estava, de uma certa forma, inserido e envolvido no A.G.I., uma vez que a “Estação local” de Iguatu, do Serviço de Meteorologia, colaboraria no resgate de rádio-sondas (lançadas por balões e foguetes), que deveriam ser entregues ao Sr. Joel Teixeira, caso fossem achados aqueles “aparelhamentos”. “Como se sabe serão efetuadas explorações nas altas camadas atmosféricas no território nacional, através das estações meteorológicas situadas em São Paulo (...), Fernando Noronha e que

²⁵⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 20 de outubro de 1958, “OBJETO LUMINOSO VISTO EM TAUÁ E CAMPOS SALES”.

²⁵¹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 28 de novembro de 1957, “SATÉLITE OU DISCO VOADOR?”.

²⁵² “Scientists all over the world are now laying plans for a concerted study of our planet which will begin three years hence. From August, 1957, to December, 1958, observers at various points of the globe will be making coordinated observations of the continents, the oceans, the atmosphere, and the sun and stars. This International Geophysical Year will be the third such program. In 1882 and again in 1932 scientists cooperated in ‘Polar Years’ which emphasized arctic research”. Revista *Scientific American*, Nova Iorque, abril de 1954, p.45.

serão efetuadas por intermédio de rádio-sondas”²⁵³. E Iguatu foi efusivamente visitado por “objetos luminosos” em 1958 e 1959: seriam então os “objetos misteriosos” simplesmente equipamentos científicos enviados à atmosfera por foguetes e balões, como havia sugerido o Dr. Donald H. Menzel (na revista *Time*, em 1952)? Agrega-se, assim, mais uma possibilidade de explicação para o estranho e bizarro “que vem atraindo a curiosidade pública”.

Alguns correspondentes expressavam claramente a sua opinião sobre os “objetos” e “globos” luminosos (que teimavam em aparecer nos céus do estado). E em alguns casos, dentre as explicações oferecidas por eles, ocorreram algumas referências frontais aos “objetos” como “discos voadores”. Foi o caso do correspondente J. de Figueiredo Filho, do Crato, que teceu comentários interessantes sobre a visita de tais “discos” àquele município. Disse ele:

Nestes últimos anos, muito se tem falado a respeito de discos voadores ou outros fenômenos desconhecidos, que surgem, de quando em quando, nos céus convulsionados de hoje. Serão obras do engenho humano, da América ou da Rússia, agora atacados pela obsessão da guerra? Tratar-se-á de manifestações meteorológicas? (...) “A princípio todos pensávamos ser apenas sensacionalismo da imprensa. Eram casos denunciados por pessoas isoladas (...) Depois já foram grupos de gente, em maior proporção que começavam a denunciar o fenômeno. Do lado de lá do Atlântico, passaram eles a visitar, sem cerimônia, a nossa própria casa. Avistam-nos no Rio, Paraná, Rio Grande do Sul e agora estão voando sobre o Ceará”²⁵⁴.

Há pelo menos três aspectos levantados pelo correspondente e que foram, de uma forma ou de outra, tratadas ao longo desta Dissertação. *Primeiro*, o correspondente ressaltou a recorrência dos assim chamados “discos voadores” (e “outros fenômenos desconhecidos”) naquele período (em fins da década de 1950). E ao falar dos “céus convulsionados de hoje”, se refere, muito apropriadamente, aos satélites artificiais que há um ano começaram a congestionar os céus, assim como o recrudescimento das

²⁵³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 17 de agosto de 1957, “IGUATU COLABORA NO AGI”. Quando foi revelado, em março de 1959, a realização de testes nucleares clandestinos no Atlântico Sul (a Operação *Argus*, como veremos), foi dito que as explosões desta Operação foram “(...) uma das maiores realizações do Ano Geofísico Internacional (AGI)”. Jornal *O Povo*, Fortaleza, 11 de abril de 1959, “MARCO CIENTÍFICO O PROJETO ARGUS”.

²⁵⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de novembro de 1958, “DISCOS VOADORES VISTOS NO SOPÉ DA CHAPADA DO ARARIPE”.

atividades do Cabo Canaveral que efetivamente intensificaram o tráfego de foguetes e mísseis (muitos experimentais) no Atlântico Sul.

Segundo, ele questionou a origem e o motivo da recorrência deles (“Serão obras do engenho humano (...)?”) e apontou como responsáveis as superpotências (“atacados pela obsessão da guerra”). Sugeriu, ainda, que eles fossem “manifestações meteorológicas”, argumento amplamente utilizado, no período, para explicá-los (e que foi, como vimos, motivo de uma matéria na revista *Time* ²⁵⁵). E ao apontar a “obsessão da guerra” como catalisador dos episódios nos remete, de imediato, a toda a *Pesquisa e Desenvolvimento (P & D)* na área bélica que se desenvolveu assustadoramente no pós-guerra e que se estendia a todos os aspectos da vida cotidiana ²⁵⁶. O que pode ter acontecido, portanto, é que recebíamos aqui a visita, por meio de “objetos luminosos”, do reverberar da disputa bipolar entre as superpotências (consubstanciada na Corrida Espacial) em seu afã por engenhos teleguiados mais rápidos, modernos e sofisticados.

Terceiro, o correspondente salientou que tais fenômenos e episódios (apesar de amplamente divulgados e visto no mundo inteiro) pareciam, no início, isolados (“Eram casos denunciados por pessoas isoladas”). A coisa toda foi então se avolumando, de modo que, “sem cerimônia”, os “discos voadores” começaram a voar em “nossa própria casa” e “agora estão voando sobre o Ceará”. Aqui me parece compreensível que o correspondente tenha superestimado a importância dos episódios uma vez que agora eles “estão voando sobre o Ceará”, mas seria importante também lembrar que eles estavam aparecendo sobre os céus do estado há quase um ano (desde novembro de 1957). Assim, ao que tudo indica, para o correspondente, os discos voadores adquiriram uma maior importância, uma vez que agora já não

²⁵⁵ Uma matéria da revista *Time*, de 9 de junho de 1952, pág. 44-46, trouxe a “Explicação de um astrônomo” (“An Astronomer’s Explanation”) para “Aqueles Discos Voadores” (“THOSE FLYING SAUCERS”). Nela, como vimos, o dr. Donald H. Menzel apresenta uma série de possibilidades para o que seriam os “discos” como, por exemplo, miragens decorrentes de perturbações atmosféricas.

²⁵⁶ Há um sem número de leituras que poderia sugerir sobre este aspecto da vida cotidiana (que se relaciona com a Corrida Espacial e Armamentista). Porém, correria o risco de deixar algum “clássico” de fora, além de sugerir literatura em língua estrangeira nem sempre de fácil acesso. Por este motivo (para dirimir o problema da acessibilidade), sugiro um *site* na Internet (<http://www.pbs.org/wgbh/amex/bomb/filmmore/reference/interview/index.html>) que apresenta entrevistas com vários historiadores (ver Laura McEnaney) sobre aspectos relacionados a Guerra Fria e a vida cotidiana dos norte-americanos.

estão mais aparecendo para os “outros”, e sim para os moradores (como ele) do “SOPÉ DA CHAPADA DO ARARIPE”.

E um pouco mais adiante em seu relato sobre os “discos voadores”, o correspondente J. de Figueiredo Filho citou o nome de supostas testemunhas dos episódios ²⁵⁷. Porém, enquanto os outros correspondentes, como veremos, normalmente recorrem a depoimentos de pessoas ilustres que emprestam força e confiabilidade as suas matérias, o correspondente do Crato repassou informações da aparição vindas dos mais inusitados e inesperados depoentes. Inicialmente, ele foi procurado por “um trabalhador chamado Vicente, com mais alguns meninos”, que o informou da passagem de um “globo luminoso”, um “pouco depois das 18h” (“após o jantar”). E dois dias após a passagem do objeto, “o encarregado da vacaria, chamou-nos para dizer que acabava de passar (...) [de novo] o globo luminoso”. E freiras da Casa de Repouso Santa Teresinha (situada “nas vizinhanças” da propriedade do correspondente) confirmaram-lhe a passagem do “globo”.

No entanto, os “objetos luminosos” encontraram-se, por um período que foi de novembro de 1958 a junho de 1959, desaparecidos da imprensa local e isto suscitou novas e mais surpreendentes explicações. O jornal *Folha da Manhã* publicou uma matéria que deu conta do desaparecimento dos discos voadores: “Aparecem menos discos-voadores que antes, e os psiquiatras norte-americanos pensam que talvez os tais discos estejam passando da moda” ²⁵⁸. Um destes psiquiatras, o Dr. Addison M. Duval, subdiretor do Hospital Santa Isabel, de Washington, disse “que ver coisas que não existem é o produto da ansiedade gerada pelo medo ao desconhecido”. E tranquilizou: “Naturalmente, nem todos os que vêem o que a Força Aérea chama objetos voadores desconhecidos, estão mentalmente enfermos”, mas “algumas pessoas que vêem tais coisas padecem de ilusões ou alucinações”. O jornal apresentou dados da Força Aérea norte-americana (U.S.A.F) que apontaram para uma diminuição no avistamento dos discos voadores em 1958, uma vez que “A maioria dessas visões foram identificadas, posteriormente, em forma de coisas reais: aviões, globos, estrelas, planetas e até satélites terrestres”. E, ao

²⁵⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de novembro de 1958.

²⁵⁸ Jornal *Folha da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1959, “OS DISCOS-VOADORES PASSAM DA MODA, DIZEM PSIQUIATRAS” Exemplar disponível no http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/ciencia_31jul1959.htm

final, o Dr. Duval “disse que devíamos haver prognosticado a mania dos discos voadores, porque quando algo cativasse o interesse geral, o normal é que se produzam ilusões nos enfermos mentais”! Estariam as diversas pessoas que avistaram os “objetos e globos luminosos” simplesmente cativados pelo “interesse geral” por satélites e discos voadores naquele período em que “tudo se torna possível”? Seriam os avistamentos, portanto, sintomas de uma enfermidade mental coletiva?

Outros episódios igualmente inusitados ocorriam no Ceará e eram motivos de matérias nos jornais locais. Em Santana do Acaraú, o correspondente Lycio Soares, remeteu ao jornal uma matéria que relatou um “tremor de terra”. A matéria começou lembrando um tremor semelhante ocorrido “na Serra da Ibiapaba, no mês passado” ²⁵⁹. O tremor, ocorrido “por dois dias consecutivos”, foi tão intenso “que se refletiu nas casas residenciais, afastando o telhado e derrubando móveis”. E um estrondo em Santana do Acaraú, “vindo de um serrote das imediações”, causou forte impacto à população que “despertou sobressaltado”. Não foi apresentada nenhuma explicação para os “estrondos” e “tremores de terra”. Foi apenas na primeira matéria que encontrei sobre “tremores de terra”, de 10 de setembro de 1956, que foi dada uma explicação para os “estrondos” e “tremores”. Segundo a matéria, na cidade de Perreiro, ocorreu um “tremor de terra” por volta das 23h do dia 30 de agosto de 1956. O correspondente Wilson Cruz Cavalcante afirmou que “Trata-se de um fato verídico (...) acontecido nas proximidades do sítio denominado ‘Frade’” ²⁶⁰. Os “tremores” na região parecem ser um fenômeno recorrente, tanto que “comenta-se muito nesta cidade que, nos idos de 1930, eram freqüentes tais ocorrências”. Da mesma maneira que nos outros episódios, a população do município foi surpreendida pelo “tremor”: “O tilintar de louças sobre mesas meteu medo em muita ‘gente [de] bem’ da cidade”. E ao final da matéria foi dada uma explicação para o que teria causado os abalos e “estrondos”: há muito enxofre e salitre na região e a existência destes dois elementos juntos explicaria tudo. O correspondente conversou com

²⁵⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 16 de janeiro de 1959. “TREMOR DE TERRA EM SANTANA DO ACARAÚ”. Não encontrei, porém, nenhuma matéria no jornal que desse conta de um tremor de terra na Serra da Ibiapaba.

²⁶⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 10 de setembro de 1956, “TREMOR DE TERRA EM PERREIRO” “GRANDE ESTRONDO PRECEDEU O ABALO”.

o sr. Hildebrando Maia, “proprietário local”, que informou “que anos atrás residia na região um cidadão que não comprava salitre nem enxofre para o fabrico de fogos, bombas, etc”. Assim a explicação pareceu óbvia e clara: “É de se crer que os estrondos sejam produzidos pela combustão de tais inflamáveis”. Diversamente do outros episódios (“objetos luminosos” e “estrondos”), o entendimento para os “tremores de terra” não foi buscado nos avanços da ciência e da técnica, uma vez que a recorrência deles, “nos idos de 1930”, habilitou o correspondente e as testemunhas a falar deles como algo “frequente” naquela região, cuja explicação, apesar de complexa (enxofre + salitre = tremor de terra), pareceria mais inteligível do que a que recorresse a satélites e discos voadores.



Como acabei de demonstrar, os episódios relativos a “objetos luminosos” (apesar de representarem a grande maioria do total de eventos inusitados) foram acompanhados de outros acontecimentos de natureza diversa, como os “tremores de terra”, por exemplo. No entanto, “estrondos” e “clarões” também marcaram sua passagem pelo estado do Ceará naquele momento. No começo de 1958, no Ipu, um “formidável estrondo” foi ouvido e, em Marco, uma “luz misteriosa” que “rasgou os céus” surpreendeu aqueles que presenciaram ou que dele tomaram conhecimento.

O correspondente F. Martins Pinho (do jornal *O Povo* na cidade de Ipu) deu conta da ocorrência de um “formidável estrondo” naquela cidade ²⁶¹. O estrondo ocorreu por volta do meio dia e foi ouvido com maior intensidade no “sertão de Ipu” (“devido a calma e surpresa dos habitantes”). Ao contrário dos fenômenos siderais ou empíreos, não foi buscada nenhuma explicação (pelo menos não consta do jornal nenhuma) nos discos voadores ou no *Sputnik*. Para finalizar, o correspondente informou que “O fato continua causando estranheza [sic; estranheza] neste município cujo povo anda a procura de uma explicação para o fenômeno”. De fato, a atipicidade do fenômeno instigava as

²⁶¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 16 de janeiro de 1958, “ASSOMBRADO O POVO DE IPU COM FORMIDÁVEL ESTRONDO”.

peessoas a buscarem explicá-lo de algum modo. Na falta de uma explicação que pudesse ser colhida ali, no calor dos acontecimentos mundiais, o correspondente se apropriou do testemunho das “mulheres que colhiam oiticica no sítio ‘Macaco’” (sem, porém, citar o nome de nenhuma delas), que sinalizaram “ter chegado o fim do mundo”. Explicações escatológicas deviam ser comuns em casos desta natureza (assim como nos de “objetos luminosos”), mas parece que os correspondentes se afastam delas, aproximando-se apenas quando nenhuma outra “melhor” poderia ser oferecida (normalmente discos voadores e o *Sputnik*). O estrondo fora ouvido também em Crateús e “Muitos sertanejos vieram hoje a cidade [oriundos do “sertão de Ipu”], interessados em saber algumas notícias a respeito”. Percebe-se, portanto, o forte impacto causado pelo estrondo nos sertanejos e a ânsia deles por uma explicação. As “mulheres que colhiam oiticica” nos fornecem um indício de que as pessoas se apropriavam dos acontecimentos inusitados a sua maneira, que havia polifonia nos discursos, e pluralidade e dissonância de explicações.

Já o correspondente José Alfredo Silva (do jornal *O Povo* na cidade de Marco) noticiou o aparecimento de um “clarão” que “rasgou os céus” ²⁶². Logo no início de sua matéria o correspondente deixou claro que “aparecem as opiniões, as hipóteses” daqueles “mais entendidos ou, pelo menos mais credenciados a opinar, baseados em simples leitura de revistas e jornais”. Aqui, aflora, pela primeira vez, um excelente indício de onde os “mais entendidos” buscavam substratos para suas explicações: na “simples leitura de revistas e jornais”. Ora, se, para tanto, era lá que se ancoravam no momento de formular suas hipóteses, parece-me compreensível que a todo o momento (em outros episódios) se referissem a discos voadores e satélites artificiais, uma vez que os jornais da época (notadamente *O Povo*, em que pesquisei) repercutiam cotidianamente os avanços da ciência e da técnica que galgavam a passos largos.

Acredito que aquela ambiência era favorável a que as pessoas levantassem um sem-número de questionamentos: se podemos passear no espaço sideral com os *Sputnik* e os foguetes teleguiados (“provocando uma

²⁶² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de janeiro de 1958, “UM CLARÃO RASGOU OS CÉUS DA CIDADE” “COINCIDEM AS DESCRIÇÕES SOBRE A LUZ MISTERIOSA – HIPÓTESE SOBRE O ESTRANHO FENÔMENO SIDERAL – TESTEMUNHAS EM PÂNICO”.

barulheira danada lá pelo infinito”), não estaríamos nós do planeta Terra, portanto, sendo visitados por seres do espaço exterior com tecnologia superior à nossa? Devido a atipicidade do acontecimento (um “clarão”), a opinião dos “mais entendidos” e daqueles que “testemunharam [o] estranho fenômeno sideral” acabou por desembocar nos “mais desencontrados comentários”: infelizmente o correspondente não traz nenhuma explicação (dele ou das testemunhas) para o clarão. A exemplo dos outros episódios, o correspondente arrolou testemunhas com o intuito de imprimir força a seu relato. Inicialmente diz “ser limitado o número de testemunhas”, pois o “clarão que rasgou os céus da cidade” ocorreu em um horário (22h) quando “a maior parte da cidade já dormia”. E citou os nomes: Manuel Aristeu Silva, Sebastião Helvécio Silveira, Manuel Alves Rios e João Batista Vasconcelos (vulgo João Capoeiro). E no afã de garantir a veracidade do depoimento daqueles que presenciaram a “luz misteriosa”, atestou que são “todos considerados homens que não mentem”. Segundo declararam, “viram um enorme clarão avermelhado que surgiu bruscamente no horizonte, para as bandas do sul”. Definitivamente o espetáculo deve ter sido maravilhoso para aqueles que afortunadamente o presenciaram, pois se falou em algo “muito rápido, de curta duração, mas de uma intensidade quase ofuscante, que chegou a clarear o chão, como no lusco-fusco [a hora do crepúsculo vespertino ou matutino]”. Uma vez que o jornal não voltou mais a falar do “clarão” em suas edições posteriores, acredito que pouco a pouco a história foi esvaecendo das rodas de conversa na cidade. Que explicações afloraram da mente dos sertanejos para explicar a “luz misteriosa”? Enfim, como o acontecimento foi ruminado ao longo das semanas e meses seguintes?

A aparição dos diversos episódios nem sempre se deu da mesma forma. Em muitos dos avistamentos de “objetos luminosos” eles simplesmente corriam pelos céus do município sem produzir nenhum ruído e apareciam isoladamente. Porém, em outros momentos, os “objetos luminosos” trouxeram consigo características e configurações que ainda não tinham aparecido em outros episódios até agora: *primeiro*, eles apareceram em grupos de três ou quatro; *segundo*, foi feita a imediata associação dos “objetos” com aviões a jato da Base Aérea de Fortaleza (B.A.F.); e *terceiro*, as referências diretas a “discos

voadores” se tornaram mais freqüentes e apareceram em mais da metade das matérias.

E uma destas aparições ocorreu no município de Iguatu e, surpreendentemente, o “corpo estranho (...) girava tal e qual um imenso prato luminoso” e “demorou-se por dois segundos como se desejasse fotografar o infinito” ²⁶³. A “demora” do “objeto” não foi observada por nenhum outro correspondente em outras matérias, uma vez que os mesmos apenas singravam nos céus, sem interrupção. Talvez por este motivo o correspondente Júlio Braga ventilasse a hipótese de “disco voador”, apesar de não acreditar nela (“não queremos acreditar que fosse um disco, embora reconheçamos tratar-se de algo empolgante e diferente”). E aqui também, pela primeira vez, “este repórter viu o fenômeno com os próprios olhos, em companhia do jornalista Antônio Nogueira e outros observadores”.

Curiosamente, em um dado momento, os “objetos luminosos” começaram a aparecer em grupos de três ou quatro. Em uma destas aparições, foram avistados três “objetos luminosos” nos céus dos municípios de Ipu e Nova Russas ²⁶⁴. Os “objetos”, “tidos como discos voadores”, não produziram ruído e apresentaram formação em “fila” (“um após o outro”). Em uma outra aparição, os “discos” visitaram mais uma vez a “Princesa do Norte” (o município de Sobral). Sem produzir ruído, vindos da Serra da Meruoca, “três objetos luminosos” ²⁶⁵ passaram pelos céus do município. E no mesmo dia, “quatro tochas luminosas do tamanho de uma bola de futebol” ²⁶⁶ cruzaram os céus do município de Acaraú. Um grupo de pessoas que viajavam em um caminhão de Madalena para Fortaleza avistaram, agora, “três objetos fosforescentes”. Ao buscar uma explicação para o que aconteceu, a Redação do jornal manteve contato com a B.A.F. (Base Aérea de Fortaleza) e foi informada que “seguramente os objetos vislumbrados eram aviões a jato” uma vez que os mesmos estavam em “evoluções nas zonas de onde nos chegaram as notícias”. O fato do “objeto” não ter produzido nenhum ruído é explicado

²⁶³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de junho de 1958, “IGUATU VÊ DE NOVO OBJETO LUMINOSO”.

²⁶⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de julho de 1958, “OBJETOS LUMINOSOS CRUZARAM OS CÉUS DE IPU E NOVA RUSSAS”.

²⁶⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 31 de julho de 1958, “SOBRAL VÊ DISCOS”.

²⁶⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 31 de julho de 1958, “SERIAM JATOS OS OBJETOS VISTOS EM DIVERSOS PONTOS DO ESTADO”.

pela “grande altura” em que se encontravam, e “a grande velocidade e as luzes acesas” dos aviões criaram “a ilusão de uma bola movendo-se no espaço”.

Mas qual o motivo de se ventilar a hipótese de que aviões a jato seriam as afamadas “tochas fosforescentes”? Há motivos para isto? Bem, a exemplo dos satélites artificiais e dos discos voadores, os aviões a jato eram uma inovação tecnológica relativamente recente no mundo e recém-chegada a B.A.F. Nos jornais que pesquisei encontrei algumas referências à chegada dos aviões a jato à Base. Em setembro de 1956 o jornal *O Povo* adiantou uma notícia colhida “junto ao alto comando da unidade aeronáutica aqui aquartelada” ²⁶⁷. A matéria então informou que “quatro aviões de treinamento” seriam entregues “a partir de novembro vindouro” (1957). Os aviões, no entanto, só chegariam a esta capital no início de 1958. Em 16 de janeiro de 1958 o jornal *O Povo* noticiou o “ato de incorporação” das aeronaves (do tipo F-80) e informou que estariam “presentes altas patentes da Aeronáutica” ²⁶⁸. Os aviões chegaram provenientes de Belém em vôo direto que durou “apenas duas horas” e foram “comandados por oficiais norte-americanos”. E no Aeroporto do Cocorote, no Alto da Balança, “verificou-se cerimônia de entrega dos caças a jato pelo presidente da Comissão Mista Brasil - Estados Unidos, major-general Morris Nelson ao comandante da Base Aérea de Fortaleza, coronel-aviador Otelo da Rocha Ferraz” ²⁶⁹. O jornal *Gazeta de Notícias* referiu-se aos aviões como “novos e modernos” ²⁷⁰ e assim bem sintetizou o sentimento de perplexidade diante da novidade que se instalou na Base. E a chegada dos novos aviões a B.A.F. (e a outras unidades da Força Aérea Brasileira) adquiriu um significado tão especial que o próprio Comandante da Base (agora o Cel. Ovídio Gomes Pinto, em substituição ao Cel. Otelo da Rocha Ferraz ²⁷¹) foi pessoalmente aos Estados Unidos trazer quatro aviões a jato.

²⁶⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 24 de setembro de 1956, “AVIÕES A JATO TERÃO BASE EM FORTALEZA”.

²⁶⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 16 de janeiro de 1958, “AVIÕES A JATO PARA A BASE DE FORTALEZA”.

²⁶⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 18 de janeiro de 1958, “CHEGARAM OS CAÇAS A JATO”.

²⁷⁰ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 11 de janeiro de 1958, “TREZE AVIÕES A JATO AMANHÃ EM FORTALEZA”.

²⁷¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 24 de janeiro de 1958, “NOVO COMANDANTE DA BASE AÉREA DE FORTALEZA”.

E há indícios de que a esquadrilha de aeronaves deste tipo, no Brasil, se avolumava, uma vez que “os quatro referidos aviões são os restantes de uma remessa de cinquenta aviões comprados pelo Brasil aos Estados Unidos” ²⁷². Em maio de 1958, a B.A.F. já contava “com um total de 26 aviões” ²⁷³, que seriam entregues a “aos oficiais aspirantes recém – saídos da Escola de Formação de Pilotos da Aeronáutica e entrarão hoje em período de treinamento”. E os pilotos destas aeronaves realizavam seus exercícios aéreos no interior e “AO LONGO DA COSTA” (em aviões do tipo F-80 e T-23) do estado ²⁷⁴, e após um determinado período de curso, participavam da cerimônia de formação de pilotos na B.A.F. ²⁷⁵.

Em um outro conjunto de acontecimentos inusitados, a aparição em grupos de três ou quatro “objetos” foi acompanhada de uma explicação que se ancorou transversalmente nos disco voadores e nos aviões a jato. Em um destes acontecimentos foi feita referência a passagem de “três objetos luminosos, acompanhados de um outro” ²⁷⁶, que “Desenvolviam extrema velocidade, não faziam ruídos e produziam reflexos”. A matéria (que se baseou em carta enviada pelo “sr. Antônio Leite, residente em Uruoca”) nomeou os objetos de “DISCOS” e não apontou uma explicação para o que seriam eles, mas lembrou que os mesmo seguiam a “direção de aviões que fazem a linha Camocim - Fortaleza”: linhas aéreas comerciais eram comuns naquele período ²⁷⁷ e é admissível que as pessoas se habituassem a passagem dos aviões comerciais (todos movidos a hélice) e fizessem comparações com episódios aparentemente poucos comuns, como a de “tochas luminosas” e “objetos fosforescentes”. Em um outro município, na parte norte do estado, foi avistado “quatro ‘discos voadores’ que percorreram os céus do Ceará” ²⁷⁸. E aqui já foi fornecida a explicação para os “discos voadores”: “Como sabem os leitores (...) naquele dia, aviões a jato fizeram exercícios sobre quase todo o território

²⁷² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 20 de maio de 1958, “O CORONEL TRARÁ A ESQUADRILHA”.

²⁷³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 17 de maio de 1958, “MAIS 3 JATOS PARA A BASE”.

²⁷⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 22 de julho de 1959, “TRINTA AVIÕES A JATO EM MANOBRAS AO LONGO DA COSTA”.

²⁷⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 11 de abril de 1958, “ASAS PRATEADAS NOS CÉUS DO BRASIL”.

²⁷⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 1 de agosto de 1959, “CONTINUAM OS DISCOS”.

²⁷⁷ Outros municípios eram atendidos por linhas aéreas, como Quixadá, por exemplo, onde encontramos, no jornal *O Povo* de 20 de agosto de 1957, uma propaganda da *Real Aerovias* oferecendo vôos regulares para aquele município.

²⁷⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 4 de agosto de 1958, “GRANJA TAMBÉM VIU OS DISCOS”.

cearense, a alta velocidade”. A passagem dos “quatro objetos luminosos” parece ter surpreendido “toda a população da cidade [que] foi as ruas observar” o fenômeno.



Em várias das matérias que selecionei do jornal *O Povo* pude perceber que os correspondentes arrolavam algumas testemunhas para emprestar certa fidedignidade aos seus relatos. Ocasionalmente, porém, como vimos ²⁷⁹, algumas testemunhas optavam pelo anonimato: o que teria levado elas a esta opção? Receio de ridicularização?

No entanto, em muitos casos, os correspondentes citavam os nomes das testemunhas dos eventos que descreviam e, curiosamente, escolhiam elas entre os membros mais eminentes do município em que ocorria o episódio. Em um relato de um deles, na cidade do Ipu, o correspondente citou, “Além de outras pessoas idôneas”, o candidato a prefeito do município o sr. Vicente Belém Rocha como uma das pessoas que presenciaram a passagem do “estranho corpo luminoso” ²⁸⁰. Não são apresentadas explicações para o episódio e mais uma vez não aparecem as vozes dos sertanejos que muito provavelmente se maravilharam com o espetáculo do “objeto luminoso” singrando os céus do município. Em um dado momento em que os “objetos luminosos” intensificaram sua passagem por Fortaleza e foram avistados “por grande número de pessoas” ²⁸¹ (principalmente nos bairros da Aldeota, Joaquim Távora e Porangabussu), uma matéria do jornal *Gazeta de Notícias* citou, como testemunha, uma “pessoa das mais conceituadas em nosso meio”, o jornalista Luis Martins, que “tem observado o misterioso objeto esférico há muitos dias”, em sua residência no Porangabussu. O correspondente Júlio Braga, da cidade de Iguatu, escreveu algumas matérias que descreviam o aparecimento nos céus daquele município (e em alguns outros municípios

²⁷⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1957, “VIU OBJETO VOADOR MAS NÃO QUER IDENTIFICAR-SE”.

²⁸⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 10 de fevereiro de 1958, “OBJETO LUMINOSO EM IPU” “TINHA A FORMA DE UMA ESTRELA E DESENVOLVIA INCRÍVEL VELOCIDADE”.

²⁸¹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 28 de novembro de 1957.

vizinhos, como Jucás) de “objetos luminosos” ²⁸². E em um deles, provavelmente para imprimir força a seu relato sobre o “objeto, estranho, luminoso”, o correspondente disse que o mesmo fora “observado por inúmeras pessoas inclusive por jornalistas, sr. Antonio Nogueira, pelo padre Francisco Couto e pela esposa do gerente do Banco do Brasil”. É sintomático que o correspondente tenha escolhido, como testemunhas, um jornalista, um padre e a “esposa do gerente”, enfim, pessoas que imprimiriam confiabilidade a seu relato repassado ao jornal fortalezense.

E na cidade de Marco, o correspondente do jornal *O Povo*, José Alfredo Silva, citou, como uma das pessoas que testemunharam o episódio, o “operário conhecido por Benedito da Izabel Luiza” ²⁸³: pela primeira vez é escolhido o (e feita referência direta ao) testemunho de uma pessoa aparentemente não tão ilustre e notável como jornalistas, candidatos a prefeito e outros “homens que não mentem”. Em alguns casos, apesar do correspondente citar o nome de várias pessoas que avistaram o fenômeno (“MUITA GENTE VIU A BOLA AVERMELHADA” ²⁸⁴), ele lembra que, mais adiante, dentre os que “presenciaram o fato inesperado”, “as principais testemunhas [foram] os familiares do comerciante Hardy Madeira”. O correspondente pareceu, portanto, seduzido pela idéia de fornecer um testemunho mais crível para o que relatou e isto é, comumente, buscado na fala das pessoas mais eminentes, ou das “principais testemunhas”.

Assim, na maior parte das matérias selecionadas como bizarras e inusitadas não foi possível colher a opinião das pessoas comuns que igualmente avistavam os “objetos” e “clarões” e que, definitivamente, foram os que efetivamente experimentaram e vivenciaram a passagem dos “objetos luminosos” ou do lampear de um “clarão”. Os correspondentes recorriam a elas como testemunhas dos episódios, mas as suas opiniões apareciam sempre de maneira muito limitada. No entanto, em muitos casos, os correspondentes refletiram a opinião comum ou coletiva do assombro causado pelo testemunho de episódios tão estranhos no município. Parece-me

²⁸² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 4 de março de 1958, “CORPO LUMINOSO VISTO EM IGUATU” e em 21 de março de 1958, “MAIS UMA VEZ, EM IGUATU, É VISTO O OBJETO LUMINOSO”.

²⁸³ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de agosto de 1958, “OBJETO LUMINOSO VISTO EM MARCO”.

²⁸⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de abril de 1958, “OBJETO LUMINOSO VISTO EM SOBRAL!”

perfeitamente compreensível o estranhamento diante de tais fenômenos, uma vez que os progressos e avanços na ciência e técnica eram mostrados pela imprensa, e algumas pessoas se ancoravam na “simples leitura de revistas e jornais”, como vimos, para formar opiniões sobre o que acontecia. É possível que as pessoas que tinham o acesso as “revistas e jornais” mantivessem uma postura mais sóbria em relação aos episódios que não entendiam completamente.

Por outro lado, o sertanejo e os moradores das áreas rurais dos municípios, que comumente não tinham trânsito pela literatura científica (mesmo que através dos jornais), seriam os que mais se surpreendiam com “objetos” e “globos” vagando por sobre suas cabeças, o que levou o correspondente a dizer, referindo-se a um “estrondo” na cidade de Ipu, que “Muita gente ficou assombrada por não atinar com a causa do fenômeno” ²⁸⁵. Em Aracati, a passagem de um “objeto luminoso” causou “pânico a população” ²⁸⁶, enquanto a observação de um outro “objeto” deixou o povoado de Gadelha “em polvorosa” ²⁸⁷. Já na cidade de Marco, o correspondente lembrou que as testemunhas ficaram “em verdadeiro pânico” ao avistarem um clarão que “rasgou os céus da cidade” ²⁸⁸. Em muitos municípios a população ficou “abismada” ao observar a passagem dos “objetos” e acredito que isto foi reforçado pelas características físicas deles que, em muitos casos, foram descritos como desenvolvendo “vertiginosa”, “grande” (as vezes “pequena”), “bastante”, “regular” e “incrível” velocidade, “rasgando o espaço” ²⁸⁹ e sumindo no horizonte. O que pude observar aqui, portanto, foi que os sertanejos, em muitos casos, procuravam compreender os episódios inusitados afastando-se das explicações científicas (que possivelmente não entendiam completamente), aproximando-se daquelas mais ligadas aos sentidos e aos sentimentos, daí o aflorar freqüente de deslumbramento e admiração.

²⁸⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 16 de janeiro de 1958, “ASSOMBRADO O POVO DE IPU COM FORMIDÁVEL ESTRONDO”.

²⁸⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 3 de dezembro de 1957, “OBJETO LUMINOSO VISTO EM ARACATI”.

²⁸⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 21 de julho de 1957, “VÁRIAS CIDADES DO INTERIOR VIRAM ESTRANHO OBJETO LUMINOSO NOS CÉUS”.

²⁸⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de janeiro de 1958, “UM CLARÃO RASGOU OS CÉUS DA CIDADE” “COINCIDEM AS DESCRIÇÕES SOBRE A LUZ MISTERIOSA – HIPÓTESE SOBRE O ESTRANHO FENÔMENO SIDERAL – TESTEMUNHAS EM PÂNICO”.

²⁸⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 20 de outubro de 1958, “OBJETO LUMINOSO VISTO EM TAUÁ E CAMPO SALES”.

Complementarmente, os “objetos” apresentavam “estranha luminosidade” e em um caso espetacular um deles chegou a explodir “no meio do céu”, “espalhando uma claridade esverdeada” ²⁹⁰ e talvez, por este motivo, fossem em alguns casos descritos como “algo empolgante e diferente” ²⁹¹. O rosário de descrições passa por “objetos fosforescentes”, “tochas luminosas” de “cor avermelhada”, espargindo “bonita luz verde azul ofuscante” (descrita algumas vezes como “intensa”, “fixa”, “estranha de cor amarelo-laranja” ou “luz entre vermelha e branca”), deixando uma “cauda azulada” e que “fazia evoluções lentas”, assim como deixavam um “rastro de luz” (as vezes a “luz aumentava e diminuía”) que “devagarinho foi se encolhendo”! Indubitavelmente, a combinação de tantas particularidades contribui para que adquirissem um qualitativo que os aproximava do bizarro e do inusitado que encontram solo fértil na imaginação e na mente das pessoas em momentos de tensão, de ruptura e de comoção. Seriam as matérias jornalísticas que encontrei ecos das incertezas daquele período presentes no âmago das pessoas?



Bem, agora gostaria de fazer uma pausa e tecer alguns comentários sobre uma matéria que se insere cronologicamente neste conjunto de matérias que selecionei, mas que é de natureza diferente. E esta se explica pela importância que esta matéria vão adquirir no *Terceiro Capítulo*, quando a ambiência dele é construída a partir dela.

A matéria apareceu no jornal *O Povo* (assim como em outros jornais) do dia 28 de julho de 1958, e intitulou-se “NADA SE SABE EM FORTALEZA SOBRE A EXPLOÇÃO DE TELEGUIADO EM QUIXADÁ”. Na classificação que fiz, esta matéria se insere na classe de “estrondos”. Como vimos neste *Capítulo*, há um outro episódio de “estrondo” (na realidade, são apenas 2 no total) ocorrido na cidade do Ipu: não foi possível porém, estabelecer um

²⁹⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 22 de julho de 1958, “EM CHAVAL A BOLA DE FOGO EXPLODIU”.

²⁹¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 19 de junho de 1959, “IGUATU VÊ DE NOVO OBJETO LUMINOSO”.

conectivo que permitisse derivar desta matéria outros elementos para análise. Ao contrário, no entanto, a matéria sobre a explosão em Quixadá rendeu elementos especulativos riquíssimos que foram explorados na época da publicação (e principalmente a partir de abril de 1959) e que hodiernamente geram controvérsia sobre uma provável explosão atômica no Nordeste (mais precisamente na atual cidade de Madalena, como veremos no próximo *Capítulo*).

A matéria noticia o que seria a “deflagração de dinamite em trabalho de mineração”, apesar de no cabeçalho da matéria anunciar uma “EXPLOÇÃO DE TELEGUIADO”. No corpo da matéria foi dito que tal possibilidade é remota, pois “Não há (...) qualquer indício capaz de comprovar esta assertiva”. E como indício que afasta a tese da “explosão de teleguiado”, o jornal citou que “A estação de teleguiados, em Fernando de Noronha, ainda não foi concluída”. A associação do estrondo espetacular com foguetes teleguiados é feita graças a construção recente na ilha de Fernando de Noronha da “estação de teleguiados”, cuja finalidade seria o acompanhamento e rastreio da trajetória dos mísseis e foguetes lançados de Cabo Canaveral, na Flórida. O início do ano de 1957 foi marcado, como vimos no *Primeiro Capítulo*, pelo *frisson* gerado pela liberação aos norte-americanos da ilha para a construção da estação. A imprensa comunista (principalmente, *O Democrata*) deu ampla repercussão a liberação da ilha e, de um certo modo, a polêmica se estendeu até o interior do estado: abaixo-assinados foram recebidos do interior e algumas lideranças locais se posicionaram favoravelmente a uma ação enérgica do governo brasileiro (como foi visto há pouco).

Foi assim possível falar-se em teleguiado dado a proximidade do tema na mídia escrita. O espetáculo da explosão *per se* causou “verdadeiro pânico entre a população daquela cidade sertaneja”, característica comum a vários outros episódios aqui relacionados: a seleção do bizarro que faço neste trabalho se deve a assertivas desta natureza. Segundo ainda o jornal, a “grande explosão”, que “se seguiu uma imensa coluna espessa de fumaça, dando a impressão de que se tratava de uma ocorrência verificada no próprio espaço”, foi “ouvida num raio de 60 quilômetros”. É absolutamente fantástica a descrição que o jornal faz da “grande explosão”. No próximo *Capítulo*, quando reunir a descrição de outros jornais, a minha inquietação recrudescerá dada a

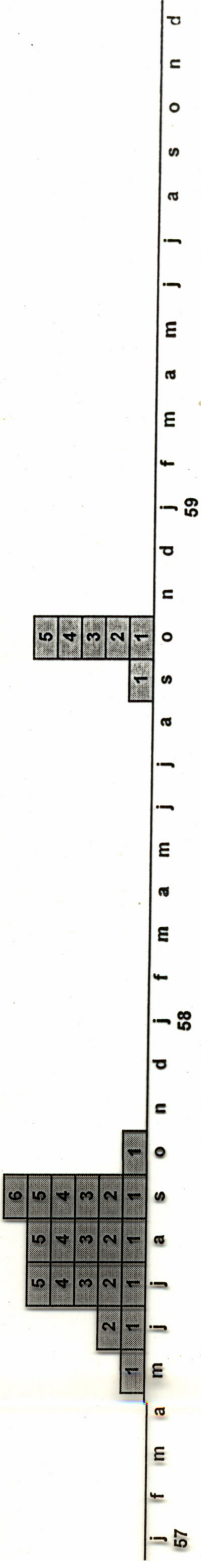
escala do episódio. Teria sido utilizada a cidade como sítio de um teste atômico clandestino?

Gostaria de apresentar agora uma compilação que fiz dos dados obtidos do jornal *O Povo* (relativos a “objetos luminosos”, “clarões”, “estrondos” e “tremores de terra” e que chamei de “Eventos”) e aqueles obtidos, em documentos oficiais, dos testes nucleares conduzidos pelos norte-americanos em fins da década de 1950. A seleção que fiz dos testes incluiu apenas aqueles com potência maior ou igual a 1,7 kt: os testes com potência inferior não foram selecionados, pois em sua maioria são “experimentos de segurança”²⁹², cuja potência *deveria* ser zero²⁹³.

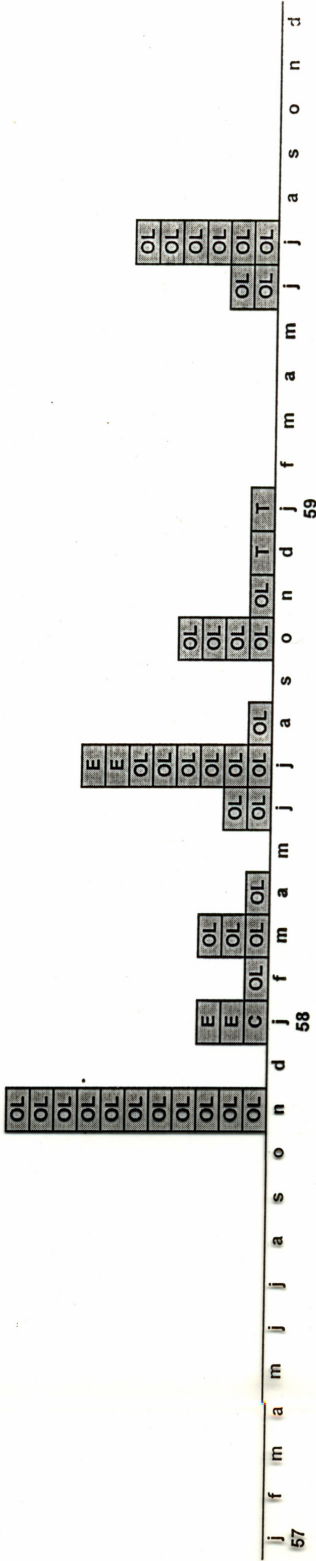
²⁹² Ou “experimentos designados para confirmar que uma explosão nuclear não ocorreria em caso de uma detonação acidental do explosivo associado ao engenho”. Conf. *United States Nuclear Tests: July 1945 through September 1992*, p.181.

²⁹³ Além do mais, julguei que se alguma arma nuclear foi testada aqui no Serão Central, deveria se tratar de uma de *baixa potência*, uma vez que uma de potência superior poderia torná-la perceptível a população e causar assim uma repercussão indesejada para um teste supostamente planejado como clandestino (porém, se o teste tiver ocorrido no período diurno e nas altas camadas da atmosfera, poderia passar despercebido). As armas com esta potência eram chamadas de *baby-bombs* (bombas-bebê) e recebiam a designação técnica de W-25 (com potência aproximada de 2kt). Quando os Estados Unidos conduziram sua “única série de testes clandestinos”, escolheram o Atlântico Sul como sítio e as W-25 como engenhos (na Operação *Argus*, como veremos no *Terceiro Capítulo*). Estes engenhos são, segundo até onde pude levantar, os de menor potência que estavam sendo testados dentro do período analisado. É, portanto, por este motivo que selecionei, no conjunto dos testes realizados nos Estados Unidos entre 1957 e 1959, apenas aqueles com potência superior a 2kt. Vale ressaltar que nesse período ganha força o debate sobre o *fallout* radioativo (ou precipitação de entulho, poeira e qualquer outro material pulverizado após uma explosão nuclear, contaminado com radioatividade, e que subiu aos céus pelo efeito da explosão e se precipita alhures pela ação da gravidade e do vento) que atingiria as pessoas que moram nos estados na direção para onde os ventos sopram (conhecidos como *downwinders*) e que seriam atingidos, portanto, por ele: isso reforçaria a tese de conduzi-los clandestinamente em um outro lugar. Ver FRADKIN, Philip L. *Fallout: an American nuclear tragedy*. Boulder: Johnson Books, 2004.

TESTES NUCLEARES REALIZADOS NOS EE.UU (≥1,7kt)



EVENTOS REGISTRADOS NO JORNAL "O POVO"



OL = Objeto Luminoso
E = Estrondo
C = Claração
T = Tremor de terra

Em 1957 = 11 eventos (24% do total)
Em 1958 = 25 eventos (56% do total)
Em 1959 = 9 eventos (20% do total)
Novembro/57 a novembro/58 = 36 eventos (78% do total)

Percebe-se pelo gráfico que a suspensão de testes nucleares acima de 2kt nos Estados Unidos coincide com o aparecimento no estado do Ceará daquele conjunto de acontecimentos genericamente denominados bizarros. Seria este um indício que apontaria para aquela possibilidade “absolutamente extraordinária (e terrível)”?

~~0~~

Até agora tenho apresentado a opinião dos correspondentes e testemunhas que relatavam os episódios no calor do momento. Seria possível, no entanto, encontrar a opinião de alguns jornalistas ou outros colaboradores dos jornais sobre os “objetos luminosos” e discos voadores que tanto apareciam no estado do Ceará, no Brasil e no mundo em fins da década de 1950? Não foram muitas as referências que encontrei a este respeito, mas aquelas que afloraram dos jornais apresentam elementos interessantes a serem analisados e inter-relacionados com outros aspectos daquele período. Em fins da segunda metade do ano de 1957 experimentou-se um verdadeiro surto de aparições de discos voadores, e os jornalistas emitiram suas opiniões e entendimentos para o que ocorria e que inquietava os leitores (muito certamente ávidos por uma explicação). E esta inquietude dos leitores dos matutinos locais é depreendida do fato de que tais objetos (sejam eles “luminosos” ou “voadores”) começaram a aparecer em nosso estado por volta daquele mesmo período.

Em 7 de novembro de 1957, o jornalista Pádua Campos escreveu uma matéria intitulada “DISCOS”, e lá nos revelou o seu entendimento para aquele fenômeno. Segundo ele, vivíamos a “era dos discos voadores” e os satélites artificiais (o *Sputnik* havia sido lançado a pouco, no dia 4 de outubro de 1957) são um elemento que mostra a capacidade humana em progredir rapidamente no campo técnico-científico: “O êxito registrado no funcionamento dos satélites há pouco lançados indica que estamos às vésperas de podermos alcançar a lua. É progresso como diabo, para quem a menos de cem anos desconhecia o avião, o rádio” ²⁹⁴. E Pádua Campos sugeriu que o número elevado de

²⁹⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 7 de novembro de 1957, “DISCOS”.

“pessoas que já os viram [os “discos voadores”]” faz com que não se possa “por em dúvida a sua existência”. E atirou:

“Os discos não são o produto de fantasia ou de alucinação de visionários. Quando muito, poder-se-á admitir que eles não procedem de outros planetas e sim que são alguma coisa secreta de qualquer das potências da terra. Esta última hipótese, porém, é pouco aceitável. Tudo está a indicar que os discos vem mesmo de outro planeta cuja ciência esteja mais adiantada que a nossa”²⁹⁵.

E um pouco mais adiante busca relacionar o progresso na “ciência nuclear” advindo do perigo sempre constante de guerra de modo a explicar aquele “progresso como diabo”.

Há um outro aspecto, porém, que gostaria de trazer à tona agora: foi neste período que os testes com armas nucleares se intensificaram (ver gráfico “Testes Nucleares Americanos de 1945 a 1992”, no *Primeiro Capítulo*) e que começaram a surgir as primeiras ligações de tais testes com os crescentes casos de câncer no mundo. Em matéria do jornal *O Povo*, de 15 de junho de 1956, foi citado um relatório do Conselho Britânico de Pesquisas Médicas em que se deduz que o subproduto das explosões nucleares (o estrôncio-90) “pode provocar câncer e outras enfermidades da célula”²⁹⁶. E é dada visibilidade a preocupação com esta enfermidade, aqui no Brasil, à medida que o Ministério da Saúde²⁹⁷ intensifica campanhas educativas²⁹⁸ “sobre o mal”²⁹⁹. No jornal *O Povo* foi publicada uma série de reportagens que buscam esclarecer “O que todos devem saber sobre o câncer”; e na quinta reportagem da série anuncia que “A CIÊNCIA VENCE CADA ANO UMA NOVA BATALHA CONTRA O CÂNCER”³⁰⁰. Foi neste período também que encontrei algumas matérias que mostravam o início de obras de construção de alguns hospitais específicos para o trato desta doença: é iniciada a construção do Hospital do

²⁹⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 7 de novembro de 1957.

²⁹⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 15 de junho de 1956, “OS EFEITOS DAS EXPLOSÕES ATÔMICAS SOBRE AS PESSOAS”.

²⁹⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 9 de maio de 1956, “O Ministério da Saúde, no início da campanha de 56: ‘DIAGNÓSTICO PRECOCE, A CHAVE DE CURA DO CÂNCER’”.

²⁹⁸ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 13 de maio de 1958, “EDUCAÇÃO SOBRE O CÂNCER EM CAMPANHA DE CARÁTER NACIONAL”.

²⁹⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, [??] maio de 1957, – “CÂNCER: INICIADA CAMPANHA EDUCATIVA SOBRE O MAL – FOTOGRAFIAS E LEGENDAS”.

³⁰⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 18 de julho de 1957.

Câncer de Pernambuco no primeiro semestre de 1956 ³⁰¹, enquanto o de Fortaleza tem suas “OBRAS PARALISADAS A FALTA DE VERBA” em setembro de 1957 (“Há dois anos que se encontram paralisadas as obras de construção do Hospital do Câncer em Porangabussu”), sendo reiniciadas em novembro do mesmo ano. A justificativa para a construção do Hospital em Fortaleza foi a de que “a incidência do câncer, neste estado, tem preocupado os setores especializados no assunto” ³⁰², declara o dr. Haroldo Juaçaba ³⁰³; o que fez com que o Serviço Nacional do Câncer, “que reservou apreciável parcela de dinheiro a esse fim destinada” ³⁰⁴, viabilizasse a construção em Fortaleza do Hospital que “será (...) um dos mais modernos nosocômios do seu gênero”. E no ano anterior ao da construção do Hospital em Fortaleza, em visita ao Rio de Janeiro, “um dos mais famosos cancerologistas norte-americanos, o dr. Ernest Ayre, diretor do Instituto do Câncer de Miami” ³⁰⁵, esclareceu sobre o que há de mais moderno na pesquisa “sobre o mal”. Pádua Campos, em sua matéria sobre “DISCOS”, revela o motivo pelo qual “um flagelo como o câncer ainda está por ser dominado”. Disse ele: “Decerto, porque não lhe emprestam a mesma importância que às coisas da guerra” ³⁰⁶. E as armas nucleares trouxeram a radiação e a radioatividade para o campo das “coisas da guerra”. E é provável que notícias como a de que “Um Surto de Câncer Generalizado Estaria Vitimando Crianças” ³⁰⁷ em Fortaleza contribuíssem, na imaginação social, na disseminação de uma ambiência que coloca a radiação e a radioatividade para bem próximo de nós. A matéria não informou o autor da notícia de que o surto generalizado teria atingido as crianças: assim, O

³⁰¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 8 de março de 1956, “CONSTRUÇÃO DE UM HOSPITAL DO CANCER EM PERNAMBUCO”.

³⁰² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 14 de setembro de 1957, “PARALISADAS A FALTA DE VERBA AS OBRAS DO HOSPITAL DO CÂNCER”

³⁰³ Encontrei várias notas publicitárias no jornal onde o dr. Haroldo Juaçaba oferece seus serviços. No jornal *O Povo*, de 18 de setembro de 1957, por exemplo, aparece uma nota anunciando sua especialidade e local de especialização: “CIRURGIA DO CÂNCER - ESPECIALIZAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS”. Em outro reclame do dr. Juaçaba, de 12 de agosto de 1958, há referência ao trato de “DOENÇAS DE SENHORAS”. Um outro médico, o dr. Andrade Lima, também anuncia, no jornal *O Povo* de 4 de fevereiro de 1958, suas especialidades: “RADIOTERAPIA PROFUNDA E SUPERFICIAL - CÂNCER - DOENÇAS DA PELE E SÍFILIS”

³⁰⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de novembro de 1957, “VÃO RECOMEÇAR AS OBRAS DO ‘HOSPITAL DO CÂNCER’”.

³⁰⁵ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 5 de outubro de 1956, “A CITOLOGIA POUPA VIDA AMEAÇADAS!”

³⁰⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 7 de novembro de 1957.

³⁰⁷ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 31 de julho de 1958.

Jornal buscou o dr. Pedro Borges, Chefe da Clínica do Departamento Estadual da Criança, para que prestasse esclarecimentos. Disse o doutor que “O câncer, de preferência, ataca mais as pessoas de mais de quarenta anos de idade. Salvo algumas excessões [sic], a maioria dos casos alastra-se mais entre adultos. É quase estranhável, portanto, tal notícia”. E o periódico tranqüilizou a população com a assertiva de que “Com estas declarações, os rumores sobre um possível surto de câncer, estão fadadas a não passarem de alarmes por parte da população, ainda há pouco sacudida por tremendo surto de gripe ‘asiática’”. Como as pessoas digeriam e se apropriavam destas informações em seu cotidiano e na formação de opiniões sobre aquele período fértil no aparecimento de episódios tão inusitados?

Possuir alguma tecnologia (mesmo que através de doação e não de *P & D*) nesta área era sinônimo de avanço e de estar em passo e sintonia com o que havia de mais moderno no universo tecnológico naquele momento. No período em que pesquisei encontrei, já em 1956, matérias que anunciavam a intenção do governo brasileiro em adquirir tecnologia nesta área ³⁰⁸. Para a imprensa, a chegada no futuro próximo de um reator atômico é o indicativo que “ENTRA O BRASIL NA BATALHA ATÔMICA” ³⁰⁹. Em início de 1957, foi anunciada a chegada ao Brasil de uma bomba de cobalto (“este poderoso aparelho (...) destinado a determinar as afecções do câncer” ³¹⁰) e em seguida a de um reator atômico: “O Brasil seria o primeiro país da América do Sul ao qual os EEUU fornecerão um reator de pesquisas atômicas, destinado a Universidade de São Paulo” ³¹¹.

Os avanços da ciência, portanto, canalizados para “coisas da guerra”, explicaram o que para muitos pareceu inexplicável e que pululava, a todo o momento, nos céus e na terra e no mar (o “submarino misterioso”) naquele período. E não só os jornalistas, mas também os nossos cientistas, se arriscaram a tentar entender aquele universo caótico de acontecimentos. No Rio de Janeiro, o professor Lélío Gama, diretor do Observatório Nacional, disse, sobre os discos voadores, “que ainda não se viu nenhum, mas se é que

³⁰⁸ *Jornal O Povo*, Fortaleza, 23 de abril de 1956, “EM NEGOCIAÇÕES: REATORES ATÔMICOS PARA O BRASIL”.

³⁰⁹ *Jornal O Povo*, Fortaleza, 30 de junho e 1956.

³¹⁰ *Jornal O Povo*, Fortaleza, 2 de janeiro de 1957, “BOMBA DE COBALTO”.

³¹¹ *Jornal O Povo*, Fortaleza, 3 de janeiro de 1957, “REATOR ATÔMICO PARA O BRASIL”.

existem, devem ter sido criados pelo homem e não que sejam oriundos de outros planetas” ³¹². Curiosa foi a repercussão dada pelo jornal *O Povo* a opinião do professor Lélío Gama: em letras enormes, na parte superior da primeira página do jornal, foi afirmado que “OS DISCOS VOADORES NÃO VEM DE OUTROS PLANETAS”. A quem busca atingir ao dar um destaque de tal monta esta notícia? E em uma dada matéria foi anunciada o entendimento para “O MISTÉRIO DOS DISCOS-VOADORES” ³¹³, que estariam nos visitando com o nobre objetivo de salvar-nos de uma hecatombe nuclear: “INTERVIRAM NA TERRA PARA IMPEDIR UMA GUERRA ATÔMICA”.

E a jornalista Adísia Sá, mais uma vez, se manifestou sobre o burburinho que se observa lá nos céus com o advento dos satélites e a febre dos “discos voadores”. Em matéria do jornal *Gazeta de Notícias*, de 10 de outubro de 1957, a jornalista escreveu um artigo intitulado “SATÉLITE ARTIFICIAL” e nele expressou a inquietação que reinou na época: “Nós, aqui deste cantinho, ficamos espiando as coisas, anotando as opiniões, inclusive de gente que diz que, ante a conquista dos cientistas russos, os discos voadores foram criação daquele povo” ³¹⁴. Observa-se aí, pelo comentário da jornalista, que os acontecimentos fantásticos relativos ao aparecimento de “discos voadores” são imediatamente associados como “criação daquele povo” responsável por um outro acontecimento igualmente fantástico: o do lançamento de satélites artificiais. E concluindo, indagou a jornalista: “se de Belém a Salvador o satélite gasta apenas 4 minutos, e que, pelo que opinam cientistas, o mesmo poderá ficar por séculos e séculos no espaço, porque não acreditarmos que os discos foram o preâmbulo desta grande conquista?”.

E em outra matéria, a mesma jornalista, voltou a “falar em coisas artificiais” ³¹⁵. Os satélites artificiais estão na ordem do dia e continuam a causar fascínio, permitindo, por isto, que expliquem transversalmente os “discos voadores”. Na falta de uma explicação razoável, ela trombeteou que “ninguém quer ser pai dos discos voadores e um dia ficaremos sabendo que eles também são sinais de vida de outros homens ou seres de ignotos recantos do [INCOMPLETO]”. Um pouco mais adiante, em tom irônico, sugeriu que

³¹² Jornal *O Povo*, Fortaleza, 8 de novembro de 1957, “OS DISCOS E UMA VIAGEM A LUA”.

³¹³ Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 14 de julho de 1958.

³¹⁴ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 10 de outubro de 1957.

³¹⁵ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 28 de dezembro de 1957, “FOGUETES”.

“Foguetes... discos... satélites... luas... isto está mais parecendo uma brincadeira”.

É interessante observar que, por diversas vezes, foi feita a associação dos “objetos luminosos” a “discos voadores” e a satélites artificiais. Geralmente os “objetos luminosos” eram explicados *via* satélites artificiais e “discos voadores”, porém, agora, os “discos voadores” são explicados pelos satélites artificiais. A possibilidade de uma guerra nuclear (que demandava o aperfeiçoamento de novos mísseis e foguetes) explicava o pulular de “objetos luminosos” e, em um dado momento, a visita dos discos voadores foi entendida a partir daquela possibilidade. Ou seja, as “explicações”, ao longo do período que investiguei, se auto-explicavam.

Ao mostrar, no *Primeiro Capítulo*, o gráfico com os lançamentos de foguetes e mísseis do Cabo Canaveral (e chamar a atenção para o recrudescimento do “fenômeno OVNI” e dos “Eventos Totais”), estou sugerindo que os lançamentos do Cabo *podem* ter contribuído para que se avistassem tantos “objetos luminosos” em nosso estado, uma vez que a região Nordeste do Brasil se projeta no caminho de tais engenhos. Assim, e em concordância ao questionamento da jornalista Adísia Sá, “os discos foram o preâmbulo desta grande conquista”, uma vez que exatamente naquele momento se viveu o período mais intenso da assim chamada Corrida Espacial que almejava, dentre outras coisas, o lançamento do (primeiro) satélite artificial, a colocação (do primeiro) homem no espaço, a (primeira) viagem à Lua etc. E este clima de competição entre russos e norte-americanos fez que se intensificassem, exatamente, naquele período (e por razões outras que a da simples competição pelo espaço ³¹⁶), os lançamentos de mísseis e foguetes em testes.

Ora, nada mais previsível que a ocorrência de falhas quando se fala em algo que está sendo testado e, em minha opinião, o que se avistou aqui no estado, em fins da década de 1950, *podem* ter sido foguetes e mísseis do programa espacial norte-americano *en passant* pelo nosso sertão e litoral ou ainda destroços destes mesmos foguetes e mísseis (como aconteceu com o *Snark*, em 1956). E isto vale para todo o Nordeste brasileiro: acredito que uma pesquisa nos jornais dos estados do Nordeste (Piauí, Pernambuco e Bahia, por

³¹⁶ Buscava-se, também, freneticamente, a operacionalização do primeiro míssil balístico intercontinental (ICBM) e este projeto seguiu *pari passu* ao do programa espacial “civil”.

exemplo) muito provavelmente revelará a ocorrência de acontecimentos inusitados a exemplo dos observados no Ceará. Creio que, sob nenhum aspecto, os episódios bizarros representem uma exceção e uma particularidade confinada ao estado do Ceará. Oxalá pesquisadores destes estados tomem conhecimento de minhas inquietações e partam para uma pesquisa que revele as explicações e entendimentos dos cidadãos de seus estados: difeririam elas frontalmente das reveladas aqui nesta Dissertação? Haveria algum meio material (um conto ou cordel) ou imaterial (um ditado popular) em que o pulular de acontecimento estranhos tenha se materializado?

No *Terceiro Capítulo* apresentarei uma matéria recente de um jornal local (*Diário do Nordeste*, de 31 de julho de 2004) que dá conta da queda de um destroço de um foguete (lançado do Cabo Kennedy, antigo Cabo Canaveral) no Sertão Central (carinhosamente apelidado de “ovo do E.T.”): veremos que as percepções daqueles que testemunharam o “ovo do E.T.” em muito se assemelham aquelas dos sertanejos que há 50 anos atrás avistaram os “objetos misteriosos” e as “tochas fosforescentes”.

TERCEIRO CAPÍTULO

“Essa Não Tio Sam: TRÊS BOMBAS ATÔMICAS EXPLODIRAM NOS CÉUS DO NORDESTE BRASILEIRO”

Parece claro pelo que foi exposto até agora que a década de 1950 foi “um ‘período quente’ na produção de imaginários sociais” ³¹⁷. A explosão da bomba atômica em Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945 (e dois dias depois em Nagasaki), marcou um divisor de águas na relação que o homem mantinha com as forças criativas e destrutivas da natureza. Se a explosão de um vulcão ou um grande terremoto parecia, ao homem, algo ao alcance apenas dos deuses que criou (e cria) ao longo de seu divagar em busca de explicações para tais fenômenos ³¹⁸, agora, com o domínio das forças elementares (ou nucleares), ele finalmente se apropria de um poder destrutivo só comparável ao das grandes catástrofes naturais.

No *Primeiro Capítulo* mostrei (através de algumas charges, por exemplo) como a humanidade era representada naquele instante de profunda inquietação: atônita, confusa e incerta quanto ao porvir e ante sua possibilidade de destruição e sobrevivência no mundo que se desenhara depois da Segunda Guerra Mundial.

Na *Introdução* apresentei as razões que me compeliram a iniciar esta pesquisa. A matéria “Bomba Atômica no Nordeste?” desempenhou um papel importante, senão fundamental, como catalisadora do processo de investigação, de busca de indícios, de arrolamento de evidências etc. A minha ação sobre as fontes, em um primeiro momento, foi a de encontrar pistas que apontassem para a assertiva de Basbaum e para os questionamentos de Carlos Emílio e do sr. Hyder Correia Lima (“Quixadá?”). A princípio não

³¹⁷ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, vol.5, p.320.

³¹⁸ “É assim que o facto religioso constitui uma expressão simbólica do facto social. Através dos deuses que os homens criam, estes dão corpo à consciência de pertencerem a um todo comunitário, enquanto as representações colectivas reconstituem e perpetuam as crenças necessárias ao consenso social. Qualquer sociedade é capaz de se erigir em deus ou de criar deuses, isto é, produzir representações carregadas de sagrado”. BACZKO, Bronislaw. Op. Cit., p.306-307.

esperava encontrar estampada na primeira página de um jornal local a notícia de que uma bomba atômica foi explodida no Nordeste, no Ceará ou, mais precisamente, em Quixadá. Porém, para minha surpresa, como veremos mais adiante neste *Capítulo*, foi exatamente isto o que encontrei. Mas como se chegou a falar, no fim da década de 1950, de bombas atômicas sendo explodidas nos céus do Brasil e do Nordeste? Que acontecimentos desencadearam o ventilar de tal possibilidade?

A primeira matéria que encontrei e que fez referência a explosões nucleares no Brasil foi encontrada no jornal *O Povo* de 8 de julho de 1957. Sob o título de “TERREMOTOS NO BRASIL”, a matéria mais parecia, a princípio, indicar a ocorrência daquele fenômeno geológico no Brasil do que um acontecimento inusitado, fantástico ou bizarro. Não saberia dizer o que exatamente me fez parar e ler aquela matéria, já que não eram fenômenos naturais que procurava, imaginava que em nada me ajudaria aquela informação. Utilizei, assim, de todo meu “faro, golpe de vista, intuição” no “tatear” daquelas matérias na fria tela do reproduzidor de microfimes. Reproduzo a matéria na íntegra:

“Buenos Aires, 8 (AFP). Curioso acidente ocorreu no jantar de confraternização das Forças Armadas, com a presença do presidente Aramburu [o então presidente da Argentina]. Quando o banquete ia em meio, um desconhecido surgiu no salão e gritou: ‘VIM AQUI PARA DIZER-LHES QUE OS TERREMOTOS QUE OCORREM NO SUL DO BRASIL SÃO PROVOCADOS PELA BOMBA ATÔMICA’. Antes que os policiais pudessem levá-lo, teve tempo ainda de gritar a plenos pulmões: ‘SOU FRANCISCO GARCIA. QUERIA LER-LHES 3 CARTAS, MAS NÃO ME DEIXAM.’ O inventor dos terremotos no Brasil foi levado ao hospício”³¹⁹

Quando encontrei esta matéria imediatamente li o mesmo jornal, agora em suas edições anteriores, em busca de antecedentes para aquela informação incrível. Nada encontrei... Não sei o que levou o Sr. Francisco Garcia, ou “o inventor dos terremotos no Brasil”, a ventilar e manifestar tão acaloradamente sua hipótese. Esta matéria abre um sem número de especulações e conjecturas. Talvez os jornais da região sul do Brasil tenham mais informações acerca do Sr. Francisco Garcia e do conteúdo das três cartas

³¹⁹ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 8 de julho de 1957, “TERREMOTOS NO BRASIL”.

que desesperadamente queria ler. Conforme mostrei no *Primeiro Capítulo*, o jornal *Unitário*, em sua edição de 17 de abril de 1959, reproduziu uma matéria que, ao se referir às enchentes no sul do Brasil, levantou a hipótese de que estas estivessem relacionadas às explosões nucleares clandestinas conduzidas no Atlântico Sul, pelos Estados Unidos, em 1958. Estaria, portanto, a hipótese do Sr. Francisco Garcia baseada em um acontecimento outro que aponte concretamente para aquela possibilidade, a exemplo da especulação do *Unitário*? Ou seria esta fruto da mente criativa do “inventor dos terremotos no Brasil” naquele “‘período quente’ na produção de imaginários sociais”?

~~0~~

No artigo “Bomba Atômica no Nordeste?”, Carlos Emílio nos contou que seu pai escreveu, no livro de Basbaum (ao lado da assertiva de que bombas atômicas tinham sido testadas no Nordeste brasileiro) a seguinte inquirição: “Quixadá?”. Mas como e porque foi levantada inicialmente toda a conjectura de que aquela cidade foi palco de uma explosão nuclear? O que aconteceu, naquela cidade, que permitiu que se falasse, mesmo que por um instante, da ocorrência deste “fato absolutamente extraordinário (e terrível)”?

A cidade de Quixadá enfrentava, assim como os demais municípios cearenses, uma seca que causava enormes estragos à população atingida. A conspiração provocada, segundo a professora Adísia Sá, pelos satélites artificiais nas “leis milenares” fizera com que o “inverno” não chegasse no tempo certo. O mês de julho chegou em Quixadá sem chuva: mas aqueles eram “tempos interessantes” e se não caía água dos céus, a ciência e a técnica a todo o momento estavam enchendo os céus e as cabeças das pessoas com suas engenhocas que causavam maravilhamento nos sertanejos e naqueles “que não mentem”.

Como vimos (no *Segundo Capítulo*), a cessão da ilha de Fernando de Noronha aos norte-americanos para a instalação de uma base de rastreio de foguetes e mísseis teleguiados trouxe estes engenhos um pouco mais perto de nossa realidade e imaginação. O jornal *O Democrata* chegou mesmo a sugerir que “transformada a rota Flórida - Fernando de Noronha em percurso de

experiência e de ação de foguetes teleguiados, muitos destes serão atirados na direção do nordeste brasileiro” ³²⁰.

Ao longo de toda esta dissertação tenho insistido que o final da década de 1950 foi, sob vários aspectos, um período atípico. Avanços no campo técnico-científico, o recrudescimento das tensões leste-oeste, o desenvolvimento de armas nucleares cada vez mais poderosas, o fenômeno mundial dos OVNI's etc, todos eles, juntos ou separados, emprestaram uma feição particular aquele momento histórico.

A descoberta e o aprimoramento das armas nucleares (com a destruição das cidades japonesas servindo como laboratório de testes ³²¹) fez delas peças indispensáveis de uma próxima (e iminente) guerra nuclear. Nascia o que se convencionou chamar de a *Era Atômica*: agora, a Corrida Armamentista e a Espacial ditariam os rumos da pesquisa científica, tanto civil como militar. Era preciso “melhorar” o desempenho das novas armas e isso significava torná-las mais mortíferas. Os vetores destas armas também tinham que ser aperfeiçoados e Cabo Canaveral atinge o pico de lançamentos de testes de mísseis e foguetes neste período. No que se refere ao aprimoramento das armas atômicas *per se*, só os Estados Unidos conduziram, ao longo de mais de 40 anos de pesquisa nuclear, mais de mil testes ³²² (e, como vimos, os testes nucleares realizados pelos norte-americanos atingem um pico em 1958 ³²³). Muitos destes testes espalharam silenciosamente partículas radioativas que

³²⁰ Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 8 de Janeiro de 1957.

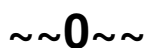
³²¹ Em carta publicada na revista *Newsweek*, de 10 de outubro de 2005, p.10-11, emiti minha opinião sobre o bombardeio das cidades japonesas: “Em minha opinião, as pessoas que moravam em Hiroshima e Nagasaki se tornaram as primeiras cobaias nucleares. Obviamente que havia um forte desejo em terminar aquela guerra sangrenta por qualquer meio, mas na visão dos cientistas do projeto Manhattan, as duas cidades foram um bom local para observar como as bombas atômicas funcionaram. E não é difícil pensar assim, uma vez que o governo americano usou seus próprios cidadãos como cobaias durante a Guerra Fria: “downwinders”, “officer volunteers”, pilotos que recolhiam amostras de nuvens radioativas, prisioneiros etc”.

³²² Surpreendentemente, em 1993, quando assumiu o Departamento de Energia, Hazel O'Leary liberou a informação de que “cientistas militares tinham explodido 204 bombas nucleares a mais, ou 20% a mais de armas, do que havia sido antes divulgado publicamente” (WELSOME, Eileen. *The plutonium files: America's secret medical experiments in the Cold War*. New York: Delta, 200 p. 424). Ou seja, 204 explosões nucleares simplesmente não constavam dos documentos oficiais até 1993! Infelizmente não tive acesso (ainda) a informações que me habilite a se pronunciar sobre os motivos do encobertamento de tais informações: estariam relacionadas à condução de testes clandestinos fora dos Estados Unidos?

³²³ Para uma listagem oficial do Departamento de Energia norte-americano com os testes nucleares de 1945 a 1992, ver: *United States Nuclear Tests: July 1945 through September 1992*. United States Department of Energy, Nevada Operations Office, Las Vegas, Nevada, December 2000. (DOE/NV--209-REV 15).

eram carregadas pelos ventos para áreas próximas dos testes, assim como para regiões mais distantes, em todo o planeta. Foram especialmente os testes nucleares conduzidos no período conhecido como *Era do Testes Atmosféricos* (1951-1963) os maiores responsáveis pela disseminação de poeira radioativa e, conseqüentemente, aumento no número de casos de câncer, leucemia, defeitos congênitos etc.

Mas que relação há entre armas atômicas, testes nucleares, radioatividade etc e o Brasil? Bem, um primeiro elo que nos une a tudo isto decorre, inicialmente, do fato de que o *único teste nuclear clandestinamente conduzido pelos norte-americanos* ter tido como sítio o Atlântico Sul (entre o sul da América do Sul e o sul da África do Sul, e isto segundo dados oficiais do governo norte-americano). Este teste recebeu o codinome de Operação *Argus*, e foi a primeira vez em que o Departamento de Defesa americano escolheu um local para os testes nucleares fora do Oceano Pacífico (Atol de Bikini, Ilhas Marshall etc) e do território americano (principalmente no estado de Nevada)³²⁴. E o que foi a Operação *Argus*? O que foi possível encontrar sobre ela nos jornais, livros e revistas?



Entre o final de agosto e o começo de setembro de 1958, a Marinha americana (*U.S. Navy*) conduziu, sob os auspícios do Departamento de Defesa (DoD) e do LANL (*Los Alamos National Laboratory*), a Operação *Argus*, e esta se consistiu de uma série de três detonações nucleares de baixa intensidade³²⁵. Nada se soube ou se suspeitou dos testes nos meses que se seguiram à sua realização³²⁶. As razões para a manutenção do sigilo da Operação se

³²⁴ As informações prestadas pelos jornais na época coincidem com as informações disponíveis hoje em documentos oficiais do próprio governo norte-americano (por exemplo, *United States Nuclear Tests: July 1945 through September 1992*).

³²⁵ Ou seja, de uma potência aproximada de 1,7 kt, ou 1,7 mil toneladas de explosivo TNT. Para efeito comparativo, as potências das explosões de Hiroshima e Nagasaki oscilaram entre 15 - 20 kt.

³²⁶ Porém, a Operação foi comunicada ao já famoso repórter Hanson Baldwin, do jornal *The New York Times*, que divulgaria a informação no ano seguinte por julgar desnecessário mantê-la em segredo (conforme mostrarei um pouco mais adiante neste *Capítulo*). Baldwin faleceu em novembro de 1991 (Conforme obituário no Jornal *The New York Times*, 14 de novembro de 1991, p.D24).

deveram a aspectos técnicos e diplomáticos. Havia, *oficialmente*, dois motivos para mantê-la secreta: *primeiro*, buscava-se esconder os testes dos russos de modo que eles não pudessem monitorá-los e assim tirar algum proveito disto e, *segundo*, estava em processo de negociação um acordo com os russos de uma moratória bilateral dos testes nucleares, e os americanos não queriam provocá-los com a consecução de testes nucleares a poucas semanas do início da moratória (que ficaria acertada para outubro de 1958, conforme gráfico “Testes Nucleares...”, no *Primeiro Capítulo*).

A Operação *Argus* foi conduzida secretamente pela Força-Tarefa 88, da *U.S. Navy*, sob o comando do Contra-Almirante Lloyd Montague Mustin e consistiu do lançamento de 3 foguetes de combustível sólido do tipo X-17 armados com ogivas nucleares de baixa intensidade (1,7 *kiloton*). Os foguetes foram disparados do navio *USS Norton Sound*, nos dias 27 e 30 de agosto e 6 de setembro de 1958, e explodiram a uma altitude de aproximadamente 480 km: pela primeira vez na história dos testes, armas nucleares tinham sido disparadas de um navio em alto-mar e explodidas a uma altura tão elevada. O objetivo dos testes foi o de criar cinturões de radiação artificiais ao redor da Terra, a exemplo dos cinturões de radiação natural recém-descobertos (os cinturões de *Van Allen*). Assim procedendo, estudariam as implicações militares de tais cinturões artificiais sobre as telecomunicações, radares, mísseis balísticos e suas ogivas nucleares etc.

Logo após a consecução dos experimentos no Atlântico Sul, a Força-Tarefa 88 atracou no Brasil para uma visita de cinco dias. O jornal *Unitário* noticiou a chegada da Força-Tarefa ao porto do Rio de Janeiro em meados de setembro de 1958³²⁷: dez dias depois, portanto, do último dos três disparos da Operação, no dia 6 de setembro. O jornal *Gazeta de Notícias* relatou a chegada das “Seis belonaves” “para uma estadia de cinco dias, depois de realizadas manobras no Atlântico Central”³²⁸. O periódico *O Jornal* também noticiou a passagem dos navios em suas páginas, porém o faz apenas em sua edição do dia 27 de outubro de 1958. Disse que os navios “estiveram em

³²⁷ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 16 de setembro de 1958, número 12864, 1ª página, “No Rio a Força Tarefa Americana”.

³²⁸ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 17 de setembro de 1958, “Marinheiros Norte - Americanos Passarão Cinco Dias no Rio”.

manobras de rotina no Atlântico central desde julho”³²⁹, e que “graças as excelentes condições atmosféricas, completaram com êxito seus exercícios”. A informação, tanto do jornal *Gazeta de Notícias* como do periódico *O Jornal*, que aponta o Atlântico Central como sítio das manobras, é incompatível com a informação oficial de que as manobras se localizaram no Atlântico Sul. Foi possível encontrar outras incongruências no que se refere à localização das manobras militares (e, conseqüentemente, do lançamento dos foguetes) e a confusão acerca da exata localização dos disparos parece lançar mais calor na discussão sobre a Operação *Argus*. Em março de 1959, quando finalmente o segredo mantido em torno da Operação foi quebrado publicamente, afloraram detalhes dela e de sua localização. O jornal *The New York Times* repercutiu a notícia de que o episódio em Quixadá (já citado no *Segundo Capítulo* e que voltarei a falar dele um pouco mais adiante neste *Capítulo*) estava relacionado à Operação: “ARGUS TESTS SCORED IN BRAZIL”³³⁰, denunciou o jornal.

³²⁹ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 27 de outubro de 1958, número LXXXVII, Ano I, “ECOS DE UMA VISITA:” “NO RIO A FORÇA-TAREFA 88 DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS”. “NO COMANDO O CONTRA-ALMIRANTE LLOYDE M. MUSTIN - DETALHES”. O jornal *Gazeta de Notícias* cobriu a passagem de uma esquadra americana no Rio de Janeiro em sua edição do dia 28 de outubro de 1958 (“Marinheiros Norte-americanos chegarão ao Brasil: 5 dias”), porém não afirmou, a exemplo do *O Jornal*, que se tratava da Força-Tarefa 88. Teria a Força-Tarefa visitado o porto do Rio em setembro e outubro de 1958? Ou se tratava de uma outra Força-Tarefa?

³³⁰ Jornal *The New York Times*, Nova Iorque, 4 de abril de 1959.

ARGUS ATOM TESTS SCORED IN BRAZIL

Press Reports Say Fall-Out
'Poisons' Some and May
Cause 'Birth Monsters'

Special to The New York Times.

RIO DE JANEIRO, April 3—
A campaign of resentful reaction against the United States' Argus atomic bomb experiment in the South Atlantic mounted here today.

E mais: o jornal norte-americano disse que o “Nordeste brasileiro está a 1000 milhas [cerca de 1600 km] da área de onde os testes atômicos foram relatados terem sido conduzidos em setembro”. Segundo fontes oficiais do Departamento de Defesa norte-americano, os testes ocorreram entre o sul da América do Sul e o sul da África do Sul, num ponto próximo e ao sul do Arquipélago Tristão da Cunha. Ocorre que este arquipélago está a pelo menos 3600 km do ponto mais próximo da costa brasileira, o Rio de Janeiro! A revista científica *Scientific American* apresentou, como referência geográfica do ponto onde a Operação ocorreu, uma área localizada na “ponta da América do Sul”³³¹. Já a *Time* sugere que os disparos foram realizados “ao largo das ilhas Falklands”³³². Outras, como a *The Bulletin of the Atomic Scientists* reportou que os testes clandestinos correram no Pacífico Sul³³³!

O periódico *O Jornal* sugeriu que a Força-Tarefa em visita ao Rio compunha-se de sete navios: um porta-aviões, de um “tender para aviões navais” (o *Norton Sound*) e de “quatro destróiers e um navio tanque”. A informação de *O Jornal* é compatível com a da *Gazeta de Notícias* no que se

³³¹ Revista *Scientific American*, Nova Iorque, maio de 1959.

³³² Revista *Time*, Nova Iorque, 30 de março de 1959.

³³³ Revista *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Chicago, maio de 1959.

refere a localização das “manobras de rotina”, mas há discrepâncias quanto ao número de belonaves (6 no primeiro e 7 no segundo). Curiosamente, para a revista *Time* o *Norton Sound* zarpou de Port Hueneme, Califórnia, em agosto de 1958³³⁴, mas *O Jornal* noticiou que os navios estiveram “no Atlântico central desde julho”. Oficiais da Força-Tarefa concederam entrevistas em sua estada no Rio e acredito que foi daí que os órgãos noticiosos retiraram suas informações acerca das datas: o que explicaria, então, a diferença entre elas? Bem, conforme a revista *Mundo Ilustrado*, o “RIO FOI O PRÊMIO DE BOM COMPORTAMENTO PARA 4 MIL MARUJOS”³³⁵, e os navios eram efusivamente visitados por muitos cariocas, ansiosos para ver, principalmente, o gigantesco porta-aviões *USS Tarawa*. Os outros sete navios que compunham a Força-Tarefa eram o *USS Norton Sound* (navio que efetuou os três disparos dos foguetes X-17, armados com ogivas atômicas; no comando o Capitão Arthur Gralla), os navios-tanque *USS Neosho* e o *USS Salamonie*; o destróier *USS Warrington* e o *USS Bearss*; os navios-escolta *USS Hammerberg* e o *USS Courtney*. Ainda segundo a revista, o Contra-Almirante Mustin, “falando aos jornalistas não quis confirmar nem negar uma pergunta sobre a presença de bombas atômicas no seu ‘barco’. Disse: ‘Eu me reservo o direito de não responder à pergunta. Não é segredo que as nossas frotas estejam equipadas com armas atômicas. Mas prefiro deixar o repórter sem resposta’”³³⁶. O modo reticente do Contra-Almirante encerrar sua fala abre lacunas interessantes para conjecturas sobre a permanência de armas atômicas a bordo dos navios ancorados no porto do Rio.

Segundo a revista *Time*³³⁷, dos navios acima descritos, apenas o *Norton Sound* partiu de Port Hueneme, Califórnia (como já disse); enquanto o *Tarawa*, o *Warrington*, o *Hammerberg*, o *Courtney* e o *Neosho* partiram de Newport, Rhode Island; e o *Bearss* e o *Salamonie* zarparam de Norfolk, Virginia. O ponto de encontro dos navios foi um ponto ao sul da América do Sul, próximo às ilhas Falklands (ou ilhas Malvinas): juntos, formaram a Força-Tarefa 88 (*Task Force 88*), agora sob o comando do Contra-Almirante Mustin (a bordo do *Tarawa*). Ainda segundo a revista, o *Norton Sound* “e sua tripulação de 650 homens deu

³³⁴ Revista *Time*, Nova Iorque, 30 de março de 1959.

³³⁵ Revista *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1958, número 40, pág. 16-19.

³³⁶ Revista *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1958, número 40, pág. 16-19.

³³⁷ Revista *Time*, Nova Iorque, 30 de março de 1959.

a volta no Canal do Panamá, disparou na direção sul e ao redor do [Cabo] Horn, mantendo o rádio em silêncio todo o tempo”. E um pouco mais adiante a revista disse: “Arremetendo o *Norton Sound* a 95% da força total, mesmo através das águas com ameaça de icebergs do Cabo Horn, o Capitão Gralla alcançou o ponto de encontro no Atlântico Sul com três dias de antecedência do planejado. Captando no radar primeiro as ilhas Falklands e depois o Tarawa”. Ora, se o *Norton Sound* zarpou da Califórnia e atravessou o Canal do Panamá, como sugere a revista, ele atingiria o Atlântico Norte (o Caribe, e depois passar ao largo da ilha de Fernando de Noronha), para assim descer no rumo do ponto de encontro no Atlântico Sul. A seqüência descrita na revista (Califórnia → Canal do Panamá → Cabo Horn → Ilhas Falklands) não faz sentido: uma rápida olhada em um mapa da América do Sul (particularmente do Atlântico Sul) esclarece o que estou dizendo. Assim, esta informação da revista me levou a uma inquietação: qual seria então o percurso real seguido pelo *Norton Sound* e qual o motivo da confusão acerca de sua rota? O período compreendido entre a partida dos navios de seus portos (julho de 1958) e a consecução da Operação (setembro de 1958) foi rico em aparições de “objetos luminosos” e outros episódios bizarros no estado: Iguatu, Chaval (e “EM CHAVAL A BOLA DE FOGO EXPLODIU!”), Marco e Jucás foram visitados por “objetos”, enquanto que em Quixadá ocorreu a “grande explosão”. Estariam alguns destes episódios ligados a preparativos ou a ensaios da Operação semanas antes de sua execução?

E um outro fato curioso envolveu alguns oficiais da Força-Tarefa 88 durante sua estada na cidade do Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 1958: a troca de comando do navio *Norton Sound*. A cerimônia de troca de comando ocorreu a bordo do navio, ancorado no porto da cidade carioca. O Capitão J. L. P. McCallun chegou ao Rio de Janeiro vindo dos Estados Unidos *especialmente* para assumir o posto de Capitão do navio no lugar do Capitão Gralla, uma vez que este recebera ordens para se apresentar imediatamente no *Bureau of Ordnance*, em Washington, D.C. O Capitão McCallun, até então, era o Chefe da Seção de Mísseis Guiados, da Divisão de Pesquisa do *Bureau of Ordnance*. A Operação *Argus* rendeu ao Contra-Almirante Mustin e o Capitão Gralla a “Legião do Mérito” da Marinha norte-americana, e do Chefe de Operações Navais da marinha, Arleigh Burke, um cumprimento acalorado (via

rádio) pelo “pela esplêndida realização da tarefa pioneira”. E as visitas e condecorações não ocorreram apenas entre os oficiais norte-americanos: estas se estenderam a altas patentes do Exército, Marinha e Aeronáutica do Brasil. Encontrei uma sucessão interessante de acontecimentos envolvendo a troca de gentilezas (visitas e condecorações, por exemplo) no período *imediatamente posterior a consecução* da Operação *Argus*. Altas patentes norte-americanas das três armas (Exército (*U.S. Army*), Marinha (*U.S. Navy*) e Aeronáutica (*U.S.A.F.*)) convidaram altas patentes das forças armadas brasileiras, em uma sucessão curiosa. Na coluna “RESENHA MILITAR”, subtítulo “SENTINELA DAS FORÇAS ARMADAS”, do periódico *O Jornal*, foi destacada a visita de Thomas D. White (Chefe do Estado Maior da U.S.A.F.) e conseqüente retribuição da visita a ser feita pelo ministro brasileiro.

O Ministro da Aeronáutica, brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo, visitará as instalações militares das Forças Aéreas dos Estados Unidos, que lhe fizeram um convite especial. Seu embarque terá lugar no próximo dia 28, em avião especial do Chefe do Estado Maior da USAF, general Thomas D. Wite [White]”³³⁸.

Depois de condecorado com “a Legião de Mérito dos Estados Unidos, por sua destacada contribuição para as relações amistosas entre as forças aéreas do Brasil e dos Estados Unidos”, em “cerimônia especial no Pentágono”³³⁹, o Ministro Correia de Melo retorna ao Brasil (segundo a coluna “Resenha Militar” de 12 de novembro de 1958) antes de concluir todo o programa de visita, dado a “crise na FAB”. Em seguida, segundo a coluna “Vida Militar” do mesmo jornal, é chegada a vez do Ministro da Marinha, Almirante Matoso Maia, que “foi aos Estados Unidos da América do Norte, atendendo a um convite do Chefe de Operações Navais da Marinha dos Estados Unidos, Almirante Arleigh Burke”³⁴⁰ (oficial recém-condecorado pela Operação *Argus*). Lá ele “cumprirá um vasto programa que constará de visitas a Escolas, Fábricas, Arsenais, Bases e demais departamentos da Marinha Americana”; e cujo retorno foi anunciado pela coluna “Resenha Militar”, de 6 e 7 de dezembro de 1958, para o dia 10 de dezembro. Em fevereiro do próximo ano chegou ao Rio de Janeiro,

³³⁸ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 27 de outubro de 1958.

³³⁹ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 08 e 09 de novembro de 1958.

³⁴⁰ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 18 de novembro de 1958.

segundo a “Resenha Militar”, de 5 de fevereiro de 1959, o General Curtiss Lee May, Sub-Chefe do Estado Maior da Força Aérea Norte-Americana, que cumpria visita oficial de 5 dias. No fim do mesmo mês, na mesma coluna, foi anunciada agora a vez do Ministro da Guerra visitar Tio Sam.

“RESENHA MILITAR” “EXÉRCITO” “O MARECHAL LOTT VISITARÁ OS EE.UU” “O Ministro Henrique Lott foi convidado pelo governo de Washington para uma visita as organizações do Exército dos Estados Unidos da América do Norte, podendo fazer-se acompanhar de dois oficiais. O convite já foi aceito, tendo o presidente da República autorizado o seu ministro da Guerra a ausentar-se do país” ³⁴¹.

Curiosamente as visitas das três Armas se deram em um curto espaço de tempo (aproximadamente 4 meses) e um mês e meio depois da realização da Operação *Argus*, cujo último disparo foi feito, segundo documento oficial do próprio governo norte-americano já citado, em 6 de setembro de 1958. Haveria alguma relação entre essa política de boa vizinhança com nossos ministros militares e os testes clandestinamente conduzidos no Atlântico Sul?

Seja qual for que tenha sido a intenção das visitas e condecorações, ou a rota seguida pela Força-Tarefa em sua direção rumo ao Atlântico Sul, ou do local exato da consecução dos disparos atômicos, o certo é que o segredo da Operação *Argus* não durou muito tempo: em março de 1959, como vimos, o segredo em torno da Operação é quebrado. O jornal *The New York Times* (que fora informado do projeto meses antes da consecução da Operação) resolveu publicar matéria sobre ela, por julgar que a comunidade científica, jornalistas e os próprios russos já sabiam (ou desconfiavam) dela o suficiente para torná-la pública a qualquer momento. Assim, o jornal publicou ampla matéria em março daquele ano, dando detalhes e chamando-a de “o maior experimento científico” ³⁴² já conduzido na História, dado os efeitos globais das explosões nucleares (criação de auroras boreais e austrais, e de um cinturão de radiação que envolveu a Terra por meses etc).

~~0~~

³⁴¹ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 21 e 22 de fevereiro de 1959.

³⁴² Jornal *The New York Times*, Nova Iorque, 19 de março de 1959, “CALLED ‘GREATEST EXPERIMENT’: RADIATION SPREAD”.

Já foi comentado neste e no *Segundo Capítulo* a suposta explosão de um foguete teleguiado na cidade de Quixadá em julho de 1958. A matéria que citei do jornal *O Povo* deu conta de que uma “deflagração de dinamite” ou um “foguete teleguiado” havia atingido a cidade. A escala da ocorrência muito me surpreendeu, assim como, obviamente, aos sertanejos que a presenciaram naquele mês da grande seca de 1958.

Outros jornais noticiaram a fantástica ocorrência: o periódico *O Jornal* entrevistou o deputado estadual cearense Sebastião Brasilino de Freitas, que estava em Quixadá no dia da “estupenda ocorrência”. Segundo o deputado

“observou-se que uma fumaça esbranquiçada, tendendo para o cinzento, tomava corpo sobre os céus da região. A uma altitude aproximada ou ultrapassante dos 15 mil metros num céu de uma limpidez absoluta, um sol intenso e rútilo, a fumaça formou uma coluna de altura impossível de calcular-se, pela própria distância a que se encontrava. Não há possibilidade de engano, pois o firmamento era de uma clareza ofuscante, e, como dizemos em linguagem aeronáutica, a visibilidade era infinita”³⁴³.

O deputado Sebastião Brasilino abraçou a tese de que um engenho teleguiado “em experiência em qualquer parte do mundo” pode ter “provavelmente (...) escapado ao ‘controle’ da sua estação projetora” e se precipitado na área do município. Questionado quanto a existência de restos ou fragmentos do teleguiado, o deputado disse que nada foi encontrado. “Tudo é simples conjectura, mas o fato ocorreu, qualquer que seja a sua origem ou causa”, conclui o deputado.

O jornal *O Estado* também descreveu a explosão ocorrida em Quixadá. Em matéria do dia 27 de julho de 1958, o jornal estabeleceu como causa da explosão a queda de um foguete teleguiado, fazendo coro com outros periódicos. A matéria apresentou, a exemplo do *O Jornal*, o depoimento do deputado Sebastião Brasilino de Freitas³⁴⁴ e ele descreveu as características da explosão de maneira surpreendente.

³⁴³ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 29 de julho de 1958.

³⁴⁴ Segundo o jornal, o deputado era “piloto comercial e capitão da reserva da aeronáutica”. Acredito que o testemunho de uma pessoa do expoente do deputado Brasilino deve ter servido para imprimir ao acontecido um ar de veracidade e de confiabilidade.

“A EXPLOSÃO DEVE TER OCORRIDO A 20.000 METROS DE ALTURA, MAS FOI UMA COISA TÃO VIOLENTA QUE A GENTE TINHA A IMPRESSÃO DE QUE A TERRA FICOU TREMENDO E DE QUE O CÉU ESTAVA AMEAÇANDO DESABAR SOBRE AS NOSSAS CABEÇAS”³⁴⁵.

O deputado reiterou que a explosão foi ouvida num raio de 60 km e que “UM ROLO DE FUMAÇA EXPRESSA DESDOBROU-SE NO AR”. E adicionou: “E AQUILO FICOU REBOANDO NO AR POR ALGUM TEMPO, DANDO-NOS A IMPRESSÃO DE QUE ALGO ESTAVA SE DESAGREGANDO, RUINDO AOS PEDAÇOS...” Apesar de oferecer aos leitores a opinião do deputado (estampada em primeira página) de que um “Teleguiado Teria Explodido Sobre a Cidade de Quixadá”, o jornal admitiu que não foi encontrada “nenhuma explicação racional para o fenômeno”. Quando indagado sobre “a sua opinião sincera a respeito das explosões registradas em Quixadá”, o deputado titubeou dizendo que “PARA FALAR A VERDADE, NÃO SEI O QUE REALMENTE ACONTECEU”. Em seguida apresentou a tese de que um “TELEGUIADO MAL GUIADO (...) RESOLVEU ESPOUCAR BEM EM CIMA DE NOSSA CIDADE...”

Uma vez que a população “ficou seriamente apreensiva” (ocorrendo até mesmo “um princípio de pânico”), começou a ser ventilada entre eles a opinião de que “as escrituras estavam se confirmando e que todos deviam rezar, porque, afinal de contas, aquilo era mesmo o ‘fim do mundo’”. Explicações escatológicas brotaram daquele episódio e acredito que explicações semelhantes surgiriam dos outros episódios que citei no *Segundo Capítulo* se os correspondentes e jornalistas tivessem expandido o leque de depoentes e testemunhas. E para se ter uma idéia de como explicações desta natureza eram encontradas em acontecimentos *sui generis*, cito uma matéria que apareceu no mesmo jornal e que se insere cronologicamente no momento da execução da Operação *Argus* (e que ocorreu próximo a nós, no estado de Pernambuco)

“Objeto Misterioso Cai Numa Ilha Pernambucana” “Encontrado na Ilha de Janeiro Uma Sonda da USAF - A População Local Imaginou Ser Disco Voador - Médiun Declarou tratar-se de Uma Mensagem da Bíblia” “RECIFE, 1 (UPI) - Fato interessante ocorreu na manhã de

³⁴⁵ Jornal *O Estado*, Fortaleza, 27 de julho de 1958, “Teleguiado Teria Explodido Sobre a Cidade de Quixadá”.

ontem numa localidade da ilha de Janeiro, cujos moradores cientificaram a polícia que havia caído ali um disco voador. Imediatamente a guarnição da Rádio Patrulha dirigiu-se para quê [sic] local e verificou tratar-se de uma rádio-sonda da USAF [Força Aérea norte-americana]. Nessa altura os moradores já estavam de acordo que o objeto era uma mensagem da bíblia...”³⁴⁶

As referências a “Objeto Misterioso” e a “Disco Voador” (tão comuns nas matérias analisadas no *Segundo Capítulo*) repetem-se aqui para este acontecimento. E, analogamente, “as escrituras estavam se confirmando” e se fala em “uma mensagem da bíblia”, o que muito certamente aproximou os moradores da ilha de Janeiro de uma explicação do tipo “fim do mundo”.

Ao final da entrevista ao jornal, o deputado sugeriu uma investigação da Aeronáutica com o intuito de “TRANQUILIZAR AS POPULAÇÕES DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ, QUE FICARAM, REALMENTE, ATERRORIZADAS COM AQUELAS TERRÍVEIS E INEXPLICÁVEIS EXPLOSÕES...” Não pude encontrar, infelizmente, em nenhum jornal, evidências de que a Aeronáutica tenha iniciado uma investigação (com visitas ao município de Quixadá, a audição de testemunhas etc) para apurar as causas da “terrível explosão”.

A notícia das “TERRÍVEIS E INEXPLICÁVEIS EXPLOSÕES” ganhou, segundo matéria do jornal *O Estado*, ‘Repercussão Nacional’. E a matéria começou ironizando o periódico *O Jornal* que ventilou a possibilidade da “deflagração de dinamite” (hipótese levantada igualmente pelo jornal *O Povo*), anunciando que um “Jornal de Fortaleza acredita estar havendo ‘explosões geológicas’ no céu!...”³⁴⁷. E atirou: “Custa-nos acreditar que seja possível realizar pesquisas e explorações geológicas no céu...” Fica claro pela matéria que as interpretações sobre o que ocorreu no município causou uma certa polêmica entre “Alguns órgãos [de imprensa] da nossa capital”, em que “cada qual a sua maneira”, procurou interpretar o episódio. *O Estado*, porém, não procurou “fazer especulação, mas apenas transcrever o que nos dissera o deputado que, como Oficial da Aeronáutica, certamente conhece o problema muito melhor do que nós”. E um pouco adiante na matéria, o jornal apresentou um “despacho da Asapress” no qual o Brigadeiro Reynaldo Carvalho, do Estado Maior da Aeronáutica, deu sua opinião sobre o “QUE REALMENTE

³⁴⁶ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 1 de setembro de 1958.

³⁴⁷ Jornal *O Estado*, Fortaleza, 29 de julho de 1958, “Repercussão Nacional das Explosões em Quixadá”.

ACONTECEU” em Quixadá. Para o jornal, o Brigadeiro analisou o que ocorreu “sem especulações de qualquer natureza”, interpretando “o fenômeno nos seus justos termos”. Afirmou o Brigadeiro “nada saber a respeito” e adicionou “ter chegado oficialmente ao seu conhecimento” (mas através de quem?) de que “a explosão tenha sido provocada por algum fenômeno próprio da natureza e não por engenho construído por mãos humanas”. Observa-se, portanto, que a explicação oficial buscou afastar a possibilidade de “explosão de teleguiado” (assim como não coadunou com a “deflagração de dinamite”), aproximando-se de uma em que não seriam buscados responsáveis: simplesmente “um fenômeno próprio da natureza”.

Este fantástico episódio, apesar da “Repercussão Nacional”, foi lentamente se apagando da memória das pessoas, fossem elas testemunhas oculares do ocorrido ou não. Um acontecimento incrível que não causou maiores problemas para o município (conforme o *Unitário*, não há registro de que alguém haja morrido devido a explosão, uma vez que “felizmente, não se registraram vítimas e nem destruição de casas”³⁴⁸) e que parecia não ter uma explicação razoável: eis elementos que juntos pareciam condená-lo ao esquecimento. A assertiva do Brigadeiro deve ter contribuído para que se falasse menos ainda sobre ele, uma vez que a explicação oficial (e arrazoada) foi apresentada. Porém, como vimos, um outro episódio, igualmente inusitado, chamaria a atenção do mundo para o Atlântico Sul (e para o Nordeste brasileiro) no ano seguinte: a Operação *Argus*. A “estupenda ocorrência” ganhou vida nova e, mais impressionante ainda, uma nova explicação que ultrapassou aquelas da “explosão de teleguiado”, da “deflagração de dinamite” e da de “um fenômeno próprio da natureza”. E que nova explicação seria esta?

~~0~~

Somente poderia avaliar a “Repercussão Nacional” que a explosão em Quixadá alcançou se tivesse realizado uma pesquisa nos jornais da época da Capital Federal, o Rio de Janeiro. Não foi possível ir até lá e iniciar uma

³⁴⁸ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 8 de abril de 1959, “Comissão atômica vai revelar a verdade sobre explosões no Ceará”.

pesquisa que muito provavelmente traria elementos novos e riquíssimos para esta pesquisa. Porém, foi possível encontrar um dos jornais que repercutiu a notícia da explosão no Sertão Central. Através de uma consulta (*via Internet*) ao arquivo do jornal *The New York Times*, encontrei uma matéria (já citada aqui neste *Capítulo*) que relaciona Quixadá e a Operação *Argus*. A matéria do jornal norte-americano apenas repercutiu (e citou) uma outra matéria do jornal carioca *Última Hora* que apontava a explosão ocorrida em Quixadá como parte da Operação. Para o jornal carioca “Explosões nucleares cobrem o nordeste [brasileiro] com poeira atômica [ou *fallout*]” ³⁴⁹. O jornal norte-americano citou também o *Jornal do Brasil* em cujo “cabeçalho declara que ‘poeira atômica envenena homens no Sul do Brasil’”. O que ocorreu, então, foi que a liberação pela imprensa norte-americana (no caso, pelo *The New York Times*, em sua edição de 19 de março de 1959) de que testes clandestinos foram secretamente conduzidos no Atlântico Sul, em meados de 1958, foi suficiente para que se relacionasse a “terrível explosão” em Quixadá (“que levantou uma imensa coluna de espessa fumaça, dando a impressão de que se tratava de uma ocorrência verificada no próprio espaço” ³⁵⁰) com a Operação *Argus*. E isto foi possível, pois, a aura de mistério que envolveu a Operação (a primeira e a única vez que o governo norte-americano admitiu a execução de uma operação clandestina) deve ter contribuído para que “jornais esquerdistas” (como chamaria o *The New York Times*) ventilassem aquela hipótese.

A exemplo da imprensa carioca, a imprensa cearense também noticiou e especulou sobre a fantástica possibilidade. O *Jornal* estampou: “EXPERIÊNCIA ATÔMICA NO NORDESTE: A OPERAÇÃO ARGUS”. A matéria atestou que os artefatos nucleares foram lançados a “cerca de 2000 milhas a leste e um pouco ao sul da Baía Blanca na Argentina” e que explodiram “bem ao largo do Nordeste Brasileiro” ³⁵¹. Uma semana depois falou-se que a explosão nuclear ocorrera na “Baía de Camarones, na Argentina”, e o jornal sugeriu que a explosão do Nordeste brasileiro se trata de um episódio à parte, ao dizer que “Cientistas Brasileiros Falam Sobre as Terríveis Conseqüências das Explosões

³⁴⁹ Jornal *The New York Times*, Nova Iorque, 4 de abril de 1959.

³⁵⁰ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 28 de julho de 1958, “NADA SE SABE EM FORTALEZA SOBRE A EXPLOÇÃO DE TELEGUIADO EM QUIXADÁ”.

³⁵¹ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 1 de abril de 1959.

Provocadas Pelos Norte-Americanos em Camarones e no Nordeste”³⁵². Acentua-se, portanto, a confusão quanto a exata localização das explosões. Um desenho publicado na primeira página de *O Jornal*, de 1 de abril de 1959, passado pela agência internacional de notícias U.P.I. (*United Press International*), sugeriu que os foguetes foram disparados do litoral da Argentina e explodidos ao longo da costa nordestina. Teria a distribuição do desenho (abaixo reproduzido) ajudado a disseminar mais confusão acerca da Operação Argus?



³⁵² Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 8 de abril de 1959.

A “foto” parece não ter sofrido do jornal que a reproduziu, nenhuma alteração, pois as inscrições em língua estrangeira (inglês) encontram-se sem tradução ³⁵³.

Há no jornal *Unitário* uma matéria sinalizando que a “Comissão atômica vai revelar a verdade sobre explosões no Ceará” ³⁵⁴. Foi dito pelo Comandante Bernardino Pontes, assistente do presidente do C.N.E.N (Comissão Nacional de Energia Nuclear, a “grande autoridade nacional em assuntos atômicos”), de que a Comissão apresentaria os resultados de um “detalhado relatório” que permitiria se “pronunciar seguramente acerca dos perigos que poderiam causar às populações do Nordeste as anunciadas explosões atômicas”. E mais ainda, a Comissão (na figura do Almirante Otacílio Cunha, presidente do C.N.E.N) “QUER OUVIR O REPÓRTER DO [jornal] ÚLTIMA HORA”, uma vez que ele esteve no Nordeste “em meados do ano passado [julho de 1958]” e “teve a oportunidade de colher informações de viajantes vindos de Quixadá”, o que lhe possibilitou ouvir relatos de “testemunhas das terríveis explosões ali verificadas com todas as características de detonações nucleares”. O jornalista Pinheiro Júnior, do *Última Hora*, que realizou naquele período uma reportagem sobre os “problemas da seca [de 1958]”, ao tomar conhecimento do ocorrido, ouviu o relato de “habitantes de Quixadá, recém-chegados a Fortaleza”. Segundo eles

“Foi uma coisa tão violenta que a gente tinha a impressão de que o céu ia desabar como no dia do juízo final. A terra estremeceu com 3 explosões consecutivas sem qualquer intervalo, enquanto um ruído surdo foi ouvido durante um minuto” ³⁵⁵.

O “dia do juízo final”, no entanto, não chegou àquela cidade naquele ano e muito se especularia ainda sobre o “QUE REALMENTE ACONTECEU”. As características apresentadas ao jornalista foram surpreendentes. Ao ser descrito que “Uma imensa coluna de fumaça que se confundia com uma labareda de fogo amarelo alaranjado, escurecendo-se depois, ergueu-se até o infinito”, imaginei que se fizesse, nas matérias que divulgaram a explosão em julho de 1958, alguma associação a uma explosão atômica; porém, em

³⁵³ De cima para baixo: “MAGNETIC FORCE FIELD”, ou “CAMPO MAGNÉTICO DE FORÇA”, e “RADIATION SHIELD”, ou “CINTURÃO DE RADIAÇÃO” (tradução minha).

³⁵⁴ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 8 de abril de 1959.

³⁵⁵ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 8 de abril de 1959.

nenhum momento, a encontrei. A associação foi feita somente quando do anúncio da Operação *Argus*. O *Unitário*, no entanto, anunciou que a notícia da explosão em Quixadá, “Coincidindo em quase todos os pontos com as características divulgadas sobre a famosa ‘Operação Argus’”, foi um “autêntico ‘furo’ internacional antecedendo-se mesmo as divulgações do ‘New York Times’ (...) sobre a ‘Operação Argus’”.

Outros jornais da capital cearense deram ampla cobertura a provável explosão de uma bomba atômica nos céus do Nordeste brasileiro e, mais precisamente (e possivelmente), na cidade de Quixadá. O jornal *Tribuna do Ceará* estampou em primeira página: “Essa Não, Tio Sam: TRÊS BOMBAS ATÔMICAS EXPLODIRAM NOS CÉUS DO NORDESTE BRASILEIRO”³⁵⁶. A matéria iniciou afirmando que o anúncio de que três bombas atômicas explodiram nos céus do Nordeste brasileiro foi feita pelo Departamento de Defesa americano. Esta informação foi repassada para a *Tribuna* pela agência Asapress, do Rio de Janeiro. Seria importante verificar, na imprensa carioca ou na agência noticiosa, a fonte de tal informação, uma vez que a admissão, em algum momento, do Departamento de Defesa americano de que tais explosões realmente ocorreram (no Nordeste brasileiro) forneceria rico combustível para novas conjecturas. Em seguida a matéria adotou a discussão sobre a contaminação do leite no Brasil (o jornal cita o caso do “leite mineiro”) pelo estrôncio-90 (um dentre vários subprodutos das explosões nucleares). Também disse que “em ossos de homens que residem no Nordeste” notou-se a presença do elemento radioativo. Nos jornais há evidências de que foram realizadas pesquisas envolvendo a coleta de material humano (no caso, ossos) para detecção de elementos radioativos. Em janeiro de 1958, o periódico *Gazeta de Notícias* afirmou, em matéria, que foram realizadas “pesquisas em ossos procedentes de cinco continentes”³⁵⁷, sob os cuidados da *Columbia University*. E, “Na América do Sul, os ossos para serem examinados foram enviados do Chile e do Nordeste brasileiro, sendo então constatada a presença

³⁵⁶ Jornal *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 2 de abril de 1959.

³⁵⁷ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 3 de janeiro de 1958, “Nuvens de radioatividade já atingiram o nosso território”. Foram feitas coletas de urina em “calouros” da Faculdade Fluminense de Medicina pelo professor dr. Davi Azulay e foi constatada a presença de “uma unidade de estrôncio-90 em 86 litros de urina”. E o dr. Pena França, do Instituto de Biofísica, “verificou a presença de (...) estrôncio - 90” em amostras de “leite em pó brasileiro”. E o dr. Luis Marques, do Centro de Pesquisas Físicas, “encontrou o estrôncio - 90 em águas da chuva, no Rio”.

de estrôncio – 90”. É interessante observar que a coleta foi realizada meses antes da Operação *Argus*, o que mostra que a precipitação de partículas radioativas decorrentes de explosões nucleares (ou *fallout*) dos testes americanos e soviéticos já tinha atingido um espectro global naquele momento³⁵⁸. E uma outra matéria (um pouco antes da consecução da Operação) já alertava para os distúrbios climáticos, na região Nordeste, causados pelas explosões atômicas que se intensificavam naquele período (ver gráfico no *Primeiro Capítulo*): seriam elas, segundo “estudiosos de climatologia”, as responsáveis pelas “violentas mudanças que se verificam atualmente no clima do Nordeste”³⁵⁹, uma vez que uma “grande massa de ar gelado das regiões polares” estava sendo desviada para a região Nordeste!

A revelação de que experiências nucleares foram realizadas no Atlântico Sul veio colocar mais combustível na discussão sobre os perigos da radiação que rondava o território brasileiro. No Rio de Janeiro, os nossos mais destacados cientistas emitiram suas opiniões sobre as experiências clandestinas. O professor Leite Lopes e o cientista César Lattes, dentre outros, se posicionaram frontalmente contra a Operação *Argus*. Para o professor Leite Lopes, o que os norte-americanos fizeram era comparável a “disseminar arsênico nas adutoras de água e depois recolher as vítimas para ver o efeito do veneno”³⁶⁰, e fuzilou enfurecido: “Não quero falar muito nesse assunto para não ficar nervoso”. Já César Lattes, em matéria de *O Jornal*, propôs uma “reunião de cientistas para estudar os efeitos da Operação *Argus*”³⁶¹ e acrescentou que “o Brasil deve protestar” e não permitir que os Estados Unidos “lancem seus dejetos radioativos onde considerarem mais conveniente”. Algumas autoridades, no entanto, diziam que “não há perigo [de contaminação radioativa] quando as provas são realizadas a grandes altitudes”³⁶²: foi o que

³⁵⁸ Este assunto é amplamente discutido em WELSOME, Eileen. *The plutonium files: America's secret medical experiments in the cold war*. Nova Iorque: Delta, 2000 e FRADKIN, Philip L. *Fallout: an American nuclear tragedy*. Boulder: Johnson Books, 2004.

³⁵⁹ *Jornal Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 24 de junho de 1958, “EXPLOSÕES NUCLEARES AFETAM O NORDESTE”.

³⁶⁰ *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 8 de abril de 1959, “MASSA ATOMICA ESTARIA ENVENENANDO HOMENS...”.

³⁶¹ *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 15 de abril de 1959, “O Perigo Atômico Pesa Sobre o Brasil” “CÉSAR LATTES PROPÕE REUNIÃO DE CIENTISTAS PARA ESTUDAR OS EFEITOS DA ‘OPERAÇÃO ARGUS’”.

³⁶² *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 13 de abril de 1959, “EXPERIÊNCIAS A GRANDES ALTURAS NÃO NOS AFETAM”.

disse, no mesmo jornal, o Almirante Otacílio Cunha (presidente do C.N.E.N.)³⁶³. Mário Schemberg, “catedrático de física nuclear da Faculdade de Filosofia de São Paulo”, alertou para o perigo das explosões atômicas, “sobretudo nos céus do Nordeste brasileiro”³⁶⁴. E em uma matéria surpreendente, um tanto que na contra-mão das múltiplas repercussões no meio científico, o jornal *Unitário* trombeteou que são “Unâimes os cientistas brasileiros ao julgarem inofensivas as explosões atômicas realizadas no Nordeste”³⁶⁵. O jornal, após consultar cientistas “especializados em radioatividade e explosões nucleares” concluiu que a “‘experiência Argus’, levada a efeito no Nordeste brasileiro” e que consistiu de explosões atômicas “na atmosfera brasileira”, não representou “qualquer ameaça para a segurança ou bem-estar das populações daquela região”. O jornal ouviu o depoimento do professor Bernardo Gross, responsável pelas medições de radioatividade realizadas no Brasil. Segundo ele, se as precipitações radioativas da Operação tivessem caído no Brasil, “mesmo assim ela não traria grandes prejuízos, em razão da sua fraca intensidade”. Adicionou também o fato das mesmas terem sido realizadas “a uma altura muito grande”, o que fez com que a radioatividade decorrente das explosões ter sido “dispersada pelas correntes aéreas a grandes alturas”. Estudos posteriores (realizados aqui no Brasil pelo cientista Jorge Guimarães e divulgados em 1959) mostraram que a “RADIOATIVIDADE ATINGE O NORDESTE BRASILEIRO”. O cientista fez “sensacionais revelações à Associação Médica do Rio de Janeiro” ao dizer que “o estrôncio – 90 (substância radioativa), provocada pelas últimas explosões atômicas nucleares, já chegou ao Brasil, estando contaminadas várias regiões do país, principalmente o Nordeste e cidades litorâneas, como o Rio de Janeiro, onde, em 1958 foram registrados dez nati-mortos na Santa Casa, em consequência da presença de radioatividade”³⁶⁶.

³⁶³ Repetia-se, portanto, em versão tupiniquim, o que já vinha ocorrendo nos Estados Unidos, no mesmo período, com relação ao perigo de contaminação radioativa das experiências no estado de Nevada: o governo nega peremptoriamente a possibilidade de contaminação (alçado no discurso de técnicos e cientistas laureados pela comunidade científica internacional), enquanto a população afetada e os cientistas insurgentes (muitas vezes taxados de *comunistas*) pouco podem fazer para deter a continuidade dos testes.

³⁶⁴ Jornal *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 2 de abril de 1959.

³⁶⁵ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 10 de abril de 1959, “EXPERIENCIA ARGUS NÃO TRAZ PERIGO PARA OS NORDESTINOS”.

³⁶⁶ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 de novembro de 1959.

Como já havia dito anteriormente, os jornais cariocas repercutiram a notícia de que explosões nucleares haviam sido conduzidas no Nordeste brasileiro. O periódico *Novos Rumos* trouxe matéria de primeira página denunciando que “EXPLOSÕES ATÔMICAS IANQUES ENVENENAM OS CÉUS DO BRASIL”³⁶⁷, e denunciou “esforços da Embaixada norte-americana, e seus ‘associados’ no governo brasileiro”, de encobrir da “opinião pública e dos meios científicos brasileiros” os efeitos terríveis da Operação *Argus*. E em uma caricatura o jornal mostrou uma poeira radiativa de “strôncio [sic] 90” alimentando uma criança com o venenoso elemento. Uma bomba atômica ao lado serviu para que se inscreva o nome do vilão que a envenena: “GUERRA FRIA”. Uma criança foi utilizada mais uma vez (em algumas charges mostradas no *Primeiro Capítulo* uma criança também aparece) como representação da pureza e ingenuidade, ante a ciência que descortina um universo novo de possibilidades com a “Era Atômica”.

³⁶⁷ Jornal *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 17 a 23 de abril de 1959.



As declarações dos órgãos oficiais “ianques”, sempre “omissos e contraditórios”, e o “noticiário confuso” contribuíram no emaranhar de informações veiculadas, a ponto do jornal anunciar que “Pouco se sabe sobre o que realmente aconteceu”. E no burburinho de informações, o jornal forneceu uma muito interessante a respeito da localização dos testes nucleares da Operação: as explosões foram efetuadas “numa região mais ou menos próxima

do Nordeste brasileiro, e da base de Fernando de Noronha” (esta foi a primeira e a única referência que encontrei da ilha como *locus* da Operação). A divulgação de que os níveis de radioatividade no Brasil (provenientes de testes nucleares alhures ³⁶⁸), em agosto de 1958, experimentaram um aumento de 400%, contribui para que se acreditasse que a Operação foi realizada na costa brasileira. O anúncio, feito pelo cientista Padre Francisco Xavier Roser ³⁶⁹, “é de extrema gravidade e exige que o público seja imediatamente esclarecido sobre a situação dessa contaminação no país” ³⁷⁰. E, depois de denunciar que o “cientista Pe.” recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, o semanário lembrou que o mesmo não “hesitou em cair no ridículo” ao afirmar que o aumento nos níveis de radioatividade no Brasil se devia a “explosões realizadas pela URSS, e não as norte-americanas”, como se fosse possível distinguir “partículas radioativas comunistas” e “capitalistas” (esta controvérsia foi citada, em primeira página, em um jornal local ³⁷¹). O Coronel Luiz de Alencar Araripe explorou esta questão, anos mais tarde, em um ciclo de conferências sobre Problemas Brasileiros da Atualidade (promovida pela Biblioteca do Exército), em 1967.

“A destruição causada pelas bombas que caíram sobre as cidades japonesas e as precipitações radioativas decorrentes das experiências nucleares americanas no Pacífico foram de vulto e conseqüências bem menores que os das *precipitações psicológicas* derramadas pelo mundo todo, em decorrência das primeiras explosões nucleares que o mundo testemunhou. E os *comunistas* bem souberam explorar os justos receios da humanidade, de um *súbito holocausto nuclear* e de uma *insidiosa contaminação radioativa*, para estigmatizar o Ocidente com a responsabilidade pela

³⁶⁸ O cientista Padre Roser disse que “a quadruplicação das precipitações radiativas no Brasil, no ano passado, só poderá ser atribuída exclusivamente a grande série de provas nucleares, com bombas de hidrogênio, realizadas pelos russos, descritas como particularmente ‘suja’ - à superfície da Terra ou nas suas proximidades”. Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 11 de abril de 1959, “CIENTISTA BRASILEIRO DEPLORA SENSACIONALISMO EM TORNO DAS PRECIPITAÇÕES RADIATIVAS”.

³⁶⁹ Segundo o jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 11 de abril de 1959, “O Padre Francis Xavier Roser, S.J., diretor do Departamento de Física da Universidade Católica do Rio de Janeiro, contrastou as notícias de imprensa com a atitude sóbria e arrazoada do Comitê das Nações Unidas para os Efeitos da radiação Atômica. O Padre Roser representou o Brasil nesse comitê científico durante a sua sexta sessão, recém- concluída.” O Padre disse ainda que a radiação proveniente das explosões da Operação *Argus* não atingiu “a região tropical do Brasil” como “foi citado em algumas histórias na imprensa”.

³⁷⁰ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 11 e 12 de abril de 1959, “AUMENTO DE 400% DA RADIAÇÃO NO BRASIL”.

³⁷¹ Jornal *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 8 de abril de 1959, “As Explosões Atômicas No Nordeste Brasileiro” “Dúvidas Sobre Se a Poeira Radioativa é Russa ou Americana”.

abertura da *caixa de Pandora*, de onde emergiu o *átomo capitalista*³⁷² [grifos do autor].

E continuando a discussão nos meios científicos nacionais em torno dos maléficos efeitos da radiação, o periódico *Novos Rumos* citou alguns cientistas e autoridades do governo que, a todo custo, procuravam desviar o foco da discussão (como o “cientista Pe.” Roser e suas partículas “comunistas” e “capitalistas”). O “jovem cientista” Luis Márquez aceitou “subvenções da Embaixada ianque” e agora tenta “minimizar o perigo das radiações atômicas, o qual, segundo afirma, era menor que o das radiações emitidas pelos ponteiros luminosos de seu relógio de pulso”³⁷³. E em um outro caso de “aberto cinismo”, o Almirante Octacílio Cunha, presidente do C.N.E.N., buscou negar “qualquer importância ao ‘projeto Argus’, e as experiências atômicas em geral”.

“É esta ‘insensibilidade dirigida’ de alguns cientistas brasileiros, e a omissão de outros, que levou o deputado Josué de Castro a incluir entre as perguntas que dirigiu a C.N.E.N., a seguinte: ‘As pesquisas realizadas pelos institutos e pelos cientistas brasileiros recebem ajuda técnica ou financeira de órgãos de governos estrangeiros interessados nos resultados das experiências atômicas, particularmente de países realizadores de testes nucleares?’”³⁷⁴.

Porém, o semanário apresentou também “cientista brasileiros que não entraram na ‘área do dólar’”, e foi graças a eles que a “opinião pública pôde por isso ser esclarecida e alertada para a grande ameaça que paira sobre o nosso país”. E a seguir citou os “cientistas brasileiros eminentes”, cujo discurso destoava daquele dos que buscaram mostrar as explosões atômicas na atmosfera como algo inofensivo e distante de nós: César Lattes, Leite Lopes, Jacques Danon, Guido Beck, Bernard Gross, dentre outros. E aqui há um ponto de convergência com algo que foi dito no livro de Leôncio Basbaum (e que veremos um pouco mais adiante neste *Capítulo*): a aquiescência do governo brasileiro para com os testes clandestinos. Segundo o semanário, os “cientistas brasileiros eminentes” eram os únicos que mostram a “opinião pública” aquilo

³⁷² ARARIPE, Coronel Luiz de Alencar. *Panorama nuclear mundial e o Brasil*. In: Revista Paz e Terra, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, número 8, ano II, setembro de 1968, p.244.

³⁷³ Jornal *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 17 a 23 de abril de 1959.

³⁷⁴ Jornal *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 17 a 23 de abril de 1959.

de “muito grave [que] estava sendo ocultado a ela pelo governo norte-americano com a cumplicidade, ou omissão, do governo brasileiro”. E colocou, a seguir, três questões que precisam ser “urgentemente esclarecidas”, e que certamente serviriam de problemáticas a um trabalho que visasse a verificação da realização de testes clandestino no Brasil.

“1º) Foram feitas medições do grau de radioatividade na atmosfera em nosso País, depois de ter sido constatado o aumento já extremamente inquietante de 400%, e depois de terem explodido as três bombas da série ‘Argus’? Qual a potência e as características reais das bombas?

2º) Quando e onde, exatamente, foram realizadas estas experiências? (...) (...))

3º) Que direito têm os Estados Unidos de decidir, sem consultar ninguém, onde e quando explodir seus engenhos atômicos sem pelo menos uma comunicação prévia aos governos interessados?” ³⁷⁵.

~~0~~

A referência encontrada no livro *Caminhos Brasileiros do Desenvolvimento* (publicado em 1960), de Leônicio Basbaum, (e que foi o catalisador da escrita do artigo de Carlos Emílio, “Bomba Atômica no Nordeste?”) agora pode ser entendida de maneira mais ampla em seu contexto. Ao escrever, no Preâmbulo de seu livro, que “ainda recentemente os Estados Unidos fizeram explodir uma Bomba-A nos céus do Nordeste sem que os governantes e chefes políticos de nosso país se manifestassem de qualquer modo” ³⁷⁶, Basbaum atirou-nos a informação e não forneceu nenhum indício ou pista de onde iniciar a procura pelo fato gerador de tão surpreendente acontecimento. Apesar de não citar a fonte de onde obtivera a informação, é certo que Basbaum estava se referindo a Operação *Argus*. E mais ainda: em sua afirmação, ele sugeriu complacência do governo brasileiro, no caso o de J. Kubitschek, para com o teste clandestino. E esta sugestão me levou a buscar evidências de tal imobilismo e conformismo do governo brasileiro para com a realização de um teste nuclear nos céus do Nordeste. No *Segundo Capítulo* foi

³⁷⁵ Jornal *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 17 a 23 de abril de 1959.

³⁷⁶ BASBAUM, Leônicio. *Caminhos brasileiros do desenvolvimento: análise e perspectivas da situação brasileira*. São Paulo: Fulgor, 1960, p.21.

mostrado como “nacionalistas e comunistas” denunciaram que a instalação do posto de observações de teleguiados, na ilha de Fernando de Noronha, foi fruto de negociações que resultaram em liberação de empréstimos, de material bélico etc. O governo, através do Itamarati, negava peremptoriamente, a possível relação, afirmando que “O Brasil não pede (...) em troca da concessão do posto de observações, qualquer compensação” ³⁷⁷.

Mas e os militares? Estariam eles dispostos a deixar que o Brasil cedesse (e segundo alguns, em troca de compensações financeiras) parte de nosso território a uma nação estrangeira, mesmo que temporariamente? Em seu livro, *Problemas do Brasil*, o Coronel Adalardo Fialho dedicou um capítulo para “O Papel das Bases Estratégicas do Nordeste na Política Externa Brasileira”. E nele, forneceu alguns elementos interessantes que ajudarão a esclarecer aquelas perguntas. Na conclusão do capítulo ele forneceu indícios do pensamento dos militares naquela época e que pode, muito certamente, ter perdurado até o fim daquela década.

“Natal, Fernando de Noronha e Recife são uma das grandes chaves do mundo”

“É a esquina de onde se poderá barrar, em termos de guerra aero-naval moderna, movimentos providos do Prata, da Norte-América e da Europa”

“Portanto, saibamos tirar proveito dessa dádiva da Geografia. Fortifiquemos e guarneçamos fortemente as bases do Nordeste, para aumentar-lhes o valor e a cobiça pelos outros povos, porém não nos aliemos a nenhum partido. Fiquemos de mãos livres para, no momento oportuno, jogar com elas - trunfo inestimável - no tabuleiro da política internacional, de acordo com os nossos interesses” ³⁷⁸.

A cessão da Ilha se constituiu em um momento interessante de nossa história. A heterogeneidade dos discursos sobre este acontecimento varia desde as calorosas denúncias dos “nacionalistas” até o discurso apaziguador dos “entreguistas”. E, agora, voltando ao livro de Basbaum, no mesmo parágrafo em que denunciou o teste nuclear no Nordeste brasileiro, ele fez referência a cessão da Ilha.

³⁷⁷ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 17 de janeiro de 1957, “NOTA DO ITAMARATI SOBRE OS ENTENDIMENTOS COM O GOVERNO DE EISENHOWER”.

³⁷⁸ FIALHO, Cel. Adalardo. *Problemas do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, Biblioteca do Exército, maio / junho 1952, p.76.

“Por outro lado, esse mesmo país [os EE.UU] pretende dirimir suas divergências com a União Soviética utilizando parte de nosso território como base de lançamento de foguetes, envolvendo-nos em uma guerra na qual nosso povo não está interessado e pela qual só teríamos a perder” ³⁷⁹.

Aquele, definitivamente, era um momento em que tudo parecia possível e factível. Conjeturar sobre a possibilidade de atividades clandestinas dos Estados Unidos no Brasil e no mundo não parecia nada absurdo, uma vez que o próprio governo “ianque” as realizava em plena luz do dia.

“Seis meses depois do lançamento do Sputnik foi promulgada uma Lei de Educação para a Defesa Nacional. O movimento dos trabalhadores passou a ser controlado de perto. Tomou impulso o debate sobre os direitos civis. Acusado de estupidez e incompetência, o governo Eisenhower passou à defensiva: era hora não só de ouvir os intelectuais, como também de acionar os espões. A CIA ganhou nova e insuspeitada liberdade de ação (...). O poderoso chefe da CIA, Allan Dulles (...) ganhou plenos poderes -- a histeria anticomunista justificava a atmosfera paranóide” ³⁸⁰

E Bandeira jogou mais lenha no fogo de nossas conjecturas quando ao se referir a cessão da Ilha diz que

“Os militares (...) resistiram. Quiseram a presença de oficiais brasileiros em todos os setores da base [na Ilha], para o seu completo funcionamento. Os americanos relutaram e, finalmente, aquiesceram, salvaguardando um segredo, que alegavam, apenas três pessoas, nos Estados Unidos, conheciam” ³⁸¹.

Que segredo seria este? Estaria relacionado à realização de um teste clandestino ou à disposição de armas nucleares na Ilha? Curiosamente o governo norte-americano liberou, em fins da década de 1990, um documento secreto, produzido em 1978 e intitulado “História da custódia e disposição de armas nucleares: julho de 1945 até setembro de 1977” ³⁸². Como é comum aos documentos secretos liberados pelo governo norte-americano, este está repleto

³⁷⁹ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit. p.21.

³⁸⁰ BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.503.

³⁸¹ BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1978, p. 377. Quanto a esta informação, Bandeira diz ter obtido em “Entrevista de Kubitschek ao autor”.

³⁸² “History of the Custody and Deployment of Nuclear Weapons (U) July 1945 Through September 1977”. Washington: Office of the Assistant to the Secretary of Defense (Atomic Energy), February 1978.

de parágrafos inteiros tornados ilegíveis (riscados com uma caneta preta): a capa e a página B-2 (do Apêndice "Cronologia - Disposição [de armas nucleares] por localidades") do "History..." são reproduzidas a seguir.

~~TOP SECRET~~

64410 A

**HISTORY OF THE CUSTODY AND DEPLOYMENT
OF NUCLEAR WEAPONS (U)
JULY 1945 THROUGH SEPTEMBER 1977**



PREPARED BY
OFFICE OF THE ASSISTANT TO THE SECRETARY
OF DEFENSE (ATOMIC ENERGY)
FEBRUARY 1978

Controlled Document
Certificate of Destruction Required

"EXCLUDED UNDER
OF (THE PROHIBITION
ACT) 500502 (b) (1) & (2)

TE-1994-0034
CLASSIFIED BY: ATSD(AE) AND CG-W-4

Copy 11

~~TOP SECRET~~

RESTRICTED DATA
This document contains Restricted Data
as defined in the Atomic Energy Act of
1954. Its dissemination or disclosure to any
unauthorized person is prohibited.

R-1 74-F 5572 (A)
49 F-1525
94 TS-00572-73
1

~~TOP SECRET~~

CHRONOLOGY

DEPLOYMENTS BY COUNTRY (U)

COUNTRY	WEAPON	INITIAL ENTRY	WITHDRAWN
Alaska	Nonnuclear Bomb	Nov 55	Jun 67
	Bomb	Jan 56	Jun 75
	Genie	Sep 57	Sep 60
	Depth Bomb	Jul 58	
	ADM	Jan-Mar 61	Jun 70
	Falcon	Apr-Jun 61	Jun 70
	155mm Howitzer	Feb 67	Jun 75
	Nike Hercules	Jan-Mar 70	
[REDACTED]	Nonnuclear Bomb	Jul-Dec 50	Jun 71
	Bomarc	Jan-Mar 64	Jun 72
	Genie	May 65	
	Falcon	Jul 65	Dec 66
	Depth Bomb	Feb 68	Jun 70
[REDACTED]	Bomb	Feb 56	Mar-May 56
	Regulus	Mar-May 56	Oct-Dec 64
	Talos	Oct-Dec 64	Dec 65
Cuba	Nonnuclear Depth Bomb	Dec 61	Jul-Sep 63
[REDACTED]	Bomb	Feb 58	Oct-Dec 58
	Nike Hercules	Nov 59	Jul 65
Guam	Nonnuclear Bomb	Jul 50	
	Bomb	Jun 51	
	Depth Bomb	Jun-Aug 57	
	Regulus	Sep-Nov 57	Apr-Jun 64
	Nike Hercules	Jun 61	Jun 69
	Boat	Jan-Mar 62	Apr-Jun 63
	Hotpoint	Jan-Mar 62	Oct-Dec 64
	Lacrosse	Apr-Jun 62	Oct-Dec 63
	Little John	Apr-Jun 62	Jun 69
	Honest John	Apr-Jun 62	
	ADM	Apr-Jun 64	
	Davy Crockett	Jan 65	Jun 69
	8-inch Howitzer	Jun 65	

B-2

~~TOP SECRET~~

FORMERLY RESTRICTED DATA
 UNAUTHORIZED DISCLOSURE SUBJECT TO
 ADMINISTRATIVE AND CRIMINAL SANCTIONS, PENALTY
 AS RESTRICTED DATA IN FOREIGN DISSEMINATION
 SECTION 144.9, Atomic Energy Act, 1954.

Observem que nesta página entre Cuba e Guam aparece um nome de uma localidade que foi intencionalmente apagada antes da liberação do documento. Neste local foram armazenadas bombas nucleares entre fevereiro

e outubro/dezembro de 1958, e um tipo de míssil antimíssil (*Nike Hercules*) foi também mantido lá entre novembro de 1959 e julho de 1965: inquietou-me bastante essa informação, e por dois motivos. *Primeiro*, segundo informação obtida de um livro sobre Fernando de Noronha ³⁸³, os norte-americanos operaram o “Posto de Mísseis Teleguiados, próximo ao Boldró [no caso, o nome de uma praia na ilha]”, entre 1957 e 1965. *Segundo*, o nome apagado no documento era o de uma localidade entre a letra “C” (Cuba) e “G” (Guam): caso a lista seja dada em ordem alfabética (como nos parece observando-a até o final), o nome riscado bem que poderia ser Fernando de Noronha.

Em artigo publicado na revista *The Bulletin of the Atomic Scientists* ³⁸⁴, Norris, Arkin e Burr parecem finalmente ter descoberto “onde elas [as armas nucleares] estavam”. Para eles a localidade apagada entre Cuba e Guam é Groenlândia (*Greenland*) e para esta afirmação basearam-se em documentos liberados pelo governo dinamarquês (a quem pertence a Groenlândia) logo após a liberação do “História da custódia e disposição...” pelo governo norte-americano. Os autores admitiam que a informação de que a Groenlândia recebeu armas nucleares “foi uma fonte de grande embaraço para ambos os países [dinamarquês e norte-americano]”, pois “Islândia, assim como a Dinamarca, têm uma forte tradição não-nuclear e, pelo menos publicamente, se opuseram a muitas políticas e aspectos nucleares da aliança OTAN” ³⁸⁵. E apesar de dizer que “não há dúvida” que o nome apagado é “Greenland”, admitem os autores do artigo que “há muito mais história nuclear a ser descoberta, especialmente em casos onde a política não-nuclear da nação era ab-rogada ou onde se fechavam os olhos de modo a hospedar a superpotência parceira” ³⁸⁶: o Brasil de final da década de 1950 parece se encaixar em ambas as possibilidades, pois por diversas vezes era conclamada a defesa hemisférica como o motivo da presença americana na ilha. O General A. de

³⁸³ *Fernando de Noronha 360º*. [Texto de Danielle Corpas e Fotografias de Luiz Cláudio Lacerda e Rogério Randolph]. Rio de Janeiro: TREZENTOSESSENTA GRAUS Produções Ltda., 2003, p.106.

³⁸⁴ NORRIS, Robert S., ARKIN, William M. e BURR, William. “Where they were”. In: *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Chicago, v. 55, n. 6, p. 26-35, nov./dez. 1999.

³⁸⁵ “Iceland, like Denmark, has a strong non-nuclear tradition and, at least publicly, opposed many of the nuclear aspects and policies of the NATO alliance” [tradução minha]

³⁸⁶ “In general there is a lot more nuclear history to be discovered, especially in cases where a nation’s non-nuclear policy were abrogated or where a blind eye was turned to accommodate its superpower partner” [tradução minha]

Lyra Tavares talvez ajude a lançar mais alguma luz sobre a importância do Nordeste brasileiro na “defesa hemisférica” naquele conturbado período.

“Dentro dessa idéia de encarar o continente como um todo geográfico, por imposição da defesa coletiva, que importa organizar face às ameaças atuais, compreende-se a importância de certas áreas do Brasil do ponto de vista do estabelecimento de bases militares, no caso de guerra, sobretudo no nordeste”³⁸⁷

E acrescenta, mais adiante, o artigo da *The Bulletin of the Atomic Scientists*:

“A história política da disposição de armas nucleares [em alguns países] é menos ainda conhecida do que a sua história militar, e esta permanece como um importante mas virtualmente ainda não escrito capítulo da Guerra Fria” e “especialmente no caso onde armas nucleares eram dispostas sob circunstâncias especiais - e a mais especial sendo aquela onde o país hospedeiro não sabia se elas estavam lá, onde ou quantas estavam”³⁸⁸.

E em um outro artigo disponibilizado na edição eletrônica do *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Hans M. Kristensen (um pesquisador dinamarquês de políticas nucleares) estranhou que o nome apagado do “História da custódia e disposição...” seja “Greenland”. E argumentou:

“A desclassificação de documentos [ou seja, a liberação para o público] pode ser um processo inescrutável. Evidência disso é a decisão do Escritório do Departamento de Defesa (O.S.D) [americano] de apagar as referências a Groenlândia (...) da versão da *História da custódia e disposição*”³⁸⁹.

Kristensen lembra que os critérios para que informações sejam apagadas antes de liberadas para o público é que elas podem “causar dano a segurança nacional americana ou prejudicar as relações com outros países”

³⁸⁷ TAVARES, Gen. A. de Lyra. *Segurança nacional: antagonismos e vulnerabilidades*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958, p.162.

³⁸⁸ “The political history of the deployment of nuclear weapons is even less well known than their military history and it remains an important but virtually unwritten chapter of the Cold War” “This was especially the case when weapons were deployed under special circumstances -- the most special being those in which the host country did not know if they were there, where they were, or how many there were” [tradução minha]

³⁸⁹ KRISTENSEN, Hans M. “Sidebar: secrecy on a sliding scale”. http://www.thebulletin.org/article.php?art_ofn=nd99norris_024

³⁹⁰. Ocorre que “muitas das informações apagadas [do “História da custódia e disposição...”] -- particularmente as referências a Groenlândia -- já tinham sido revelados por outros documentos desclassificados”. E acrescentou: “As referências a Groenlândia que foram apagadas da ‘História da custódia e disposição’ estão em desarmonia com os eventos recentes e parecem servir a nenhum propósito aparente”. Depois salientou que há documentos liberados pelo governo dinamarquês e pela U.S.A.F. (Força Aérea norte-americana) que revelam com “muitos detalhes a disposição de armas nucleares na Groenlândia de modo que é difícil de entender a razão da O.S.D ter apagado esta localidade da ‘História da custódia e disposição’”.

O meu espírito inquieto e investigativo me levou a acreditar que o nome Groenlândia foi apagado do documento (“sem nenhum propósito aparente”) por uma razão muito simples: o nome que estava no documento *não era* Groenlândia *e sim* Fernando de Noronha. *O documento não podia ser mostrado sem ter o nome riscado, como fizeram com outros documentos, porque era um outro nome que estava lá.* Levei minha inquietação e suspeita de que testes clandestinos podem ter sido realizados no Nordeste brasileiro, através de um correio eletrônico ³⁹¹, a um dos co-autores do artigo do *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Robert S. Norris. Ele argumentou que o nome foi apagado, “como fizeram com muitos outros”, devido a “embaraços diplomáticos”. E atirou a pérola:

“Eu acho que você está fundamentalmente equivocado acerca da presença de armas nucleares no Brasil. Há uma teoria mais sem sentido de que os Estados Unidos testaram-nas lá. Não há nenhuma evidência que corrobore tal afirmação. Eu concordo que há mais história para ser descoberta, *mas esta deve ser baseada em evidências oficiais concretas* e não em alguns ‘homens do interior’ que viram uma luz brilhante em 1958” ³⁹².

³⁹⁰ A liberação das informações de que os EUA tinham mantido armas nucleares na Groenlândia (mais precisamente na Base Aérea de Thule) causou furor e “escândalo político” na Dinamarca, conhecido como “Thulegate”, que resultou na criação de comitês de investigação independentes, liberação de documentos secretos etc, em um processo que durou quatro anos!

³⁹¹ Correio eletrônico: Assunto: Brazil and nuclear weapons. 18 de fevereiro de 2005, hora 11:01:38. [estes dados referem-se a primeira reposta de Norris ao meu e-mail]

³⁹² Correio eletrônico: Assunto: Brazil and nuclear weapons. 18 de fevereiro de 2005, hora 11:01:38. “I think that you are fundamentally wrong about the presence of U.S. nuclear weapons in Brazil. It is even a wilder theory that the U.S. tested there. There is not one shred of evidence to support such a claim. I agree there is more history to be discovered but it must be

Tentei explicar ao Sr. Norris em um outro correio eletrônico (22 de fevereiro de 2005, hora 09:40:01) que evidência de testes clandestinos não são encontrados assim tão facilmente em fontes “oficiais concretas” (é por este motivo mesmo que são chamados de “testes clandestinos”). Sugerir ao Sr. Norris também uma aproximação com uma escrita de história que incluía a fala daqueles “homens [e mulheres] do interior”, pois eles têm algo que nós não temos: a experiência de estar lá quando o clarão ou um outro episódio qualquer ocorreu; experiência essa negada a muitos dos historiadores que se debruçam em “evidências oficiais concretas”. Como resposta, obtive do Sr. Norris o endereço eletrônico de uma daquelas “evidências oficiais concretas”: uma lista dos testes nucleares preparada pelo Departamento de Energia americano e aqui já citada anteriormente. E acrescentou magistralmente:

“Eu sugiro que você olhe para isto [a lista], especialmente para aquelas tabelas e números que mostram a localização. O Brasil não está incluído. Você está sugerindo que a Secretária [de Energia] e o governo americano estão mentindo e esta não é uma lista completa? *O governo americano e autoridades realmente mentem ocasionalmente*, mas neste caso eu acredito que esta é uma lista completa e que não há nenhum teste clandestino adicional, em nenhum lugar e em nenhum momento. Até o lançamento desse documento haviam muitos testes secretos que não conhecíamos. Agora os conhecemos e uma coisa é clara: Brasil não está na lista”
 393

Como argumentar com o Sr. Norris? Agarrando-se a pilhas de documentos [oficiais] em seu escritório em Washington, D.C., ele escreve a história em que as pessoas são meros coadjuvantes deles. E se não está no documento, como ele me diria mais adiante no correio eletrônico, “caso encerrado” [*case closed*]. Mas não quero encerrar o caso: não sou um investigador policial em busca de um perigoso criminoso e encarcerá-lo. Sou um historiador e assim interesse-

based on concrete official evidence and not some "men of the hinterland" who saw a brilliant light in 1958". [tradução minha]

³⁹³ Correio eletrônico: Assunto: RE: Brazil and nuclear weapons. 22 de fevereiro de 2005, hora 10:42:22. “I suggest you look at it, especially those tables and figures that show location. Brazil is not included. Are you suggesting that the Secretary and the US government is lying and that this is not a complete list? The US government and officials do lie occasionally, but in this instance I believe that this is a complete list and there are no further clandestine tests, anywhere, anytime. Up until the release of this document there were many secret tests about which we did not know. Now we know them and one thing is clear, Brazil is not on the list” [tradução minha]

me pelos interstícios da investigação e pelos meandros da análise, assim como estou ciente da incompletude e incerteza de se conhecer o passado: isto, porém, não implica que deva desistir de investigá-lo, mesmo ciente que, quando muito, consiga apenas arranhar a sua superfície.

E em busca de se saber um pouco mais sobre como (e de se aproximar mais das) as pessoas perceberam tudo o que aconteceu sobre as supostas explosões nucleares no Nordeste brasileiro, gostaria agora de perscrutar a repercussão, no meio político local, de tal acontecimento. Pesquisei, na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, as Atas das Sessões naquele período, além dos jornais locais aqui já citados.

Em minha pesquisa, descobri que no dia 8 de abril de 1959, as 14h, foi aberta a 17ª Sessão Ordinária da 15ª Legislatura da Assembléia Legislativa. E ao prédio da Assembléia estavam presentes um pouco mais de 40 deputados. Um conjunto de Ofícios, Projetos de Lei (encaminhados a “Comissão Executiva”) e telegramas são lidos ao longo da Sessão. E dentre eles, há um pronunciamento na tribuna da Assembléia que chamou a atenção.

“Segue-se na tribuna o deputado Pontes Neto [do P.C.B.] para proceder a leitura de um artigo publicado no ‘Jornal do Brasil’ referente as explosões atômicas efetuadas pela América do Norte no Atlântico Sul. O orador demonstra o perigo que pode ocasionar ao Nordeste brasileiro a radio-atividade das referidas explosões, e, no final de seu discurso, apela para que a Mêsá se dirija aos Excelentíssimos senhores Presidente da República, do Senado Federal e da Câmara, prestando esclarecimentos a respeito das experiências atômicas nas proximidades do território brasileiro. S.Excia. é aparteado pelos deputados Salomão Maia e Ernesto Valente”³⁹⁴.

Procuo imaginar o deputado indignado e, com a palavra, tentando encontrar meios de explicar a gravidade da notícia do jornal carioca³⁹⁵. Como

³⁹⁴ Ata da décima sétima sessão ordinária da primeira sessão da 15ª legislatura da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 8 de abril de 1959.

³⁹⁵ O deputado Pontes Neto, quando da cessão da ilha de Fernando de Noronha, também protestou vigorosamente: “O orador seguinte é o deputado Pontes Neto, que lança veemente protesto contra a cessão, à América do Norte, pelo Governo Brasileiro, do território federal de Fernando Noronha, para a instalação, ali, de uma base de observação de foguetes teleguiados”. Conforme Ata da décima primeira sessão do período extraordinário da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 22 de janeiro de 1957. E três semanas depois o deputado voltou ao tema: “Requerimento do deputado Pontes Neto e outros, no sentido de que se oficie ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República expressando o apelo da Assembléia Legislativa do Ceará, para que o ajuste referente à Ilha de Fernando de Noronha

se comportaram os outros deputados ao ouvir que o Nordeste brasileiro foi sítio de explosões atômicas? Teriam eles igualmente se indignado? Encontrei algumas matérias de jornais locais que reverberaram a indignação do deputado Pontes Neto.

Sobre a Sessão do dia 8 de abril de 1959, na coluna “Assembléia Legislativa Estadual” do jornal *Unitário*, do dia 9 de abril de 1959, foi dito que esta “foi bastante movimentada” ³⁹⁶. Entre um e outro assunto polêmico (aumento de 31% para os funcionários contratados do D.N.E.R e a questão do “Inventário”, onde continua a “lavagem de roupa suja”, por exemplo), um dos que movimentou a Assembléia naquele dia foi, sem dúvida, a declaração do deputado Pontes Neto. Disse a Coluna sobre a fala do deputado:

“Em seguida, o sr. Pontes Neto discursou, combatendo as experiências nucleares nas proximidades do Nordeste brasileiro, com grave perigo para todo o país. Terminou, requerendo fosse endereçado telegrama ao Congresso Nacional e às demais autoridades, para que sustassem tais experiências” ³⁹⁷

O periódico *O Jornal* igualmente citou a fala do deputado Pontes Neto em Sessão da Assembléia. Porém, apesar de citar em primeira página que “PONTES NETO CONDENA EXPERIÊNCIAS ATÔMICAS NO NORDESTE” ³⁹⁸, e apontar para a leitura das “NOTAS POLÍTICAS” (na 3ª página da edição daquele dia), nada encontrei no interior do jornal. Curioso ainda é perceber que a matéria foi veiculada no jornal do dia 7 de abril (1 dia antes da Ata aqui citada). No entanto, não encontrei no arquivo da Assembléia nenhuma Ata com a fala do deputado Pontes Neto sobre as explosões nucleares no Nordeste brasileiro antes daquela aqui citada. Na edição do dia 9 de abril de 1959, porém, foi dito que “Pontes Neto Adverte: Radiações Atômicas Podem Causar Vítimas no Nordeste” ³⁹⁹. A notícia do jornal mostrou que o deputado “leu recortes de jornais cariocas com telegramas da UPI” sobre as explosões clandestinas e “que as nuvens radioativas estão presentemente voando sobre

seja submetido ao exame e deliberação do Congresso Nacional, nos termos da Carta Magna. Deferido pelo Presidente”. Conforme Ata da trigésima sessão do período extraordinário da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 12 de fevereiro de 1957.

³⁹⁶ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 9 de abril de 1959, Coluna “Assembléia Legislativa Estadual”.

³⁹⁷ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 9 de abril de 1959.

³⁹⁸ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 7 de abril de 1959.

³⁹⁹ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 9 de abril de 1959.

o território nordestino, com uma clara ameaça de radioatividade” (o que parece estranho tal observação, uma vez que a Operação *Argus* foi executada entre agosto e setembro do ano passado, há seis meses, portanto). E em sua fala o deputado lembrou que as provas atômicas, antes realizadas no Pacífico (“onde tinham no atol de Bikini o seu principal ponto de experiências”), foram desviadas agora para a América Latina (que seria o novo “campo de provas”). E, ao final, o deputado solicitou o envio de telegramas às autoridades competentes para impedir a continuação das experiências “que podem ter consequências mortíferas para toda a população nordestina”.

E no Editorial do periódico *O Jornal*, do dia 15 de abril de 1959, foi possível encontrar indícios da repercussão da denúncia do deputado Pontes neto na Assembléia Legislativa. Em “O Jornal opina” foi dito que apesar da grave “advertência (...) sobre o perigo [das] explosões atômicas no Atlântico Sul”, feita pelo deputado, “pouca gente deu-lhe ouvidos”. E a seguir sugeriu que o motivo do desinteresse em torno de sua denúncia seja “talvez porque a advertência tenha sido feita num momento de extraordinária ebulição política”: o periódico se refere a questão do Inventário e a verdadeira “lavagem de roupa suja” em torno dela. Mas *O Jornal* lembrou que “a oportunidade de tal advertência não pode ser negada” uma vez que “dezenas de cientistas nacionais abordaram o problema dessas experiências”, sendo assim impossível “encarar a questão com indiferença”. E o Editorial lembrou uma matéria recém-publicada (que lidou com os perigos ao corpo humano associados à radiação ⁴⁰⁰), percebendo que a advertência do deputado se justificou em vista da “ameaça à saúde do nosso povo” e “afirmou que precisamos forjar urgentemente em nosso povo uma mentalidade anti-bomba, que significa jamais tratar como coisa secundária uma matéria como a das explosões nucleares”. Há, no tom do Editorial, o temor de que “os experimentadores fatalmente desejarão transformar o nosso espaço e os nossos mares em bases de seus ensaios atômicos, indiferentes às consequências de seus atos sobre milhões de habitantes deste hemisfério”, e, finalmente atirou:

⁴⁰⁰ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 14 de abril de 1959, “RADIAÇÕES ATÔMICAS PROVOCAM LEUCEMIA, TUMORES ÓSSEOS E ALTERAÇÕES GENÉTICAS” “O Perigo Atômico Não Comporta Polêmicas - Ele é Real e Terrível - Precisamos Forjar Uma Mentalidade Anti-Bomba - Importantes Declarações do Professor Jorge de Paulo Guimarães”.

“A ameaça que pesa sobre nós é imensa e terrível, não admitindo que cruzemos os braços e assistamos impassíveis a nossa própria destruição. É preciso advertir o governo, levando-o à posição sugerida pelo professor César Lattes: que proteste contra as experiências atômicas nas ilhas Malvinas e na baía de Camarones. Assim o exige a segurança de nosso povo” ⁴⁰¹.

O jornal, portanto, literalmente conclamou o “nosso povo” a se mobilizar contra as experiências atômicas e a formação de “uma mentalidade anti-bomba”. No entanto, as pessoas parecem ter elegido, naquele período, questões que lhes pareciam mais próximas de seu cotidiano. E, definitivamente, apesar de explosões nucleares terem sido um tema que se aproximou do cotidiano deles, esta aproximação se deu de maneira transversal, ou seja, em torno de uma possibilidade nunca confirmada. Os jornais, como vimos, noticiavam a consecução de testes atômicos, mas estes sempre pareciam algo distante. Teria o “nosso povo” imaginado que, a exemplo dos “discos voadores” e outros fenômenos sem uma explicação aparente, as explosões atômicas no Nordeste seriam apenas mais um elo da corrente num momento em que “comunistas” e “nacionalistas” buscavam, em suas “teorias conspiratórias”, culpar os “ianques” por tudo o que acontecia?



Esta dissertação apresenta uma estrutura lógica, ou seja, ela foi construída desta maneira para que eu pudesse atingir alguns objetivos. E, dentre eles, o principal é dar conta do objeto de estudo a que me propus e sugeri: encontrar elementos que me permitissem recompor as percepções e tensões geradas por um fenômeno carregado de diferentes significados para aqueles que dizem tê-lo presenciado ou dele tiveram notícias. O fenômeno, ou episódio, foi aquele relacionado a explosão de uma bomba atômica no Nordeste brasileiro, na década de 1950. A ambiência construída no *Primeiro Capítulo* serviu para mostrar, *grosso modo*, a “origem” sob a qual se alicerçou a temática nuclear e que perpassou os anos porvir até o período coberto em

⁴⁰¹ Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 9 de abril de 1959.

minha pesquisa. O *Segundo Capítulo* apontou para alguns episódios (e para a opinião das pessoas a respeito deles) que materializaram ou cristalizaram aquela ambiência: encontrei-os como que por acaso, como todo aquele que realiza pesquisa em história, pois as fontes, principalmente os jornais de uma determinada época (como os da década de 1950), trazem em si elementos que nos surpreendem a todo o momento e urge ir ao seu encontro com a mente e corações abertos, e não com convicções ou certezas sobre o que se deseja encontrar. E mais: articulá-los, eis o grande desafio!

“Entretanto, a mera criatividade não nos leva muito longe. O que precisamos, tanto para dar sentido àquilo que os inarticulados pensavam, quanto para verificar ou desmentir nossas hipóteses a respeito, é de um quadro coerente, ou, se preferirem, um modelo. Isso porque nosso problema não é tanto o de descobrir uma boa fonte. Mesmo a melhor das fontes (...) apenas esclarece certas áreas daquilo que as pessoas fizeram, sentiram ou pensaram. O que normalmente devemos fazer é reunir uma ampla variedade de informações em geral fragmentárias: e para fazer isso precisamos, se me perdoam a expressão, construir nós mesmos o quebra-cabeças, ou seja, formular como tais informações *deveriam* se encaixar” [grifo do autor] ⁴⁰².

A articulação das mais diversas informações mostrou-me que a utilização de um método baseado em indícios imperceptíveis, “em geral fragmentários”, estava presentemente em curso e no núcleo de minhas análises. E esta articulação é pretendida para que possa “cercar” o objeto e apresentar o meu entendimento sobre ele. Não busco a verdade ou verdades: sei que ela, a Verdade, está lá, inalcançável, inatingível e intransponível. Não quero mergulhar cegamente e desmesuradamente em sua direção. Quero sim, a exemplo de nosso planeta que sofre imperceptivelmente os efeitos de forças gravitacionais de outros corpos celestes (que sequer conseguimos enxergar), orbitar em torno dela, dado a sua influência para com o ofício do historiador e ser sempre para ela que dirijamos nossas forças, energias e compromissos com o fazer histórico.

“O que nós estamos buscando são sempre explicações verossímeis e não verdades. O historiador trabalha com possibilidades e

⁴⁰² HOBBSAWN, Eric J. *Sobre história: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.224-225.

verossimilhança. Ele busca, com o maior empenho, chegar ao tempo escoado no passado. Para isso, *ele faz pesquisa, vai às fontes, cruza as fontes, constrói explicações e testa hipóteses*. Mas a verdade absoluta já passou”⁴⁰³.

Neste *Capítulo*, detive-me sobre o fenômeno ou episódio *per se* da suposta explosão atômica no Nordeste: não objetivei simplesmente narrar o episódio, e sim tirar dele novos problemas e suscitar mais dúvidas ainda na mente das pessoas. Estas dúvidas existiram na época em que ele aconteceu, mas a retrovisão (a “arma final do historiador”), permitiu-me preencher alguns dos interstícios daquelas dúvidas com uma sólida desconfiança, que vai além do discurso que culpava os norte-americanos pelos males da sociedade bipolar. Como bem nos diz um provérbio grego, “nada é mais útil ao homem do que uma sábia desconfiança”⁴⁰⁴, e esta “sábia desconfiança” desperta em nós curiosidade que nos leva a indagações e à busca de respostas. Gostaria de oferecer agora, à guisa de fecho para este *Capítulo*, dois exemplos curiosos que, apesar de ocorridos muito recentemente, guardam íntima relação com tudo o que discutimos até agora.

O *primeiro* está relacionado a muito do que descrevi no *Segundo Capítulo*. No dia 24 de julho de 2004, um sábado, às 21h, em uma fazenda chamada “Cabeça de Vaca”, no município de Boa Viagem, um “objeto desconhecido” caiu do céu. O Sr. Jacinto Alves Campos foi a primeira pessoa a ver o estranho objeto. Segundo ele, na noite em que caiu o objeto, os moradores foram surpreendidos por um barulho de explosão e “quem estava fora da casa viu um raio de fogo cruzando o céu”⁴⁰⁵. Eles acreditaram ainda “que tenham caído mais dois objetos junto com o primeiro”, pois no momento da queda, “foram ouvidas três explosões” e, logo depois, “sentidos dois abalos sísmico”⁴⁰⁶. O “objeto desconhecido” só foi encontrado na terça-feira, dia 27 de julho⁴⁰⁷. Por apresentar um formato esférico, a bola com quase 1m de

⁴⁰³ Entrevista com a Professora Doutora Sandra Pesavento. Jornal *O Povo*, 7 de novembro de 2005, “O texto da história”, Caderno 3, p.1

⁴⁰⁴ TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças gregas e latinas: 10000 citações da Antiguidade ao Renascimento no original e traduzidas com comentário histórico, literário e filológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁴⁰⁵ Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 de julho de 2004, “Objeto desconhecido cai do céu em Boa Viagem”.

⁴⁰⁶ Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 de julho de 2004.

⁴⁰⁷ A matéria acrescenta adiante que “no interior do Piauí, no mesmo dia, caiu também uma placa de metal de aproximadamente um metro”, e que na semana “caíram objetos na região

diâmetro foi carinhosamente apelidada de “ovo do ET”⁴⁰⁸. Mais uma vez, a exemplo dos episódios ocorridos no interior do estado há 50 anos, o medo tomou conta das pessoas. O Sr. Jacinto Alves “contou que ficou muito assustado e (...) comunicou a ocorrência à presidência da Associação Comunitária do Salgado que (...) informou às autoridades locais”. E prosseguiu: “É bom que as autoridades venham para nos orientar [pois não sabemos] se pode chegar perto ou se o material é radioativo” (!). Ao tomar conhecimento do “ovo do ET” e analisá-la *in loco*, a Base Aérea de Fortaleza comunicou “que se trata de parte de um satélite que se desintegrou ao reentrar na atmosfera”. E brilhantemente, o Ministério da Aeronáutica, em Brasília, “descarta totalmente a possibilidade da esfera ser um objeto voador não-identificado”(?!).

E qual a origem do objeto misterioso? E o que realmente ele era? Como que as pessoas que avistaram a queda de outros fragmentos, em outros estados, descreveram suas impressões sobre o que viram? As respostas a estas perguntas só nos foram dadas exatamente por uma revista especializada em... OVNI's! A revista fez menção de que alguns OVNI's foram avistados, mas esclareceu que alguns “objetos” avistados eram pedaços de um foguete norte-americano. E a confirmação oficial veio com o coordenador do *Orbital Debris Program* (ou “Programa de Fragmentos Orbitais”), N. L. Johnson. Disse ele:

“Comunicamos a reentrada na atmosfera, ocorrida entre 24 e 25 de julho, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, de fragmentos do lançador Delta 2 [lançado do Cabo Kennedy, antigo Cabo Canaveral], que conduziu um dos robôs que a NASA [“Agência Americana de Aeronáutica e Espaço”] enviou a Marte”⁴⁰⁹.

Na realidade, este “fragmento do lançador” causou verdadeira confusão na população de dois estados: no Ceará e no vizinho Piauí. Neste último estado, as pessoas (“centenas de testemunhas”) de pequenos vilarejos no interior teriam avistado algo que “explodiu no ar”.

Norte do Maranhão e nas regiões Norte e Sul do Piauí”. Em 1999, uma lâmina de 2,20m x 1,10m caiu em Hidrolândia, município próximo a Ipu, Nova Russas etc., cidades fartamente visitadas por “objetos luminosos” no final da década de 1950.

⁴⁰⁸ O “ovo do ET” seria roubado em seguida por um “cidadão alto, magro, cabelo e barba grisalhos”. Não sabemos se o mesmo já foi recuperado e se o prefeito finalmente concretizou sua intenção de levar o “ovo do ET” ao museu local. Ver: Jornal “Diário do Nordeste”, 3 de agosto de 2004, “Pedaço de satélite é roubado em Boa Viagem”.

⁴⁰⁹ Revista *UFO*, Campo Grande, agosto de 2004, edição 102, ano 20, p.28.

“Explosões são comuns quando pedaços de foguetes reentram na atmosfera, assim como observações de grandes rastros de luzes no céu, muitas vezes confundidos com UFOs. O som de explosão se dá pelo atrito com o ar, a alta velocidade, e também quando os fragmentos atingem o chão” [e] “Sua queima em contato com o ar é que forma os rastros de luz, muitas vezes múltiplos, visto que os fragmentos se dividem em outros menores e assim se desintegram mais facilmente. Dependendo da constituição metálica desses objetos, o brilho causado ao reentrarem na atmosfera pode assumir as mais diversas cores (...)” E mais ainda: “O clarão da queda dos restos do foguete, seguido de um forte estrondo, pode ser visto até na capital, Teresina” ⁴¹⁰.

Acrescente-se que a revista nos informa que “De acordo com populares, o barulho da queda foi ouvido em toda a comunidade, atingindo um raio de 15 km”. Temos então: “rastros de luzes no céu”, de “diversas cores”, causando “clarão” e um “forte estrondo”. Ora, aparecem aqui diante de nós, em um único episódio, *todas* as características citadas, há quase meio século, nas muitas matérias do jornal *O Povo*. Enfim, observa-se nesta matéria que todas as características dos episódios bizarros aparecem de uma só vez, denotando que todos poderiam ser o sintoma de uma só coisa. Assim, seriam alguns dos “objetos luminosos”, dos “clarões”, dos “estrondos” e dos “tremores de terra” citados no *Segundo Capítulo* deste trabalho, restos de foguetes que teriam caído no Ceará no auge da Corrida Espacial, no pico, portanto, dos lançamentos do Cabo Canaveral? Uma outra olhada para o gráfico dos lançamentos de foguetes do Cabo e para o mapa das bases de rastreio de teleguiados (ambos no *Primeiro Capítulo*) parece corroborar com uma resposta afirmativa para a hipótese levantada em meu questionamento. E aqui lembro de algo que Thompson disse quando dissertou sobre “A história como processo”

“O conceito de história como processo suscita imediatamente as questões da inteligibilidade e intenção. Cada evento histórico é único. Mas muitos acontecimentos, amplamente separados no tempo e espaço, revelam, quando se estabelece relação entre eles, regularidades de processo” ⁴¹¹.

⁴¹⁰ Revista *UFO*, p.28.

⁴¹¹ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 97/98.

E acredito que foi exatamente isto que consegui estabelecer com esta dissertação quando encontrei pontos de contacto entre aquelas notícias do final da década de 1950 e uma outra hodierna. O tempo separa os dois conjuntos de acontecimentos. E quanto ao fato do espaço geográfico ser exatamente o mesmo até facilita, em minha opinião, as conclusões que tirei deles, uma vez que foram pessoas com aquele perfil (moradores da área urbana e rural de cidades do interior do estado) que presenciaram e que testemunharam em um e outro conjunto de acontecimentos. As descrições feitas por aqueles sujeitos separados por dezenas de anos foram muito parecidas e, muitas vezes, idênticas.

O *segundo* exemplo que gostaria de oferecer está relacionado, diretamente, a matéria de Carlos Emílio “Bomba Atômica no Nordeste?” Seria de imaginar que uma matéria com um questionamento tão convidativo atraísse a atenção de outras pessoas interessadas no assunto, fossem elas historiadores e pesquisadores, ou não. No dia 27 de dezembro de 2001 estive com Carlos Emílio pela primeira vez e foi nesta oportunidade que apresentei a ele o material que já havia coletado para esta pesquisa. Quase no final de nossa conversa, quando já ia embora, Carlos Emilio me falou de “um tal Padre de Madalena” ⁴¹² que havia telefonado certo dia e dito que o teste nuclear fora conduzido clandestinamente em seu município. “Ele [o Padre] disse que não toma leite nem come verduras plantadas na região”, confidenciou-me Carlos Emílio. Tomei nota de sua observação, mas dificuldades financeiras foram postergando a valiosa visita ao “tal padre de Madalena”.

No jornal *O Povo*, do dia 10 de março de 2003, foi publicada uma matéria de três páginas inteiras com o título “Mistério no céu do Sertão Central”. A matéria, escrita pelo jornalista Raimundo Madeira, deu conta do trabalho que o Padre Ricardo ou Padre Richard Lee Cornwall (norte-americano nascido em Omaha, Nebraska), o “tal padre de Madalena”, vem realizando em sua cidade, onde este atesta taxativamente que um “teste nuclear atmosférico”, conduzido pelo Departamento de Defesa estadunidense, ocorrera nos céus daquele município no dia 6 de agosto de 1957, data em que algumas pessoas presenciaram nos céus um “clarão indecifrável”, seguido, segundo algumas

⁴¹² Madalena é um município que fica a aproximadamente 50 km a oeste de Quixadá.

enquanto esperava o ônibus que me traria de volta a Fortaleza em uma de minhas viagens ao município. Foi apenas no dia 23 de dezembro de 1986 que a Vila adquiriu autonomia, desmembrando-se de Quixeramobim: “nascia” assim o município de Madalena.

Como havia dito anteriormente, ao tomar conhecimento do “tal Padre de Madalena”, não imaginei que este havia iniciado, igualmente, um trabalho de pesquisa e investigação. A matéria me deixou duplamente perplexo e satisfeito: duplamente *perplexo*, pois o Padre não apenas conversara com as “testemunhas” do suposto “teste nuclear atmosférico” como ainda mantivera contacto com autoridades e órgãos oficiais no Brasil e no exterior; e duplamente *satisfeito*, pois além de finalmente encontrar alguém com quem poderia conversar e que me entenderia (sem precisar ter que contar a história toda desde o início), poderia também compartilhar material de pesquisa e assim enriquecer uma e outra investigação. Enfim, não me sentia mais só e pela matéria publicada no jornal vi que em muito tinha a contribuir, pois alguns aspectos relevantes daquele período foram subestimados ou negligenciados pelo Padre, e a ganhar, pois desconhecia (quase) tudo que foi dito na matéria sobre o clarão na cidade de Madalena e os casos de câncer da região, e vi ali possibilidades para novas problemáticas.

E a contribuição desta matéria não se esgotou aí. Depois de descrever minuciosamente a pesquisa realizada pelo Padre, o jornalista apresentou dados da Secretaria de Saúde e do Padre, mostrou a situação em que se encontra a mina de urânio de Itataia (nas proximidades de Madalena, no município vizinho de Santa Quitéria, e a maior jazida de urânio do País), apresentou os efeitos da radiação nos indivíduos e, finalmente, coletou os testemunhos da população local. Mas de todas as observações feitas pelo jornalista, uma em particular me chamou atenção. Em uma dada parte de sua matéria intitulada “Assunto passou a domínio público”, o jornalista comentou que

“O clarão visto no céu da pequena Vila de Madalena no dia 6 de agosto de 1957 foi, durante quatro décadas, apenas uma lembrança de alguns moradores que hoje já passaram dos 60 anos ou dos filhos e netos deles que cresceram ouvindo a história. Há quatro anos, o assunto passou a domínio público, depois que o padre Richard

Cornwall começou a explicar o clarão como um teste nuclear atmosférico atribuído aos Estados Unidos”⁴¹⁴

E o Padre explica com sua pesquisa não apenas o clarão, mas também o suposto elevado índice de casos de câncer do município e, conseqüentemente, os óbitos relacionados a ele. Assim, a interferência do Padre nessa comunidade não se dá apenas no plano da memória, do que as pessoas lembravam ou não, mais se inclui no plano de suas experiências cotidianas, pois o clarão agora ocupa, pela fala do Padre, um lugar central nas explicações para muitas das mortes e mazelas as quais a população foi e é acometida. O clarão interfere agora na vida e na morte das pessoas. Se antes as pessoas encaravam o clarão como algo sobrenatural, o Padre tira-o do lugar mítico, transcendente, apocalíptico, escatológico e cataclísmico e o coloca no lugar do cognoscível e do inteligível. E como se dá essa resignificação do clarão nas pessoas? Chega essa explicação a causar algum mal-estar ou incômodo nas pessoas a ponto de buscarem refutá-la? Ou o jornalista está certo ao dizer que “Não se tem notícia, entre os 15.120 habitantes (...) de alguém que ouse contestar o que o padre afirma com convicção”? E o “lugar social” do Padre, como este interfere no rumo da aceitação “passiva” por parte de algumas pessoas? As entrevistas que conduzi com os moradores do município e com o Padre talvez ajudem a lançar nova luz sobre o clarão e a esclarecer alguns desses questionamentos.

Há, portanto, aqui, toda uma pesquisa que pode ser conduzida e que trataria do imaginário e da memória das pessoas do município em torno daquele clarão, e os novos significados atribuídos a ele, seja pela própria passagem do tempo, em que a experiência das pessoas se incorpora naquilo que elas lembram (ou esquecem), seja pela presença agora do discurso do Padre e sua explicação científica para o episódio. Admitidamente, durante parte do período que estive pesquisando, imbuí-me de uma tentativa frenética de querer provar a assertiva de Basbaum, até mesmo porque o que encontrei nas fontes que pesquisei apontava para aquela possibilidade. Hoje estou ciente que simplesmente provar algo não se constitui na parte mais importante e interessante de um trabalho histórico. Até mesmo porque, e isso parece claro,

⁴¹⁴ Jornal *O Povo*, Fortaleza, 10 de março de 2003, “Mistério no céu do Sertão Central”.

muito provavelmente jamais conseguiria fazê-lo. E mais ainda: uma prova contundente de um caso dessa natureza apareceria somente se o governo norte-americano liberasse documentos atestando que, de fato, um teste nuclear clandestino fora conduzido no Nordeste brasileiro ⁴¹⁵. Outros indícios coletados, como o suposto elevado índice de câncer do município (negado pelo ex-Secretário de Saúde, Anastácio Queiroz ⁴¹⁶) e a existência de “hot spot”, ou regiões com elevada radioatividade, no município (o C.N.E.N. e o I.R.D. ⁴¹⁷ negaram qualquer “alteração [radiométrica] significativa” ou “a presença de radionuclídeos artificiais” na região e em amostras coletadas), mostram-se insuficientes para provar que um teste clandestino teve sítio na região. Estou, portanto, diante de uma impossibilidade técnica, pois um estudo mais amplo que incluiria um levantamento aerofotogramétrico por satélite (com filmes, filtros, lentes especiais, sensíveis à radioatividade), uma coleta de amostras em um raio maior, exames técnico-laboratoriais e de campo com equipamentos de elevada sensibilidade, autópsia das “vítimas” do suposto teste clandestino, pesquisa em arquivos secretos do governo brasileiro e norte-americano etc, demandariam uma mega-estrutura para algo que talvez as próprias autoridades brasileiras não estivessem interessados em vasculhar. Basbaum diz em sua asserção, como vimos, que o teste ocorrera “sem que os governantes e chefes políticos de nosso país se manifestassem de qualquer modo”. Se ele estiver correto, houve uma conivência do governo brasileiro com a realização do “teste nuclear atmosférico em cima de nós” ⁴¹⁸. Aquela impossibilidade, no entanto, não significa que se deva desistir de tentar buscar indícios, nem que isso torne uma pesquisa nesta direção um trabalho de menor relevância, pois, como já

⁴¹⁵ Segundo o *site* <http://www.brookings.org/FP/PROJECTS/NUCWCOST/50.htm>, existiam em 1995 cerca de 280 milhões de páginas de documentos mantidos secretos pelo Departamento de Energia americano relativos a temática nuclear. E este problema tem se acentuado desde o “11 de Setembro”: segundo o *The New York Times*, de 21 de fevereiro de 2006, “Em um programa secreto do *National Archives*, que durou 7 anos, agências de inteligência removeram do acesso público milhares de documentos históricos que estavam disponíveis por anos, incluindo aí alguns já publicados pelo Departamento de Estado e outros fotocopiados anos atrás por historiadores privados” (“U.S. Reclassifies Many Documents in Secret Review”).

⁴¹⁶ Na matéria do jornal supracitado, este Secretário diz “que não há nenhuma prova de que em Madalena a incidência de câncer seja maior do que em outros municípios”. O novo Secretário, no entanto, agora do governo Lúcio Alcântara, Jurandir Frutuoso, “diz que vai providenciar um estudo sobre a radioatividade na cidade de Madalena”.

⁴¹⁷ Comissão Nacional de Energia Nuclear (C.N.E.N.) e Instituto de Radioproteção e Dosimetria (I.R.D.), respectivamente.

⁴¹⁸ Esta é a forma como o Padre Ricardo se refere à suposta explosão nuclear atmosférica clandestina no município.

frisei, o ventilar e vasculhar, por si só, lançam nova luz e brilho ao episódio e ao período histórico estudado. Estou certo de que, a partir deste trabalho e de suas problemáticas, outros pesquisadores e historiadores perceberão diferentemente o final da década de 1950.

Logo após a leitura da matéria “Mistério no céu do Sertão Central” fui visitar o município de Madalena (cheguei lá no dia 19 de março de 2003). E em minha primeira visita ao município e ao Padre Ricardo já tive acesso a parte do material que ele coletou e produziu durante os últimos quatro anos. Escreveu textos, cartas a autoridades (sendo algumas destas lidas na Câmara de Vereadores do município nos “aniversários” do aparecimento do clarão), um artigo ⁴¹⁹ para uma revista de uma congregação católica e, *last but not the least*, uma fita de vídeo no formato VHS com duração aproximada de 1¼ hora. Nela o Padre expõe sua tese e conduz algumas “entrevistas” com a população local, nas quais os habitantes dão detalhes sobre o clarão ⁴²⁰. Em vários momentos da fita, pessoas supostamente afetadas pela radioatividade decorrente de um “teste nuclear atmosférico” são apresentadas, assim como animais. No artigo supracitado o Padre denuncia “o burro ‘louro’ de Antonio Rodrigues Filho” cuja “crina branca é certamente consequência da radioatividade do lugar” (imediatamente lembramos aqui de uma referência semelhante no livro de Fradkin ⁴²¹). Em um momento dramático da fita, uma senhora é mostrada, no interior de uma casa humilde e deitada em sua cama, apresentando tremores por todo o corpo em uma cena chocante. Que repercussão pode ter na comunidade (e fora dela) a exposição do sofrimento dessas pessoas? O que muda no entendimento das pessoas a respeito das doenças e mazelas que os atingem secularmente, quando elementos novos, como a radioatividade e o discurso do Padre (que atribui todo o sofrimento da população a ela) entram no cotidiano dessas pessoas?

⁴¹⁹ CORNWALL, Pe. Richard Lee. Los Alamos, Ceará e o Massacre do Inocentes. Revista “Sem Fronteiras”, São Paulo: Missionários Combonianos do Brasil, março 2001, p.30-32.

⁴²⁰ A bem da verdade, o Padre procura as pessoas para confirmar aquilo que deseja provar, sendo limitada a fala dos “entrevistados” ao que ele deseja ouvir delas: assim que o depoente explicita aquilo que ele espera ouvir, este levanta o braço na direção da câmera e pede para que a pessoa que executa a filmagem interrompa seu trabalho.

⁴²¹ FRADKIN, Philip L. *Fallout: an American nuclear tragedy*. Boulder: Johnson Books, 2004, p.7. “O Procurador [Sharp], cujo cavalo era chamado de ‘Fallout’ por causas das queimaduras em seu dorso, estava com raiva”. *Fallout* é a precipitação de matéria radioativa decorrente de explosões nucleares.

A visita ao município de Madalena mostrou-me que poderia conduzir, posteriormente, algumas entrevistas com as pessoas que presenciaram ou não o agora chamado “episódio de 57”. Entre os dias 7 e 8 de fevereiro de 2005 realizei no município um conjunto de 10 entrevistas. Poderia tirar delas elementos riquíssimos para um extenso trabalho de História Oral. Porém, não utilizo nesta dissertação esta metodologia; e se me atrevo a mostrá-la quero deixar claro que pretendo tocar apenas a sua superfície, utilizando-a apenas transversalmente. O fragmento de entrevista que apresento a seguir foi escolhido pelo seu teor de inefável riqueza. No dia 8 de fevereiro de 2005, conversei com a Dona Francisca Pereira de Lima, conhecida por Biu, em sua residência. Fui apresentado a ela quando esta se encontrava em sua rede, pronta para um descanso depois do almoço. E dali não se levantou, permanecendo sentada e movendo seu corpo do contato com o tecido espesso da rede em apenas três momentos: *primeiro* para nos cumprimentar, *depois* para abotoar a camisa do seu “velho” que estava indo ao “forró dos velhos” ali próximo, e *finalmente* para se despedir de nós. Concentrava sua fala em ponto distante na parede azul a sua frente e em alguns momentos mais reveladores da entrevista (quando sentia que ia fazer alguma revelação mais importante ou mais marcante para si) olhava para a Márcia ⁴²² e repetia o seu nome, nunca o meu. Pedi permissão para gravar a conversa e aproximei um pouco a cadeira de sua rede: lançou, inicialmente, um olhar curioso e desconfiado sobre o gravador cinza, mas depois pareceu acostumar-se a sua presença, ignorando-o. Após uma breve conversa inicial (perguntei sobre seus filhos e netos etc), informei a ela sobre o que me havia trazido ali e ela prontamente foi me dando detalhes. Disse-nos que no dia do aparecimento do clarão nos céus do município se encontrava na pequena igreja de seu povoado, rezando uma Novena. Disse ela:

* ...quando a gente tava dando início a reza na Igreja, aí deu aquele clarão, aí as meninas gritaram: “Aii, que é o fim do mundo”. Diz que quando o mundo fosse terminar ia ter um sinal no céu, né, a gente não tinha essa conversa, os mais velhos? Aí elas ficaram apavoradas e aí eu sai, a fui até aquela porta de lá, a última porta, aí vinha... pelo nascente nascendo assim uma bola, a coisa mais linda, aí deu aquele clarão e aí, subiu até alto e eu dizendo: “Não, se

⁴²² Antonia Márcia Alves Ferreira foi o meu contato com as pessoas do distrito de União e Cacimba Nova.

conformem, tenham fé em Deus, que não é fim de mundo não”. É planeta, é... seja o que for que eu também não entendia nem entendo... mas tinha medo nossa Augusta só faltava se acabar de medo... aí passou, e depois a gente ficou relatando que era fim do mundo, mas não aconteceu nada...”⁴²³.

Ela se lembrou do temor das pessoas diante daquele espetáculo nos céus, particularmente o da Dona Maria Augusta Barbosa de Souza (entrevistada a seguir). Muitas dessas pessoas, amigas suas, gritaram aterrorizadas “Aii, que é o fim do mundo”. Biu falou, portanto, do clarão ou lampejo avistado como “um sinal no céu” de que o “mundo fosse terminar”. Esta sua indicação me fez lembrar de outras encontradas nos jornais da época, quando esporadicamente encontrei referências escatológicas. Acredito que elas eram muito comuns e freqüentes para episódios daquela natureza (que tanto ocorreram no estado no final da década de 1950). Para aqueles que temiam o “fim do mundo”, Biu atirou-lhes, do alto de sua fé religiosa: “Não, se conformem, tenham fé em Deus, que não é fim de mundo não”. E apesar de depois eles ficarem “relatando que era fim do mundo (...) não aconteceu nada...” E “nada” aconteceria nos anos seguintes, o mundo não acabaria e o tempo empurraria o clarão para o rol dos acontecimentos lembrados vagamente.

Indubitavelmente, a atual repercussão dada pelo Padre Ricardo ao clarão ou lampejo avistado por alguns moradores do município em 1957, modificou a forma como eles antes entendiam ou não entendiam (lembravam ou não lembravam) o que tinha acontecido há quase 50 anos. O Padre articula eventos significativos para legitimar e construir a memória do clarão e (para alguns) do estrondo como teste nuclear. E a data do suposto “teste nuclear atmosférico em cima de nós” é lembrada por ele em algumas cartas abertas que ele distribui. Ele estabeleceu a data do teste nuclear a partir de conversas com vários sertanejos do município de Madalena. Uma das que o ajudou foi com o Sr. Francisco José Barbosa Rocha, o “Chiquinho”. Segundo ele, sua mãe, D. Abigail Barbosa Rocha, contou-lhe que dias antes de seu nascimento, ela vira o forte clarão que se abateu sobre a cidade. Assim o Padre chegou a

⁴²³ Entrevista número 005, de 08/02/2005, 12h20min.

data do “episódio” como ocorrido no dia 6 de agosto de 1957, quatro dias antes do nascimento de “Chiquinho”.

“Em 06 de agosto de 1957 às 19:30 mais ou menos, um teste nuclear atmosférico foi realizado em cima do sertão central de Ceará. O epicentro foi dentro do atual Município de Madalena aproximadamente onde se juntam os municípios de Choro, Canindé, e Quixeramobim. O teste foi feito pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Foi um teste clandestino”⁴²⁴.

No dia 6 de agosto de 2005 o Padre Ricardo organizou, no município de Madalena, o “Fórum pela Paz” e no pequeno cartaz com a programação constava os 4 dias de atividades relacionadas a duas datas comemorativas do “Fórum”: “60 anos de Hiroshima e Nagasaki” e “48 anos do teste nuclear sobre nós”. O “Fórum” contou com uma programação que incluía o “Pronunciamento [do Padre] na Câmara” no sábado pela manhã, uma “Missa lembrando as vítimas” na mesma data, à noite e, em seguida, uma reunião em que eu tive a oportunidade de falar sobre a minha pesquisa e “Testes nucleares”. E dando prosseguimento ao “Fórum”, no outro dia, no Centro Paroquial, uma estudante universitária, de Quixadá, convidada pelo Padre, fez uma exposição intitulada “Propriedades e efeitos de radiação”. Finalmente, as atividades do “Fórum” foram encerradas com uma palestra, feita pelo Padre, que tratava do “Desarmamento nuclear”. Na segunda-feira (dia 8 de agosto) estava programado uma medição de radioatividade (com um contador *Geiger* recém-adquirido) em alguma áreas do município. Como não pude permanecer lá até este dia, não fiquei sabendo se foi encontrada alguma radiação natural ou artificial na região, nem como se deu a medida (se através de amostras, se em céu aberto etc). Gostaria de chamar a atenção para o fato de que talvez *em poucos lugares do mundo* alguém tenha dedicado, naquele momento tão significativo como o aniversário do marco inicial da “Era Atômica”, quatro dias de atividades (mesmo que em alguns momentos com pouca audiência) que lidaram diretamente com a questão nuclear, a sua utilização como arma e seus riscos. E mais ainda, talvez *em nenhum outro lugar do mundo* se lembre à sua população a realização de um teste nuclear atmosférico *clandestino*. Há

⁴²⁴ Carta aberta do Padre Ricardo, de 26 de setembro de 2001.

boatos de testes nucleares clandestinos na América do Sul ⁴²⁵, mas haverá em algum outro lugar que a data seja lembrada com a emergência que o Padre dá ao assunto?

E a título de finalização gostaria de narrar um acontecimento curioso ocorrido quando entrevistava o Padre Ricardo. No dia 6 de agosto de 2005, precisamente às 8h15min (ou seja há exatos 60 anos do lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima) iniciei a entrevista. Dirigi-me ao seu escritório e sob o olhar atento do Papa João Paulo II (em um quadro, na parede) comecei a falar sobre sua chegada a Madalena, seu ofício, o clarão, os camponeses, a radioatividade, os casos de câncer etc. Quando a conversa ia a meio, lancei uma inquietação:

Tácito: “(...) o senhor encontrou alguma resistência, alguém que acha que não é um teste clandestino?”

Padre Ricardo: “Só pessoas que hesitam em se declarar... talvez você (!) tenha oferecido mais resistência que qualquer outra pessoa aqui”

Tácito: “Por quê?”

Padre Ricardo: “Porque você está questionando, procurando saber se foi mesmo um teste nuclear ou foi um outro fenômeno que aconteceu” ⁴²⁶.

Este comentário me fez sentir um tanto feliz, pois percebi que estava no caminho certo. Não cabe ao historiador, em seu ofício, se posicionar favoravelmente ou desfavoravelmente em uma situação como aquela. Acredito, pelo que pesquisei, ser totalmente possível que um teste clandestino tenha

⁴²⁵ Em uma carta escrita por Sally Light (da ONG *Nevada Desert Experience*), no dia 6 de abril de 2001, ao Padre Ricardo, ela orientou, em resposta a solicitação do Padre, sobre como proceder para acionar um Tribunal internacional (o de Haia, no caso) etc, assim como obter mais informações sobre testes clandestinos realizados pelos Estados Unidos. E uma das informações “ainda não confirmadas” foi fornecida por um ex-agente da CIA a um amigo de Sally Light (Andrew Lichterman, da ONG *Western States Legal Foundation*): o ex-agente disse a Andrew, há dois anos atrás (1999, portanto), que os Estados Unidos conduziram “testes atmosféricos clandestinos na América do Sul” (Conforme carta de Sally Light, de 6 de abril de 2001, ao Padre Ricardo. “Andrew Lichterman of Western States Legal Foundation also responded. An attorney and long-time anti-nuclear activist, who does extensive research on such things, he told me that a couple of years ago, he met someone who claimed to be an ex-CIA operative. This person told Andrew stories that Andrew thought were not believable at the time, but several have since been corroborated by other sources. One of the as-yet uncorroborated stories concerned an atmospheric test covertly conduct in South America. Andrew will look into this further and get back to me”)

⁴²⁶ Entrevista número 010, de 06/08/2005, 9h30min.

sido realizado no Brasil; não soaria absurdo falar na realização de um deles no Nordeste brasileiro naquele período ⁴²⁷. Se eu busco reunir evidências de que ele ocorreu, devo questionar, “procurar saber se foi mesmo um teste nuclear” ou “um outro fenômeno”. São as perguntas, as inquietações e as problemáticas que emergem da pesquisa que dão brilho a ela e a seu produto final. Espero que o resultado final que apresento aqui reflita o brilho adquirido de tantos questionamentos que fiz às fontes.

⁴²⁷ O documentário *Atomic Cafe*, produzido em 1982 pela *The Archives Project Inc*, traz uma excelente compilação de material produzido pela Força Aérea, Marinha, Exército, Departamento de Defesa, instituições de pesquisa, Defesa Civil etc norte-americano. Como bem aparece na capa do DVD, este é um “filme de horror cômico” (segundo *The Village Voice*). A “Era Atômica” inaugurou um momento na história onde se pensou o impensável e é incrível constatar que tudo aquilo “realmente aconteceu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na *Introdução* deste trabalho apresentei o volume de material que levantei ao longo dos últimos três anos e que foram parcialmente utilizados. Muito material foi simplesmente deixado de lado (notadamente um riquíssimo arquivo de matérias das revistas *Time* 1945-65, *Scientific American* 1945-1960, *Bulletin of the Atomic Scientists* 1945-2006 e *Seleções do Readers Digest* 1945-1960) uma vez que o tempo urgia e os recortes se acentuaram. E consegui reunir em vídeos (no formato VHS e DVD) alguns documentários do governo norte-americano recém-liberados, e eles se mostraram muito elucidativos como veículos para se entender um pouco sobre a “Era Atômica”. Infelizmente, em virtude das minhas escolhas metodológicas, não foram utilizados em todo seu potencial. Acrescente-se cerca de 70 documentários (no formato MPEG-4) produzidos pelo governo norte-americano e suas agências (de 1945 a 1965) e que foram conseguidos na *Internet* (em um *site* com filmes de domínio público): adicione a isto vários arquivos (no formato Adobe PDF) com folhetos, *posters*, panfletos, manuais de sobrevivência, relatórios etc, formando aí um excelente inventário sobre a Guerra Fria. Há, ainda, 3½ hora de entrevistas (e cerca de 70 páginas de transcrição) com algumas pessoas que viram o clarão na cidade de Madalena (ou não o viram, mas ouviram falar dele), ou o agora chamado “episódio de 57”. Utilizei muito pouco deste material pela escolha metodológica de me afastar de um trabalho de memória. Acrescento ainda que há muitas fontes catalogadas para uma pesquisa futura (que certamente contém elementos riquíssimos e que me interessam muitíssimo), cuja consulta não foi efetivada pela falta de uma entidade fomentadora para esta pesquisa: jornais no estado do Rio de Janeiro, onde efetivamente se começou a falar de testes atômicos clandestinos no Nordeste brasileiro, deveriam ser consultados (notadamente o periódico *Última Hora*). Revistas como *O Cruzeiro* poderiam trazer vasto material iconográfico sobre temas tratados aqui (como, por exemplo, a cessão de Fernando de Noronha e a visita da Força-Tarefa 88 ao Rio). Até mesmo outros jornais locais deveriam ser consultados e não o foram, no caso de *O Democrata* de 1958, dado a indisponibilidade dele na Biblioteca Pública. Um *tour* pelo estado do Ceará teria

me permitido conversar com várias pessoas que presenciaram muitos daqueles “objetos luminosos” e “clarões”, episódios estes que ocorreram nos quatro cantos do estado. Que impagáveis experiências teriam estas pessoas para me contar!? Além disso, sei que existiam alguns jornais locais que devem ter repercutido tais episódios (como *O Monólito*, de Quixadá, por exemplo). Que tipos de abordagens tais jornais deram àqueles episódios? Teriam eles se aproximado mais do depoimento dos sertanejos? Há no estado alguma expressão popular (um cordel, por exemplo) que tratou dos episódios e, particularmente, da explosão em Quixadá?

Assim, este não é um trabalho que pretendeu esgotar o assunto. Pelo contrário, aprendi (pelo muito que foi deixado de lado ou ainda não foi consultado) que esta pesquisa apresenta um forte potencial de continuidade. Fontes ainda não consultadas podem enriquecê-lo, assim como invalidá-lo: este risco correm todos aqueles que se enveredam pela pesquisa histórica. As fontes podem ser apropriadas diferentemente, através de um outro método ou de uma outra abordagem, de modo que apontem para um caminho diferente daquele que percorri aqui. Oxalá outros pesquisadores se interessem por este assunto e agreguem, a ele, novas perspectivas e explicações. Pretendo dar continuidade a esta pesquisa em um outro nível (em um Doutorado, por exemplo) e, ao fazê-lo, acredito dar uma contribuição ao entendimento de questões relevantes de nossa história recente e que ficaram completamente de fora da historiografia brasileira. Quem imaginaria, mesmo que por um instante, que se falou repetidamente (em jornais e livros, na década de 1950) do Nordeste brasileiro como o provável Teatro de Operações da Terceira Guerra Mundial? Pouco se comenta, mas a única série de testes atômicos clandestinos conduzida pelo Departamento de Defesa estadunidense (tido como o “maior experimento científico da História”) foi realizado no Atlântico Sul. E mais: quem imaginaria que a imprensa brasileira repercutiu estes testes clandestinos, trazendo-os para bem próximos de nós à medida que se ventilou que eles foram conduzidos no Nordeste brasileiro e, mais precisamente, no Sertão Central cearense? Quem imaginaria que os sertanejos do Ceará (assim como de outros estados do Nordeste) podem ter presenciado o recrudescimento da atividade espacial norte-americana na forma de foguetes e

mísseis (ou restos deles) que passaram ou se precipitaram sobre suas cabeças (como continuam fazendo ainda hoje, 50 anos depois!)?

Busquei neste trabalho me aproximar das percepções que as pessoas tiveram dos mais diversos episódios citados. A voz destas pessoas foi buscada nos jornais, nos Editoriais, nas revistas, através de jornalistas e correspondentes. Gostaria de me aproximar um pouco mais das pessoas e foi por este motivo que conduzi algumas entrevistas. O trabalho com a História Oral, apesar de não render muitos frutos para esta dissertação, serviu para uma experiência pessoal de indescritível valor profissional. No dia oito de fevereiro de 2005 encontrava-me no município de Madalena, em um pequeno distrito chamado Cacimba Nova. Durante todo o dia o sol brilhava um tanto timidamente, encoberto pelas nuvens, porém sem deixar de derramar sobre todos um calor quase que insuportável. Enquanto me encontrava no interior da residência de minha entrevistada (Dona Ivanir), não havia ainda percebido o quanto a iluminação pública lá fora era esparsa e precária. E ao caminhar pela trilha que me levaria a uma outra casa (onde pernoitaria), percebi que a noite encontrava-se com o céu perfeitamente limpo, com um intenso cintilar de estrelas e a esteira de pontos luminosos da Via Láctea bem visível. Aproveitei aquele momento bucólico para “experimental” aquela situação pouco comum ao “matuto” urbano que sou. Sentado ali imaginei que numa noite como aquela (e talvez no mesmo lugar que me encontrava), em um dia qualquer há aproximadamente 47 anos, algumas pessoas daquela localidade remota contemplaram um maravilhoso espetáculo nos céus do município: um clarão intenso que, segundo alguns, foi seguido de estrondo, e aparentemente sem precedentes com nada antes avistado ou ouvido. Quão grande deve ter sido sua admiração e espanto em “experimental” aquela sensação de algo que foge completamente à compreensão e ao entendimento. Que “explicações” devem ter surgido, ali, no calor do momento? Científicas? Sobrenaturais? Apocalípticas? Por quanto tempo ainda comentariam sobre o clarão até que ele se “perdesse”, se diluísse em suas memórias por conta da ocorrência de outros acontecimentos mais relevantes e marcantes para suas vidas? Em quais pessoas a lembrança desse fantástico espetáculo manteve-se “viva”? E por quê? E ao falarmos do clarão, essas pessoas lembram de outros episódios igualmente importante para elas: que outros episódios são estes? Que fios

unem aquele espetáculo a estes acontecimentos? De que modo o tempo consumiu a lembrança que tinham do clarão?

Fiquei surpreso ante o contato com as pessoas e a descrição de suas experiências que extrapolaram os limites desta pesquisa. Queria conversar com eles sobre o “episódio de 57”, mas eles elegiam assuntos mais prementes: os momentos de alegria, o casamento, o nascimento dos filhos, os seus ofícios. E este divagar me levou a um outro nível de compreensão do pensar e fazer históricos. Os questionamentos que afloraram daí me maravilharam com o cabedal de possibilidades que a História nos habilita. Estas novas problemáticas, no entanto, não apequenaram a perspectiva que dei à minha pesquisa. Pelo contrário, estou ciente que a pesquisa histórica é feita de recortes que a tornam viável e possível. Fico contente pelos caminhos novos que foram abertos com este trabalho e sinto uma feliz sensação de que há muito que fazer, muito que pesquisar e, no final, quando reiniciar este trabalho em um outro momento, espero perceber, mais uma vez, que há ainda algo a ser dito e a ser explicitado.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARARIPE, Coronel Luiz de Alencar. *Panorama nuclear mundial e o Brasil*. In: Revista Paz e Terra, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, número 8, ano II, setembro de 1968.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, vol.5.

BAILEY, Ron et al. *Fronteiras do desconhecido*. Lisboa: Seleções do Reader's Digest, 1983.

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1978.

BARTHES, Roland. *Escritores, Intelectuais, Professores e Outros Ensaios*. Lisboa: Presença, 1975.

BASBAUM, Leôncio. *Caminhos brasileiros do desenvolvimento: análise e perspectivas da situação brasileira*. São Paulo: Fulgor, 1960.

BERGAMINI, David. *O universo*. Tradução de: José Gurjão Neto. Rio de Janeiro: José Olympo, 1969 (Coleção Biblioteca da natureza Life).

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Tradução de: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1991.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 3ª ed. Lisboa: Europa-América, 1976.

BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: NUDOC / Museu do Ceará, 2005.

CLASTRES, Pierre et al. *Guerra, religião e poder*. Tradução de: João Afonso dos Santos. Lisboa: Edições 70, 1980.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. 2ª ed. Tradução de: Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CORNWALL, Pe. Richard Lee. *Los Alamos, Ceará e o Massacre do Inocentes*. In: Revista "Sem Fronteiras", São Paulo: Missionários Combonianos do Brasil, março 2001.

DANIELS, Pat (Editor). *O fenômeno OVNI*. 2ª ed. Tradução de: Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Abril Coleções, 1997 (Coleção Mistérios do Desconhecido).

DeGROOT, Gerard J. *The bomb: a life*. Cambridge, Harvard University Press, 2005.

FIALHO, Cel. Adalardo. *Problemas do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, Biblioteca do Exército, maio / junho 1952.

FRADKIN, Philip L. *Fallout: an American nuclear tragedy*. Boulder: Johnson Books, 2004.

FREITAS JR., Norton Ribeiro de. *O capital norte-americano e investimento no Brasil: características e perspectivas de um relacionamento econômico: 1950 a 1990*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HART, B. H. Linddell. *As grandes guerras da história*. 5ª ed. Tradução de: Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1982.

HOBSBAWN, Eric. *Sobre história: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2ª ed. Tradução de: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HEIMANN, Jim (Editor). *The golden age of advertising - the 50's*. Colônia: Taschen, 2005.

JUNG, C. G. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. 2ª ed. Tradução de: Elva Bornemann Abramowitz. Petrópolis: Vozes, 1991.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Tradução de: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LAVÈNERE-WANDERLEY, N. F. *Doutrina militar soviética*. In: Leituras de Política Internacional: a nova ordem internacional. Brasília: Universidade de Brasília, 1982 (Cadernos da UnB).

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC - SP, nº. 17, novembro de 1998.

MAIOCCHI, Roberto. *A era atômica: século XX*. Tradução de: Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996.

MARQUEZI, Dagomir e GOMES, Lu. *Guerra nuclear*. São Paulo: Três, 1984.

MILLS, C. Wright. *As causas da próxima guerra mundial*. Tradução de: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. Tradução de Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NORRIS, Robert S., ARKIN, William M. e BURR, William. "Where they were". In: *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Chicago, v. 55, n. 6, p. 26-35, nov./dez. 1999.

PAUWELS, P. Geraldo José. *Atlas Geográfico Melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC - SP, nº. 15, abril de 1997.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os "Combatentes da Paz": a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Niterói, 2003. 182 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense.

ROLIM, Tácito. *Militarismo americano pós-guerra*. Fortaleza, 1994. 68 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Faculdade de Economia, Administração, Atuaria e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará.

ROLIM, Tácito. *O Bizarro no estado do Ceará em fins da década de 50: clarões, estrondos, objetos luminosos e tremores de terra*. Fortaleza, 2005. 93p. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Estadual do Ceará.

SANTOS, Murilo. *Evolução do poder aéreo*. Belo Horizonte: Itatiaia / Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 1989.

SHELTON, William Roy. *Largada para o infinito: história do Cabo Canaveral*. São Paulo: Fundo de Cultura S.A., 1963.

SMITH, Jerry E. *Armas eletromagnéticas: seria o projeto HAARP a próxima ameaça mundial?* Tradução de: William Lagos. São Paulo: Aleph, 2005.

SOUZA JÚNIOR, General Antônio de. *O Brasil e a 3ª guerra mundial*. São Paulo: BIBLIX, 1959.

TAVARES, General A. de Lyra. *Segurança nacional: antagonismos e vulnerabilidades*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças gregas e latinas: 10.000 citações da Antiguidade ao Renascimento no original e traduzidas com comentário histórico, literário e filológico*. Tradução de: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. 1ª ed. São Paulo: Ática / Instituto Teotônio Vilela, 2000.

WELSOME, Eileen. *The plutonium files: America's secret medical experiments in the cold war*. Nova Iorque: Delta, 2000.

YEAGER, Gen. Chuck e JANOS, Leo. *Voando nas Alturas*. Tradução de: Elizabeth Larrabure Costa Corrêa. São Paulo: Best Seller, 1985.

United States Nuclear Tests: July 1945 through September 1992. United States Department of Energy, Nevada Operations Office, Las Vegas, Nevada, December 2000. (DOE/NV--209-REV 15).

History of the Custody and Deployment of Nuclear Weapons (U): July 1945 through September 1977. Washington: Office of the Assistant to the Secretary of Defense (Atomic Energy), February 1978.

Fernando de Noronha 360º. [Texto de Danielle Corpas e Fotografias de Luiz Cláudio Lacerda e Rogério Randolph]. Rio de Janeiro: TREZENTOSESSENTA GRAUS Produções Ltda., 2003.

Guerra na paz. (6 volumes). Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

JORNAIS

Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 1957-1959

Jornal *O Democrata*, Fortaleza, 1957-1959

Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 2004

Jornal *O Estado*, Fortaleza, 1958

Jornal *O Jornal*, Fortaleza, 1958-1959

Jornal *O Povo*, Fortaleza, 1956-1959

Jornal *O Unitário*, Fortaleza, 1959

Jornal *Folha da Manhã*, Rio de Janeiro, 1959.

Jornal *The New York Times*, Nova Iorque, 1945-2006

REVISTAS

Revista *Newsweek*, Nova Iorque, 2005

Revista *Sem Fronteiras*, São Paulo, 2001

Revista *The Bulletin of the Atomic Scientists*, Chicago, 1945-2006

Revista *Time*, Nova Iorque, 1945-1964

Revista *Veja*, São Paulo, 1969

Revista *UFO*, Campo Grande, 2005

Revista *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 1958-1959

CARTAS

Carta do Sr. Luiz Fernando de C. Conti (Instituto de Radioproteção e Dosimetria - IRD) ao Padre Ricardo - 1 fevereiro de 2000.

Carta do Padre Ricardo a Sra. Rosa Vieira Fernandes (Presidenta da Câmara Municipal de Boa Viagem - CE) - 7 de julho de 2000.

Carta aberta do Padre Ricardo - "Radioatividade no sertão central de Ceará" - 28 de agosto de 2000.

Carta aberta do Padre Ricardo - Natal 2000.

Carta do Padre Ricardo a Sra. Sally Light - 6 de março de 2001.

Carta de Sally Light ao Padre Ricardo - 2 de abril de 2001.

Carta de Sally Light ao Padre Ricardo - 6 de abril de 2001.

Carta do Padre Ricardo a Sra. Sally Light - 11 de maio de 2001.

Carta do Padre Ricardo ao Dr. Abel Figueiredo (DIFOR ?) - s/d.

Carta aberta do Padre Ricardo - "O teste nuclear atmosférico de 1957 no Ceará" - 26 de setembro de 2001.

Carta do Padre Ricardo a Sra. Sally Light - 9 de dezembro de 2002.

Carta do Padre Ricardo ao Sr. Demócrito Rocha Dummar - 13 de março de 2003.

Carta do Padre Ricardo a Tácito Rolim - 15 de abril de 2003.

Carta aberta do Padre Ricardo - Natal 2003.

Carta aberta do Padre Ricardo - "Amargor - a estrela que caiu do céu: o teste nuclear atmosférico de 1957 no Ceará" - 4 de outubro de 2004.

Carta aberta do Padre Ricardo - Natal 2004 e Natal 2005.

INFORMATIVOS

Informativo “Agenda Paroquial - Órgão formativo e informativo da Paróquia N.Sra. da Imaculada Conceição - Madalena-CE” - ano XII no.4 - Julho / Agosto 2005.

ATAS

Ata da décima primeira sessão do período extraordinário da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 22 de janeiro de 1957.

Ata da trigésima sessão do período extraordinário da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 12 de fevereiro de 1957.

Ata da octogésima terceira sessão ordinária da quarta sessão da 14ª legislatura da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 4 de julho de 1958.

Ata da centésima terceira sessão ordinária da quarta sessão da 14ª legislatura da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 28 de julho de 1958.

Ata da décima sétima sessão ordinária da primeira sessão da 15ª legislatura da Assembléia Legislativa do estado do Ceará - 8 de abril de 1959.

ACORDOS

Acordo entre o Brasil e os Estados Unidos da América para a construção, na ilha de Fernando de Noronha, de instalações, especialmente de natureza eletrônica, relacionadas com o acompanhamento de projéteis teleguiados. - Janeiro de 1957.

Exchange of notes constituting an agreement between the United States of America and Brazil relating to the establishment of a guided missile station on island of Fernando de Noronha. Rio de Janeiro, 21 January 1957.

FILMES

America's Atomic Bomb Tests. Conjunto com 3 DVD's. DVD #1 Operation Tumbler Snapper, DVD #2 Operation Hardtack e DVD #3 At Ground Zero. Produção de Atwood Keeney Productions, Inc. 1997. Duração aproximada: 3½ h. Colorido e Preto & Branco.

America's Atomic Bomb Tests: Argus and Wigwam. Volume 13. VHS. Produção de Atwood Keeney Productions, Inc. 1998. Fita contém filmes liberados pelo Departamento de Defesa norte-americano em 14 de janeiro 1997, relativos as Operações Argus e Wigwam. Duração aproximada: 80 min. Colorido.

Atomic Cafe. DVD. Produção de Kevin Rafferty, Jayne Loader e Pierce Rafferty. The Archives Project Inc., 1982. Edição do 20º aniversário de lançamento. Duração aproximada: 88 min. Colorido.

Vídeo caseiro no formato VHS, contendo entrevistas com as supostas vítimas do “episódio de 57”. Produzido pelo Padre Richard Lee Cornwall, na cidade de Madalena - CE, no ano de 2002. Duração aproximada: 1¼ h. Colorido.

ENTREVISTAS

1ª ENTREVISTA.

Nome: D. Maria Frutuoso Severo.

Idade: 65 anos.

Local de residência hoje: Várzea Alegre (distrito de Madalena)

Local de residência na época do clarão: o mesmo.

Local da entrevista: o mesmo; em sua residência.

Data da entrevista: 07/02/2005. Hora: 16h.

Presentes a entrevista: Padre Ricardo.

Observações:

Casada com o Sr. José Almir (primo legítimo do Sr. Armando Falcão, ex-Ministro da Justiça do Governo Geisel, proprietário da fazenda Massapê Grande, na região de Várzea Alegre, próximo a residência da D. Maria Frutuoso Severo).

2ª ENTREVISTA.

Nome: D. Geralda Facundo Cavalcante.

Idade: 66 anos.

Local de residência hoje: Madalena, no bairro Henrique Jorge.

Local de residência na época do clarão: Lages, distrito de Madalena.

Local da entrevista: Casa Paroquial (onde mora Padre Ricardo).

Data da entrevista: 07/02/2005. Hora: 19h30min.

Presentes a entrevista: -o-

Observações:

A D. Geralda me foi apresentada pelo Padre Ricardo quando a mesma se encontrava em reunião com o Padre e alguns paroquianos. O Padre a trouxe ao meu encontro para que a mesma fosse entrevistada.

Na época do clarão trabalhava em uma casa de farinha e hoje é aposentada.

3ª ENTREVISTA.

Nome: Antonia Márcia Alves Ferreira.

Idade: 27 anos.

Local de residência hoje: União, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: -o-

Local da entrevista: Casa Paroquial (onde mora Padre Ricardo).

Data da entrevista: 07/02/2005. Hora: 22h.

Presentes a entrevista: -o-

Observações:

Márcia trabalha voluntariamente para a Paróquia de Madalena e nas Pastorais. A conheci na Casa Paroquial e foi com sua ajuda que entrevistei algumas pessoas na União.

4ª ENTREVISTA.

Nome: Antonieta dos Santos Arruda.

Idade: 72 anos.

Local de residência hoje: Macaoca, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: Fazenda Olhos D'água dos Barros, distrito de Madalena.

Local da entrevista: Macaoca; em sua residência.

Data da entrevista: 08/02/2005. Hora: 11h30min.

Presentes a entrevista: Antonia Márcia Alves Ferreira. (Ver 3ª Entrevista)

Observações:

Na época do clarão trabalhava em uma casa de farinha e hoje é aposentada.

5ª ENTREVISTA.

Nome: Francisca Pereira de Lima. [conhecida por Biu]

Idade: 66 anos.

Local de residência hoje: União, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: o mesmo.

Local da entrevista: o mesmo; em sua residência.

Data da entrevista: 08/02/2005. Hora: 12h20min.

Presentes a entrevista: Antonia Márcia Alves Ferreira, alguns netos e vizinhos.

Observações:

D. Francisca trabalhava na agricultura na época do clarão e a partir da década de 1960 começou a realizar partos na região.

6ª ENTREVISTA.

Nome: Maria Augusta Barbosa de Souza.

Idade: 51 anos.

Local de residência hoje: União, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: o mesmo.

Local da entrevista: o mesmo; em sua residência.

Data da entrevista: 08/02/2005. Hora: 13h.

Presentes a entrevista: Antonia Márcia Alves Ferreira.

Observações: Foi citada na entrevista com a D. Biu e segundo ela foi uma das que “mais se assustou” com o clarão.

7ª ENTREVISTA.

Nome: Idelfonso de Almeida Lemos.

Idade: 77 anos.

Local de residência hoje: União, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: Pacatuba - CE.

Local da entrevista: União; em sua residência.

Data da entrevista: 08/02/2005. Hora: 13h40min.

Presentes a entrevista: Antonia Márcia Alves Ferreira, sua esposa e um amigo.

Observações: o S. Idelfonso não viu o clarão, mas lembra das aparições de clarões decorrentes do lançamento de foguetes da Barreira do Inferno - RN assim como do aparecimento do cometa Halley em 1986.

8ª ENTREVISTA.

Nome: Sr. Delmiro Teixeira de Oliveira e D. Raimunda Lima de Oliveira
[conhecida por D. Ivanir].

Idade: [?]

Local de residência hoje: Cacimba Nova, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: Cacimba Nova e Sabonete, distrito de Madalena, respectivamente.

Local da entrevista: Cacimba Nova; em sua residência.

Data da entrevista: 08/02/2005. Hora: 20h05min.

Presentes a entrevista: Na maior parte somente os dois, mas chegou um de seus filhos, Everardo, mais para o final da entrevista.

9ª ENTREVISTA.

Nome: Sr. Francisco Amadeu Dedê Brito.

Idade: 44 anos.

Local de residência hoje: Cacimba Nova, distrito de Madalena.

Local de residência na época do clarão: -o-

Local da entrevista: Cacimba Nova; em sua residência.

Data da entrevista: 09/02/2005. Hora: 12h30min.

Presentes a entrevista: Antonia Márcia Alves Ferreira.

Observações:

Trabalha hoje como agente de saúde.

10ª ENTREVISTA.

Nome: Padre Richard Lee Cornwall.

Idade: [?]

Local de residência hoje: Madalena - CE

Local de residência na época do clarão: Estados Unidos.

Local da entrevista: Madalena; em sua residência.

Data da entrevista: 06/08/2005. Hora: 8h15min.

Presentes a entrevista: -o-

Observações: O padre Ricardo é pároco na região de Madalena desde 7 de fevereiro de 1993. É norte-americano, nascido na cidade de Omaha, Nebraska.

PRONUNCIAMENTO DO PADRE RICARDO CORNWALL NA CÂMARA DE VEREADORES DE MADALENA - CE.

Data do pronunciamento: 06/08/2005. Hora: 9h30min.

Local do pronunciamento: Câmara de Vereadores de Madalena - CE.

Presidindo a Sessão: Vereador José Eurinaldo Vieira.

PRONUNCIAMENTO DO PADRE RICARDO CORNWALL NO CENTRO PAROQUIAL DE MADALENA - CE.

Data do pronunciamento: 06/08/2005. Hora: aproximadamente 21h.

Local do pronunciamento: Centro Paroquial de Madalena - CE.

Evento: "Fórum pela Paz"